

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



**A PROMESSA DA DEMOCRACIA: O DISCURSO DA REVISTA UNIÃO
SOVIÉTICA EM FOCO SOBRE A GLASNOST, A PERESTROIKA E AS
RELAÇÕES ENTRE URSS E BRASIL, 1987-1990**

Larissa Ceroni de Moraes

Pelotas, 2025

LARISSA CERONI DE MORAIS

A Promessa da Democracia: O Discurso da Revista *União Soviética em Foco* sobre a *Glasnost*, a *Perestroika* e as Relações entre URSS e Brasil, 1987-1990

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História.

Pelotas,
2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

M827p Moraes, Larissa Ceroni de

A promessa da democracia [recurso eletrônico] : o discurso da Revista União Soviética em Foco sobre a glasnost, a perestroika e as relações entre URSS e Brasil, 1987-1990 / Larissa Ceroni de Moraes ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, orientador. — Pelotas, 2025.
203 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Brasil-URSS. 2. Política. 3. Economia. 4. Revista. 5. Indústria cultural. I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, orient. II. Título.

CDD 981

Larissa Ceroni de Moraes

A Promessa da Democracia: O Discurso da Revista *União Soviética em Foco* sobre a *Glasnost*, a *Perestroika* e as Relações entre URSS e Brasil, 1987-1990.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Data da defesa: 09 de julho de 2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Charles Sidarta Machado Domingos
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves
Doutora em Germanística/Literatura Alemã Antiga pela Otto-Friedrich-Universität

Profa. Doutora Luciane Albernaz de Araujo Freitas
Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande

Assim, a luta política se torna uma série de questões pessoais entre quem a conhece bem, tendo o diabo na ampola, e quem é ludibriado pelos próprios dirigentes e, por sua incurável estupidez, não quer admitir esse fato.

(Antonio Gramsci, *Quaderni del carcere*, Turim, Einaudi, 1977, p. 1597)

AGRADECIMENTOS

Quando a gente trabalha com a história, temos o risco de ficarmos presos ao passado, sem muitas análises sobre o futuro, o passado nos ensina, nos comove e nos chama e comigo não seria diferente. A construção deste trabalho foi regada de muitos acontecimentos e emoções das quais me puxavam para um lugar sem noção de tempo, foi graças a uma grande rede de apoio que me mantive no presente e almejando um futuro.

Quando um trabalho acadêmico nasce ele reverbera diversas trocas e diálogos, então eu só posso agradecer do fundo do coração aos meus colegas e amigos de Pelotas, que trilharam essa caminhada comigo poder dividir com vocês cada discussão teórica, cerveja, conversas e risadas me manteve. Aos meus amigos de Porto Alegre, que a cada noite de jogos, conversas sobre todos os tópicos possíveis, discussões sobre os mais diversos pontos, encontros para assistir a final de qualquer esporte existente ou para a gente se curtir me trouxeram uma felicidade e um cuidado que só a gente pode se dar. Ao Grupo de Estudos Marxistas em Educação do PPGEdu/IFSul por me proporcionar aprender tanto sobre diversas temáticas, pelo cuidado, afeto, amorosidade e coletividade.

Com isso, tenho que agradecer a professora Dr^a Luciane Freitas, que me mostrou uma nova forma de praticar a docência e as dinâmicas acadêmicas, antes do grupo eu entendia esses espaços de um modo mais rígido e agora consigo identificar os afetos e amores. No primeiro semestre de 2019 a minha caminhada se juntou com o professor Dr Aristeu Lopes e mantivemos essa parceria até esse momento, foram muitos acontecimentos pessoais e profissionais que passamos juntos, é impossível colocar em palavras o sentimento e a gratidão que sinto por essas trocas, mas com ele aprendi sobre todas as esferas da faculdade, da ciência histórica, do profissionalismo e companheirismo presente nesses espaços, a orientação constante dele sempre passou do âmbito acadêmico, sendo um parceiro maravilhoso.

Aos meus pais Anuar e Bianca que estavam sempre dispostos a conversar e repartir comigo sobre as suas experiências, suas percepções, seus cuidados, mesmo morando em cidades diferentes conseguimos nos manter próximos. A minha irmã Cora, que é a minha maior inspiração, quando eu soube que tu iria compartilhar o mundo comigo tudo começou a melhorar, no teu nascimento te dediquei a música

“menina” do Teatro Mágico que diz “Menina vou te guardar comigo”, mas saiba que te quero completamente livre para ser: quem tu quiser, como tu quiser e na intensidade que quiser, pois eu sempre estarei contigo, para o que for, tu é uma menina incrível.

Aos meus avós Denise e Ivan que me ensinaram e ensinam diariamente sobre a vida, poder conviver e aprender com vocês é maravilhoso, sempre estão comigo, desde uma lembrança diária até uma videochamada para dar um *up* no dia. Ao meu avô Osmar que nas mensagens diárias me mostrou como perseverar em qualquer cenário, do mesmo jeito que me mostra como sempre podemos fazer uma piada, tornando tudo um pouco mais leve.

Aos meus tios e tias, aos que estão desde o meu primeiro suspiro e aos que foram chegando com a vida, vocês me carregaram/carregam no colo, escutam minhas respostas, piadas, choros, reclamações, paixões e devaneios, vocês são uma calma em meio a tempestade. Aos meus primos que dividimos brincadeiras, conversas profundas e outras nem tanto, histórias, piadas e carinhos, desde o começo estamos juntos nessa caminhada nos apoiando e auxiliando.

A minha avó Nilce, que me trazia café na cama, que contava histórias e que me aconchegava em um ninho de amor, a minha tia Marjorie (chamada assim para irritá-la) que foi uma amiga e confidente, vocês estarão comigo até meu último suspiro, nas memórias e lembranças. E por fim eu só posso agradecer aos meus irmãos de corrente, às minhas entidades e aos Orixás por me proporcionarem tamanho privilégio de trilhar a caminhada da vida. A todos estes portos que posso retornar, com as águas estando turvas ou calmas, eu amo e agradeço a todos vocês.

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que sentem que as coisas não podem ser resumidas às injustiças, desigualdades e violências, a nossa luta é diária e constante. Paz entre nós e guerra aos senhores!

Este trabalho foi gestado em diálogo com diversas músicas, assim, para quem se interessar pode acessar a playlist desenvolvida:



RESUMO

MORAIS, Larissa Ceroni de. **A Promessa da Democracia**: O Discurso da Revista *União Soviética em Foco* sobre a Glasnost, a Perestroika e as Relações entre URSS e Brasil, 1987-1990. 2025. 203f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

Nesta dissertação eu analiso a revista *União Soviética em Foco*, que foi uma coprodução entre a Agência de Notícias soviética Novosti e a editora carioca Revan, a documentação foi criada em 1984, mas em decorrência do acervo selecionado este trabalho tem o recorte temporal de 1987-1990. Com um caráter propagandeador da cultura, política, economia e sociedade soviética, a revista funcionava como um panfleto da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no Brasil, buscando apresentar um novo olhar e aproximar as duas nações. Por causa do recorte temporal e da sua sistemática me questioneei qual foi o discurso produzido para divulgar as aberturas dos meios de comunicação, da economia e da política que são a Glasnost (transparência) e a Perestroika (reconstrução); para além disso queria saber como as relações entre Brasil e URSS foram propagadas. Metodologicamente utilizei a análise de discurso de Mouffe, o entendimento sobre a Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer, junto com as perspectivas de Gramsci e Marx, construindo uma análise marxista sobre a documentação. A partir do estudo feito pude compreender que o discurso defendia que as aberturas eram o caminho que o país soviético deveria seguir para alcançar o que Lênin almejava no começo do século XX. Projetando os conceitos de liberdade e democracia como métodos para tal, a revista foi misturando estes três tópicos durante as 34 edições estudadas e deixou para os espaços voltados às duas nações assuntos de cunho cultural, político e econômico.

Palavras-chave: Brasil-URSS, Economia, Indústria Cultural, Política e Revista.

ABSTRACT

MORAIS, Larissa Ceroni de. **The Promise of Democracy**: The Discourse of the Magazine *Soviet Union in Focus* on Glasnost, Perestroika and Relations between USSR and Brazil, 1987-1990. 2025. Xf. Dissertation (Master in History) - Graduate Program in History, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2025.

In this dissertation I analyze the magazine *Soviet Union in Focus*, which was a co-production between the Soviet News Agency *Novosti* and the carioca publisher *Revan*, the documentation was created in 1984, but due to the collection selected this work has the time cut from 1987-1990. With a propagandist character of the Soviet culture, politics, economy and society, the magazine functioned as a pamphlet of the Union of Soviet Socialist Republics in Brazil, seeking to present a new look and bring the two nations closer. Because of the time cut and its systematic I wondered what was the speech produced to disseminate the openings of the media, economy and politics that are *Glasnost* (transparency) and *Perestroika* (reconstruction); besides, he wanted to know how the relations between Brazil and the USSR were propagated. Methodologically I used the discourse analysis of Mouffe, the understanding about the Cultural Industry of Adorno and Horkheimer, along with the perspectives of Gramsci and Marx, building a Marxist analysis on the documentation. From the study I was able to understand that the discourse defended that the openings were the path that the Soviet country should follow to achieve what Lenin wanted in the early twentieth century. Projecting the concepts of freedom and democracy as methods for such, the magazine was mixing these three topics during the 34 editions studied and left to the spaces facing the two nations cultural, political and economic issues.

Keywords: Brazil-URSS, Economics, Cultural Industry, Politics and Magazine.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Capa da revista.....	35
Figura 2: Encontro entre Gorbatchov e os dirigentes dos meios de comunicação e das uniões artísticas da URSS.....	53
Figura 3: O Senhor Glasnost e a sua revista.....	59
Figura 4: Comemoração jovem.....	60
Figura 5: A parte interna de uma prisão soviética.....	61
Figura 6: Uma festa diária.....	75
Figura 7: Casal de apresentadores.....	77
Figura 8: Trabalhadores da cidade soviética de Sumi.....	99
Figura 9: Comemoração da Perestroika.....	102
Figura 10: Um exemplo de cidadã.....	106
Figura 11: Debate envolvendo todos.....	107
Figura 12: Lênin e a perestroika.....	109
Figura 13: Transmissão de uma aproximação entre EUA e URSS.....	112
Figura 14: Plenário do Comitê Central do PCUS.....	116
Figura 15: Reunião entre Mikhail Gorbatchiov e Ronald Reagan.....	121
Figura 16: O futuro soviético decidido pelos dois pólos.....	124
Figura 17: O acadêmico Leonid Abalkin.....	126
Figura 18: Uma nova política, um novo deputado.....	127
Figura 19: Encontro brasileiro-soviético.....	138
Figura 20: Embaixador brasileiro na URSS.....	152
Figura 21: Indústrias cada vez mais próximas.....	155
Figura 22: Tecnologia soviética chega ao Brasil.....	157
Figura 23: Trocas.....	159
Figura 24: Brasil cada vez mais presente no mercado soviético.....	160
Figura 25: Presidente José Sarney e o chanceler Eduard Shevardnadze.....	167
Figura 26: Sarney na URSS.....	169
Figura 27: Presidente brasileiro na ExpoBrasil-88.....	172
Figura 28: Novo encontro presidencial.....	174
Figura 29: Teste presidencial.....	179

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: A TRANSPARÊNCIA OPACA DE UM ESTADO EM DECLÍNIO.....	30
1.1. A União Soviética em Foco.....	32
1.2. A Glasnost.....	44
1.3. A Imprensa servindo ao Estado.....	63
CAPÍTULO 2: A RECONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO DOCUMENTADA POR SI.....	81
2.1. Reestruturando a economia interna.....	83
2.2. Uma nova política, uma nova nação.....	113
CAPÍTULO 3: DUAS NAÇÕES, UM MESMO FOCO.....	129
3.1. Do lado de lá: uma união abalada.....	130
3.2. Do lado de cá: em busca de uma união.....	147
3.3. A união faz a força?.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS:.....	190

INTRODUÇÃO

A transformação se inicia com o passado...

*Qui dit crise te dis monde dit famine dit tiers-monde
Qui dit fatigue dit réveille encore sourd de la veille
Alors on sort pour oublier tous les problèmes
Alors on danse
Alors On Danse¹, Strome*

Há uma grande questão histórico-filosófica que permeia o ser-humano desde a sua origem: o quanto de nós é resultado de nossos contextos e o quanto é inerente a nós mesmos? Eu não tenho pretensão alguma de chegar perto desta resposta, contudo, eu, enquanto indivíduo político, mulher cis, branca e bissexual acredito que sempre estaremos em todos nossos produtos e posicionamentos, assim não há conhecimento imparcial. Neste trabalho todos os capítulos estarão acompanhados de subtítulos e trechos de música, os selecionei tanto em decorrência das críticas presentes, quanto a incitação a transformação social a qual só será possível se aprendermos com os passados.

Eu sempre fui fascinada pela história contemporânea, acredito que desde pequena busquei e fui buscada pela área, antes de entrar no curso sempre defendi que somos o que somos pela nossa história e podemos seguir o que nos foi ensinado ou buscar corromper esta perspectiva e fazer a nossa parte para transformá-la. No meu segundo semestre de graduação na Universidade Federal de Pelotas estagiei no Núcleo de Documentação Histórica Prof^a Beatriz Loner e a partir daí me mantive imersa nos documentos. Nos primeiros meses tive contato com a revista *União Soviética em Foco* e me interessei por todos os seus mistérios: como ela era produzida, sobre o que ela discorria, como trabalhava com as temáticas selecionadas?

Com isso em mente, no ano de 2022 defendi a minha monografia intitulada “Revista *União Soviética em Foco*: visões soviéticas sobre o Brasil nos anos 1980”, tratando sobre o aspecto cultural latino-americano e a presença feminina no

¹ Tradução nossa feita por Moraes (2025): “Quem fala de crise, fala do mundo, fala da fome e do terceiro mundo. Quem fala de cansaço, fala também de acordar surdo do dia anterior. Então nós saímos para esquecer todos os problemas. Então nós dançamos.” Música “Alors On Danse, Strome”. A escolha deste trecho busca representar a naturalização e banalização da exploração trabalhista, buscada no sistema capitalista e incentivada na Indústria Cultural (conceito discutido neste trabalho), enquanto o trabalhador busca meios de sobrevivência e utiliza-se dos produtos culturais, feitos para a manutenção do *status quo*.

periódico. Como continuidade do referido estudo, nesta dissertação eu ampliei e aprofundei a investigação sobre a *União Soviética em Foco* e como a abertura política (*Glasnost*) e econômica (*Perestroika*) soviéticas são tratadas. Além disso, analisei a interferência destas mudanças no modo que a fonte encena as relações entre o Brasil e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)².

A metodologia desse trabalho surgiu após uma pesquisa inicial aos 34 exemplares disponíveis no acervo, neste primeiro momento eu escanei todas as capas, informações editoriais e textos que abordassem as temáticas da pesquisa, fazendo um levantamento de 158 reportagens. Após este movimento comecei a produção de quatro tabelas, defini que era fundamental que eu buscasse as mesmas informações dentro das diversas temáticas, assim determinei que era preciso pontuar:

- 1) o “**nome da reportagem**”, pois a partir do título escolhido pude observar o foco do texto em específico;
- 2) a “**divisão da revista**”, a produção soviética subdividia os textos a partir de temáticas, classificando-as, sendo assim optei por estudar estas escolhas editoriais, traçando como os temas eram apresentados;
- 3) a “**autoria**”, neste espaço o objetivo era desenhar a origem do discurso, se era algo individual ou coletivo (havendo a indicação de quem escreveu, ou caso não houvesse esse dado, considereirei que a escolha narrativa era da própria *Novosti*, logo do governo soviético);
- 4) a “**paginação**”, este ponto é importante em decorrência do posicionamento que a temática estava na revista, entendi que quanto mais próximo do começo, maior o destaque, como a revista variava entre 40 a 60 páginas considereirei que até a página 15 às temáticas têm uma maior evidência, pois a temática retratada na capa sempre está neste intervalo, sendo acompanhada por outros textos semelhantes, entre as páginas 15 e 25 os tópicos abordavam sobre a capacidade e produtos da URSS e nas últimas páginas os temas escolhidos estavam ligados a perspectivas mais “suaves”, retomando as mudanças causadas pela *Perestroika* e *Glasnost*, assim como falavam sobre as relações entre Brasil e URSS com um discurso mais ameno e sutil interseccionando com o âmbito cultural;

² Nesta dissertação, para melhor compreensão utilizarei a sigla URSS todas as vezes que estiver me referindo a nação soviética e quando utilizar “*União Soviética*” ou “*União Soviética em Foco*” será referindo-se a revista *União Soviética em Foco*.

- 5) o “**assunto**”, foi um espaço pensado para que eu resumisse a reportagem como um todo, para que identificasse com maior facilidade o que era dito em cada texto nos momentos em que fosse revisitar as tabelas;
- 6) os “**tópicos importantes**”, centrava-se em inserir, a partir da minha escrita, os dados primordiais presentes na documentação, colocando a discussão e perspectiva da revista;
- 7) as “**citações**” foram pensadas para que eu transcrevesse todas as partes dos textos das quais eu gostaria de inserir na dissertação, pois a escrita ali presente apresentava tópicos importantes para a análise e considerei fundamental dissecá-las.
- 8) as “**observações**”, ficou um espaço voltado para que eu inserisse comentários dos quais considerasse importante retomar com rapidez (como por exemplo a necessidade de analisar uma fotografia, utilizar uma citação ou a necessidade de reforçar o posicionamento presente no texto).

Visando uma melhor compreensão e fluidez para o texto no meu trabalho terão grifos (às vezes em negrito e outros sublinhados) para destacar termos, informações e sistemáticas utilizadas pela revista para a construção do seu discurso. Essa decisão está sinalizada como “(grifo da autora)” em citações diretas de mais de quatro linhas, mas houve vezes que estou usando os termos da revista, mas no meio do meu texto, então estão destacados dessa forma para reforçar o seu uso.

Este trabalho surgiu a partir dos questionamentos: como esta produção aborda a abertura política (Glasnost) e econômica (Perestroika)? Como a revista trabalha as relações entre o Brasil e a URSS em um contexto de abertura política e econômica, há algum padrão nos discursos, temáticas e figuras? Estas relações eram de cunho cultural, político, diplomático ou econômico? Pois, após a minha análise inicial durante a monografia identifiquei que os tópicos políticos foram contados numa perspectiva soviética e propagandista, então para isso eu distingui os momentos históricos dos países abordados e como isto era retratado na revista, contextualizando o momento político e econômico no final do século XX que foi um período de muitas mudanças, principalmente no Brasil e na URSS. A minha pesquisa tem como objetivos: agregar um novo olhar ao campo historiográfico, identificar o protagonismo soviético, compreender como as políticas de abertura eram propagandeadas e a aproximação entre o Brasil e a URSS.

É impossível produzir uma pesquisa no campo da imprensa brasileira sem trazer as perspectivas de Tania de Luca (2019) nas quais aponta a necessidade de se compreender inicialmente a equipe editorial, para assim, entender a sua produção e situá-la na história da imprensa. Cruz e Peixoto (2009) dialogam com este entendimento, ao destacar que este estudo deve ser feito a partir de métodos que respeitem a fonte e suas especificidades, os transpondo para as análises feitas.

Ao tratar sobre a revista, é necessário entender que a imprensa traz as notícias e informações de modo que denotam as atitudes de seu veículo, organizando os acontecimentos e dados segundo o seu próprio filtro (Zicman, 2012). Com isto em mente, considero importante contextualizar o significado social das revistas que ocupavam um espaço primordial para a população brasileira, sendo um meio de divulgação cultural, científica, econômica, política e de lazer, da mesma forma como é mostrado por Kellner (2001), ao estudar a mídia nos Estados Unidos. Com este entendimento, ao assimilar a *União Soviética em Foco* e seus conteúdos, pode-se desenhar o método e as estratégias que esta mídia soviética e brasileira utilizava para a propagação de informações. A revista surgiu em 1984 e foi uma co-produção soviética pela agência de notícias soviética *Novosti* com contribuições brasileiras pela equipe editorial da Revan, tendo como objetivo compartilhar a sociedade e a política soviética³.

Estes dois agentes devem ser analisados, pois para conseguir observar os discursos da fonte é preciso assimilar quem a produziu. No âmbito nacional, o periódico pertencia ao grupo editorial Revan, uma editora que produzia e divulgava livros com um viés comunista e recebia auxílio financeiro soviético. A equipe de produção alterou-se durante as edições, mas há alguns nomes que se mantiveram constantes, como o arquiteto Oscar Niemeyer, Lilian M.G. Lopes e Gilda Barros Pereira⁴. Os textos e fotografias que serão analisados foram desenvolvidos pela agência soviética *Novosti* financiada pelo governo soviético, era o órgão responsável pelas produções da URSS e pelo financiamento de obras concebidas por grupos de outros países. As mais de cento e cinquenta reportagens escolhidas apresentavam diferentes temas e focos, contudo seguiam as divisões da revista abordando a vida soviética, história, ecologia, tecnologia, espaço, ciência, religião, esporte, literatura,

³ Estas informações sobre a revista foram levantadas por meio da fonte e trocas de emails com a editora Revan e a autora no ano de 2019.

⁴ Irei discutir sobre os integrantes da equipe no primeiro capítulo.

comportamento, mulher, panorama soviético, cultura, moda e a relação Brasil-URSS, divulgando esses dados para a sociedade brasileira.

Em meio a estes cenários, a *União Soviética em Foco*, buscou um mercado brasileiro e se manteve presente em 14 estados, com vendas em livrarias e por indivíduos interessados. Com a intenção de propagandear o regime socialista soviético, a fonte apresenta uma visão política diferente do discurso anti-soviético, ao propagar um discurso favorável e defensivo sobre a URSS. No Brasil havia um declínio relativo das classes médias e o empobrecimento das classes populares, que endureceram as fronteiras socioculturais, com os grupos tentando fugir e/ou evitar aqueles em uma posição inferior à sua, assim quando a revista abordava sobre as classes soviéticas e a forma na qual as relações entre distintos grupos ocorrem esse distanciamento era diminuído (Maurin, 2004). Estas diferenças colocam a revista em um lugar de integração, tanto entre as nações e seus regimes, como entre as comunidades abordadas em suas temáticas, possibilitando um contato incomum.

Todo sistema tem a necessidade de ser hegemônico e de se estabelecer nos diversos Estados existentes, pois para que o comunismo ou o capitalismo sejam bem sucedidos devem estar em vigência nas diferentes nações. É pela dominância de um país sobre o outro que o sistema em vigor se mantém assim, mas para a sua manutenção é necessário a naturalização dessa estrutura, então as mídias ocupam o papel de veículo discursivo.

As revistas apresentam características culturais em decorrência da sua proximidade com as condições sociais das quais surgiram. Esse aspecto cultural dos documentos estudados traz para o trabalho o entendimento de que a sua interpretação possibilita a compreensão do que está acontecendo em certa sociedade em dado momento. Portanto, as ideologias da cultura da mídia precisam ser analisadas em seus contextos de luta social e do debate político (Kellner, 2001, p.143). Abrangendo diferentes grupos e temáticas, cada produção expõe ligações editoriais, políticas, ideológicas, entre outras. No caso deste objeto de estudo, eu trato sobre tais associações entre o Brasil e a URSS, temática ainda escassa na historiografia sobre a imprensa brasileira.

Thompson (1998) discorre sobre a participação das mídias na sociedade, levando em conta as relações entre público e privado. Essa dicotomia é representada pelo poder político institucional, estatal *versus* as conexões pessoais, ambas apresentam características visíveis, compartilhadas e outras ocultas,

acessadas por poucos. Assim, o público está ligado ao que é veiculado nas mídias, pois é por meio delas que se permite um acesso às informações. Tendo em vista que o conteúdo presente na fonte difunde uma nova leitura da União Soviética, elaborada pela agência *Novosti* e propagada através da editora carioca Revan o público privado brasileiro começa a ter acesso a um protagonismo soviético e um suposto novo discurso contra-hegemônico (contudo, a partir da análise esta perspectiva é colocada em questão).

É através da imprensa que a comunicação com uma parcela da sociedade é possibilitada, projetando os discursos presentes em seus periódicos. Fairclough (1989) mostra as diferentes linguagens presentes nas mídias (textual, visual e verbal) e como elas agregam contribuições à mensagem selecionada pelos autores. Além disso, Knauss (2006) acrescenta ao debate sobre os estudos de imagens, das quais a construção visual do social demarca diferentes experiências visuais conforme o momento da sua confecção, logo, é preciso compreender o contexto da fonte, levantando dados bibliográficos.

Para analisar essa documentação eu parto dos pensadores marxistas alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, que eram integrantes da Escola de Frankfurt e desenvolveram a obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), neste livro eles estruturam o conceito de Indústria Cultural. Esse conceito é essencial ao se discutir sobre a formação de consciência coletiva nas massas sociais, pois os meios de comunicação de massas são projetados para se submeterem ao monopólio sistêmico do capital tornando os discursos propagados em informações acríticas, conformistas e palpáveis (Adorno; Horkheimer, 1985).

Cada um destes produtos depende exclusivamente do mercado, da sua rotatividade e predominância, guiando e orientando os interlocutores, para desativar e desarticular qualquer possibilidade de revolta, esta Indústria produz um modelo inabalável e hegemônico de “arte”⁵. Adorno e Horkheimer (1985) ainda sinalizam que mesmo quando há a intenção de se desenvolver uma obra diferente, com outras dinâmicas e princípios acaba caindo na padronização oferecida e estimulada pela indústria, pois para estar no sistema deve-se agradar àquelas consciências

⁵ Adorno e Horkheimer (1985) pontuam que toda a produção da Indústria Cultural não pode ser considerada arte, pois está seguindo e reproduzindo um modelo específico dos quais estão desassociados a grupos, o que importa é as possibilidades de lucro e a perpetuação do sistema.

habitadas ao modelo vigente, é aqui que a revista *União Soviética em Foco* se encontra.

Os autores ainda assinalam que os produtos da Indústria Cultural não são integrantes da cultura de massa, pois essa é oriunda do povo, com seus costumes, regionalizações, perspectivas e sem a intenção de ser comercializada, dessa forma, é por meio da Indústria que se difunde a ideologia das classes dominantes, perpetuando os princípios capitalistas (Adorno; Horkheimer, 1985). Com isto, toda produção cultural carrega características e aspectos dos seus agentes.

Para eles, a cultura transfigura-se em um produto, deste modo, quando o público entra em contato com as obras é de forma passiva, os moldes das produções são tão constantes que gera uma falsa sensação de escolha. Cabe aqui salientar que não vejo o público de forma passiva e mesmo que este não seja um trabalho de recepção, esta visão metodológica teve contrapontos dos quais sinalizam que os autores colocam os leitores de forma passiva e sem participação. Contudo, durante a construção da minha metodologia utilizo-os para esmiuçar o sistema político, social, cultural e econômico conhecido como “capitalismo”. Pois, não é possível produzir uma análise crítica ao discurso hegemônico utilizando unicamente metodologias favoráveis ao *status quo* que por sua vez tratam as dinâmicas estabelecidas pelo sistema de uma forma inocente, considerando contextos de micro-escala regional.

Assim, quando trabalho com este olhar metodológico não é partindo do pressuposto que o público não tenha a liberdade e individualidade, mas sim seguindo o entendimento de que o indivíduo está inserido em um sistema, logo as suas ações têm motivações construídas e propagadas pelo capitalismo e é fundamental pontuar que esta dissertação almeja desenhar as relações do discurso da revista *União Soviética em Foco* e como eram abordados as temáticas da *Perestroika*, *Glasnost* e as relações entre Brasil e URSS com um olhar historiográfico e político. Para Adorno e Horkheimer (1985) esse processo de alienação, fetichização e reificação, que separa o indivíduo da realidade, manipulando do micro ao macro e restabelece o contrato velado entre a classe dominante e as classes dominadas, capturando o lazer, tornando-o em produtos culturais que auxiliam na manutenção da hegemonia, pois tudo é mercadoria para consumo em larga escala.

A Indústria Cultural é uma das esquematizações do sistema hegemônico capitalista voltada à apropriação das mais diversas visões de mundo, sejam elas favoráveis ou contrárias à perspectiva hegemônica. Desse modo, os produtos gerados podem alcançar os diversos públicos de consumidores ao mesmo tempo que propaga a visão cultural capitalista e assim naturalizar essa visão de mundo.

Bottomore (1988) discute sobre como Marx entende a cultura a dividindo em dois aspectos: o estético (voltado a arte e a literatura) e definindo-a como "todo o modo de vida", o autor alemão não se centrou no conceito de cultura, mas compreendia a sua importância para o estabelecimento da ideologia. É o marxista italiano Gramsci que irá se debruçar sobre este tema, entendendo-a como um agente para a manutenção ou para a transformação do sistema, quebrando com a hegemonia⁶ vigente.

O conceito de cultura, para Fanon, é: "o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante" (2018, p. 78). Com isto, toda produção cultural carrega características e aspectos dos seus agentes. Marteleto (1995) aponta que o conceito de cultura está naturalmente entrelaçado, pois é o primeiro momento de conceitualização da informação, sendo um artefato ou processo construtivo. Estas conceitualizações são importantes, pois quando estamos trabalhando com uma revista, estamos analisando os discursos ali presentes, dos quais provêm das relações e entendimentos culturais.

A revista está inserida na cultura, esse entendimento é fundamental para que eu consiga assimilar como é desenhado as diferentes relações entre a URSS e o Brasil durante a *Glasnost* e a *Perestroika*. A forma que elas são apresentadas na *União Soviética em Foco* foi construída a partir de duas visões da editora Revan e da *Novosti*, seguindo uma narrativa que foi arquitetada por ambos.

A sua construção da revista foi voltada a levar a URSS para o Brasil, apresentando uma linguagem e uma sistemática de propaganda. As propagandas mudam com o passar do tempo e o público almejado, a partir dessas mudanças se altera a forma de propagandear, pois: "o que gera eficiência em um anúncio é o teor de interesse que possui para seu público-alvo. [...] a propaganda, além de informar e promover uma marca ou um produto, tem a obrigação de entreter. É preciso ser interessante." (Ribeiro; Eustachio, 2003, p. 32). Deste modo, a sua produção é

⁶ Conceito discutido no subcapítulo "A imprensa servindo ao Estado".

direcionada e estruturada com objetivos pré-determinados que neste caso são estipulados em prol de um ideal político e ideológico.

A organização desta linguagem é destinada a criar uma imagem positiva e/ou negativa de fenômenos (podendo abordar pessoas, movimentos, acontecimentos, instituições etc.), ela é desenhada para influenciar as opiniões e ações de certo público ou de uma sociedade total (Bobbio; Matteucci; Pasquino; 2004, p.1018). Logo, se cria uma argumentação para justificar os posicionamentos, assim como se opor às teses adversárias, possibilitando o combate, encontrando e atacando os pontos fracos do oponente, tais discursos, permitem a condução gradual do público. Domenach (1955) define sete regras importantes: deve-se: apontar as temáticas do adversário (de forma isolada, tornando-as combatíveis), encontrar e atacar os pontos fracos, nunca atacar abertamente a propaganda adversária quando ela for poderosa, desconsiderar e diminuir a importância do adversário, mostrar que a propaganda do adversário contraria os fatos, ridicularizá-lo (seja no âmbito de estilo ou argumentativo) e exibir que o seu clima de força por meio da lei de unanimidade.

Identifiquei estes pilares nos diversos conteúdos, principalmente quando os trazemos para o âmbito político. Com os inúmeros contextos e focos, nessa dissertação eu irei relacionar estas regras associadas às reportagens da *União Soviética em Foco*, na qual versa com ambas duas culturas, especificamente, a soviética e a brasileira.

A fonte desta dissertação reflete o que Luca (2010, p. 123) escreve sobre as mudanças da linguagem publicitária que já no começo do século XX articulou as demandas da vida urbana, inserindo-se na imprensa e se transformando em uma fonte de renda vital, trilhando novos caminhos comunicativos. À vista disso, as propagandas e os produtos de caráter publicitário buscam novas sistemáticas e em relação a revista segue uma especificidade disseminativa de propagandas, vinculando a visão da URSS em seus conteúdos, pois o produto vendido é a própria nação soviética, trabalhada como um produto.

Agora é importante falar sobre o que é discurso. Charaudeau (2008) trabalha com a análise do discurso a partir do entendimento de que o discurso é um ato de linguagem entre locutores e interlocutores, dos quais, juntos, constroem os sentidos, as relações e os entendimentos sobre tal. Logo, as produções são desenvolvidas a partir dos contextos de produção e reprodução. Quando se analisa um texto há as

características linguísticas conjuntamente com as características sociais, históricas, econômicas e regionais.

Conversando com esta perspectiva, Mouffe (2017) vai trazer que as sociedades são fundadas com base no antagonismo, um campo sentimental, do qual liga-se ao caráter de decisão. Logo, o âmbito político não é guiado por discussões e racionalidade e sim um grupo domina a outro, utilizando da dicotomia entre amigos e inimigos. Esta característica dualista de “nós” e “eles” acaba minando uma visão pluralista, o discurso político traz programas, mas mais que isso, identidades, das quais ajudam as pessoas a compreender o que estão vivendo, lhes dando esperanças ou receios para o futuro.

Assim sendo, com o estudo da *União Soviética em Foco*, os tópicos referentes às aberturas política e econômica e as relações entre a própria URSS e Brasil demandará diferentes metodologias e abordagens historiográficas. Rosanvallon (2010) traz que o político abrange a totalidade do social, pois ele precede e ultrapassa todos os modos de vinculação social. Isso é importante, pois durante a transição de uma sociedade corporativista para uma sociedade individualista ocorre um déficit de representação. Logo, o princípio de igualdade fica em destaque, para subverter as diferenças.

Para essa dissertação eu escolhi utilizar alguns aspectos da metodologia da Análise do Discurso. Inserido em um contexto pós-moderno, o campo parte da premissa que a realidade se origina nas ideias e depois se materializa. Contudo, a análise feita nos textos segue uma perspectiva marxista, a qual caminha inversamente defendendo que a materialidade da realidade é passada para as ideias. Assim, na minha pesquisa utilizo o entendimento que os termos, e a construção discursiva são reflexo das ideias, percepções e visão de mundo criadas pela materialidade do sistema capitalista.

O documento estudado utiliza-se do conceito de democracia para a resolução dos problemas enfrentados pela URSS. A fim de gerar uma concepção de salvação, associavam um futuro melhor com as políticas de abertura, pois prometiam aos soviéticos um horizonte democrático, que resolveria as dificuldades instaladas na nação.

Unindo estes diferentes conceitos e momentos históricos, com um estilo propagandeador, a fonte traz para a pesquisa um protagonismo aos soviéticos e à própria equipe editorial, composta por pessoas envolvidas politicamente com a

causa comunista. Divulgando certos conceitos e entendimentos, a revista surge em 1984 e durante os anos da sua confecção seu discurso muda, mantendo como um de seus principais pilares a luta contra o capitalismo e o seu caráter educacional contra a opressão de classes.

A vista disso, o materialismo histórico dialético, segundo Marx (1964), considerará que as relações de dominação das classes detentoras de poder podem ser quebradas através do domínio dos meios materiais. Marx analisou a sociedade e as relações vigentes a partir do entendimento de que elas são determinadas pelas relações de produção, pois no sistema capitalista o trabalho torna-se um produto, assim como o operário.

Assim, as dinâmicas da realidade material são embasadas no trabalho e na sua materialidade, a cada período histórico o poder estava centrado em uma esfera material, logo quem a detinha, mantinha a soberania perante os outros, a partir do momento em que as classes dominadas conseguem a sua expropriação, o jogo de poder inverte-se. Este processo é o catalisador da União Soviética e mantém-se em seus discursos durante a sua duração, inclusive na revista *União Soviética em Foco*.

Marx (1962) trabalha com o entendimento dialético, no qual a classe operária compreenderá o seu lugar de exploração e a sistemática capitalista desigual e exploradora de forma gradual, o indivíduo conseguirá assimilar as relações de poder e organizar-se contra o sistema, instalando uma nova estrutura. A propagação deste e outros princípios comunistas, quando relacionada com a imprensa, tem um caráter de arma política e de ferramenta educacional popular, pois é através destas produções que se pode ensinar e propagar (Wolikow, 2013, p.314)

Inserida no contexto da Guerra Fria, Arêas (2012) traz que no Brasil, no final do século XX, o país ficou marcado por um otimismo nas forças sociais que se voltaram para a eternização da ordem capitalista, tendo slogans como: “não há alternativas”, “fim da História” e “o socialismo fracassou”. Ele apresenta a racionalidade do capital, os imperativos do lucro e da acumulação como as melhores bases para a organização social e, com isso, a centralização das defesas do capital, da liberdade e a exclusão das “amarras” estatais sobre as quais a sociedade deveria se organizar definindo o mercado como falido e inoperante, pois ele existiria somente para defender os seus próprios interesses.

A bipolarização estabelecida ainda na década de 1940 resultou em um mundo com diversos conflitos que atingiam várias esferas, incluindo a imprensa.

Sotana (2014) escreve em seu trabalho que as motivações para iniciarem a Guerra Fria estavam no final da Segunda Guerra Mundial, pois a URSS encontrava-se arrasada pela guerra, mas precisava manter uma conduta defensiva perante o posicionamento agressivo estadunidense, da qual se utilizava de uma postura dos “protetores do mundo ocidental contra o expansionismo soviético” (Sotana, 2014). Assim, os EUA estruturam uma nova ordem econômica tanto internamente quanto externamente.

Já Geller (2022, p.120) manifesta que as variações de liderança na União Soviética formaram marcações de eras, certas estagnações, manutenções de ações administrativas, podendo remeter a uma nova “cristalização” de seus fluxos. Liderando a URSS, Mikhail Gorbachiov⁷ proporcionou reformas radicais na sociedade soviética. Para ele, o papel do Estado na economia era criar normas e condições para o funcionamento das empresas (Gorvachev, 1989) ao mesmo tempo que deveria empregar um papel de transparência, possibilitando, para os veículos de informação e empresas, uma aproximação com outras nações. (Schneiderman, 1991).

Comumente o conceito de Guerra Fria expressa a confrontação, competição e tensão entre as superpotências dos Estados Unidos da América e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas⁸ e os seus sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais que eram antagônicos: o capitalismo e o comunismo. Esse conflito durou mais de quatro décadas (1947-1991), durante esses 44 anos uma série de mudanças científicas, militares, econômicas, culturais, políticas e diplomáticas ocorreram, com isso Munhoz (2020) discute a partir dos principais acontecimentos dentre esse período como as relações mundiais mudaram e a própria estrutura da disputa que inicialmente era um confrontação mais direta, passando por uma ressaca nuclear e chegando na “Nova Guerra Fria”, que desde o final da década de 1970 até 1991 coloca um movimento de aproximação e conclusão deste momento histórico, é aqui que a minha dissertação está inserida.

O autor define o político como campo e como trabalho, dos quais em um seria o lugar de encontro dos “muitos fios da vida” e o segundo seria o processo em que

⁷ Neste trabalho optei utilizar esta ortografia respeitando a documentação analisada, que traduzia o nome da liderança soviética desta forma. Haverá outra ortografia somente quando for uma outra referência bibliográfica.

⁸ Munhoz (2020) destaca ainda a superpotência China, que em conjunto com a URSS estruturava o bloco socialista, participando ativamente da Guerra Fria. Contudo, nesta dissertação, foquei no pólo soviético, em respeito a documentação, que não apresenta informações sobre este parceiro.

um grupo adquire características de comunidade e sociedade. O político é como o centro nervoso da sociedade, como o mesmo discorre que é falar do poder da lei, do Estado e da Nação, logo se fala da identidade e da diferença, da cidadania e da civilidade, conforme Rosanvallon (2010).

Fonseca Jr. (1995) mostra que o bipolarismo internacional no qual as duas grandes frentes detinham uma enorme capacidade de armamento nuclear destrutiva em seu domínio, assim como uma grande influência política e econômica, personificadas pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e pelo Estados Unidos da América. Logo, esta dicotomia manteve-se em diferentes esferas, construindo um combate entre dois discursos que eram utilizados para a propagação e manutenção de suas influências e estruturas.

Durante o período pós Segunda Guerra Mundial, o Brasil tem suas relações políticas, diplomáticas, econômicas, tecnológicas, sociais e culturais estruturadas com grande atuação dos Estados Unidos da América e manteve-se em um sistema democrático restrito e depois com a ditadura civil-militar iniciada em 1964, no qual apresentou barreiras para a URSS. Munhoz (2002) escreve que a força capitalista instiga nos âmbitos político, social, cultural e diplomático, com políticas econômicas e governamentais voltadas ao controle latino-americano.

Com ideologias opostas, necessidades, narrativas, aspirações e instituições governamentais discordantes, a União Soviética e os Estados Unidos não permitiram uma estabilização momentânea e os anseios, problemas e autoritarismos presentes nesta fase auxiliam para apresentar as contradições dos regimes. Vizentini (2004, p.68) aponta que no plano político-ideológico a queda do nazi-fascismo possibilitou um revés da extrema-direita, do militarismo, do racismo e do obscurantismo, em contraponto à defesa da democracia, das liberdades individuais, sociais e nacionais, de mesmo modo que uma admiração pelo socialismo, aumentando as resistências na Ásia, África e América Latina.

O Brasil havia saído de uma ditadura civil-militar, depois de 21 anos, enquanto a União Soviética passava pela *Perestroika* e pela *Glasnost*, estes momentos políticos e sociais estavam repletos de mudanças estruturais políticas para as duas nações, colocando-as em proximidade. Shanin (1991) escreve que com um sistema centralizado e intervencionista, algumas tarefas dos cidadãos soviéticos eram a lealdade, execução das bases estatais, submissão e entusiasmo com as decisões de seus superiores, os apoiadores de Gorbachev e a socióloga

Tatiana Zaslavskaia⁹ defendiam que a *Perestroika* constituía fundamentalmente um processo ético e social, associado à justiça, à economia e à política.

A partir da ascensão de Gorbachiov, em 1985, a implementação da abertura econômica foi feita de forma gradual e paralelamente com a abertura política, que era pautada na transparência. Estas ações abriram caminho para a reforma do Estado, assim como discussões ideológicas. Estas mudanças acarretaram uma dupla perplexidade na população, havendo grandes críticas e a leitura de que eram o endossamento dos ideais socialistas, como mostra Pomeranz (1990) e são pontos também levantados nas reportagens da *União Soviética*.

Durante os anos 80 o Brasil não aderiu ao embargo estadunidense imposto à União Soviética, assim como participou dos Jogos Olímpicos de Moscou de 1980. Contudo, no cenário interno o Partido Comunista mantinha-se na ilegalidade. É durante os anos de 1985-1990 em que ambas as nações passam por processos paralelos e independentes de mudanças internas que começaram a afetar suas políticas externas e bilaterais. No caso brasileiro, há o restabelecimento da democracia e o aumento da liberdade da imprensa. Simultaneamente a URSS instala as suas reformas profundas, proporcionando uma maior aproximação político-diplomática entre os dois países (Numair, 2009).

Balibar e Wallerstein (2021) escreveram que ao construir o imaginário de uma nação o entendimento de raça é muito utilizado, pois para essa construção existir precisa-se opor ao outro, então se o outro é x, eu sou y. Desse modo, tanto no caso soviético, como brasileiro durante 1987 e 1990 estão passando por uma reconstrução identitária nacional, reposicionando-se politicamente, economicamente e internacionalmente.

No Brasil, durante os anos de 1970, a história do trabalho ganha um grande destaque, ascendendo nas pesquisas. Tania de Luca, ao longo do podcast Nota de Rodapé (2019) relata que o descaso estatal para com os trabalhadores gerou um ambiente trabalhista desigual durante o século XX. Este cenário desigual gerava revolta nos grupos brasileiros favoráveis ao regime soviético, o Partido Comunista e outros coletivos buscam apoios para a propagação de sua ideologia através de livros, jornais e revistas.

⁹ Referida na reportagem "Minha compatriota, a mulher soviética" presente na *União Soviética em Foco*, nº 54, ano V, junho de 1987, p.9 para saber mais consultar Moraes (2022).

As temáticas estudadas por meio do olhar presente na *União Soviética*, acrescenta para a historiografia uma nova leitura na qual segue esse entendimento da imprensa e por meio de seus artigos representa o regime socialista. Com tal preponderância, o estudo da imprensa possibilita uma perspectiva nova sobre as temáticas escolhidas, conversando com a História Política, na qual Luca aborda: “Os movimentos de vanguarda souberam usar as revistas como instrumento de luta e as elegeram como veículo privilegiado para divulgar seus manifestos” (Luca, 2010, p.125).

Estas produções carregarão conjuntamente, as noções culturais e políticas. Nesse contexto, Thompson (1995, p.166) discorre que estes fenômenos podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados. Logo, a análise cultural pode ser pensada como um estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas. Com isto, as interações significativas que acontecem em contextos estruturados concebem a cultura pelas dimensões ideológica e comportamental.

Durante o final do período da Guerra Fria a revista *União Soviética em Foco* evidencia uma vertente editorial mais próxima do modelo soviético que é pouco estudada pela historiografia brasileira, deixando uma lacuna sobre as duas nações. Com artigos de diversas temáticas e uso de imagens utiliza-se a visão de Mondzain (2015) em que discorre sobre o produtor das imagens está posto numa sociedade, da qual tem suas estruturas políticas, culturais e de poder, logo as instituições nas quais detém tal controle desenvolvem opiniões e as consequências possibilitadas.

Para esse trabalho eu busquei trabalhos que analisassem as relações entre produções soviéticas no mercado da imprensa brasileira e assim estudar o que os autores observaram, como isso o trabalho de Charles Sidarta Domingos (2008) aponta como na década de 1950 se intensificou a disputa, pois a URSS passou a dispor de uma forte aliança militar, ultrapassando os EUA na corrida espacial com o lançamento do primeiro satélite artificial ao mesmo tempo em que a histeria anticomunista se consolidava através do Macarthismo (uma política para justificar a perseguição ideológica aos opositores do capitalismo).

Em sua dissertação, Domingos (2009) discorre sobre como as relações políticas entre URSS, EUA e Brasil estão situadas no jornal sul-rio-grandense *Correio do Povo*. Para isso, o autor entende o jornal como uma fonte privilegiada para estudos históricos, pois ao compreender o tipo de produção, os seus objetivos,

formatos, tiragens, tempo de circulação e outras especificidades, entender as diferentes relações, pois a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social.

No artigo “As práticas da edição e a Revolução Russa: as representações da URSS nas páginas da revista *Inteligência*: mensário da opinião mundial 1935-1939”, de Alexandre Costa (2017), o autor discute sobre as representações soviéticas na revista paulistana “*Inteligência*: mensário da opinião mundial” que utilizava de caricaturas e textos sobre a situação internacional. Contudo, neste caso, os responsáveis eram próximos à ideologia estadunidense. Em decorrência desta dicotomia presente no próprio documento, Costa analisou a representação dos contextos político-ideológicos distintos, visando atuar, modificar ou justificar as posições políticas internas, de acordo com a fonte.

Thiago Mauer escreveu o trabalho “Peleja no firmamento: o lançamento do Sputnik I através do *Correio do Povo*” (2017) analisando o lançamento do Sputnik I expresso no jornal *Correio do Povo*, com um estudo mais voltado ao caráter da disputa científica do período. O autor aponta sobre os objetivos do jornal, seu alcance e sobre como a imprensa ocupa um papel de defesa da burguesia estatal, corroborando com o discurso estadunidense. Fato é que há poucas produções historiográficas que analisam a relação URSS e a imprensa. Assim, desde o primeiro momento que vi a *União Soviética em Foco*, me senti instigada a estudar sobre isso, compreendendo como seria importante para a historiografia uma nova perspectiva.

As fontes utilizadas neste trabalho estão conservadas no Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Ensino em Entretenimento e Mídias (LIPEEM), com um acervo diversificado. Há 34 volumes da revista *União Soviética em Foco*, com o intervalo temporal de 1987 até 1990. O LIPEEM localiza-se no NDH-UFPeI e visa proporcionar fontes aos pesquisadores e possibilitar trabalhos que relacionam a história e as produções audiovisuais, salvaguardadas no seu espaço. O período escolhido para esta pesquisa, portanto, está de acordo com disponibilidade das fontes.

Como ação desta pesquisa, está previsto a realização sistemática e contínua da revisão de literatura das obras que se relacionam com o tema estudado e que dialogam com a metodologia adotada, visando dar suporte teórico à compreensão dos conceitos estudados e a análise dos dados coletados. Os debates políticos com características trabalhistas, culturais, políticas e sociais existentes nos textos

escolhidos também permitem a compreensão destas diferentes relações. Sosa (2006) escreve que os espaços de poder e política ocupados pela imprensa tomam um status de representações sociais, estando nesta encruzilhada: estado, política e poder, que dessa forma se combinando podem endossar ou desaprovar.

Com estas discussões e percepções em mente, dividi esta dissertação em três partes. No primeiro capítulo, intitulado: “A Transparência de um Estado em Declínio”, discuto sobre a política soviética glasnost e como isso influenciou na produção da documentação analisada. O primeiro subcapítulo, intitulado de “A União Soviética em Foco”, abordo sobre a revista União Soviética em Foco, como funcionava a sua produção e seus métodos. O segundo subcapítulo, intitulado de “A glasnost”, é voltado a explicar o que foi esta política, como isso influenciou no processo para o fim da URSS e como a cultura deve ser conceitualizada. No terceiro subcapítulo, intitulado “A imprensa servindo ao Estado”, discuto como uma revista pode ou não trabalhar em prol da hegemonia do Estado, apresentando como isto é feito na União Soviética.

O segundo capítulo: “A Reconstrução de uma Nação Documentada por si” abordo sobre a *Perestroika*, como ela foi executada e divulgada, no primeiro subcapítulo, intitulado de “Reestruturando a economia interna” analisei sobre como a revista utilizou das mudanças na indústria soviética para propagandear a *Perestroika* como os trabalhadores estavam lidando com estas mudanças e como o materialismo dialético relaciona-se com isto. No segundo subcapítulo, intitulado de “Uma nova Política, uma nova Nação”, analisei sobre como a *Perestroika*, agiu no âmbito político, influenciando nas suas relações com outras nações.

O terceiro e último capítulo: “Duas Nações, um mesmo Foco” trata sobre as relações internacionais do Brasil e da URSS, como elas alteraram-se nos três anos estudados e como a revista discutia esse aspecto. No primeiro subcapítulo, intitulado “Do lado de lá: uma união abalada”, discorro sobre o momento em que a URSS estava precisando de reformas e com grandes crises. No segundo subcapítulo, intitulado “Do lado de cá: em busca de uma união”, falei sobre como o Brasil estava em um processo de democratização, reencontrando-se após vinte e um anos de ditadura civil-militar. E no terceiro subcapítulo, intitulado “A união faz a força?”, discuti sobre as relações internacionais entre ambos os países abordadas na revista e o discurso escolhido.

A partir da análise da documentação eu tracei que o discurso da *União Soviética* seguia a cinco pilares para o convencimento: 1º) a democracia e a necessidade da democratização (esse aspecto é melhor desenvolvido no 1.3. *A Imprensa servindo ao Estado*); 2º) Lênin e o seu legado para a URSS (discutido em 2.1. *Reestruturando a economia interna*); 3º) a liberdade (também estudada em 2.1. *Reestruturando a economia interna*); 4º) a revolução (abordada no subcapítulo 2.2. *Uma nova política, uma nova nação*) e 5º) a amizade (desenvolvida durante os três capítulos, mas principalmente em 1.2. *A Glasnost* e 3.1. *Do lado de lá: uma união abalada*). Todos esses caminhos seguem uma mesma justificativa de que a *Perestroika* e a *Glasnost* seriam os seus catalisadores e somente com por meio desses rumos que a URSS solucionaria os seus problemas.

CAPÍTULO 1: A TRANSPARÊNCIA OPACA DE UM ESTADO EM DECLÍNIO

A Transformação será o caminho para a mudança.

*Quem samba fica,
Quem não samba, camba
Chegou, salve geral da mansão dos bamba
Não se faz revolução sem um fura na mão
Sem justiça não há paz, é escravidão
Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)¹⁰, Racionais MC's*

O mundo é um lugar de disputas, travadas diariamente, estes embates estão em diferentes campos, desde o campo estatal, político, ideológico, administrativo até o campo filosófico, ético, religioso e comportamental. Durante o período da Guerra Fria houve uma polarização muito forte com duas pontas distintas, o bloco que defendia e propagava o sistema capitalista, regido principalmente pelos Estados Unidos da América (EUA), contrário ao bloco socialista, capitaneado pela União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS).

O conflito durou mais de quatro décadas, neste meio tempo as visões distintas acabaram se aproximando em ações, políticas e objetivos, logo no final da década de 1980 havia um interesse político muito forte para a transparência da URSS. As análises feitas neste capítulo foram desenvolvidas a partir de quinze reportagens e das informações presentes nas capas, editoriais, do expediente e sumário nas trinta e quatro edições da *União Soviética*. Visando um melhor entendimento e estudo tratarei com os documentos em todos os subcapítulos, conectando com a discussão proposta em cada uma das etapas.

A abertura política, chamada de Glasnost, tinha como objetivo tornar as mídias mais transparentes sobre os processos políticos da nação soviética, então a partir de 1985 tanto a imprensa interna como a externa poderiam divulgar e discursar com maior liberdade referente às temáticas da URSS. Contudo, junto com essa abertura, iniciou-se o declínio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas enquanto uma nação, um Estado e uma potência, desse modo, essa nova transparência apresentava um país buscando uma nova identidade, um novo

¹⁰ O grupo paulista Racionais MC's desde o seu surgimento apresentou letras politizadas e contrárias ao *status quo* vigente, na música selecionada há o incentivo para buscar a transformação social, ao mesmo tempo em que expõe a trajetória do revolucionário Carlos Marighella.

mercado e uma nova organização, junto disso o Partido Comunista Soviético mantinha-se interferindo nas produções midiáticas.

1.1. A União Soviética em Foco

No começo de 2019 foi a primeira vez que folheei os exemplares da revista *União Soviética em Foco* e logo o meu orientador indicou que começasse a pesquisar sobre a revista, pois não havia muitas informações disponíveis. No mesmo ano, iniciei uma troca de *e-mails* com a Editora Revan, que ainda está ativa, solicitando se existiam outros tipos de documentação salvaguardados e/ou outros exemplares. Desde a primeira resposta a equipe foi muito solícita e apontou que não sabiam se ainda estavam em posse de outros volumes, mas disponibilizaram o espaço para que eu procurasse.

De origem carioca, a editora mantém a sua sede na mesma cidade desde o ano de seu fundamento, em 1982, logo era necessário que eu viajasse até o Rio de Janeiro, me planejei para ir na segunda metade do ano de 2020, contudo a pandemia de Covid-19 impossibilitou esse momento. Somente quando comecei a escrever a minha monografia, no ano de 2022, que tentei retomar o contato, mas não fui respondida. Neste meio tempo, pude me debruçar sobre a metodologia desenvolvida por Tania de Luca (2010), na qual ela aponta sobre a necessidade em se compreender quem produziu os documentos analisados, como e o porquê.

O grupo editorial Revan tem como sua descrição em seu perfil no *Instagram*¹¹: “Fundada em 1982, prima pelos estudos críticos de criminologia, direito penal, clássicos da literatura e biografias de grandes personalidades.” Presente no universo editorial brasileiro há 40 anos publicou mil títulos, produzidos por diversos autores, incluindo professores de universidades e fundações, tais como IUPERJ, UFRJ, ENAP, UnB, FAPESP e FAPERJ, sendo usados nas salas de aula. Teve a participação de Oscar Niemeyer em seu catálogo, incluindo os títulos *As curvas do tempo* e *Minha arquitetura – 1937-2005* como é escrito no site da editora¹².

Nas suas plataformas não há dados referentes à produção analisada, auxiliando no esquecimento da revista. Durante a troca de *e-mails* com a equipe, a

¹¹ Informação retirada da descrição do perfil da editora no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/editorarevan/>. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

¹² Informações retiradas da aba “A Editora”: https://www.revan.com.br/a_editora. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

primeira pessoa não tinha conhecimento sobre a *União Soviética em Foco*, contudo as demais conversas foram com outro indivíduo mais ciente do histórico da revista. Baseando-se em leituras, a metodologia utilizada neste estudo concentra-se nos traços imagéticos presentes nos artigos da revista *União Soviética em Foco*.

A outra ponta destes documentos é a Agência de Imprensa *Novósti* criada em junho de 1941 depois da invasão alemã à URSS, a agência era o principal porta-voz soviético e tinha como objetivo a divulgação de informações por meio de programas radiofônicos, jornais e revistas. Três anos depois já contava com 1171 jornais, 523 revistas e 18 emissoras em 23 nações diferentes, voltados à propaganda do regime para países estrangeiros¹³. No caso do Brasil, havia a revista *União Soviética em Foco* que tinha como seu principal objetivo, apresentar a sociedade soviética para os brasileiros e, durante a década de 1960 as produções financiadas pela Agência de Notícias tinham uma tiragem de 4.3 milhões de exemplares. Em 1990 criou-se a RIA *Novósti*, sendo um dos principais pilares na imprensa russa até 2013 apontado por um de seus veículos sucessores o Sputnik International (ativo até os dias de hoje).

Irei discutir sobre como a imprensa, e neste caso a revista *União Soviética em Foco*, pode ocupar um espaço de conformação ou de confronto com o sistema vigente, no caso da revista estudada se utiliza de perspectivas comunistas que entende a imprensa de uma forma partidária organizada e propagandista. Fonseca e Rouvinski (2019, p.25)¹⁴ apresentam sobre uma característica soviética em comunidades e indivíduos que encontram-se fora da URSS, que adotam uma postura saudosista e retomam a grandiosidade da sua nação de origem de forma patriótica, retomando a sua identidade (composta pela valorização da sua cultura, culinária, arte e literatura).

O autor continua dizendo que esta postura de glorificação está presente nos produtos feitos pelos soviéticos, incluindo os jornais e revistas e ao analisar as criações soviéticas que retornam o patriotismo e à grandiosidade de sua terra originária deve se ter em mente a interligação dos seus sujeitos pelos meios de comunicação, tornando as produções referenciais. O sistema soviético foi inicialmente pensado e articulado para seguir princípios comunistas, contudo durante as suas sete décadas a influência e o domínio capitalista foi desmantelando

¹³ Dados retirados do artigo “Russia country profile” do site da BBC News UK, de 2012. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/country_profiles/1102275.stm#media. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

¹⁴ Tradução de Fonseca (Fonseca; Rouvinski, 2019, p.25).

os pilares pensados após a Revolução de 1917, estruturando um sistema de dominância entre classes, mantendo os padrões esperados das sociedades capitalistas, logo as produções pensadas e organizadas pela URSS seguirão os padrões da Indústria Cultural:

sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (Adorno, Horkheimer, 1985, p. 114).

Acessei pela primeira vez os trinta e quatro exemplares da *União Soviética* e observei que o primeiro volume disponível era o nº 54, do quinto ano da revista, de junho de 1987 e seguindo a análise inicial (somente das capas) observei que era uma publicação mensal, deste modo calculei que a primeira revista havia sido na última metade do ano de 1984, provavelmente em agosto. As capas sempre são coloridas, o escritor Anatoli Ananiev presta uma entrevista para Nina Maksakova, funcionária da agência *Novostí*¹⁵, em que fala sobre este padrão nas produções soviéticas, com as capas coloridas e seu conteúdo interno em escala de cinza.

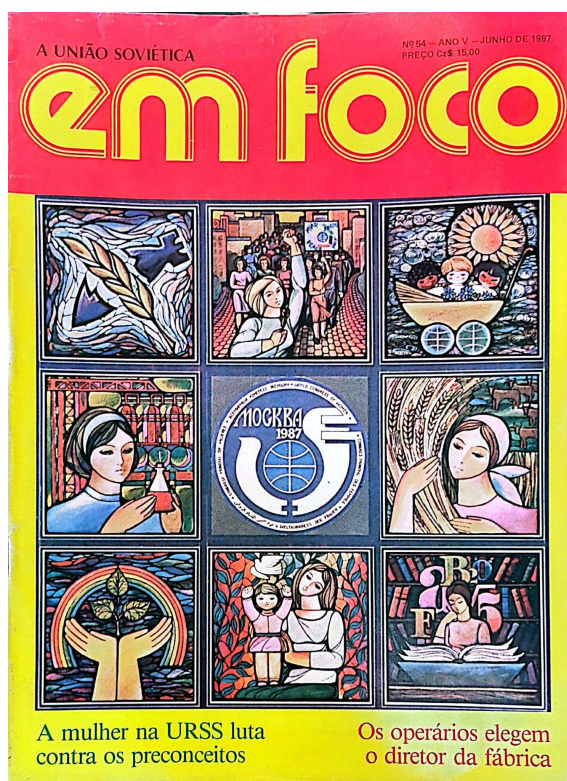
As cores utilizadas para as capas variavam muito, nos primeiros exemplares a escala estava voltada a tons quentes e bem chamativos, nas edições que focavam na história soviética e/ou nos movimentos revolucionários a paleta de cores sempre priorizava a cor vermelha. Nos últimos números as capas voltaram-se para os tons mais frios, com fotografias mais próximas as escalas de azul e verde, houve também o uso das cores preta, marrom e cinza, neutralizando essas imagens, que antes chamavam a atenção, agora mesclavam-se nas bancas.

As imagens selecionadas para as capas na maior parte das vezes tinham temática soviética, exceto quando uma figura brasileira viajava para a URSS ou quando havia alguma aproximação com o governo estadunidense. Desde o primeiro exemplar salvaguardado a capa traz cores vivas, com uma divisão horizontal na parte superior, voltada para as informações dos dados da edição (como número, ano, datação e preço) e com o título da revista: “A *UNIÃO SOVIÉTICA em foco*”, por

¹⁵ *União Soviética em Foco*, nº 65, ano VI, maio de 1988, p. 19.

mais que a nação soviética esteja em uma fonte maiúscula o tamanho é discreto destacando o termo “em foco”.

Figura 1: Capa da revista.



Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 54, ano V, junho de 1987, capa. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

O conjunto de imagens é a união de nove pinturas que remetem a um mosaico de vidro, apresentando uma coleção de símbolos femininos da *União Soviética*, colocando-as como protagonistas na educação, no mercado de trabalho, na ciência e no centro da família tudo voltado ao símbolo central do congresso mundial de mulheres. O artista plástico Celso Lima e a editora Neide Jallageas indicam que a arte soviética teve objetivos semelhantes aos da sua época mais rica, buscando inspiração em trabalhos antecessores enquanto dialogava com seu caráter revolucionário, se posicionando ao lado dos camponeses, do proletariado e dos estudantes. (Lima; Jallageas, 2020)

Seguindo a ordem da *União Soviética*, a análise do editorial foi fundamental para que se estruturasse algumas das dinâmicas para a sua confecção. Na primeira página, no topo da folha, consta: "em foco, revista mensal de informação cultural sobre a união soviética" seguido do registro e dos dados da equipe que produziu aquela edição. A equipe editorial é composta por brasileiros e varia conforme as

edições, contudo há o arquiteto Oscar Niemeyer (sempre como Diretor-Responsável), que tinha fortes ligações com a URSS, visitando a nação de forma profissional e pessoal. Há uma grande aproximação com os soviéticos pelo seu trabalho arquitetônico, mas principalmente pela sua invariável atitude amistosa em relação à URSS e sua cultura, Niemeyer era retratado como um exemplo de verdadeiro humano. Em carta de Karen Khatchaturov, vice-presidente da agência *Novósti*, parabeniza-o:

Prezado amigo Oscar, a agência de imprensa Novósti cumprimenta-o calorosamente pela passagem de seus 80 anos. Os soviéticos o conhecem muito bem e o consideram um clássico na arquitetura contemporânea mundial e um grande amigo de nosso país. A medalha de ouro "Pelo fortalecimento da paz entre os povos", do Prêmio Internacional Lênin, testemunha a sua notável contribuição para a causa da paz. Você fez muito pela prosperidade e pelo progresso de sua pátria, sendo ao mesmo tempo o porta-voz permanente da cooperação soviético-brasileira. Temos em alto apreço o fato de ser o diretor-responsável da EM FOCO, revista que, divulgando a verdade sobre a URSS, reforça a amizade entre nossos povos. De todo coração, querido camarada Oscar, nós lhe desejamos muitas felicidades no seu trabalho, boa saúde e muitos anos de vida (Khatchaturov, jan./1988, p. 48).

A presença desta mensagem estrutura a visão soviética, na *União Soviética em Foco*, sobre Oscar Niemeyer, um homem que desempenhava um papel fundamental nas relações entre os dois países, visualizando a amizade entre os povos. Ainda há outros registros sobre o mesmo. No conteúdo da carta de Khatchaturov, observei um dos pilares no discurso da *União Soviética* a constância dos valores de prosperidade, progresso e cooperação ligadas ao “Prêmio Internacional Lênin”, esta associação reforça sutilmente as políticas de abertura ao retorno dos ideais reais soviéticos, que foram perdidos e usurpados com o tempo, mas a URSS estava os reencontrando.

Outro membro é a editora Lilian M.G. Lopes¹⁶ (que ocupou diferentes papéis nas edições participando da edição de textos, coordenação e revisão). O historiador e jornalista Ivan Alves Filho¹⁷ é identificado como editor e fundador da revista e se

¹⁶ Não há informações disponíveis sobre Lilian Lopes, somente que estava na equipe editorial de livros publicados pela Revan como os títulos "Brasil e URSS - Parceiros na paz" e "Gorbachiov - Reagan: Passo Para a Paz Acordos Sobre a Eliminação de Mísseis Firmados Entre URSS e EUA". Informações retiradas do site <https://www.traca.com.br/autores/Lilian%20M.%20G.%20Lopes/>. Acesso em: 18 de março de 2024.

¹⁷ Produziu outras obras com Oscar Niemeyer, ele trabalhou em diferentes jornais e revistas como o Estadão, Zero Hora, O Globo, Época e Isto É. Participou e produziu diferentes obras sobre a URSS, o

manteve presente em vinte e sete volumes. Nas equipes ainda há Luiz Mário Gazzaneo (editor); Ezio Speranza (arte e editor), Ângela Maria Alves (arte), Patrícia Monni (arte final); Miguel Villela (revisão); Raimundo Alves de Souza (coordenação gráfica); Gilda Barros Pereira (divulgação e publicidade); Lúcia Cardoso (assinaturas); Michel Elias Jorge (diretor da editora); sobre essas pessoas, não encontrei nenhuma informação adicional.

É importante destacar sobre os silêncios presentes na revista. Castells (2015) escreve que há duas formas de exercer o poder: a violência e o discurso, quanto melhor estruturado o segundo, menos o primeiro se faz necessário. Gramsci (2007) entende que junto com a consolidação do sistema capitalista se constituiu o bloco histórico capitalista, que para o seu alicerçamento e conservação existe a sociedade civil (que refere-se a estrutura ideológica) e a sociedade política (que abrange as estruturas jurídicas e políticas), logo, o primeiro se utiliza da coerção e o segundo do consenso.

Gaspar (2020) desenvolve que a ausência de agentes e temáticas negras na imprensa são consequência de um Estado racializado, a documentação estudada conta com essas ausências, utilizando figuras pontuais, mas em todas as suas seleções de indivíduos ou coletivos é de pessoas brancas, logo há um grande silenciamento sobre uma série de indivíduos soviéticos, brasileiros e latinos, dos quais tem a sua existência escanteada pelas páginas da União Soviética. Há um espaço destinado aos locais de venda da União Soviética em Foco, que era feita no território nacional, ela estava presente em:

Tabela 1 - Locais das vendas da revista

Cidade/Estado	Locais
Aracaju - SE	Gervásio dos Santos; Livraria Carvalho; José Emanuel Ferreira Dantas
Barra Mansa - RJ	Casa do Estudante
Belo Horizonte - MG	J.M. Gomes; Livros nacionais e importados
Campinas - SP	Livraria Pontes
Feira de Santana - BA	Sinval Galeão dos Santos
Fortaleza - CE	Livraria Gabriel
Goiânia - GO	Livraria e Editora Cultura Goiana

Itararé - SP	Livraria e Papelaria Jorge Chueri
João Pessoa - PB	Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão
Maceió - AL	Livraria Caetés
Manaus - AM	Pap. Tip.; Papéis e Livros
Niterói - RJ	Livraria Romanceiro; Livraria Espaço Livre
Paulo Afonso - BA	Luís Rubem Ferreira Bonfim
Porto Alegre - RS	Livraria Palmarinca; Livraria e Distribuidora Tecnocientífica Ltda.; Paulo Gomes da Liveira; Editora Unidade
Recife - PE	Dyrce Norma Gwendolin Higgins
Ribeirão Preto - SP	União Cultural Brasil - URSS
Rio de Janeiro - RJ	Livraria Ciência e Paz; Livraria Página; Mestre Jou S/A Importação e Comércio; Rodoviária Guanabara Jornais e Revistas
Salvador - BA	Paulino Vieira; Editora Práxis
São Luiz - MA	Literarte; Literatura e Arte
São Paulo - SP	Livraria Ciência Humanas; Livraria Tecnocientífica
Uberlândia - MG	Livraria Pró-Século XXI
Vitória - ES	Diskardec; Livraria Espírita; Livraria Âncora
Vitória da Conquista - BA	Distribuidora de Publicações Cairo
Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília	Venda nas bancas Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Fonte: Tabela desenvolvida pela autora.

A sua potência de vendas no país dependia de indivíduos e livrarias interessadas no seu comércio, logo seu mercado estava distribuído em poucas cidades e estados. Quando analisei sua presença nas bancas de revistas isto diminui ainda mais, acontecendo somente em três cidades: Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, por meio de uma mesma distribuidora. O processo de impressão ficou sob responsabilidade da "Alphaset Gráfica e Editora Ltda" nas três primeiras edições, depois foi para "Gráfica e Editora Setembro" que manteve-se até a edição final.

A parte dos fotolitos¹⁸ ficou sobre o cuidado de três empresas brasileiras diferentes a "L.C.R. Emp. Graf. Ltda", a "Editora Gráfica Sindical" e "Meio Tom Fotolito Ltda". Desta forma, todo o processo de impressão era responsabilidade do

¹⁸ Lima Filho (1992) explica que os fotolitos têm como função permitir ou impedir a passagem da luz UV, tornando partes específicas insolúveis em água por meio da catalização e emulsão da tela, possibilitando assim a impressão.

Brasil, mas o que ficava com a URSS? O começo da resposta deste questionamento está ainda na ficha editorial, que traz: “Materiais básicos de informações e fotografias fornecidos pela Agência de Imprensa *Novosti* - APN”, somente este dado ainda deixa em aberto, mas na edição de nº 54, ano V, junho de 1987 há a entrevista “Correspondentes estrangeiros na URSS debatem as mudanças (transparência)”.

Discorrendo sobre como um dos jornais soviéticos mais populares, o *Literaturnaia Gazeta* promoveu um encontro com correspondentes estrangeiros em Moscou, para falar sobre o processo de mudanças na URSS e a *Glasnost*. Os presentes eram: Giulietto Chinesa (*L'Unità*, Itália), Jerzy Kraszewski (*Trybuna Ludu*, Polônia), Yoshisuke Niizuma (*Asahi Simbun*, Japão), Rajiv Shakh (*Patriot*, Índia), Raitcho Radulov (*Trud*, Bulgária), Geoffrey Trumble (*U.S. News and World Report*, EUA), Martin Walker (*Guardian*, Grã-Bretanha), Bernard Frederic (*L'Humanité*, França) e Uwe Engelbrecht (*Kölner Stadt-Anzeiger*, RFA), bem como Igor Beliaev e Fiodor Burlatski, da *Literaturnaia Gazeta*¹⁹.

Os textos presentes na revista podem ser de quatro tipos: 1) Um texto produzido para a *União Soviética em Foco*, normalmente relacionando com algo relativo ao Brasil; 2) Um texto com uma temática nítida, seguindo uma sistemática mais tradicional; 3) Uma entrevista que poderia ser produzida com um representante da *Novosti* e um convidado, ou a partir de uma entrevista coletiva, na qual uma série de jornalistas reuniam-se com um representante governamental e questionavam coletivamente sobre o assunto combinado previamente e 4) Havia debates organizados pelo Partido, que selecionava a temática e o grupo de pessoas para discutirem pautas soviéticas. O debate presente na edição de nº 54 está enquadrado no último tipo, com o foco em jornalistas e seu posicionamento sobre a *Glasnost* e como ela influenciará o presente e o futuro soviético.

O francês Bernard Frederic (1987, p.04) falou que a política de transparência não pode estar separada dos objetivos políticos que a exigem, assim a objetividade da imprensa e o tratamento de problemas podem ser abordados sendo uma das alavancas (talvez a principal) da democratização. Uwe Engelbrecht segue a fala do colega e pontua que ele, como representante da imprensa burguesa, acha que o “processo renovador” que ocorria na URSS exigia mudanças no método de trabalho:

¹⁹ Há muitos jornalistas ligados aos Partidos Comunistas dos seus países de origem, contudo há também profissionais que não são filiados e tem uma simpatia pelos ideais socialistas.

Não estamos à altura da nova situação devido a numerosos fatores, principalmente ao dogmatismo. Muitos jornalistas ocidentais sempre defendem a tese da impossibilidade de se realizarem reformas na União Soviética. Existe mais um fator: no Ocidente há descontentes com as transformações. O prestígio da política externa da URSS tem crescido muito. Um jornalista norte-americano chegou ao ponto de afirmar que tudo o que está acontecendo no País é uma catástrofe ideológica para os dirigentes de Washington. Nem todos os acontecimentos na URSS são bem recebidos de imediato no Ocidente. Meus chefes continuam a exigir que eu escreva como antes. (Engelbrecht, jun./1987, p. 04).

Nesta entrevista o discurso que predomina é mostrar a participação de diversas nacionalidades, escutadas na URSS, independentemente se é uma crítica ou um elogio. Há falas esperançosas como é mostrado nos próximos subcapítulo e para além disso, evidencia como funcionava uma parte da produção da revista. Uma outra entrevista, feita pela jornalista Ivetta Kniazeva com Aleksandr Aksionov (formado em História, é deputado do Soviete Supremo da URSS, membro do Comitê Central do PCUS desde o XXV Congresso, na época era presidente do Comitê Estatal da URSS para Rádio e Televisão desde 1985), sistematiza novos detalhes, mesmo que o objetivo inicial fosse abordar sobre as opiniões referentes ao papel do rádio e da televisão na URSS.

Há uma grande quantidade de textos confeccionados para destacar uma pessoa (por vezes, importante para a história soviética, ou alguém que ocupa um cargo importante ou é um cidadão exemplar) e seu trabalho. A entrevista "O papel e o lugar do Rádio e da TV na União Soviética"²⁰ é um destes casos, centra-se inicialmente na trajetória de Aksionov, aponta que gostava mais de literatura, que escrevia poemas durante a sua recuperação da Segunda Guerra Mundial, mas acabou trabalhando como professor em curso secundário, organizações juvenis, nas estruturas do Partido e dos soviets, ocupou cargo diplomático.

Ele segue discutindo sobre o papel da televisão e das mídias, as entende como uma das mais importantes descobertas do ser humano e identifica que elas influenciam em todos os aspectos da vida social e atuam de modo a alienar o homem, eliminando nele o interesse pelo mundo que o rodeia. Para Aksionov a imprensa deve elevar os prestígios, auxiliar o desenvolvimento e estimular o lazer ativo:

²⁰ *União Soviética em Foco*, nº 64, ano VI, abril de 1988, p. 06.

Pode desviar a atenção das pessoas dos problemas sérios internacionais e nacionais, provocar-lhes o medo e o ódio a outros povos, a arrogância e o chauvinismo; pode favorecer os baixos instintos a pretexto de "satisfazer as necessidades das pessoas". Mas também pode elevar o nível cultural e moral dos indivíduos, fazê-los pensar na verdadeira finalidade do Homem, desenvolver neles a responsabilidade por tudo que acontece no mundo. (Aksenov, jun./1988, p. 07-08).

Ocupando o cargo de presidente do Comitê Estatal da URSS para Rádio e Televisão desde 1985, Aleksandr Aksionov evidencia a consciência do governo soviético e consequentemente dos agentes da *Novosti* sobre a percepção da trama privada gramsciana (Manacorda, 2019, p.138), no terceiro subcapítulo, há a intenção de racionalizar a população, ou seja, utilizar das mídias para desenvolver a cultura unificada, que preza pela transformação, mas, no caso da *União Soviética* não é contra hegemônica, pois ela serve a um Estado que não é mais anticapitalista e busca a manutenção do mesmo. Durante o seu discurso há uma fala pontuando que o caminho da democratização é a *Glasnost*, pois ela leva os debates a todos e permite a participação de pessoas que antes não eram alcançadas, deste modo retoma-se novamente como o caminho e o destino da URSS é a democracia, na visão liberal.

Encerrando o texto o presidente do Comitê Estatal pontua que os jornais e programas de televisão e rádio tem um grande alcance e ao criticarem as pessoas todo o país sabe, por isso não dizem apenas o que é bom ou ruim, mas mostram exemplos do que deve se fazer para viver melhor. Como uma possível crítica construtiva, a revista segue este mesmo padrão, trazendo pontos positivos, algumas ressalvas e soluções positivas perante as falas anteriores. As informações presentes na revista em grande parte levam a autoria do texto, contudo há uma escolha de divulgação de certas reportagens sem autoria, um exemplo disto é que para a construção deste capítulo analisei quatorze reportagens, das quais seis não havia autoria, nestes casos há o uso da terceira pessoa no plural, transformando em um discurso da *União Soviética em Foco*, logo da URSS.

As fotografias presentes sempre levam o nome dos fotógrafos. Eu tive dificuldade em encontrar informações referentes aos agentes da *Novosti*, busco sobre eles desde 2022, contudo não há informações disponíveis, para além das que estão na própria reportagem. Quando abri a revista na segunda e terceira capa há propagandas coloridas, já na parte interna existem outras propagandas espalhadas

entre as reportagens ocupando um quarto da página, algumas publicidades são de produtos brasileiros (como as tintas Renner e o Café Amigo produzido e importado pela empresa Iguaçu para a URSS), outros são produtos soviéticos (como a joalheria Charmex, a companhia aérea *Aeroflot* e os maquinários da Saena Máquinas Oparatrizes) e tem propagandas sobre produtos da Editora Revan e serviços da *Novosti*.

Rocchi (2017) aponta que, a partir dos anos 2000, a agência com a sua equipe editorial opera em diversas línguas nas suas plataformas e produções, propondo uma outra perspectiva para os eventos globais. Loureiro (2015) corrobora com tais levantamentos, apontando, ainda que a agência de notícias soviética cedia um aporte financeiro às editoras, para a sua manutenção. Nestes casos, as imagens e matérias são traduzidas apresentando os créditos à *Novosti*, com exemplares das revistas enviadas à embaixada da URSS no Rio de Janeiro e, provavelmente, à Moscou e outras embaixadas soviéticas no mundo.

A revista *União Soviética em Foco* seguia tais padrões nas suas reportagens, que eram escritas por agentes soviéticos em sua grande maioria, dos 158 textos analisados 77 foram escritos por homens soviéticos, 23 por mulheres soviéticas, 8 por brasileiros, 3 por brasileiras e 2 pelo colombiano Carlos Hernando Piñeros Sánchez (um com temática referente a *Glasnost* e o outro sobre a *Perestroika*). Entretanto, um ponto fundamental a se assinalar é que a grande maioria dos escritos tinham diferentes autores, somente seis escritores tem mais de um texto na revista: O brasileiro Anotônio Carlos Rocha (2), a brasileira Gilda Barros Pereira (2), a soviética Nina Maksova (2), a soviética Natália Remizova (4) e o soviético Victor Belochapko (7).

Essas divisões salientam alguns pontos: 1º a priorização por escritores soviéticos (com mais de 63% dos textos sendo de produção soviética); 2º a ausência de autoria em mais de 28% dos escritos; 3º somente 14% dos autores eram mulheres e 4º apenas 12% são de mesmos autores. Tais tópicos são importantes para a compreensão do discurso da *União Soviética*, pois ao contrário dos editoriais brasileiros, o soviético não contava com uma constância de colunistas em uma mesma produção, pois suas reportagens eram majoritariamente escritas para o banco de dados, isso acaba facilitando uma narrativa coesa e constante, que seguia as perspectivas da *Novosti*.

Na edição de nº 91, ano VIII, de julho de 1990, a propaganda "Agência de imprensa *Novósti*" discorre sobre o serviço de traduções disponível a todos, que poderiam ser de materiais escritos (em russo, inglês, francês, alemão, espanhol, português, finlandês, árabe, indonésio, suahili, persa e grego) e simultâneas (em para russo, inglês, francês, alemão, espanhol, português e árabe). A equipe da *Novósti* conta com 200 tradutores, redatores²¹ e 20 revisores linguísticos, a agência se prontifica a trabalhar com qualquer temática seja social, política, econômica, financeira, científica, religiosa, cultural ou artística.

O texto continua explicando que os profissionais são treinados para traduzir simpósios, seminários, briefings e negociações, ainda acrescenta:

O mundo vive na atualidade um boom de informação e aumenta a importância da comunicação em mais de uma língua. O Departamento de Traduções da Agência de Imprensa Novósti garante a alta qualidade na informação distribuída a mais de 120 países. E está aparelhado para traduzir sua informação escrita ou oral, dando a seus clientes a possibilidade de manter contatos com países estrangeiros. (*União Soviética em Foco*, jul./1990, p.40).

A agência tem como objetivo divulgar a URSS para o mundo, ao mesmo tempo que busca a aproximação da URSS com outras nações, um dos meios utilizados é o processo de divulgação das atualizações, discursos importantes, de documentos legislativos e artigos publicados na imprensa soviética feito pelo *The Daily Review*. A *União Soviética em Foco* está inserida nestas sistemáticas, tendo os seus conteúdos produzidos e traduzidos pela *Novósti*.

A revista tem divisões temáticas que variavam conforme a edição, sendo elas as seguintes: ciência, teatro, artes, mulheres, história, política, comportamento, TV/informação, *Glasnost*, imprensa, TV/opinião, tema principal, espaço e muitos outros, alguns eram fixos como as relações entre Brasil-URSS. O processo da *Perestroika* e da *Glasnost*, aparecem constantemente na revista, existindo casos de em uma única edição tratar de um mesmo tópico seguidamente.

No decorrer das 34 edições estudadas pode-se observar e registrar as mudanças de valores, tanto da revista, quanto das assinaturas semestrais e anuais. Como há um recorte de 4 anos (1987-1991), a moeda brasileira muda duas vezes de cruzado (1986-1989) para cruzado novo (1989-1990) e para cruzeiro (1990-1993). Balassiano e Pessoa (2021) definem que o Brasil passou por dez

²¹ Não há a especificação da quantidade de redatores.

recessões desde 1980. A determinação da situação econômica de um país depende de variáveis externas (PIB²² mundial, taxa de crescimento dos termos de troca²³ e *gap* de juros²⁴) e internas (PIB *per capita* defasado em um ano, taxa de investimentos²⁵, consumo do governo, juro real considerando a inflação e o juro nominal médio de política monetária, *dummy* nos anos de recessões²⁶). Tais parâmetros estavam em constante análise durante o período estudado, logo a fonte apresenta diferentes valores nas suas edições, reafirmando a situação econômica brasileira, com uma alta inflação, afastando um maior público a consumir artigos não essenciais.

A *União Soviética* apresentava três possibilidades de compra: a mensal, com o seu valor na capa; a assinatura anual, pagamento de uma única taxa para as edições do ano, e a assinatura semestral, para seis edições. Estes preços alteram 22 vezes durante os três anos estudados. A revista estudada ajuda a compreender a URSS no final da década de 1980 e o seu processo de abertura política e econômica, além disso apresenta as sistemáticas dos procedimentos elaborados pela Agência de Notícias *Novosti*.

1.2. A Glasnost

A história da URSS está atrelada a história Russa, logo para fazer essa dissertação um dos meus primeiros movimentos foi buscar a historiografia russa, a qual perpassa por algumas dificuldades, a primeira dela é a constância dos seus teóricos, pois após da Revolução de 1917 os diversos pensadores que participaram dos debates soviéticos posicionaram-se conforme a sua perspectiva política e social, desse modo conforme diferentes lideranças assumiam o Partido Comunista alguns dificultadores surgiam/sumiam para a continuidade da sua escrita e análise e como

²² O Produto Interno Bruto é a taxa referente a toda a soma dos bens de serviço produzidos na região analisada durante um período. Quantifica a atividade econômica do local, sendo utilizado para análises. (Balassiano; Pessoa, 2021)

²³ Para saber mais consulte Alaves (2014)

²⁴ *Gap* de juros é a diferença entre o juro real e juro neutro; dois quais o juro real, conhecido como *effective fed funds rate* menos o valor da inflação (PCE); enquanto o juro neutro decorre dos dados de Laubach e Williams. (Balassiano; Pessoa, 2021)

²⁵ Para saber mais consulte REIS, Tiago. Taxa de investimento: o que é e como impacta nas aplicações financeiras?. 2021. Disponível em: <https://www.sunoo.com.br/artigos/taxa-de-investimento/>. Acesso em 06 de novembro de 2022.

²⁶ Taxa determinada quando há pelo menos um trimestre de recessão na economia do país (Balassiano; Pessoa, 2021)

consequência ocorreu uma certa hegemonia intelectual nas produções soviéticas, seguindo um discurso específico como foi apontado por Segrillo (2010).

Toda sociedade, nação ou coletivo transmite a sua história e a sua origem enquanto coletivo, (Baczko, 1991) traçou que os mitos transmitem os berços, uma história primordial correspondendo a diversos discursos sobre uma identidade coletiva, mais do que isso ao evocar os mitos de origem evocamos uma promessa de futuro que proporciona uma possível utopia. A ligação entre estes conceitos vem de que as utopias amplificam e radicalizam a promessa de futuro, contudo elas também endurecem um sistema de representação fechado sobre si mesmo.

No caso da URSS, a sua origem passa pela história da Rússia e o seu próprio mito de fundação, que começa partindo de Kiev²⁷ durante o século IX em que o Estado kievano ou Rus' surgiu. Segundo o registro escrito mais antigo Rus' ainda preservado é dito que tribos de eslavos orientais da região chamaram três irmãos varegos²⁸ para ocuparem os seus governos na década de 860, a Rússia e por consequência uma parte da União Soviética, teriam sido gestadas a partir de relações diplomáticas, que visavam o melhor (Segrillo, 2012).

Esse mito de formação é fundamental para a construção de um discurso e uma imagem de crescimento **amistoso**, pois segundo essas narrativas propagadas desde o século IX, a cada novo grupo anexado ao império russo há uma relação de **auxílio e cuidado** nos diversos contextos. Um exemplo disso é o caso da Geórgia, que ocorreu quando o Império *Czarista* já existia e o rei georgiano solicitou auxílio russo e em 1783 assinou o Tratado de Giorgiovski colocando voluntariamente a região sob proteção russa (Segrillo, 2012, p. 159).

As coligações durante esse período proporcionaram para os grupos uma maior segurança contra as demais comunidades, durante toda a minha pesquisa comumente eu encontrava certos conceitos e concepções dualistas, desse modo é incoerente falar sobre a URSS sem falar sobre o orientalismo. Said (2007) fala sobre a dicotomia entre ocidente e oriente, na qual coloca o primeiro como "civilizado", "normal", "científico", "democrático", etc. e o segundo como "bárbaro", "exótico", "bélico", "ditatorial", etc. essa dualidade colonizatória tornou-se a base discursiva para justificar as disputas entre ocidente e oriente, fundamentando a perseguição a essas sociedades.

²⁷ A atual capital do país Ucrânia.

²⁸ Nomenclatura utilizada para grupos da região, que são denominados como vikings (Segrillo, 2012).

Inicialmente muitos historiadores russos e soviéticos buscaram afastar os processos históricos do que seria o oriente, mas na década de 1920 iniciou-se uma corrente que analisava a região enquanto eurasianismo, assim eles focavam na natureza eurásiana da Rússia e URSS, identificando características europeias e asiáticas. Em seus trabalhos criticavam o eurocentrismo nas produções e enfatizavam as raízes asiáticas observando uma simbiose dos elementos europeus e elementos asiáticos (turcos, mongóis etc.), destacando essa mescla como a verdadeira riqueza soviética (Segrillo, 2012).

Há uma constante comparação entre o que ocorria na Rússia e no restante da Europa, Segrillo (2012) traçou que nos campos culturais e econômicos havia uma coesão até o surgimento do renascimento e iluminismo no século XVI, período que houveram uma série de progressos culturais, científicos, tecnológicos e econômicos, dificultando a troca entre esses dois polos. No caso da Rus' kievana sua importância estava atrelada a ser um centro para o comércio entre Ocidente e Oriente por meio dos rios Volga e Dniepre, sem um Estado centralizado ela era uma coligação de cidades-Estado administradas por integrantes da suposta dinastia de Rurik e que mantinham uma relação de vassalagem ao Grande Príncipe de Kiev.

Essa noção **conciliadora, coletiva e de auxílio entre diferentes grupos** desde esse primeiro momento histórico favoreceu para a construção do entendimento de que uma nação fica mais segura através de um Estado centralizado e era preciso evitar um Estado descentralizado, dado que ele seria incapaz de enfrentar ameaças militares maiores (Segrillo, 2012, p. 156-162). Assim, a origem Russa já surge alicerçada na união de diferentes grupos desenvolvendo um grande império em prol de apoio e proteção de uma única figura, Charaudeau e Maingueneau (2004) compreendem que não se pode analisar um discurso sem assimilar o agente produtor, logo no caso da *União Soviética em Foco* essa retomada histórica contribui para traçar a relação entre as sistemáticas governamentais, a produção discursiva da revista e a mensagem intencionada.

O mito da origem russa retoma constantemente a percepção de que o seu fortalecimento e a sua centralização estatal floresceram através de aproximações **amigáveis e estáveis**, contudo há a evocação das habilidades bélicas desde o princípio da sua história. Dessa forma, a imagem que vai se formando é de uma sociedade plural, forte, centralizada e que sempre se encaminhou a grandiosidade seja tecnológica, cultural, científica, bélica, política, econômica e territorial.

A *Glasnost* ficou mais conhecida na URSS, contudo Santos (2004) escreve que na década de 1960 a Europa estava apelando para uma transparência de documentos estatais, indo contra a confidencialidade e o secretismo característicos do Estado. Em 1979 o Conselho da Europa²⁹ aprovou a Recomendação 854 que exigia a introdução de um sistema de liberdade de informação para o acesso a documentos governamentais, contudo, conforme foram desdobrando esta recomendação definiram que o público seria aquele que tem cidadania europeia e reside em um estado membro. Gorbachov escolheu o termo e a implementação dessa política por dois motivos: o internacional, seguindo este movimento de mais de duas décadas, e a lógica interna, que se encontrava no quinto governo mais à direita do partido.

No caso da URSS, é importante falar sobre o termo *Glasnost*, pois quando falamos de discurso as palavras que o compõem devem ser observadas. O tradutor Boris Schnaiderman, aponta que a tradução desse termo é mais que transparência, pois no contexto russo seria "tudo é anunciado, em que nada pode ser escondido" (Schnaiderman, 1991, p. 01). Até a implementação dessa política havia análises feitas pelo PCUS sobre quais obras seriam divulgadas e publicadas na URSS, que deveria aprovar ou negar a sua circulação, logo a concessão desta abertura deveria estar estipulada no seu próprio termo, Schnaiderman (1991) escreve que o substantivo *glasnost* corresponde ao adjetivo *glásni* que é o que está ao alcance de todos, o público.

Franciscon (2016) escreve que a política da *Glasnost*, era a abertura de um governo tradicionalmente fechado à sociedade, liberdade de informação, de expressão e o acesso aos dados do Estado. A URSS existiu durante sessenta e nove anos, de 1922 até 1991, nesse meio tempo nove lideranças ficaram responsáveis por administrar e guiar uma nação continental. Após a Revolução Russa em 1917, responsável pela retirada do poder *czarista*, se instalou um mar de possibilidades, essa nação singular precisava de uma nova organização política, econômica e social, assim se determinou que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas seguiria um Estado unipartidário socialista com o Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

²⁹ Foi fundada em 1949, sendo a instituição europeia mais antiga que ainda está em funcionamento. A organização internacional é de personalidade jurídica e integra 46 estados-membros que atuam defendendo os direitos humanos, a democracia e o estado de direito (COE, 2015).

O primeiro encarregado foi Vladimir Ilyich Lênin (1922-1924), Krausz (2017) escreveu sobre ele e apontou o seu caráter revolucionário seguindo uma percepção marxista que visava a nacionalização das indústrias e dos bancos, expropriação estatal das terras, um governo proletário e a elaboração de uma sociedade socialista. Um dos primeiros grandes nomes soviéticos, auxiliou na construção dos princípios norteadores para a URSS estatizar serviços e empresas, ao mesmo tempo que manteve o decreto de 1917, o qual encerrou a atividade de diversos meios de comunicação.

Após a morte precoce de Lênin, em 1924, o PCUS estava com um impasse sobre quem seria o próximo líder³⁰ e durante esse momento instável ficou sob responsabilidade do antigo Ministro do Interior Alexei Rikov, que rapidamente se coligou a Josef Stalin. Logo, o tempo do seu mandato, que seria de 1924 até 1929, teve muita influência do Secretário-Geral do Partido Comunista, o tornando responsável por uma série de decisões (Heller; Nekrič, 2001).

Um dos nomes mais famosos ao se pensar na URSS é o de Stalin (1924-1953) que liderou a nação soviética por mais de duas décadas, mantendo-se no poder até 1953, ano da sua morte. Segrillo (2012) aponta que antes da revolução de outubro de 1917 Stalin era conhecido no partido como *praktik*, termo utilizado, pois ele não era um teórico, mas sim um organizador das atividades práticas partidárias (como assaltos a banco para a arrecadação de fundos).

Logo após a Revolução ele ocupou o cargo de Comissário das Nacionalidades, sendo importante durante a guerra civil; em 1922 foi nomeado Secretário-geral do Partido (cargo que havia sido recém-criado), essa decisão foi fundamental para a sua ascensão enquanto figura política. Segrillo (2012) continua, e aponta que este cargo era voltado a assuntos burocráticos e administrativos como o controle de nomeações, promoções, transferências etc, desse modo Stalin posicionou-se de forma privilegiada, pois tinha uma maior jogabilidade com os outros integrantes.

³⁰ Iniciou uma disputa interna entre duas visões políticas e logísticas sobre os caminhos que a URSS deveria seguir de um lado estava Leon Trótski defendendo a "teoria da revolução permanente" na qual ele seguia a premissa de que a revolução socialista deveria ser mundial, se não acabaria estagnando-se, assim a URSS se tornaria a base de disseminação (em diversos sentidos), pois se não o fizesse ela iria ficar isolada das potências capitalistas e cairia em uma burocratização. Do outro lado estava Josef Stalin que apoiava a "teoria de revolução em um só país" partia do entendimento que a revolução socialista mundial não estava acontecendo, logo a URSS não deveria forçar esse movimento e sim centrar-se na manutenção e sobrevivência do seu próprio regime socialista, para, em um futuro fortalecido poder focar-se na reavivação da revolução mundial (Segrillo, 2012, p. 303).

Service (2022) escreve que com um Estado cada vez maior, a quantidade de línguas, culturas e religiões aumentou, assim como a necessidade do desenvolvimento do senso de unidade, para isso tornou a língua russa obrigatória em todas as escolas, mas permitindo a continuidade das línguas regionais; promoveu funcionários de diferentes regionalidades; instalou políticas sociais mais conservadoras buscando uma população mais disciplinada.

Service (2022) ainda pontua que Josef Stalin personificou as dificuldades, problemáticas, conquistas e os sucessos da URSS, melhorou as relações diplomáticas com diversas nações, colocou a URSS como um dos países centrais na oposição ao nazifascismo da Segunda Guerra Mundial aumentando sua participação no cenário mundial, enquanto isso a população passava por grandes dificuldades causadas pela tática da terra arrasada. Geórgiy Malenkov (1953-1955) trabalhava com Stalin e após a sua morte se tornou o líder da URSS em 1953, durante o seu governo se posicionou contrariamente às armas nucleares e priorizou a produção de bens de consumo, mas no começo de 1955 renunciou o seu cargo como Presidente do Conselho de Ministros e Nikita Khrushchov o assume até 1964.

Segrillo (2012, p. 197) apontou que após o governo de Stalin veio um período confuso, do qual as lideranças seguintes não tiveram legitimidade para seguir um mesmo ritmo e, descontentes com as reformas radicais, tentaram revertê-las (sem um grande sucesso, pois a direção geral das reformas é mantida). Na história russa e soviética houveram ciclos com lideranças transformadoras, lideranças mais rígidas/centralizadoras e lideranças mais fragilizadas/instáveis.

O começo do governo de Khrushchov foi a partir de um secretariado com cinco pessoas, a imprensa observou que o discurso construído priorizou a Khrushchov que sempre estava na primeira posição seguido dos outros nomes em ordem alfabética. O seu governo ficou marcado com alguns episódios, sendo o primeiro deles o desenvolvimento do discurso anti-stalinista³¹ por meio de dados (apresentados primeiramente aos EUA e depois para a URSS) referentes ao governo de Stalin, ele aumentou as permissões da imprensa e se reaproximou do governo estadunidense estas atitudes resultaram na diminuição da sua popularidade (Silva, 2014).

³¹ Bertani (2021) escreve sobre o Discurso Secreto, uma fala de Khrushchov no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética sobre o governo stalinista. Reproduziu o discurso capitalista acerca de Josef Stalin definindo a sua liderança como insuficiente, falha e sanguinária.

Duarte e Martins (2024) escreveram que a administração do Nikita Khrushchov proporcionou uma série de alterações nas estruturas políticas, econômicas e das relações externas da URSS, ele diminuiu os 3.500 comitês distritais para 1.500 e assim difundiu o poder interno, pois estava visando uma redução na burocratização. Junto a isso, ele reduziu a perseguição, as extradições de e opositores e líderes políticos, já no âmbito econômico, ele dividiu os Partidos Comunistas regionais em duas secretarias: a primeira relacionada à indústria e segunda a agrícola, aumentando a autonomia, também criou 105 Conselhos Nacionais de Economia (*Sovnarkhozes*) distribuídos pelas repúblicas (eles controlavam cerca de 75% da produção industrial soviética).

Bertini (2021) aponta que Leonid Brejnev buscou a estabilidade e cautela por meio de um governo coletivo (de 1964 até 1982), contudo ele foi um secretário temeroso, que relevou e acatou os desejos alheios, priorizando-os, pois acreditava que os dois polos tinham a responsabilidade em impedir uma guerra nuclear, deixando a URSS estagnada. Iúri Andropov assumiu o comando do país de 1982 até o seu falecimento em 1984, ele foi indicado para o cargo, tentou reduzir a corrupção, melhorar a economia e a disciplina no trabalho estas ações seguiram uma sistemática que remetia ao stalinismo.

Konstantin Chernenko disputou com Andropov os cargos da chefia soviética, ele já detinha um grande poder no PCUS, mas recebeu a sua nomeação como Secretário-Geral da URSS em 1984 ficando no cargo até a sua morte em 1985. O seu governo seguiu a linha dos anteriores, visando reformas econômicas e aberturas políticas, conforme Bertini (2021). Quando Mikhail Gorbatchov assume a liderança da URSS em 1985 ele continuou os movimentos anteriores, instalando a *Perestroika* (reconstrução em russo) feita para democratizar as decisões no âmbito econômico e a *Glasnost* (transparência) feita para ampliar a autonomia da imprensa e expressão individual e/ou coletiva (Taubman, 2018).

Um ponto importante a se destacar é a aproximação de algumas lideranças com o jornal *Pravda*, uma produção criada em 1918 e que ainda está ativa. O foco político do jornal era propagar a percepção comunista e soviética para a população, assim Lênin participou da produção do *Pravda* utilizando-o como um espaço de ensino e disseminação (Krausz, 2017). García (1988) escreve sobre a relação de Lênin com a imprensa, pois desde o século XIX ele voltou-se à confecção de textos para diferentes jornais, criando diversos periódicos russos e depois soviéticos.

Stalin havia participado da equipe do jornal *Pravda* e compreendia que a consolidação de uma nação demanda uma convergência entre o governo e a população, deste modo as produções educacionais e culturais auxiliam ou dificultam neste processo, há uma importância para a construção de discursos em prol da unidade, logo desenvolveu uma cultura geral, propagada nas escolas, jornais, revistas e em todos os produtos culturais (Service, 2022).

O autor ainda pontua que Geórgiy Malenkov também atuou no jornal e trabalhou como editor, seguindo os passos de Stálin. O periódico teve um grande papel na formação soviética, Nikita Khrushchov foi leitor ativo do jornal, utilizando-o mesmo em manifestações antes de subir de cargos no PCUS (Silva, 2014).

É relevante pontuar a ligação das lideranças soviéticas com a produção de um dos maiores jornais desenvolvidos pelo Partido, pois salienta como a construção do discurso da imprensa soviética era estruturado de forma intencional. Lênin defendia que os revolucionários deveriam incentivar e auxiliar o desenvolvimento da consciência de classe³², pois a população teria de compreender tanto a si próprio como os seus contextos e o sistema que estão inseridos, assim a imprensa seria uma ponte, um tribuno do povo para que se pudesse propagar as percepções e ideais revolucionários.

Lênin (2020) retoma que toda luta de classes é uma disputa política, no sentido de que o embate dos trabalhadores contra os capitalistas necessariamente se converte em confronto político na medida que se transforma em luta de classes e a tarefa da social democracia consiste em tornar essa oposição espontânea contra seus opressores em uma luta de toda a classe através da propaganda, da agitação e da organização dos trabalhadores, assim o enfrentamento seria através de um partido político determinado por ideais políticos socialistas definidos.

Para Lênin, não basta o desenvolvimento teórico, era necessário pensar nas ações possíveis, então a imprensa está neste lugar, mais do que isso, é por meio destes veículos que o Partido poderia se unificar e propagar a si, centralizando tudo, Lênin (2020) visualiza o Partido como um edifício e a imprensa como um andaime que vai interligando todos os pontos, tornando-se um **organizador coletivo** de células espalhadas por toda a Rússia, URSS. O jornal buscava desenvolver uma

³² Lênin (2019) defendia que a transformação do sistema virá com o proletariado ocupando o papel dirigente ao encontrar a sua vocação classista revolucionária. Na luta contra o sistema capitalista os trabalhadores irão se instrumentalizar, construindo e desenvolvendo a consciência de classes.

relação dialética com a classe trabalhadora, aproximando o PUCS à população ao mesmo tempo que auxiliava a sua instrumentalização.

Wolikow (2013, p. 314) escreveu que: “A URSS, onde se forja o modelo do Partido-Estado, constitui sozinha um caso específico, que determina formas transpostas, senão impostas, aos outros partidos comunistas, mas desenvolve igualmente estruturas arraigadas na história russa”, assim há um movimento de combinação entre a história russa/soviética, a estruturação da URSS, as ações do Partido e o propagandeamento do ideal comunista. Na edição de nº 59, ano V, novembro de 1987 há a reportagem “Amizade dos Povos: Uma revista que integra as repúblicas” sem autoria o texto discorre sobre a reunião de Mikhail Gorbachov com dirigentes dos meios de comunicação e das uniões artísticas da União Soviética, para uma troca de opiniões sobre o papel da imprensa, do rádio e da televisão na renovação.

Nos trechos em **negrito** o discurso histórico sobre a URSS ecoa características e percepções de uma nação amiga e parceira desde o seu mito de origem, Morais (2022) escreveu que o Estado soviético associou a ideia de amizade entre os povos com os princípios socialistas que os regiam. Zobotkina (2024) pontuou que uma mensagem, um discurso, uma narrativa para serem lidas e entendidas como verdadeiras ou falsas dependem do seu narrador e quando isso é passado para as mídias, há o uso de termos e palavras emocionantes, remetendo ao sentimentalismo, ao entendimento negativo ou positivo dos tópicos abordados.

Posicionado na página de número dezessete, o texto traz um relato misturado com falas dos participantes e em conjunto com fotografias tiradas no mesmo dia disponibilizadas pela Agência *Novosti* as imagens ocupam entre um terço até metade de cada uma das três páginas. Abrindo a página dezessete, há uma fotografia em preto e branco com dezesseis pessoas sentadas na volta de uma grande mesa redonda em primeiro, plano ao lado direito, está Gorbachiov e os dirigentes, em segundo plano, sentados em meia lua conversando.

Há uma falsa sensação de integridade e coletividade na imagem, pois mesmo que estejam todos próximos, não há igualdade entre os membros retratados, uma vez que a mesa comportaria todos os indivíduos ali presentes, mas ocorre uma separação conforme as funções dos trabalhadores. Com uma escala escura, podemos observar uma sala arredondada, com o pé direito e aberturas altas, na

parte de cima há a ponta de um lustre e ao nível do olhar se tem um grande painel com quatro divisões, apresentando fotografias soviéticas o título: “os idosos”³³.

Figura 2: Encontro entre Gorbatchov e os dirigentes dos meios de comunicação e das uniões artísticas da URSS.



Legenda: O pessoal da redação de Drujba Narodov reunido com professores da língua russa, entre eles latino-americanos, na Casa da Amizade e Relações Culturais com países estrangeiros.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 59, ano V, novembro de 1987, p. 17. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Uma das primeiras informações cedidas é que a *Glasnost* permitiu o retorno de obras que até então estavam injustamente esquecidas e durante anos foram negadas ao leitor e que a partir desta mudança todos poderiam acessá-las de forma inédita. A escolha do termo destacado possibilita um posicionamento da *Novósti* referente às ações anteriores do PCUS, que deixou estas obras escondidas, negando ao público o seu acesso.

O governo e o Estado soviético são delineados a partir de um molde controlador, mas ao mesmo tempo é dito que por meio das novas políticas haverá uma nova nação. As mesas redondas ocorriam para discutir problemas graves que envolviam a imprensa soviética e como a revista “A Amizade entre os Povos”³⁴ acompanhava o desenvolvimento da nação há 15 anos, foi considerada como uma peça fundamental nesta discussão.

O discurso presente, indica como estes momentos de trocas são um avanço e o caminho correto para a democratização da URSS. A *União Soviética em Foco*

³³ Tradução nossa feita por Moraes (2025).

³⁴ Esse termo tem uma relação histórica com o mito de origem russo/soviético, desenvolvido no terceiro capítulo.

(nov./1987, p. 18) ainda traz que estas alterações agregam para todo o sistema soviético, pois antes os funcionários se preocupavam com o tempo que levava, para mostrar às autoridades o resultado dos serviços, sem se importar com o depois, com as consequências, assim a atenção era no desenvolvimento imediato, sem considerar as sequelas a longo prazo.

A equipe discutiu sobre como selecionar as obras artísticas que poderiam circular na URSS, apontando que prezavam pela boa tradução, que transmitissem as nuances do original, para a literatura de qualidade que refletiam o panorama do desenvolvimento histórico dos "grandes" e "pequenos" povos. A revista "A Amizade entre os Povos" estava ativa há 50 anos e tinha como objetivo de facilitar a interação das culturas nacionais (que eram mais de 100 nações e etnias) o editor-chefe ainda diz:

As dificuldades são muitas. Por exemplo, chega à redação vasto material sobre os "fenômenos negativos", o que é, claro, uma reação ao longo período de "embelezamento" da nossa vida. Há dias em que querem aproveitar a transparência informativa em interesse próprio, fabricando às pressas obras atrevidas ou superficiais. Mas há também os "positivistas". Rejeitamos sem piedade os serviços de ambos. Queremos apresentar ao público leitor obras que reflitam o profundo processo de renovação, incluindo suas dificuldades. (*União Soviética em Foco*, nov./1987, p. 17)(grifo da autora).

No trecho sublinhado o foco das frases é a ação da população soviética, que estava dividida sobre as mudanças das mídias soviéticas, o editor-chefe pontua que "ambos os lados" agem de forma incorreta, tentavam se aproveitar deste novo momento. A parte destacada entra debate com o que foi apresentado anteriormente, pois ao contrário do que os soviéticos tentavam fazer, a revista, de forma honesta, não quer influenciar as suas produções (posicionamento de todos os outros veículos de informação soviéticos retratados na *União Soviética*), trazendo a ideia de quem está consumindo aquele discurso pode fazê-lo de modo tranquilo.

A URSS representava e compunha-se de um sistema único, com situações ímpares, o processo de abertura cultural foi um abandono de um dos princípios comunista/soviético, que entende o poder da imprensa como um agente a favor ou contrário ao Estado. Sotana (2014) traz que as palavras empregavam um local importante nos embates travados na Guerra Fria, a utilização das mídias fazia toda a diferença nessa disputa, até onde se conseguia levar o seu discurso, no caso do Brasil a temática da Guerra Fria ocupou um espaço na imprensa desde 1949.

Inicialmente os jornalistas perceberam os embates políticos entre as potências, mas é quando a imprensa brasileira começa a consumir serviços prestados pelas agências internacionais alimentando os redatores e jornalistas a produzirem artigos, colunas, capas e reportagens com pautas pré-selecionadas.

Dessa forma, a *Glasnost* trouxe um novo olhar internamente e externamente, na reportagem é dito que a URSS estava articulando o modelo universal do internacionalismo, um protótipo das futuras relações entre as pessoas, pois: “as nações devem aprender umas com as outras, entender-se e ajudar-se mutuamente. Pretende-se criar uma comunidade preservando-se a individualidade.” (*União Soviética em Foco*, nov./1987, p. 18)". Esse recorte traz muito sobre as intenções do termo “Amizade entre os povos” havia revistas, prêmios, instituições de ensino que carregam este nome ou este princípio como pilar dos quais buscavam a aproximação de nações³⁵.

Ainda apontou que não sabe quantas vidas se tornaram mais razoáveis e honestas por causa da sua revista, mas é notável que a moral da sociedade está mudando as pessoas, salientou que a revista sempre procurou influenciar os acontecimentos nacionais, editavam obras "espinhosas", mas baseadas em material verídico, pois os mestres da literatura criticavam a queda moral, a burocracia, o desrespeito à história e à nossa cultura: "A literatura publicitária é a primeira trincheira da frente literária. Ela fez muito para despertar o civismo nas pessoas (*União Soviética em Foco*, 1987, p.19)". A *União Soviética* foi uma produção cultural da URSS, para Marx a cultura poderia ser estética, dominada pela arte ou "todo o modo de vida" de uma sociedade formada de modo idealista baseado em significados e valores, é no meio destes dois que está o conjunto de sentidos que empregamos pelo pensamento, materializado nas instituições humanas (Bottomore, 1988).

Essa dicotomia está presente na teoria de Lênin, ligada ao conceito de “modo de vida” (byt), de uma forma que se aproxima bastante do antigo sentido de cultura como Bildung (A Constituição da República Democrática Alemã, por exemplo, inclui não só as artes, mas “a cultura física, o esporte e o turismo” como “elementos de cultura socialista”) (Bottomore, 1988, p. 156-158). É com o teórico marxista Antonio Gramsci que a conceitualização de cultura é melhor desenhada, ele a compreende como uma "concepção de mundo", ao mesmo tempo que é o modo que o homem e

³⁵ No caso da premiação, os vencedores deveriam defender os princípios comunistas soviéticos.

a realidade são mediados pela tecnologia, há uma grande influência da religião, dos princípios éticos que resultam no modo de viver, no comportamento cívico e individual. A cultura é um mundo por si só, que tem a sua organização e sistematização e é comandada por uma camada intelectual, que exerce funções organizativas/administrativas para a produção destes materiais, que carregam um discurso político e ideológico (Liguori; Voza, 2017, p. 334-337).

A entrevista de Vladimir Orlov, “O vídeo já atrai o jovem estrangeiro”, presente na edição de nº 64, ano VI, abril de 1988 traz os estudantes da Universidade de Moscou, García Ramos Crisanto (colombiano), Josué Gonzalez (mexicano), Mariel Abad Ramirez (cubano), Angela Maria (colombiana), Carlos Peña (uruguaio), Regina Célia Almeida da Silva (brasileira), Almo Tablada (nicaraguense), Francisco Rodríguez (peruano) para apresentarem os seus pontos de vista sobre a *Glasnost*.

Todos apontam pontos positivos, falando na melhoria do dinamismo, apresentação cultural diversificada da URSS, da abertura para debates com a população, boas músicas, mas ainda falta uma presença estrangeira. Seguindo as perspectivas individuais, a reportagem cria um leve debate, regado de elogios aos soviéticos, cada um dos estudantes aponta o que considera ser o melhor. Alguns é a perspectiva internacional, os horários dos programas, a variedade, os desenhos infantis, a dedicação aos acontecimentos internacionais, as críticas a grandes nomes da política soviética, somente Francisco diz que acha a informação sobre os países latino-americanos genérica e voltada aos problemas estatais, deixando de lado outros aspectos:

Se os programas dedicados aos acontecimentos internos denotam a influência da *perestroika* e da *glasnost*, o mesmo não acontece com o noticiário internacional, onde muitas vezes se sente indecisão dos comentaristas e falta de discussão. (Orlov, abr./1988, p. 15).

A entrevista insere poucos pontos de oposição, deixando meia página para isso, e mesmo o que foi selecionado como crítica ainda apresenta algum elogio, o mesmo garoto pontua que é um grande fã das pontes televisivas, "muito interessantes, sobretudo quando se trata de um diálogo entre Moscou e Washington" (Orlov, 1988, p.15), aponta que é a conexão dos dois continentes e o meio dos cidadãos poderem se ver. O discurso traz para os leitores uma percepção de como as políticas de abertura são o caminho para a solução dos problemas soviéticos, é o meio da igualdade, de uma suposta equidade.

A entrevista vai expondo diferentes pontos sociopolíticos da realidade soviética e latino-americana interligando com as opiniões dos entrevistados que dizem que as revistas têm um traço característico: abordam de perto e de forma profunda aspectos pouco conhecidos da história da URSS, no espírito da *Perestroika*. Escrevendo informações novas para os leitores, as revistas aumentaram sua tiragem, como aumentou a quantidade de cartas para o seu editorial, a *União Soviética* concluiu que a *Glasnost* é o meio da *Perestroika*.

Quatro meses depois na edição de nº 68, ano VI, agosto de 1988 saiu uma entrevista feita pelo repórter da *Novosti* Viktor Malukhune chamada “O Senhor *Glasnost*”, que é uma entrevista com Vitali Korotitch o redator-chefe da *Ogoniok* (Labareda), uma revista semanal ilustrada, com 1.800 milhões de assinantes e foi a primeira a compreender o espírito da *Perestroika* e praticar a *Glasnost*.

A *União Soviética* segue um padrão ao falar sobre uma persona em específico: ela sempre traz um relato da sua história e como ela auxilia para a visão soviética na URSS através do seu trabalho. No caso de Korotich ele tinha a formação de médico e escrevia poemas, assim foi convidado para dirigir revistas, um de seus pilares era não mentir, sem reportagens sensacionalistas, se baseava no ponto de vista dos leitores.

Korotich (ago./1988, p. 10) aponta que o tema proibido em época de *Glasnost* era a impossibilidade de questionar o ponto de vista do órgão central do Partido, uma decisão do órgão colegiado era obrigatória, mas quem poderia dizer sobre um artigo do *Pravda* (Verdade) como ele deveria ser? Vitali Korotitch se definiu como militante do PCUS e dizia respeitar o princípio do centralismo democrático, logo, para ele, um diretor deveria polemizar com qualquer órgão de imprensa, já que deveriam ter opinião própria.

Para tal, eles estavam reorganizando a estrutura da redação, na qual quem não sabia trabalhar sairia, quem ficaria dividiria entre si os salários, buscando estimular o trabalho de qualidade eles pagariam dois ou três salários aos jornalistas, para interessá-los materialmente, pois: “é impossível trabalhar só por gosto. O salário deve corresponder tanto ao trabalho como à responsabilidade (Korotitch, ago./1988, p.11)”, esse discurso liberal, que defende a diminuição da mão de obra, possibilitando a sua exploração.

Ele era um antistalinista assumido e defendia o combate ao “fenômeno tão monstruoso e criminoso como é o “culto da personalidade” (Korotitch, ago./1988, p.10) e critica a postura governamental em dizer:

"Nós, os soviéticos...", **"Nós os comunistas..."**, **"Nós, como todo povo soviético..."**. Agora, vejam como fala Gorbatchov: "Eu creio...", "A meu ver...". Os que o criticam começam sempre com as palavras **"Nós, os soviéticos..."**. É curioso, não é? Creio que a nossa democratização é uma luta contra a despersonalização e pela realização das capacidades individuais do homem. Sou a favor da responsabilidade pessoal e da opinião individual. É por isso que abrimos nossas páginas às pessoas que têm opinião própria e não sentem medo de expressá-la. (Korotitch, ago./1988, p.10) (grifo da autora).

Eu destaquei trechos em negrito e sublinhados para evidenciar a oposição construída no discurso dele, ele opõe o coletivo com a individualidade (dualidade lógica), mas nesse caso ele defenderá a individualidade (passagem em itálico).

Mouffe (2017) escreveu que não há um discurso sem uma intenção, uma perspectiva política, desse modo, quando ele contrasta essas duas sistemáticas linguísticas ele contrasta duas sociedades soviéticas: a que é coletiva e segundo ele ditatorial, rígida, criminoso, danoso e a que é individualista, democrática, livre e (incoerentemente) popular. Com uma postura séria, vestindo uma camisa social, um terno e gravata, o “senhor *Glasnost* ” é apresentado na primeira página, abaixo do título da reportagem em um tamanho menor que uma foto 3x4. No outro extremo da página está a sua revista, a *Ogoniok* (Labareda) com a sua última capa, em preto e branco (ao contrário da maioria das publicações apoiadas pela URSS, todas as fotografias desta entrevista são menores que os demais textos analisados e não contém legenda ou grandes explicações no texto, algo incomum para a *União Soviética em Foco*.

Figura 3: O Senhor *Glasnost* e a sua revista.



Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 68, ano VI, agosto de 1988, p. 10. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A entrevista é encerrada com Vitali Korotich se defendendo dos pedidos populares para o desligarem do PUCS dizendo que os adeptos à reconstrução são mais tolerantes e com visão. Hobsbawm (2008, p. 466) escreve que para os reformadores, a *Glasnost* era um programa muito mais específico que a *Perestroika*, pois significava a introdução, ou reintrodução, de um novo Estado com liberdades civis e com uma constituição baseada no império da lei para tal era preciso separar o partido e estado terminando com o sistema unipartidário e com o “papel condutor” do partido.

A linguagem utilizada na revista foi desenhada para positivar o processo de abertura, aproximando as mudanças para o crescimento e melhoria soviética, por causa da *Glasnost* há mais tranquilidade e alegria. Essa lógica é vista na edição de nº 71, ano VI, novembro de 1988 com a reportagem fotográfica "Festa da imprensa, festa da "Glasnost" escrita pelo correspondente da *Novosti* Vilnius, que estava na capital da Lituânia, ele abordou que a URSS tem uma equipe de 100 mil jornalistas soviéticos e milhões de correspondentes *free-lancers* de jornais e revistas, o grupo reunia-se com leitores para discutir sobre os problemas da imprensa com críticas e propostas de como deve ser a sua atuação nos jornais à serviço da *Perestroika*:

Hoje, a imprensa soviética é um instrumento eficaz da **transparência e da democracia**. Protege as pessoas de injustiças e perseguições, apoia tudo o que existe de inédito e progressista, atuando em aliança com os partidários da *perestroika* que querem mudar drasticamente a vida social do país. Ultimamente, a imprensa conquistou um incrível prestígio junto aos leitores, o que se reflete no

fato de ter aumentado rapidamente a tiragem anual dos jornais em mais de 20 milhões de exemplares. No momento a tiragem de 20 milhões de exemplares. No país ultrapassa 180 milhões de exemplares diários (Vilnius, nov./1988, p.09) (grifo da autora).

Segundo a *União Soviética*, no trecho em negrito, a imprensa é o instrumento para a democracia, utilizada para esse projeto político, logo, a partir dessa passagem pude fortalecer a premissa que os discursos da revista eram construídos fundamentados pela defesa das aberturas. No trecho sublinhado o viés propagandeador evoca um histórico ruim com as perseguições e injustiças em oposição a *Glasnost*, que foi a responsável por liberalizar as falas dos jornalistas, ela foi a causadora do aumento de interesse soviético, algo inédito e totalmente progressista.

Por ser uma fotorreportagem a maior parte das duas páginas é ocupada por uma única fotografia tirada na Festa da Imprensa, com uma grande quantidade de jovens comemorando a festividade, há aproximadamente vinte pessoas em cima de uma edificação. Evocando uma sensação de alegria e satisfação, o discurso construído opera através dessas emoções, logo, a narrativa associa as aberturas ao progresso, à democracia e ao coletivo (afinal as tiragens aumentaram, os jovens estão nas ruas).

Figura 4: Comemoração jovem.



Legenda: A participação dos jovens na festa foi maciça e demonstrou o crescente interesse deles pela imprensa.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 71, ano VI, novembro de 1988, p. 08-09. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPEl.

Com música e muitas demonstrações artísticas, há festas para a imprensa em todo o território soviético, chamando os jovens para essa nova fase, aproximando-os com tais ideais. Mesmo com uma fotografia em preto e branco, a *Novósti* procura a variedade de estilos, gostos e figuras, todas juntas e envolvidas pelas políticas de abertura.

Opondo-se a esta imagem, na edição de nº 77, ano VII, publicado em maio de 1989, a entrevista "A "Glasnost" chega às penitenciárias", ocupa meia página e traz uma única fotografia, sem legendas ou informações a câmera foi posicionada num nível mais baixo, como se estivesse olhando para cima, onde paira um detento soviético que quase sai do alcance da lente, mas é registrado de uma forma pensativa.

Figura 5: A parte interna de uma prisão soviética.



Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 77, ano VII, maio de 1989, p. 25. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A entrevista foi publicada inicialmente no jornal *Sovetskaia Rossia* (Rússia Soviética) e é um fala do General Ivan Katarguin chefe da Direção dos Estabelecimentos da Correção do Ministério do Interior da URSS sobre os presídios soviéticos, que tinham muitas restrições aos direitos e interesses dos presos:

A legislação em vigor, segundo o general, limita o direito dos reclusos de enviar e receber cartas. Além disso, os dirigentes dos

estabelecimentos de correção podem punir os presos impedindo-os de receber visitas de familiares ou ver filmes exibidos na penitenciária. A nova legislação continua a ser severa em relação aos criminosos, mas estabelece condições mais humanas para a maior parte dos reclusos. (Katarguin, mai./1989, p.25).

A imagem soviética internacional envolvia a relação dos seus líderes com a censura e a perseguição dos opositores, era muito forte a percepção de que os presos da URSS ou estavam nesses espaços de forma injusta ou eram extremamente perigosos. Em uma rápida busca na internet encontrei uma série de reportagens sobre as prisões soviéticas, resumidas aos campos de concentração, a BBC publicou no dia 21 de agosto de 2017 o texto: "Fui presa por contar uma piada: os milhões enviados a campos de concentração soviéticos"³⁶ de Sarah Rainsford. O texto da BBC foi feito vinte e nove anos depois e usa de um discurso anti-soviético, pontuando uma repressão muito intensa e sem lógica, contudo no texto da *União Soviética* já se apresenta um cuidado com a melhoria de vida dessa população por meio da *Glasnost*.

A *Glasnost* chegava em todos os âmbitos da realidade soviética, inclusive no campo científico, na edição de nº 88, ano 8 de abril de 1990 traz a reportagem "Glasnost" leva URSS a reformular programa espacial", de Mikhail Tchernitchov, relatando um dos grandes objetivos da cosmonáutica soviética era "o vôo do homem a Marte", sem preocupações com os gastos, por causa da *Perestroika* e da *Glasnost* os trabalhadores analisaram mais meticulosamente os projetos, para darem preferência aos que podiam dar resultado prático. Por causa da pressão pública o Ministério da Maquinaria Geral da URSS divulgou que em 1989 as despesas para a exploração do cosmos totalizaram em 6.9 bilhões de rublos (400 bilhões de cruzados novos), dos quais 1,7 bilhão (105 bilhões de cruzados novos) para programas civis, 3,9 (230 bilhões de cruzados novos) aos militares e 1,3 (80 bilhões de cruzados novos) ao sistema de Energia-Buran.

No mesmo ano, os EUA gastaram 29,6 bilhões de dólares (1.740 bilhões de cruzados novos), em que 22,8 bilhões para militares, 3 bilhões para programas civis e 3 bilhões para ônibus espaciais. Especifica os gastos da URSS, que foi através deste trabalho soviético que a televisão é possibilitada e que a partir de 1992 os programas serão conforme o fuso horário, houve um grande foco nos satélites e nos

³⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40982426>. Acesso em 24 de março de 2024.

seus desenvolvimentos e um planejamento de anos: até 2005 de pesquisas, projetos e ações, deixaram como objetivo chegar em março de 2015-2017, apontaram como o desenvolvimento para a cosmonáutica permitia a venda e comércios tecnológicos com todo o globo, logo apontam que não é possível determinar o que é importante e o que não é e finalizam dizendo que havia o plano de ação conjunta da URSS e EUA para levar o homem a marte.

O texto reconhece a diminuição da influência e do domínio soviético, contudo o discurso principal nessas reportagens é sobre a esperança trazida pela *Glasnost*, como poderiam auxiliar a chegada da democracia. Adorno (2024) pontua que na cultura contemporânea as diferentes mídias irão agrupar-se em um sistema, no qual cada setor se harmoniza em si e todos entre si, logo as manifestações estéticas e discursivas, mesmo quando antagonistas celebraram o seu sistema.

Bottomore (1988) traz que Marx entendia a cultura como uma produção da classe dominante, produzindo ideias alienantes, que visam a manutenção do *status quo* e é o entendimento de Gramsci (Liguori; Voza, 2017) da sociedade como um local de disputa, com a cultura sendo um dos modos de manutenção e embate, a imprensa sustentando e amplificando a ideologia do seu produtor auxiliam a entender como o discurso da revista tem a intenção de aproximar a visão liberal aos apoiadores da visão soviética.

1.3. A Imprensa servindo ao Estado

Desde a Revolução de 1917 há a associação entre produções com a luta política, na qual entende a organização e a confecção de um livro, de uma revista como uma arma política e utensílio para a educação popular, tal ligação desenvolve no projeto de revolução cultural, enfatizando ao caráter pedagógico da leitura, como mostra Wolikow (2013, p.314). Sendo uma grande ferramenta, a utilização de panfletos, livros, revistas, jornais e outros materiais, colocou-se ao movimento soviético como um de seus pilares, tanto para a propagação de seus posicionamentos, como para o propagandeamento do cotidiano.

As revistas têm esse caráter de educar politicamente e culturalmente e, segundo Gramsci, ela deve ser: “fortemente organizada, de modo a produzir um

trabalho intelectual homogêneo” (Manacorda, 2019, p. 132). O autor italiano era integrante do Partido Comunista Italiano, por causa disso visitou a URSS em momentos distintos da sua vida, para trocar percepções e interpretações do movimento transgressor.

Adorno (2024, p. 11) traz que há diferentes produções em decorrência do seu valor monetário, assim ele as dividiu entre as de classe A e de classe B, o objetivo era classificar, organizar e padronizar os seus consumidores, com isso feito, Adorno observou que a Indústria Cultural desenvolveu um discurso de semelhanças e diferenças entre ambos naturalizando e tornando-se mais palatável ao público. Dar aos consumidores diferentes produtos com diferentes valores constrói uma falsa sensação de escolha, liberdade e hierarquia, logo escolher consumir um produto produzido pela URSS, ao invés dos EUA poderia dar uma sensação de que o discurso consumido não seria favorável ao sistema capitalista, entretanto, no caso da *União Soviética* observo um reforço aos princípios do capital.

Uma característica comum aos militantes comunistas no século XX era a sua participação em algum jornal, revista ou editora vinculada ao Partido, pois as ideias revolucionárias só seriam compartilhadas através da imprensa. É nesse contexto que a *União Soviética em Foco* surge, de uma nação controlada por um grupo de pessoas que entendia a magnitude de uma revista e como o conteúdo exposto ali poderia influenciar na percepção social, cultural, política e econômica.

Para Gramsci (1995) a imprensa faz parte dos meios de comunicação que são um dos aparelhos privados de hegemonia, responsáveis por vincular as ideologias capitalistas. Partindo do bloco histórico, a concepção de mundo capitalista de uma classe é passada para as outras, tornando-a hegemônica, assim, independentemente da classe os indivíduos olharam para o mundo através da ótica burguesa.

A manutenção, naturalização e enraizamento dessa visão de mundo é através da coerção e do consenso, para isso acontecer Gramsci (1995) (2007) pontua que há uma divisão entre estrutura e superestrutura. A primeira abarca o âmbito econômico, seria o objeto em si, enquanto o segundo é o conjunto de ferramentas utilizadas para a sua naturalização, como se fossem cavaletes sustentando a estrutura e assim mantendo e enraizando a visão de mundo burguesa.

Gramsci (2007) concorda com a perspectiva material de Marx e Lênin, contudo acrescenta a questão superestrutural, pois para ele a materialidade é sustentada pela superestrutura. Então, no conceito de estado ampliado a estrutura seria a sociedade política, com o estado propriamente dito, as leis, o judiciário e a polícia (que juntos praticam a coerção) e a sociedade civil, que por meio da ideologia, do convencimento, o consenso entre as classes ocorre, assim a sociedade adere voluntariamente e a superestrutura seria a base para essas dinâmicas se colocarem.

Gramsci (1995) compreende que dentro da sociedade civil estão os aparelhos privados de hegemonia, como por exemplo a escola, a igreja, a arquitetura e os meios de comunicação. Assim, os produtos midiáticos agem constantemente para a propagação e manutenção da estrutura hegemônica capitalista, integrando todas as esferas do dia-a-dia.

As relações humanas são permeadas por diferentes aspectos, dos quais interseccionam-se gerando produtos, ao mesmo tempo que são influenciados por eles, a cultura é uma expressão da sociedade sendo ampla, móvel e com especificações que estão presentes em uma rede estando interligada com a hegemonia e o discurso (Liguori; Voza, 2017, p.334). Dentro destas percepções está a imprensa, inserida na sociedade de forma aprofundada, por isso teve seu papel muito discutido por diferentes pensadores durante os séculos XX e XXI compreendendo a sua participação de diferentes formas, por ser uma produção cultural a *União Soviética em Foco* estava embrenhada na sociedade soviética e buscava fazer o mesmo na sociedade brasileira.

Na edição de nº 69, ano VI, de setembro de 1988, há a entrevista: "Dina mostra "Glasnost aos brasileiros" relatando sobre a atriz brasileira Dina Sfat que ficou aproximadamente um mês na URSS, para produzir um especial sobre a cultura soviética durante a *Perestroika*. Produzido e transmitido pela TV Globo, a atriz aponta que foi uma descoberta sobre como o novo estava surgindo por causa da liberdade e uma confirmação que este novo retoma a herança legada, via que o seu papel é mais um passo para o intercâmbio de brasileiros e soviéticos nas artes e na cultura "pois é através delas que aproximaremos mais nossos corações" (Sfat, set./1988, p. 31).

O especial foi ao ar em junho de 1988 e tinha a previsão de ser lançado em videocassete pelo Globo Repórter, neste intercâmbio cultural a atriz conversou com

o diretor de teatro Nikolai Gubenko definido como "um dos mais tradicionais e revolucionários, revolucionário tanto na consciência da arte como na criação" (Sfat, set./1988, p. 31). A entrevista descreve que ela falou por horas sobre a viagem, atraída pelos processos que estavam acontecendo:

À *glasnost*, à transparência que abre os corações e mentes, permitindo a livre circulação de idéias, o debate frutífero, a correção do que está errado e o desabrochar da criação. [...] A *perestroika*, a *glasnost* atraem-me, com toda a carga de democracia e liberdade que elas encerram. Liberdade que para a cultura, para os artistas é como o pão de cada dia. (Sfat, set./1988, p. 31).

Mouffe (2017, p. 56) diz que o antagonismo e o conflito são categorias centrais do político, os indivíduos colocarão seus interesses, a razão e suas paixões nesse discurso, para comprá-lo como um todo. A democracia ocorre com a despersonalização do poder, ao mesmo tempo em que se faz a historicização dos fins da sociedade, colocando o povo como soberano (Mouffe, 2017, p. 83).

Antes da URSS ser a Rússia, ela ficou sob domínio dos mongóis, por mais de duzentos anos de contato que moldaram o Estado, tornando-o mais centralizado, com técnicas administrativas avançadas com uma burocratização centralizada (sendo mais eficiente que a organização mais ampla da Rus'kievana), a organização Rus continuou existindo, enquanto o Estado convertia-se em uma sistemática centralizada adotando técnicas administrativas avançadas dos mongóis. Assim, os laços de vassalagem, responsáveis pela união das cidades-Estados foram cortados, e enquanto estava sob o domínio o Grã-ducado de Moscou³⁷ tinha o Estado centralizado e forte (chamado de *gosudarstvo*) iniciando um império igual, florescendo a civilização e sociedade russa (Segrillo, 2012, p. 192), um dos exemplos da influência mongol na está em palavras de cunho econômico-burocrático como por exemplo *kaznachei*, que é "tesoureiro" e *kazna*, que é "tesouro".

Em 1480 o líder moscovita Ivan III, o Grande derrotou os mongóis, para as gerações futuras que para o imaginário russo essa ação foi retratada como valorosa e épica, o colocando em um arquétipo heroico, tal qual Gengis Cã para os próprios mongóis e o Drácula para os romenos. O autor pontua ainda que a narrativa

³⁷ Segrillo (2012) no livro "Os Russos" retoma a história desse povo, pontuando constantemente o caráter de liderança e hegemonia de Moscou, responsável pela centralização política, econômica e administrativa durante os diferentes períodos.

propagada tanto pela população como por historiadores russos nacionalistas segue o entendimento que ele foi a força motriz definitiva para a centralização Estatal e assim possibilitou o desenvolvimento do império (Segrillo, 2012).

É com o Ivan IV, o Terrível, que o Império *Czarista* começou a ser mais estruturado, pois é ele quem inicia a anexação de novas regiões, cruzando o rio Volga e esse movimento manteve-se durante os outros governos, com períodos mais expansionistas que outros. Segrillo (2012) escreveu que a primeira vez que houve uma coroação imperialista na Rússia foi com Ivan IV, durante o seu governo a unificação e centralização foi firmada e para tal houveram mudanças na estrutura política ao mexer nas relações de poder dos *boiardos* (nomenclatura para a nobreza feudal), inicialmente o imperador deveria seguir a *duma* (a assembleia dos *boiardos*), contudo quando ele assumiu o poder pleno mudou o funcionamento político.

A dinâmica governamental *czarista* era composta por elementos monárquicos, aristocráticos e democráticos misturados: no âmbito monárquico havia um líder principal, que deveria ser da casa de Rurik seguindo uma tradição sanguínea e incontestável; na esfera aristocrática funcionavam as *dumas*, que eram conselhos de *boiardos* ou príncipes, introduzindo a nobreza na administração do país, para impedir que o Grande Príncipe³⁸ se tornasse um autocrata; e por fim no campo democrático haviam as *veche* que eram assembleias das quais todos os homens livres poderiam participar e votar sobre temáticas e às vezes cargos políticos. Desse modo, o sistema imperialista unia diferentes métodos para a administração do seu território, em conjunto com uma tradição regional de expansionismo ocorreu uma naturalização de estados centralizados e personificados, que por vezes estava em diálogo com outras dinâmicas governamentais.

Dezoito anos depois de assumir o cargo de imperador, Ivan IV dividiu o império *czarista* em dois a primeira parte chamada de *oprichnina*, era administrada pelo próprio, sem intervenções da nobreza e a *zemschchina*, que seguia a logística dos boiardos, ainda acontecendo a *duma* e possibilitando aos nobres algum poder político, entretanto, em 1572 essa divisão é anulada e o *czar* se solidifica como um autocrata, extinguindo as estruturas de autonomia e aristocracia, conforme Segrillo (2012, p.197). Proporcionando grandes mudanças em pouco tempo, o governo sucessor passou por momentos confusos, em que a legitimidade da liderança não

³⁸ Essa nomenclatura era utilizada antes do título de *czar* (imperador em russo).

era tão forte, o ritmo administrativo decaiu e se desenrolaram tentativas de reversão as reformas instaladas (esse clima se repetiu séculos mais tarde após a liderança de Stalin).

Assim, o *czar* Pedro estruturou mudanças para tentar resolver os problemas que identificava na gestão anterior, logo ele se voltou para as propriedades, que antes eram divididas entre as *votchina* (feudos hereditários com permissão para vendas ou alienação) que não tinham compromisso com o monarca e as *pomestie* (feudos para serviço, tinham caráter temporário) das quais os *boiardos* as recebiam e deveriam servir ao Estado. Essa dinâmica não favorecia ao império, dessa forma ele optou por unir características de ambas classificações tornando todas as terras hereditárias, mas que agora deveriam servir ao Estado, acabando com a ociosidade da nobreza (Segrillo, 2012).

Outra reforma do seu governo foi uma suposta batalha contra a corrupção endêmica, criando redes fiscais e inserido espiões em busca de falhas do sistema, mas por ser uma administração autocrática, na prática ocorreram favoritismos e protecionismos, enraizando cada vez mais a dinâmica corruptiva do governo. As lideranças de Pedro e Catarina proporcionaram a Rússia um crescimento da sua atuação sob a Europa, principalmente em 1815 quando conseguiram impedir o avanço napoleônico, que chegou com um exército de 690 mil homens, contudo o governo seguiu as táticas mongóis de terra arrasada (entrando mais para o seu território e destruindo o que deixavam para trás), com a chegada do inverno o líder francês compreendeu a armadilha russa e iniciou seu retorno sem roupas próprias, alimentação e moral, é neste momento em que o exército russo os ataca e a perda francesa é de aproximadamente 600 mil soldados (Segrillo, 2012).

Após esse processo de vitória contra a maior ameaça aos regimes absolutistas a Rússia sai como salvadora, dentro de um processo de modernização colocando-se em um ótimo posicionamento internacional, seguindo essa dinâmica nos próximos governos, quando Nicolau I assume³⁹ e segue o lema "Autocracia, Ortodoxia e Nacionalismo", ganhando a alcunha de "*czar* de ferro". As suas ações como governante passaram desde a obrigação da utilização da língua russa (com a proibição das demais línguas), até repressões sob responsabilidade da Terceira

³⁹ Neto de Pedro e Catarina, foi o irmão de Alexandre I que faleceu repentinamente em 1825, o irmão Constantino estava na Polônia e não tinha interesse em assumir o trono, logo Nicolau se preparou para assumir o cargo (Segrillo, 2012, p. 233).

Chancelaria (uma polícia secreta), que após 1848 aumentaram consideravelmente suas intervenções, pois uma série de revoluções de cunho liberal (e algumas de cunho socialistas) ocorreram pela Europa assustando o *czar* (Segrillo, 2012).

Venislavskyy (2024) pontuou que sob a liderança de Nicolau I o Império russo entrou em guerra contra o Império Otomano, a Grã-Bretanha, a França e o reino da Sardenha, esta disputa foi fomentada em 1853 com a ocupação russa a península da Crimeia, visando um maior acesso ao Mar. Hendler (2016) analisou que a derrota aconteceu por três fatores: 1º o autoritarismo do *czar* foi pautado por conservadorismo, militarismo e repressões internas resultando em um cálculo errôneo; 2º os recursos bélicos estavam estagnados, ainda mais quando comparados com os outros grupos e 3º a estagnação social causada pelo regime de servidão, junto com a quase ausência de uma classe média urbana.

Até então, essa retomada histórica estava seguindo uma orientação mais administrativa, contudo, para o meu trabalho é inviável estudar uma nação e não observar as dinâmicas trabalhistas e a relação entre a população e as organizações políticas e econômicas vigentes. Desse modo, é importante pontuar que a Rússia seguia uma sistemática servil enquanto o *czarismo* se estruturava e fortalecia, ao contrário das nações europeias, o império russo manteve essa estrutura⁴⁰ em vigência. Enquanto isso, na Europa o avanço da revolução industrial proporcionou um desenvolvimento tecnológico e uma reestruturação social, com a ausência destas mudanças o império foi perdendo o seu destaque e na segunda metade do século XIX começou uma crise a qual resultou os movimentos revolucionários de 1905, de fevereiro de 1917 e de outubro de 1917 (Segrillo, 2012).

Estes dois pontos centrais são observáveis no texto analisado, pois utilizavam de pessoas importantes para o sistema soviético e queridas ao público brasileiro defendendo esse novo momento, que estava sendo pensado para a melhoria da nação. Ao mesmo tempo em que se utilizava da promessa de uma democracia sem detalhes de como seria esse novo momento, retomando a figura de Lênin e como se encaminharam para a verdadeira URSS.

Dias (2002) aponta que com a *Perestroika* a perspectiva democrática se tornou o meio para alcançar o socialismo, então conforme a crise do socialismo

⁴⁰ Há historiadores russos que definiam as dinâmicas de servidão como feudais, outros discordam dessa terminologia e comparação, classificando-a como uma servidão ao império e ao imperador (Segrillo, 2012) e (Segrillo. 2010).

internacional se aprofundou, o conceito de democracia foi aparecendo cada vez mais no discurso político. Logo, a *Glasnost* deveria utilizar este conceito de forma intensa, para propagar este novo pilar soviético, inclusive ele traz que por causa destas políticas o Partido Comunista Brasileiro abriu as portas para esse novo internacionalismo soviético próximo ao capitalismo, que priorizava esse conceito democrático ao invés do socialismo.

Taubman (2018) escreveu que Gorbachiov associava as aberturas (*Glasnost e Perestroika*) à democracia, mas com o tempo ele formulou que seria o direito de escolher a liderança da nação. Contudo, um dos aspectos discursivos mais utilizados pela revista é o conceito de democracia que para as vertentes transgressoras não significa a mesma coisa, podemos observar que o discurso de salvação, de resolução é por meio da *Glasnost* e da *Perestroika* que conseguiriam melhorar a vida dos soviéticos. Essa associação é contraditória, pois Marx vai entender a verdadeira democracia como o desaparecimento do Estado, mas para existir a democracia, deve existir o domínio de uma classe sob a outra (Bottomore, 1988, p. 161-162).

Enquanto Gramsci entende que a democracia está ligada ao materialismo desde a Revolução Francesa, mesmo com diferentes discursos e percepções há uma constância no discurso democrático e no liberal (Liguori; Voza, 2017, p. 370). Logo, a defesa e a busca por essa democracia é abrir portas para o capitalismo, colocar de lado a transformação feita no começo do século XX e abraçar-se com os princípios liberais.

Lênin (2017) concebeu que era impossível conciliar a democracia com o poder soviético, pois a democracia, sem uma consciência de classe sempre será burguesa, que estrutura um sistema associado à penitenciárias para o operariado e o discurso do Estado burguês em que "a igualdade e liberdade juntas constituiriam uma realidade na qual o Estado é de todo o povo". Para Lênin não é possível haver igualdade entre exploradores e explorados, logo a defesa de uma democracia pura é a defesa de uma democracia burguesa, mas para o revolucionário a democracia proletária seria a alternativa para o processo de transição ao comunismo.

A democracia proletária coloca as demandas da classe trabalhadora em primeiro plano, reposicionando a classe como legisladora, executora, protetora militar, pedagoga (visando a construção de um ensino transformador para as massas serem edificadas). Lênin (2017) traçou o papel da democracia do

proletariado como um caminho para o objetivo final, pois o eleitorado seria composto pelos trabalhadores e explorados, ele entendia que a extinção do Estado de forma abrupta não trariam os resultados esperados, logo havia a necessidade desta transição para terminar com a expropriação dos expropriadores (com o confisco dos bens, a proscrição políticas dos latifundiários, industriais e banqueiros), para a nova estruturação do Estado soviético ele retomou as análises de Marx e Engels sobre a Comuna de Paris.

Gramsci (2007) reverbera a visão leninista sobre democracia burguesa e a democracia proletária, a última deve ser criada para os trabalhadores genuinamente substituírem a burguesia em todas as funções administrativas e de controle essenciais, logo a existência do Estado soviético vigente até o final da década de 1980 estava mais próximo a esta visão, se o desejo das lideranças fosse de seguir os planos de Ilich Lênin deveriam se organizar para o comunismo e não uma nova democracia (sem especificações, pois é o poder burguês sendo enraizado).

Lênin (2017) inicialmente participou da elaboração dos *Sovietes*⁴¹, contudo a participação de *mencheviques* o fez buscar novas organizações, chegando aos Comitês de Fábricas⁴², mas para evitar que somente uma parcela fosse atendida a demanda de existirem outros comitês surgiu, construindo cada vez mais o Partido. A revista seguia a narrativa do Partido, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS), que surgiu com esse nome no começo de 1912, mas foi fundado em 1898 com o Partido Operário Social-Democrata Russo, ele seguia os princípios e ideais do centralismo democrático de Lênin, que almejava a participação popular nas decisões, que deveriam ser tomadas coletivamente, a partir de discussões que formavam um linha geral do Partido e o tópico se dava como resolvido, sem poder voltar para discutir e deveria ser acatado (Lênin, 1979). O Partido era organizado com subdivisões responsáveis por diferentes esferas da administração pública e acabou estruturando uma sociedade hierárquica, entre essas, estava o Politburo e o orgburo.

O Politburo era responsável por todas as decisões necessárias durante o ano, até 1988 era quem nomeava e demitia em toda a URSS, quem quisesse participar deveria servir ao Comitê Central, que recebia uma lista de nomes para ser aprovada

⁴¹ Os *sovietes* era o nome para os conselhos de trabalhadores e soldados russos/soviéticos que exerciam o poder executivo e legislativo o qual foi importante para a Revolução de Outubro de 1917, contudo foram perdendo força durante a história soviética. (Bottomore, 1983).

⁴² Retomado no subcapítulo “Reestruturando a economia interna”.

por unanimidade. O Secretariado mandava no aparato central, eles que colocavam as políticas em prática, foi enfraquecido por Gorbatchov, dando as suas funções para o Comitê Central (Fainsod; Hough, 1979).

Os autores continuam dizendo que o Orgburo era responsável pelas questões organizacionais, recrutavam e alocavam as pessoas para as coordenações das atividades do partido e pela distribuição de dados e informações internas, faziam 3 reuniões por semana e se reportava para o Comitê Central a cada duas semanas, era o responsável pelo manejo das forças, enquanto o Politburo se voltava para a política. A Comissão Central de Controle (CCC) era eleita pelo congresso ou conferência, funcionava como um tribunal supremo do partido, tudo que envolvia o PCUS era definido no CCC, os integrantes da comissão não poderiam estar em nenhum outro espaço.

Os Departamentos eram responsáveis pelas diferentes esferas da administração social, eram ligados às áreas e outras divisões do partido, todos os departamentos tinham os seus chefes. O *Pravda* foi o jornal da URSS, quem o fazia era o departamento Organizacional do Comitê Central, que funciona desde 1908 até a atualidade. Escola Superior do Partido: espaço de ensino para quem quisesse ingressar no partido, o curso de treinamento era de dois anos e era reformulado conforme a liderança do partido (Fainsod; Hough, 1979).

A ala da juventude, tinha como órgão máximo o Congresso do Partido, desde seu início há divisões internas que disputam o poder a organização juvenil do PCUS chamada de *Коммунистический союз молодёжи* (União da Juventude Comunista) criada em 1918, como um dos três pilares do Estado Soviético. Para se filiar ao Komsomol deveria ter entre 14 a 28 anos de idade, para ser um funcionário da União era preciso já ser um militante antigo, chegou a ter 40 milhões de filiados. Foi a responsável em introduzir os jovens soviéticos no PCUS, sendo uma porta de entrada à política soviética (Fainsod; Hough, 1979).

Gorbachiov alterou os princípios da organização, que começou a defender o livre mercado através da *Perestroika* e da *Glasnost*, sendo um espaço para a introdução de empresas privadas. O Congresso do Partido, que tinha reuniões de cinco em cinco anos, depois vinha o Comitê Central, que se reunia semestralmente (duas vezes ao ano), dessa forma a maior parte das decisões ficava sob responsabilidade do Politburo (antes se chamava de Presidium), ao Secretariado e ao Orgburo (até 1952). Com uma grande hierarquização o líder do partido era o

chefe do governo, podendo ocupar um ou dois dos cargos de secretário-geral, primeiro-ministro ou chefe de estado, quem ocupava esse espaço ficava responsável pelo Politburo e era chefe do executivo da URSS (Fainsod; Hough, 1979).

A *União Soviética em Foco* seguia o discurso feito pela *Novosti*, defendendo o posicionamento governamental. Na edição nº 54, a entrevista "Correspondentes estrangeiros na URSS debatem as mudanças (Transparência)" desenhava um pouco melhor o que Mouffe (2017) traz, pois diferentes jornalistas se posicionam sobre a *Glasnost* e as falas destacadas carregam que o antagonismo era entre os estadunidenses e os soviéticos, mas em 1987 esse conflito era interno:

A principal dificuldade e maior oposição é a pouca confiança de cada cidadão, incluindo os partidários das transformações, e suas forças. Um amigo disse-me um dia destes que existem partidários e adversários das reformas tanto entre o pessoal da limpeza quanto entre os ministros. O que quer dizer que não há um grupo concreto de opositores. Acho que a oposição adquirirá estruturas orgânicas dentro de dois ou três anos, e então será possível atacá-la e derrotá-la com facilidade. Tanto mais que a oposição nem argumentos tem (*União Soviética em Foco*, jun./1987, p.07).

Esse combate diário pelo que seria melhor para a nação soviética é narrado como algo a ser vencido, um outro jornalista aponta que gostaria de focar no problema da resistência às reformas, pois para ele o pluralismo é de opiniões, ideias e conceitos e não o pluralismo ocidental anti-soviético.

E reconhecido que os soviéticos defendiam que na URSS não existia a tradição de democracia burguesa, o hábito de transparência, da democracia, etc. Gorbachiov tentava encontrar novas fórmulas para a democracia socialista e elaborar uma plataforma diferente daquela dos anos 40 ou 50 (Rajiv Shakh, jun./1987, p. 07). A revista reconhecia a dificuldade que a população estava em aceitar as políticas de abertura, mas por defender o Estado, o seu discurso se manteve durante os três anos analisados.

Lênin se concentrou no âmbito organizacional dessa nova nação, pensando no Partido Comunista, que deveria ser compatível às condições políticas e contextos vigentes na Rússia *Czarista* (uma sociedade autocrática, sem parlamento, partidos, sindicatos legais e com uma grande repressão policial à classe operária). A Rússia podia ser entendida como uma "sociedade oriental" nessa definição de Gramsci a atividade política não escoava do Estado para organismos da sociedade civil ou

outras instâncias, dessa forma se desenvolveu um monopólio dos agentes policiais e burocráticos (Bastos, 1986, p. 40).

Para Marx, o Estado é uma instituição que tem como função assegurar e manter a dominação e a exploração de classe, ele não defende os interesses gerais, mas sim os interesses da propriedade privada, é por meio da transformação que irá se romper com essa lógica. O Estado é um instrumento para a manutenção da exploração de classes (Bottomore, 1988, p. 217-222). O Estado é a soma da sociedade política mais a civil, ele não produz a situação econômica e sim a expressa. O Estado só existe por concretizar um determinado mundo econômico, um determinado sistema de produção. É preciso a ação dos aparelhos privados de hegemonia para a sua manutenção (imprensa, escola, as organizações e a família) (Liguori; Voza, 2017).

Gramsci (2007) ainda pontua que o Estado é uma conjuntura preliminar de toda a atividade econômica coletiva, ao mesmo tempo em que é o meio para adequar a sociedade civil à estrutura econômica. Ainda escreve que no Estado Socialista que organizaria e seria responsável pelas ações e decisões estatais seriam os proletários, colocando-os como protagonistas, esse “governo de funcionários” reestruturaria a sociedade.

O grande ganho com a perspectiva gramsciana é a identificação da superestrutura, posta para a manutenção da hegemonia capitalista, Gramsci (1995) escreveu que o Estado é dividido entre a estrutura e a superestrutura, onde o primeiro é subdividido entre a sociedade civil, sociedade política e o segundo são os alicerces para o seu estabelecimento. O Estado sempre seguirá os interesses da classe dominante, constituindo e assegurando a prevalência do poder burguês. A instituição Estado faz parte da sociedade política dentro da estrutura capitalista, sendo responsável –junto com a legislação e a polícia– pela coerção de indivíduos, coletivos e visões de mundo opostas às do *status quo* e para que as suas ações sejam menos utilizadas e justificadas a sociedade civil busca o consenso através da propagação e propagandeamento da visão de mundo capitalista hegemônico.

A entrevista "Arbat, a alma de Moscou", publicada na edição de nº 60, ano V, de dezembro de 1987, discutiu o que simbolizava a *Perestroika*, apontando o crescimento de jornais e revistas, que aumentaram as filas nas bancas (algumas com a tiragem superior a uma dezena de milhões de exemplares), mostras organizadas espontaneamente por artistas plásticos de diversas tendências,

aumento de repertório no cinema e teatro. A rua Arbat, somente para pedestres, de um quilômetro e meio, estreita com casas e edifícios do século XIX se transformou em um local de encontro entre os jovens, com muitas fotografias, há uma que apresenta três jovens sentados em um banco e junto a eles um homem de mais idade, todos estão envolvidos na música tocada por um deles e a rua está extremamente cheia.

Figura 6: Uma festa diária.



Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 60, ano V, dezembro de 1987, p. 46. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPEl.

A imagem foi selecionada para auxiliar na construção de um discurso integrador, pois expõe que através das liberdades proporcionadas pela *Glasnost* diferentes gerações soviéticas unem-se em prol da diversão e da confraternização:

Não são raros, ao contrário, os debates. Recentemente, os estudantes promoveram uma discussão acalorada sobre o melhor modo de eleger o prefeito de Moscou, com grande participação popular. A Arbat hoje é uma tentativa de criar uma espécie de centro artístico, de debates e de lazer, onde ferverão todas as tendências. Quem sabe num futuro próximo ela não desempenhará, na URSS, o papel de Montmartre em Paris e o destino de muitos artistas não dependerá da popularidade que obtiveram na tradicional e querida rua de Moscou? (*União Soviética em Foco*, dez./1987, p. 47).

O movimento na rua começou com pintores, cantores, músicos profissionais e amadores e, por fim, poetas, mas estabelecido em junho de 1986, tornou-se um espaço para alguns artistas ganharem dinheiro.

Apontam que há quem sinta saudade da antiga rua, sem os jovens, mas é algo positivo, pois o antigo governo que dizia "isto se pode ver, aquilo não" foi deixado para trás e as pessoas decidirão, elas próprias, com quem lhes interessa falar e a quem ouvir. (*União Soviética em Foco*, dez./1987, p.47). A revista estava servindo ao Estado desde o seu princípio, ocupando o seu papel como um aparelho privado de hegemonia, dentro da trama privada do Estado.

A hegemonia foi conceitualizada e pensada por Gramsci que a entendia como uma estrutura social, cultural e política. Antes de ser estabelecida a hegemonia há um efeito de uma classe que é dirigente e dominante, pois dirige as classes aliadas e domina as classes adversárias por uma combinação de coerção e consenso. Entretanto, a hegemonia é estabelecida no domínio econômico, (Liguori; Voza, 2017, p. 722- 727). A imprensa é um dos maiores propagadores da visão de mundo, Gramsci dizia que a trama privada do Estado trabalha para a sua manutenção (Manacorda, 2019), logo a revista utilizou da visão de mundo hegemônica, confeccionando um discurso em defesa dos princípios daquele momento.

A edição de nº 64, ano VI, de abril de 1988, traz "Café da manhã com televisão" de Petr Smirnov e fotos por Vladimir Dozortsev e Serguei Ptitsin dizendo que até 1983 a televisão soviética era "demasiadamente oficial e solene", com programas jornalísticos e "filmes medíocres que fracassaram na bilheteria", com a *Perestroika* a TV, talvez, tenha sido a primeira coisa a mudar. O autor (crítico de televisão) via a TV por obrigação, não achava de boa qualidade e aponta que os telespectadores, principalmente de cidades e aldeias do interior só tinham isso, logo assistiam.

Os apresentadores e locutores mudaram a sua comunicação, ficando "mais humanos, falando normalmente e perdendo o tom frio, o noticiário dedica um espaço para comentar a imprensa estrangeira, lendo os jornais e revistas, com informações meteorológicas e esportivas (havendo aula de ginástica aeróbica no final do programa), tem também uma parte voltada ao público infantil. O autor vai descrevendo a sua manhã através dos programas de televisão, acordando às 6h30min com música, depois faz exercícios com seu filho e esposa, a criança vê desenhos (motivo de acordar cedo), sua filha de 13 anos acorda para ouvir rock (tanto nacional como estrangeiro) e acaba acordando a avó, todos assistem juntos as notícias e previsão do tempo e depois discutem o que acharam dos apresentadores e dos programas.

Com muitas fotografias sobre os programas que passavam na televisão soviética, a entrevista foi composta por vários elementos, que auxiliaram para uma narrativa diversa. A primeira fotografia traz o casal de apresentadores do programa “120 minutos” bem-vestidos, o apresentador utilizando terno, camisa social e gravata, enquanto a apresentadora utiliza um vestido ajustado no corpo, com mangas bufantes e um conjunto de colar e brincos muito chamativos, esse último detalhe é interessante, pois a URSS tinha empresas de mineração e joalherias, então além de destacar a elegância pessoal, também remetia se à riqueza soviética.

Figura 7: Casal de apresentadores.



Legenda: Para milhões de soviéticos o dia começa às seis e meia, quando os apresentadores anunciam "120 minutos", um dos programas de maior audiência da TV soviética.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 64, ano VI, abril de 1988, p. 02. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A *União Soviética* unia as diferentes mídias, construindo um discurso contínuo e constante, em conjunto utilizavam de dados para corroborar com o que estava sendo falado, no caso da televisão o programa “120 minutos” (foco da reportagem e o primeiro programa do dia) tem como público 59% são jovens entre 15 e 29 anos; 18% pessoas de 30 a 49 anos e 13% tem mais de 50 anos. Aponta que 33% dos telespectadores dizem que os apresentadores não venceram o academicismo e que os estúdios são mal decorados, a maioria de 59% considera o programa bom, 32% acham satisfatório e 9% ruim, o autor diz que a televisão utiliza destes dados para a sua melhoria:

Depois **veio a perestroika** e a televisão foi, talvez, o primeiro meio de comunicação a se incorporar ao processo de reformas. As pontes

televisivas **permitiram o diálogo com países e povos que vivem em regimes diferentes ou adeptos de outras ideologias**. As transmissões ao vivo permitiram aos telespectadores fazer perguntas mais ousadas e atuais aos dirigentes de todos os níveis e, o que é mais importante, a exigir respostas ou ações concretas. (Smirnov, abr./1988, p. 02) (grifo da autora).

Nos trechos destacados da citação é possível ver a construção de uma narrativa, na qual defende que essas políticas de abertura **permitiram** o diálogo e a aproximação como diferentes povos, algo que é fundamental para um país, em decorrência das relações diplomáticas, comerciais e políticas, logo para estabelecer uma influência deve ocorrer trocas. Durante o período da Guerra Fria estabelecer essas relações eram fundamentais para a estruturação de poder aos polos estadunidense e soviético, deste modo há uma grande divulgação interna sobre esses processos, no caso da URSS, mesmo em 1988, isso ainda é uma pauta importante durante as suas novas políticas (Segrillo, 1999).

As possibilidades proporcionadas pela televisão iriam mudar a URSS, na edição de nº 64, ano VI, de abril de 1988, há a entrevista “Democracia, o remédio para a TV” com Carlos Hernando Piñeiros Sánchez um jornalista, correspondente da Rádio Nacional da Colômbia e da TV Globo em Moscou onde ele relata sobre a sua percepção da TV e rádio soviéticos. Logo quando chegou à URSS encontrou a barreira da língua para compreender os programas, considerou chato e escasso (4 canais), visitou as instalações da rádio e TV, que tem uma antena enorme e alta tecnologia, mas não era aproveitada pela quantidade dos programas, quando venceu a barreira da língua observou que as produções prendiam a sua atenção e eram maravilhosas.

A televisão tinha uma dependência para conseguir produzir os seus programas e era determinada por diversos fatores econômicos e políticos, a TV comercial, por exemplo, dependia dos "sponcer"⁴³ ou daqueles que pagam publicidade. A Radiotelevisão da URSS não era uma empresa comercial, norteava suas atividades por valores filosóficos, éticos, de comunhão entre as pessoas, etc, na situação de reestruturação e abertura informativa, os jornalistas podiam abordar qualquer tema de importância social. Não existiam "tabus":

⁴³ Para seguir com uma abordagem "multifacetada", as mídias comerciais eram financiadas pelos "sponcers" empresas ou empresários privados (União Soviética em Foco, nº 64, ano VI, abril de 1988, p. 08).

Há os que perguntam: mas quem estabelece o significado social de determinado tema? São os nossos telespectadores e ouvintes. Em última instância, é o próprio povo. [...] A Televisão, além de ser o mais poderoso meio de comunicação humana, passou a ser um instrumento capaz de ajudar a varrer o lixo da "guerra fria", um instrumento de conhecimento confiança e respeito mútuos. (Smirnov, abr./1988, p.08) (grifo da autora).

No trecho sublinhado Smirnov trouxe a percepção de que os programas soviéticos, com a *Glasnost*, eram construídos em conjunto com o povo, dessa forma a televisão, a Indústria Cultural soviética não iriam mais seguir aos PCUS, agora, elas poderiam abraçar ao povo. A passagem em negrito retoma o caráter da imprensa enquanto um instrumento, um objeto de propagação discursiva, que auxiliaria a “varrer o lixo da guerra fria” a escolha desses termos classifica as problemáticas internacionais que ocorriam desde o final de Segunda Guerra Mundial como um resíduo, mas que tem solução: a *Glasnost* e a *Perestroika*.

Abordando sobre um outro ponto da imprensa, a edição de nº 65, ano VI, maio de 1988, traz a entrevista "A literatura nos tempos de democratização" de Nina Maksakova funcionária da agência *Novosti* em conversa com Anatoli Ananiev, diretor de redação da revista literária e sócio-política *Oktiabr* (Outubro). Com publicações mensais, fazendo profundas análises sobre os processos sociais na URSS em decorrência da *Perestroika*, a revista é uma das mais lidas com uma tiragem de 250 mil exemplares. Retomam a técnica utilizada nas entrevistas anteriores, do uso de dados para defenderem o discurso empregado, pois o número de tiragens aumentou, assim como o interesse, pois a *Perestroika* e a *Glasnost* estão sendo colocadas em prática aproximando a URSS da democracia liberal.

Inicialmente fala sobre a história pessoal do autor, como lutou na Segunda Guerra Mundial e depois escreveu grandes livros, motivo de ganhar o seu posto, aponta que a literatura, a imprensa e a *Glasnost* como um todo é consequência e auxiliadora da *Perestroika*, pois pode levar uma URSS ainda não apresentada. Discutem sobre as diversas obras dele, que retratam os diferentes momentos da URSS, trazendo novos enfoques, ele descreve como as publicações são primeiramente nas revistas e depois vai para as publicações separadas.

Neste texto apontam sobre o interesse soviético em revistas mais volumosas (de mais de 200 páginas), pois conseguiam abordar diferentes temáticas, de forma mais profunda e diversificada. Houve um aumento na tiragem das produções mais

extensas e segundo o entrevistado isso apresentava uma grande mudança na população soviética, que estava cansada de ser manipulada:

A liberação de arquivos é fato da vida social de hoje, uma das mais valiosas manifestações da *glasnost*. Não entendemos isso como liberação da "herança literária", mas como restabelecimento da justiça histórica. É especificidade da nossa época, a exigência da própria vida. (Ananiev, abr./1988, p. 19).

A partir da minha análise da documentação compreendi que independente do veículo de informação, a URSS, através da *Novosti*, utilizou-se do princípio gramsciano dos aparelhos privados da hegemonia, compreendendo a influência que uma revista, um programa de televisão, uma obra literária e outras manifestações culturais tem para a manutenção ou para a mudança de uma visão de mundo discurso.

CAPÍTULO 2: A RECONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO DOCUMENTADA POR SI

A Transformação é feita pelo coletivo e deve ser para o coletivo...

*Tú eres bruto cabrón rapeando sobre como volar sesos
En un país donde te matan por robarte un peso
No soy un santo rapeando, mucho menos caballero
En algún momento rimando ahorqué a diez marineros
Pero en ese caso es diferente incitar al desorden
Porque cuando la tiranía es ley la revolución es orden
Adentro⁴⁴, Calle 13*

A década de 1980 foi transformadora na URSS, é durante esse momento em que ocorrem diversas mudanças, uma delas é a política de abertura chamada *Perestroika*. Esse termo russo, ao ser traduzido de forma literal, pode ser aproximado a palavra na reconstrução, mas ao desmembrar mais essa expressão podemos chegar em reformulação e reorganização. Durante a década de 1980 na URSS desencadearam e desenrolaram uma série de mudanças políticas, sociais e econômicas, das quais a população teve dificuldade em se adaptar e ficou perplexa com as mudanças, assim o termo reestruturação acaba englobando melhor a mensagem soviética, como Segrillo (1999, p. 11) mostra.

A *União Soviética em Foco* foi criada neste período, e dentro dos 34 exemplares que analisei haviam 72 textos sobre a *Perestroika*, espalhados em 32 volumes distintos. No caso deste conteúdo é importante pontuar que a política de abertura acaba englobando a economia, a política e certos aspectos sobre a sociedade soviética tornando difícil uma divisão temática, sendo assim, para este capítulo, optei por dividir entre uma análise sobre as mudanças na indústria soviética, junto com as consequências internas disso e sobre as modificações políticas, e como elas influenciaram nas dinâmicas internacionais do sistema soviético.

Na edição de nº 58, ano V, de outubro de 1987, há uma reportagem reunindo sete funcionários do PCUs: o escritor bielorusso Ales Adamovich, o filósofo e monge

⁴⁴ Tradução nossa feita por Moraes (2025): “Você é um homem salafrário cantando sobre estourar miolos, Em um país onde te matam por roubar um peso, Não sou um santo fazendo rap, muito menos um cavalheiro, Em algum momento, rimando, enforquei dez marinheiros, Mas nesse caso é diferente incitar a desordem Porque quando a tirania é lei, a revolução é ordem.” A música Adentro discute sobre as desigualdades proporcionadas pelo capitalismo, utilizando da raiva causada pela ausência de oportunidades para incitar a organização política das classes dominadas.

ordoxo russo Alexei Elisseev, o político russo Arcadi Veprev, Eduard Sinelnikov (sem informações específicas), Stanislav Tiutiukine (sem informações específicas), Victor Chatalov (sem informações específicas) e o autor o político Vladislav Serikov. O texto intitulado como "Outubro e a *Perestroika*", tem como objetivo trazer a ligação entre a Revolução de Outubro, a *Glasnost* e a *Perestroika*, para isso a *Novosti* documenta as intenções dessas políticas e como estariam conectadas com a Revolução de Outubro de 1917.

A seleção de personalidades presentes em diferentes campos sociais é uma ação comum para a agência de notícias soviética, que visava um recorte de diferentes camadas sociais. Neste caso o discurso formado pontua como através das políticas de abertura a URSS retomará a Lênin, pois elas iriam reaver a característica soviética de renovação e o cuidado com o "elemento humano", pois sem ele pode-se garantir **a quantidade da produção, mas não a qualidade**, esse foco na economia, coloca em voga o que é principal para o governo soviético no qual a transparência da renovação seria o meio para democratizar a vida econômica e social do país (*União Soviética em Foco*, out./1987, p.10).

Segundo o texto, através da comemoração do aniversário da Revolução de Outubro, poderiam e deveriam contribuir para a ampliação da abertura e o aprofundamento de todas as transformações iniciadas, pois era preciso festejar esse acontecimento memorável tal qual Lênin, que priorizava o que ainda não havia sido feito ou estava sendo mal feito retomando o processo de fundação da URSS, momento no qual o líder debruçou-se sob as alterações necessárias. Na reportagem ainda escrevem: "É por isso que Lênin continua a ser a nossa bandeira e a nossa arma" (*União Soviética em Foco*, out./1987, p.11), há uma evocação constante desse nome, trazendo ao discurso uma história política que não estava sendo buscada naquele momento, no qual o foco principal era a aproximação à economia e política estadunidense, como disorro neste capítulo.

O processo de instalação da *Perestroika* estava sendo acompanhado pelo mundo todo, pois além de ser um dos países centrais durante o conflito da Guerra Fria, com a instalação da *Glasnost* a divulgação sobre o que acontecia internamente na URSS estava com uma intensidade nunca vista. A abertura econômica

proporcionava um reposicionamento no cenário internacional, novas dinâmicas políticas e discursivas, algo utilizado e propagandeado pelo Estado soviético.

2.1. Reestruturando a economia interna

Iniciada em 1985, a *Perestroika* provocou uma série de questões internamente e externamente, sendo uma das principais o porquê de a abertura estar acontecendo neste período em específico, porque na década de 1980 e não na de 1970 ou na de 1990? Segrillo (1999) escreve que sempre houve oposição às lideranças soviéticas, contudo durante o governo de Stalin estas pessoas e coletivos foram considerados como traidores e passaram a ser perseguidos, excluídos e silenciados.

Depois do falecimento do líder soviético e até 1985 ocorreram ciclos de maior ou menor abertura permitindo uma estruturação da oposição interna e segundo Segrillo (1999, p. 12) ela era: “sistemática e organizada a ponto de pôr em risco o arcabouço do poder, mas que deixava brechas para a propagação clandestina ou semiclandestina de idéias antagônicas às do partido.” Desta forma, as políticas de abertura se tornaram um caminho a ser traçado, mesmo que de uma forma surpreendente para muitos.

Quando falamos sobre as sociedades no século XX os âmbitos econômico e político estavam amalgamados e não foi diferente com a Rússia, Lênin observou que as relações de produção da Rússia *czarista* não seguiram as demais relações europeias, pois não houve uma revolução burguesa nestas sistemáticas, logo a industrialização seguiu quadros do monarquismo absolutista (Bastos, 1986, p. 41). Esse entendimento se tornou importante para a forma na qual se compreendeu a história soviética, no final da década de 1980 a revista *União Soviética em Foco* constroi o seu discurso a partir da visão de mundo hegemônica, contudo justifica a partir da figura de que Lênin⁴⁵ defendia as mudanças que estavam acontecendo na URSS.

Thompson (2012) apontou que com o surgimento das indústrias há um aumento considerável de habitantes nas malhas urbanas em decorrência do aumento de empregos nas fábricas, assim novas relações trabalhistas e de

⁴⁵ *União Soviética em Foco*, nº 88, ano VIII, abril de 1990, p. 06. Analiso esta reportagem no decorrer deste subcapítulo.

dominação são estruturadas. Isso é importante de pontuar, pois conforme tais relações alteravam-se o processo de alienação era intensificado. Marx (2004) entendia que a alienação poderia ser um estado ou uma ação de um indivíduo, um grupo, uma instituição ou sociedade que se tornam (e, por vezes, permanecem) alheios/alienados aos rendimentos e produtos da sua própria atividade e da ação em si, como consequência ocorre uma alienação de si próprio ou auto alienação (do seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), por meio de si (sua própria atividade).

Para Marx a alienação ocorre de diversas formas, o homem pode alienar a sua atividade espiritual, deixando uma parte de si na forma de Deus, da filosofia, do senso comum, da arte e da moral; ele também pode alienar os produtos do seu trabalho na forma da mercadoria, do dinheiro e do capital e pode alienar os produtos da sua atividade social na forma do direito, das instituições sociais e do Estado:

Assim, graças ao trabalho alienado o trabalhador cria a relação de outro homem que não trabalha e está de fora do processo do trabalho, com o seu próprio trabalho. A relação do trabalhador com o trabalho também provoca a relação do capitalista (ou como quer que se denomine ao dono da mão-de-obra) com o trabalho. A *propriedade privada* é, portanto, o produto, o resultado inevitável, do *trabalho alienado*, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo. (Marx, 2004, Primeiro Manuscrito).

Para o teórico a alienação deve ser combatida e deve-se passar pelo processo de desalienação, pois ao indivíduo se reintegrar, retornar a si mesmo, ele irá superar a alienação e se preparará para uma revolução radical e para a realização do comunismo, assim acontecerá a supressão positiva da propriedade privada, da alienação humana proporcionará a apropriação real da natureza humana, por meio do indivíduo e para o indivíduo (Marx, 2004).

No caso da Rússia, as sistemáticas trabalhistas mantiveram-se seguindo a lógica da servidão, que se fortaleceu junto a imposição da monarquia absolutista⁴⁶, nesse sistema as terras não funcionavam enquanto uma propriedade privada individual inalienável, mas sim algo coletivo sob posse. Desse modo, o coletivo de camponeses recebia o total de terras, dividia-o entre os seus, com o crescimento das famílias as repartições continuavam visando que todos tivessem a sua terra, junto a isso as assembleias da comuna eram espaços de discussão para as

⁴⁶ Dinâmica diferente do restante da Europa, que com a instalação de regimes absolutistas afrouxaram e diminuíram as instituições servis (Segrillo, 2012).

questões da comunidade serem resolvidas pelos seus membros Segrillo (2017, p. 490).

O governo de Alexandre II, o *czar* Libertador iniciou após o conflito da Crimeia, logo ele identificava que o império estava com problemas, assim optou mexer na servidão um dos pilares da estrutura social russa essa mudança foi reprovada pelos *boiardos* (no contexto da Rússia o *status* do nobre era medido pela quantidade de servos e não de terra). O *czar* defendia que a autocracia havia criado a servidão, logo era sua responsabilidade aboli-la, pois era melhor essa mudança vir "de cima" do que o processo se inicia-se "de baixo", assim em 1861 o Manifesto de Abolição da Servidão foi assinado libertando os servos e vendendo-lhes terra.

Contudo, essa liberdade não era a todos, pois no império haviam três tipos de servos: os privados, os domésticos e do Estado e a abolição era voltada somente para os dois primeiros, somente cinco anos depois os servos estatais seriam emancipados, em complemento a isso os servos domésticos não tiveram o direito à propriedade, sob a prerrogativa de nunca terem trabalhado para tal. Enquanto isso, os demais receberiam a terra caso a financiassem e no caso dos servos privados esse financiamento seria pago com o seu trabalho por dois anos enquanto um inventário era produzido, depois disso ainda haveria um período de obrigação temporária definida por um acordo entre as duas partes para estabelecer a distribuição e o pagamento⁴⁷ (Segrillo, 2012).

Na prática o que aconteceu foi que os antigos senhores dividiram as suas terras com a *mir* (uma comuna rural, organizada de forma coletivista), o termo pode significar "mundo", "paz" ou "comuna rural", assim não houve uma divisão individualizada, a distribuição seguiu uma sistemática coletivista determinada pelas necessidades e possibilidades dos indivíduos. Segrillo (2012) ainda escreve que conforme a quantidade de membros aumentava (em decorrência do crescimento familiar) ocorriam repartições periódicas da terra visando que os descendentes também tivessem um lote para plantar, seguindo uma autoadministração a *mir* era organizada por uma *skhod*, que era uma assembleia onde se elegia um líder, chamado como *Starosta* e escolhido entre os mais antigos.

⁴⁷ O pagamento era diretamente com os donos das terras (que desde o governo de Pedro funcionava como uma posse hereditária que deveria produzir para o Estado) e eles poderiam ficar com até um terço das propriedades e fazer o financiamento durar até 49 anos tendo o valor à vista adiantado pelo Estado (sendo 3/4 do preço pagos através de títulos governamentais) e recebiam mais as parcelas dos camponeses) (Segrillo, 2012, p. 238).

Essa mudança foi interpretada de diferentes formas pelas diferentes correntes, Lênin (1982) escreveu que esse processo foi fundamental para que a Rússia adentrasse na era do capitalismo moderno assalariado, colocando-os oficialmente nas dinâmicas do capital. Por outro lado, em 1861 surgem os *narodniki*⁴⁸ que eram um grupo de socialistas radicais (na minha dissertação eu utilizo esse termo referindo-se a intencionalidade do coletivo em mudar as raízes do sistema vigente) que defendiam um socialismo de base agrária e acreditavam que no caso russo era possível pular direto ao socialismo, sem a necessidade de se passar pelo capitalismo (Segrillo, 2012).

O governo cobrava os impostos da *mir* como um todo, assim caso um indivíduo não conseguisse cobrir o valor necessário os outros pagavam por ele, até que em 1874 após um período de má colheita e por consequência fome um bom número de membros do *narodniki* e da *intelligentista*⁴⁹ locomoveram-se para o setor rural e tentaram incitar os camponeses a lutarem pelos seus direitos chamando de “Ida ao Povo” essa ação não gerou muitos resultados. Alexandre III, opôs-se a lógica de seu pai, aborrecido com a insatisfação do povo teve um governo pautado na repressão, aumentando a censura, as perseguições e voltando a cobrar o uso da língua russa, é morto por um problema nos rins em 1894 e o último *czar* assume, Nicolau II foi descrito como indeciso, dado que a sua administração variava entre uma postura liberal e conservadora, de acordo com Segrillo (2012).

A insatisfação sobre a administração de Nicolau II era alta, resultando na primeira tentativa de derrubada do *czarismo*, a revolução de 1905 a Rússia estava em um período de desenvolvimento capitalista desde a abolição, mas no âmbito político se mantinha no sistema autocrático, sem partidos, constituição ou parlamento, logo havia uma modernização no campo econômico enquanto o político estava extremamente rígido e não permitia alterações causadas pela nova dinâmica econômica (Segrillo, 2012). Marx (2024) pontuou que o sistema capitalista transforma tudo em mercadoria, incluindo as ações e o próprio indivíduo, assim aqueles que detêm os meios de produção exercem um poder sob a classe trabalhadora (no caso russo esse controle ocorre também sob os camponeses), pois

⁴⁸ Que em uma tradução ficaria como populistas, mas não segue a logística latino-americana, esse termo foi pautado na palavra povo (*narod*), pois entendiam que a transformação viria do povo e ficou demarcado em 1874, quando aconteceu o movimento “Ida ao Povo” (Segrillo, 2012, p.242).

⁴⁹ Grupo de intelectuais russos, responsáveis por uma grande inovação cultural, científica e acadêmica no império *czarista* (Segrillo, 2012).

o indivíduo vende a sua força de trabalho para a sua sobrevivência, no caso russo as classes da burguesia, do proletariado e do campesinato estavam insatisfeitas com a sistemática vigente somado ao funcionamento de hegemonia das classes dominantes, resultou em um cenário de tensão extrema.

O poder não é algo puramente abstrato e sim uma relação econômica, cultural, política e social, presente em todas as esferas, seguindo Hegel, Marx analisou em diferentes obras sobre a dialética, entendendo-a tanto como um método marxista (nomeado de dialética epistemológica), um conjunto de leis/princípios (dialética ontológica), o movimento da história (chamada de dialética relacional), quanto como uma forma de observação e ação no mundo. Marx (2004; 2024) compreendia que a realidade é contraditória e motivada por contradições havendo forças antagônicas que ao interagirem resultam em diferentes realidades, logo a realidade é um processo dinâmico, que é impulsionado pelas relações destas forças opostas.

Adorno (2022) estudou os posicionamentos de Marx e produziu a obra “Introdução à Dialética” onde pontua que o conceito também diz respeito às estruturas das próprias coisas, transforma tudo em processo, assim não há um caráter absoluto e sim o vir a ser. Para Marx e Adorno todo o objeto é contraditório por si só, com a sua negação em si mesmo e não fora de si, assim há o objeto (tese), a sua problemática (antítese) e a sua solução/melhora (síntese).

Marx (2024) expressou isso em *O Capital*, quando não pensou no sistema capitalista e como a sua oposição o comunismo, o que ele fez foi selecionar características do capitalismo (tese), mostra as contradições e consequências delas (antítese) e chegar na sua negação (síntese). Seguindo o entendimento hegeliano da supressão que vem da palavra alemã *aufhebung*, que tem 3 significados distintos de negação, preservação e elevação), o filósofo utilizava-a para os três significados concomitantes e Marx faz o mesmo, assim ocorre um triplo movimento de negação, preservação e elevação a um nível superior das questões.

Marx utilizou esse entendimento para o período de transição entre o capitalismo e o comunismo, assim, não era para destruir tudo e construir do zero e sim utilizar-se negando, preservando e elevando fazendo uma crítica imanente ao objeto (pois ele tem sua negação em si próprio) e buscando a solução. Lênin (2011) também se debruçou sobre o conceito da dialética, a compreendendo a partir da sua essência que estava na divisão de um todo e no conhecimento das suas partes

contraditórias, no caso da mecânica seria a ação e reação, para a física a eletricidade positiva e negativa e para as ciências sociais a luta de classes.

Para ele as contradições tinham identidades, podendo ser: a) o desenvolvimento no sentido de diminuição e aumento, como uma repetição e b) o desenvolvimento de identidade dos contrários, que é composta por dois polos mutuamente excludentes, assim em "a" a força é impulsora, retido a algo externo (seja deus ou uma ideia), sendo inerte, insípida e ressecada e em "b" a força vem do conhecimento da fonte, havendo um auto movimento, sendo viva e é a chave de tudo, pois somente com essa compreensão se quebra a continuidade e se faz as mudanças necessárias, destruindo o velho e surgindo o novo. Desse modo, quando entre os anos de 1900 e 1905 a Rússia passou por um período de má colheita e ainda passou pela Guerra russo-japonesa⁵⁰ a economia se desarticulou causando uma maior tensão entre as forças de identidade dos contrários, sendo a primeira tentativa proletária de revolução no século XX com grandes greves no país inteiro.

A luta de classes expõe o antagonismo entre os diferentes grupos, enquanto ela visa a transformação social, que para existir é preciso certos contextos como um mercado mundial, uma classe dominada e um mundo de produções feitas por essa classe (Engels; Marx, 2007), Marx (1989) escreve:

Se o primeiro objetivo da resistência é apenas a manutenção do salário, à medida que os capitalistas, por seu turno, se reúnem em um mesmo pensamento de repressão, as coalizões, inicialmente isoladas, agrupam-se e, em face do capital sempre reunido, a manutenção da associação torna-se para elas mais importante que a manutenção do salário. Isto é tão verdadeiro que os economistas ingleses assombram-se ao ver que os operários sacrificam boa parte do salário em defesa das associações que, aos olhos desses economistas, só existem em defesa do salário. Nesta luta – verdadeira guerra civil –, reúnem-se e se desenvolvem todos os elementos necessários a uma batalha futura (Marx, 1989, p. 159).

Desse modo, o movimento causado pelos proletários e pelo campesinato russo seguia os processos esperados e identificados por Marx e Engels, mesmo que o império não tenha passado para a estrutura econômica esperada por ambos, ainda sim essa disputa impôs ao *czar* aceitar uma série de mudanças.

⁵⁰ Com uma duração menor que um ano, o conflito envolveu o Império do Japão e Russo por territórios na Manchúria e na Coreia. O Japão almejava expandir a sua influência na Ásia e se estabelecer como um império, em conjunto com o processo de modernização bélica que havia passado a derrota russa foi rápida (Daróz, 2018).

Nicolau II aceitou a instalação das *zemstvo* (assembleias definidas por eleições, que puderam participar nobres, cidadãos e camponeses, mas houve diferentes medidas, fazendo ter mais nobres que as demais classes), tanto nos distritos quanto nas províncias e cuidavam dos assuntos locais, sem o governo central, assim acontecia, na prática, uma administração local voltada ao desenvolvimento de poderes políticos autônomos (Segrillo, 2012). Nesse momento a oposição ao império seguia a seguinte divisão: a União das Uniões (que eram os liberais, ligados às assembleias, à autogestão liderados por Pavel Miliukov), os Social-Democratas (socialistas de base proletária que já estavam internamente divididos entre bolcheviques e mencheviques), os Socialistas Revolucionários (descendentes dos *narodniki* defendiam um socialismo de base agrária).

Nesse momento ocorreu uma decisão inédita, a criação do *soviet*, um conselho geral para os diferentes locais de trabalho, dessa forma a greve foi constituída por um comitê único, este conselho regulava os preços e exercia outras funções administrativas, composto por trabalhadores uma série de *soviets* foi criada no território russo⁵¹. Viana (2020) escreveu que o conselho foi a primeira articulação proletária que visava organizar os objetivos imediatos, os objetivos revolucionários enquanto pretendia diferenciar a fase burguesa e não-burguesa da revolução proletária, pois almejavam construir um regime de democracia operária e não um sistema político burguês.

Em 17 de outubro de 1905 o *czar* aceita o Manifesto de Outubro e cria um parlamento legislativo com poderes reais e a permissão para a criação de partidos políticos transformando a Rússia em uma monarquia constitucional, mas na prática Nicolau II estipulou um parlamento bicameral⁵² mantendo a hegemonia vigente. A constituição, chamada de Leis Fundamentais, foi aprovada em abril de 1906 e ela estipulava que a *duma* não era responsável dos ministros, assim como poderia ser dissolvida a qualquer momento pelo imperador e durante os 11 anos seguintes somente quatro *dumas* ocorreram (Segrillo, 2012).

⁵¹ Durante o período de greve o governo russo não conseguia administrar uma série de cidades, o que ficou sob responsabilidade dos *soviets* que funcionaram como órgão políticos de autogestão por trabalhadores, que foram eleitos pelos operários da região (um tempo depois incluíram os camponeses e soldados) (Segrillo, 2012, p.249).

⁵² Com o Conselho Estatal (câmara alta) nomeado diretamente pelo imperador e o restante era eleito por diferentes grupos sociais (como a própria nobreza e universidades) e com a дума estatal (câmara baixa) que era eleita por homens de mais de 25 anos, neste caso a divisão interna era a partir de pesos diferentes para cada grupo social (Segrillo, 2012, p. 252).

O autor ainda pontua que com disputas ideológicas entre o socialistas radicais e os liberais a cada nova *duma* houveram disputas pelos cargos disponíveis, pois mesmo que existissem problemas a Rússia ainda era uma potência gigantesca, com a Primeira Guerra Mundial acontecendo na Europa, o país conseguiu manter um desenvolvimento econômico vigoroso, com a quinta produção industrial bruta do mundo, medindo a sua produtividade/produção por trabalhador (reforçando a defesa de Lênin). Benedini (2015) escreve que a entrada do país no conflito foi um grande erro estratégico uma vez que a Rússia não tinha o mesmo poder militar das outras nações e voltada ao externo as disputas internas foram se tencionando cada vez mais e isso somado ao movimento revolucionário da década anterior resultou em um dos movimentos mais marcantes do século XX.

Nicolau II assumiu o controle das tropas em 1915 e a responsabilidade da gestão russa passou para a imperatriz Alexandra, ocasionando um vácuo de poder, dessa forma em fevereiro de 1917 ocorre uma dupla movimentação: membros progressistas da *duma* (vindo "de cima") e a eclosão de greves lideradas pelos *soviets* ("de baixo")⁵³. Na primeira manifestação a força policial já foi acionada para dispersar a população, remetendo a ação na revolução de 1905⁵⁴, assim a cada ato político as tropas agiam com maior violência enquanto se estruturava um governo provisório pelas *dumas* (Segrillo, 2012).

Como um governo dividido entre as *dumas* e os *soviets* a Rússia passou por sete meses instáveis, principalmente no âmbito político, pois aconteceram uma série de disputas políticas (com as principais lideranças socialistas no processo de retorno⁵⁵ para o país e reestabilização) internamente nos partidos e sobretudo entre diferentes correntes políticas. Quando os *bolcheviques* conseguiram a maioria dos votos em uma série de votações Lênin determina que é o momento para um segundo movimento e propõe que o partido tome o poder, pois os socialistas moderados haviam traído a classe operária e aceitaram participar de um governo burguês, ele intencionava fazer o movimento no começo do mês, mas Trotski insistiu

⁵³ O primeiro movimento ocorreu no dia 23/02/1917, no dia da mulher pelo calendário russo, as mulheres de Vyborg (distrito industrial) foram às ruas convocando os demais operários das diversas fábricas para se unirem ao movimento. Com muitos cartazes contra a autocracia e a guerra, o movimento ficou marcado (Segrillo, 2012, p. 274).

⁵⁴ Quando a primeira manifestação popular russa ocorreu em janeiro de 1905, o *czar* Nicolau II comandou que as tropas abrissem fogo contra os trabalhadores e camponeses que estavam se encaminhando para o Palácio de Inverno para contatarem o imperador (Segrillo, 2012).

⁵⁵ Após a revolução de 1905 diversos líderes foram exilados para diferentes regiões, visando diminuir a sua influência na população local.

que esperasse o II Congresso de Sovietes de Toda a Rússia o que acontece, mas Lênin movimentou as ações para o período da manhã e não a noite (como solicitará Trotski) (Segrillo, 2012).

Segrillo (2012) aponta que a economia soviética na década de 1920 estava desordenada, em decorrência das revoluções algumas cidades mudavam o seu apoio constantemente ora apoiando os vermelhos, ora os brancos, havia também os estabelecimentos que foram encampados pelo governo, enquanto outros foram administrados pelos próprios trabalhadores. Logo, ocorre uma grande instabilidade econômica assim que a revolução é efetivada, com uma inflação alta que tirou o valor da moeda, contudo definir como seria essa nova economia era mais que uma discussão teórica era um posicionamento enquanto nação política.

Assim, no ano de 1917 culminou a Revolução Russa, iniciando a estruturação do regime soviético e a desconfiança das potências ocidentais com este novo modo, a criação de um Estado comunista era algo inédito até então e o desenrolar da história soviética manteve-se assim. Entre 1918-1921 houve o período da Guerra Civil Russa entre os Vermelhos (*bolcheviques* e aliados) contra os Brancos (opositores), no âmbito internacional alimentados pelo medo e a desconfianças 14 potências ocidentais seguiram uma política de confronto e contenção, apoiando o Exército Branco com tropas (Biagi, 2007, p.69).

Indignados com o movimento *bolchevique* uma parcela dos Socialistas Revolucionários e os *mencheviques* apoiaram e coligaram-se com os Brancos, deixando o lado Vermelho acuado em poucas cidades, somando-se a isso Lênin assinou o acordo de paz de Brest-Litovsk em março de 1918, onde perderam aproximadamente 1 milhão de km² de território, incluindo o que seria a Polônia, Lituânia e Ucrânia e parte do Cáucaso. Tal decisão abria mão das regiões mais industrializadas, de recursos minerais e ainda pagaram 6 bilhões de marcos em indenizações, com o conflito cada vez mais volátil, a dominância das regiões passavam de um lado ao outro constantemente resultando em uma baixa produção, assim o líder *bolchevique* requisitou a produção pessoal dos camponeses, pegando os grãos sobressalentes dos camponeses (Segrillo, 2012)

O que traz a vitória aos *bolcheviques* é o apoio popular, que ficou desgostoso em ceder sua produção, mas ainda sim apoiava a visão leninista e eram opositores

do antigo regime (caso a vitória fosse dos Brancos as estruturas anteriores seriam retomadas), nesses anos iniciais é instalado o Comunismo de Guerra tentando compreender o que estaria acontecendo no território, se essa nova dinâmica seguiria os princípios capitalistas ou socialistas, desse modo uma série de métodos econômicos ocorriam ao mesmo tempo em diferentes localidades. Os proprietários e diretores dos estabelecimentos constantemente abanavam os locais de trabalho que por vezes foram encampados pelo próprio governo ou administrados pelos próprios trabalhadores, na tentativa de evitar a fome o governo fornecia alimentação emergencial e estruturou frentes de trabalho.

Com uma instabilidade interna e externa a moeda não funcionava, logo o governo e a sociedade estruturava-se para além dessa sistemática (entendido por muitos como um comunismo atrasado) o maior problema seguiu em como estruturar essa nova sociedade em tempos de paz, pois as discussões não estavam mais em um campo teórico e sim no prático, logo as decisões tomadas influenciaram a vida de toda a população. Lênin (1922) pensou na reestruturação da economia soviética a partir da Nova Política Econômica (NEP), que seria um recuo temporário aos elementos da economia de mercado numa pequena escala, assim seguindo o princípio da dialética, os soviéticos utilizaram das sistemáticas do comércio privado e da agricultura, assim os camponeses produziam mais alimentos e ao compartilharem uma parcela com o Estado poderiam vender o excedente no mercado, além disso permitiram a criação de pequenas e médias empresas.

Segrillo (2012) aponta que a NEP foi pensada para reorganizar e reestruturar a economia soviética após a Revolução de 1917 e a guerra civil, desse modo a preservação dessas dinâmicas capitalistas, enquanto negavam o sistema capitalista, eram uma tentativa de evolução para o socialismo, portanto o crescimento do papel do Estado na economia, na política e no dia-a-dia surgiram desse processo. Esse movimento acabou intensificando o enriquecimento de um pequeno grupo de indivíduos e a diferenciação social, algo que revoltou membros do Partido e os demais cidadãos, para Trotski era necessário investir na industrialização, pontuou essa necessidade desde 1924, Stalin escreveu que dois dos grandes pontos do aspecto macroeconômico da Nova Política Econômica eram: que o crescimento industrial forte foi na indústria leve (têxtil, processamento de alimentos e outras), mas na indústria pesada o incentivo deveria ser maior; somando a isso a agricultura

familiar estava com uma produção contínua, mas a comercialização era menor em 1925 do que em 1913, logo seria necessário mudar para a agricultura em larga escala, com mecanização e tratores para sair dessa estagnação.

Com isso em mente as pequenas iniciativas privadas foram abolidas, o setor produtivo como um todo foi estatizado seguindo o planejamento central do Estado com os planos quinquenais⁵⁶ e o ganho de transferências de recursos para as indústrias pesadas passaram a crescer gerando uma industrialização acelerada, alicerçado nisso em 1937 a economia soviética era a segunda melhor do mundo. Essas propostas stalinistas exemplificaram a disputa entre Stalin e Trotsky, pois havia uma discordância sobre tais decisões, pois o futuro líder soviético retomou a visão econômica de Trotsky, sob a justificativa de que dois anos depois a URSS estava pronta para esse passo.

Após os anos de estancamento de Stalin, o governo de Khrushchov degelou a rigidez soviética e é no período em que Brezhnev liderou a URSS que ocorreu um certo abrandamento nos controles partidários proporcionando uma oposição mais expressiva às vezes com críticas abertas (através de publicações clandestinas, contrabando de manuscritos para o exterior e figuras públicas falando mais abertamente) e as vezes ocorreram de forma mais passiva por meio da alienação em relação ao trabalho e a ideologia oficial (Segrillo, 1999). O autor ainda pontua que a percepção de que houve uma estagnação nesta época era em decorrência aos índices de crescimento macroeconômico do sistema (que caíam de forma regular nas décadas de 1970 e 1980), não do padrão de vida da população, que nunca viveram tão bem (no âmbito econômico material de vida).

Um dos motivos de isso acontecer foi que durante a década de 1950 a URSS estava em uma conjuntura de reconstrução, focando seus esforços e capital na eclosão das indústrias. Ainda, optaram por controlar o setor de consumo e os salários, como consequência o conforto da população era baixo, com pouca variedade no abastecimento, um índice extremamente baixo de posse de carros e outros bens de luxo. Então, quando Khrushchov tornou-se o líder soviético, ele pode voltar a economia para o setor de consumo, logo começou a construção em massa de grandes prédios com uma fabricação rápida e barata (visava abrigar famílias de

⁵⁶ A partir desse momento os pequenos agricultores adentraram as *kolkhoz* (cooperativas coletivas) que com ajuda estatal começaram a utilizar da mecanização, tratores e fertilizantes entrando na sistemática da larga escala

forma individual e diminuir o déficit habitacional). Além disso, aumentou os níveis salariais, conseqüentemente ocorreu uma disseminação de uma série de artigos de consumo que antes eram considerados de difícil acesso, de "luxo", é neste momento que muitos soviéticos conseguem comprar televisão a cores, geladeiras e automóveis (Segrillo, 1999).

Khrushchov construiu o seu governo para romper com a logística seguida pela estrutura e superestrutura soviética que havia sido constituída até aquele momento, com um forte discurso antistalinista, reformas econômicas no campo da agricultura e indústria e mudanças no campo social, Nikita Khrushchov focou em movimentar o governo por um novo caminho. No âmbito das relações internacionais o líder soviético embasou-se na "coexistência pacífica" com as nações capitalistas aproximando-se do ocidente, ao mesmo tempo que rompeu as relações com a China (que era liderada por Mao Tsé-Tung) (Duarte; Martins, 2024).

Segundo Segrillo (1999), ao assumir o poder, Gorbachiov encontrou um país estável e tem um grande controle no Partido Comunista, abrangendo a vida política, econômica e social do país, o fator da centralização permitia que mesmo com índices macroeconômicos de crescimento estivessem caindo essa queda não afetava o nível de vida da população, em razão de utilizarem subsídios e junto a isso havia a alta de preço de certas matérias-primas soviéticas (o ouro, o gás natural e o petróleo). Agora é importante explicar como funcionava a economia soviética até a *Perestroika* acontecer, tendo em conta que Lênin (1979) escreveu que é fundamental entender o caráter de uma época captando, a cada momento, o elo particular da cadeia nos mantendo firmemente agarrados, para assim captar toda a cadeia e nos prepararmos para a transição firme ao próximo elo. Pois considerava que a sequência dos elos, sua forma, seu encadeamento, suas diferenças entre si faziam entender o todo e suas peculiaridades, então ao compreendermos um contexto político particular e as tarefas que ele determina, conseguimos entender a totalidade de que faz parte desse sistema.

A economia soviética passou por um período contínuo, entre as décadas de 1930 e 1980, mesmo com alterações pontuais a URSS seguiu uma constância dentro destes 50 anos mantendo a estatização (ou "socialização") dos meios de produção, com um planejamento centralizado no PUCS. A concepção do Estado

comunista soviético passou por uma série de discussões e alterações na primeira fase, visto que estavam decidindo quais seriam as prioridades e caminhos seguidos, para Lênin (2023) também existia a necessidade de cuidar das semelhanças com os regimes burgueses de oposição:

...basta fazer a análise dessas relações de produção e veremos que o "regime popular" contém em si essas mesmas relações de produção capitalistas, embora em estado não desenvolvido, embrionário; veremos que se se renuncia ao ingênuo preconceito de considerar todos os kustares iguais a se expressa com exatidão as diferenças existentes no seu seio, perceber-se-á que a diferença entre o "capitalista" da fábrica e o kustar é às vezes menos que a existente entre um kustar e outro; veremos que o capitalismo se constitui não na antítese do "regime popular", mas na sua continuação direta, próxima e imediata e o seu desenvolvimento" (Lênin, 2023, p. 139).

Contendo certas semelhanças, não era possível desenvolver um único Estado comunista inserido em um mundo capitalista, logo a URSS entrelaçados os aspectos macro e microeconômicos, algo que não ocorria em economias de mercado livre, dessa forma centralizaram e estatizaram os meios de produção. Segrillo (1999) aponta que essa política econômica se fortaleceu com o governo de Josef Stalin, em 1934 99,93% das indústrias de grande porte, 84,5% da área agrícola haviam sido passadas para o Estado ou para Cooperativas (na década de 1980 100% da indústria soviética seguia esse padrão).

Uma outra diferença da economia soviética era que havia um planejamento central, que seguia as diretivas emitidas pelo governo, principalmente através do *Gosplan* (que era o Comitê de Planejamento Estatal do Conselho de Ministros da URSS) às empresas estatais. O sistema econômico da URSS era guiado pelos objetivos e prioridades estabelecidos pelo Partido, logo criaram os planos prefixados e os dividiram em longo (15 ou 20 anos) e de médio (5 anos) que davam uma direção geral a ser seguida e curto prazo (1 ano e trimestrais) que eram mais operativos, por meio destes planos e diretivas a indústria sabia a quantidade de matéria prima que deveria receber, os artigos que deveria produzir, a para quais clientes vender a sua produção (Segrillo, 1999).

Castells (1999, p.41) aponta que o maior volume das exportações soviéticas era de petróleo, gás e metais preciosos, esses produtos representavam 90% das taxas na década de 1980. Uma década antes esse movimento com países

capitalistas os inseriu de forma mais profunda na economia internacional, afetando aos soviéticos quando houve a crise de 1970 que somou-se aos problemas internos que já existiam, para o autor o fato de a URSS não conseguir manter-se imune seria a comprovação da falha do Estado soviético:

De acordo com este enfoque, este atraso fora condicionado pelo ambiente hostil internacional, que gerou uma nação em constante estado de sítio, ou seja, uma sociedade que se erigiu extremamente preocupada em suprir as carências produzidas pelas guerras: “a economia soviética desenvolveu-se em regime de autarquia [...] em ambiente hostil que gerou no país uma mentalidade de estado de sítio. [...] sempre condicionado, no tocante as importações, a questões de segurança nacional” (Castells, 1999, p. 36).

A análise do autor segue uma lógica mercadológica e capitalista, ao que Segrillo (1999) pontuou em seu trabalho, essa divergência em trabalhos publicados no mesmo ano ajudam a mostrar o contexto que as aberturas foram colocadas em prática e auxiliam a compreender como o discurso da *União Soviética* buscava preencher lacunas a partir do que o PCUS instava na URSS, deixando as características socialistas de lado e abraçando as características liberais: “O processo de industrialização soviético no século XX, que incorporou várias técnicas tayloristas e fordistas do capitalismo ocidental para tentar alcançar e ultrapassar o Ocidente capitalista avançado” (Segrillo, 2012, p. 206).

Franciscon (2017) apontou que, entre 1985 e 1986, a administração do Gorbachiov seguiu a linha de Andropov, reforçando a disciplina e os incentivos materiais à produtividade, aumentando a atuação estatal, ele tentou regular as feiras livres, passar a circulação de alimentos vindos dos *kolkhozes*⁵⁷ para a venda privada, taxou o trabalho individual, tais mudanças foram justificadas para evitarem a fuga de trabalhadores para negócios próprios e para o mercado ilegal. Desenhado como um reformador sem plano de reforma, o líder soviético de forma gradual adotou posturas liberais e da nova socialdemocracia, inicialmente a *Perestroika* incentivaria os trabalhos e os negócios que não fossem geridos ou propriedade do Estado que seguiam a economia centralizada. Em 1988 a privatização se tornou uma possibilidade para os soviéticos e em 1990 era pensado em uma terapia de choque, com um ano depois Gorbachiov definindo a política com: “As metas da

⁵⁷ Cooperativas agrícolas sob responsabilidade do Estado.

Perestroika são a liberdade econômica, liberdade política, saída do isolacionismo e a inclusão do nosso país no contexto geral da civilização” (Franciscon, 2017, p.17).

Na edição de nº 61, janeiro de 1988, há a reportagem de Nina Maksova intitulada como "Desemprego, não" esse número da revista é voltado ao âmbito das relações políticas com outras nações e, também, a economia soviética, esse texto está na divisão “*perestroika*” ocupando o intervalo das páginas 16 até a 20 para traçar a prosperidade soviética a partir de uma cidade específica e mostrar que a *Perestroika* irá melhorar o que já funcionava. A autora aborda sobre Tcheliabinsk, uma cidade soviética que manteve-se produzindo empregos durante a Segunda Guerra Mundial e em 1988 era um exemplo de vagas de trabalho para todos os níveis de escolaridade, gerando o problema de que os trabalhos com maior escolaridade eram menos procurados pela baixa diferença salarial.

Na reportagem é dito que a cidade enfrentava esse e mais problemas que baixaram a valorização do trabalho soviético, então iram diminuir as vagas para que as pessoas valorizassem mais as disponíveis:

Agora, a **competitividade** da empresa e as possibilidades materiais para a renovação dos equipamentos dependem tanto de sua administração como de cada operário. A nova forma de remuneração do trabalho permitirá a aplicação do princípio da recompensa material do pessoal de acordo com sua contribuição profissional de acordo com sua contribuição profissional e sua qualificação. (*União Soviética em Foco*, jan./1988, p. 17) (grifo da autora).

O discurso traz conceitos utilizados por um viés capitalista, no caso de “**competitividade**” Mariotto (1991) pontuou que o termo em negrito ficou em voga entre empresários, consultores e representantes do governo pela preocupação estadunidense com o seu declínio comercial mundial causado por: 1) falha em desenvolver recursos humanos nos locais de trabalho; 2) falta de incentivos para poupança e investimento; 3) políticas comerciais que não seguiam as novas realidades do comércio internacional e 4) problemas nas comercialização de nova tecnologia.

Unindo-se a isso há o crescimento dos tigres asiáticos⁵⁸, a unificação econômica europeia, as mudanças econômicas que ocorriam na URSS e a diminuição drástica dos auxílios econômicos proporcionados pelos EUA e pela URSS, essa concepção de disputa entre empresas pelo mercado internacional vai surgindo com maior constância no discurso da *União Soviética*, conforme as políticas de abertura ficam mais consolidadas. A primeira frase sublinhada é um requisito necessário para o conceito ocorrer, logo segundo o texto as empresas soviéticas⁵⁹ conseguiriam entrar no mercado internacional por meio da competitividade empresarial, que seria bem sucedida caso a administração seguisse a *Perestroika* e cada um dos operários se dedicasse o suficiente para se manter no seu emprego (que seria cada vez mais escasso, como pontuado anteriormente).

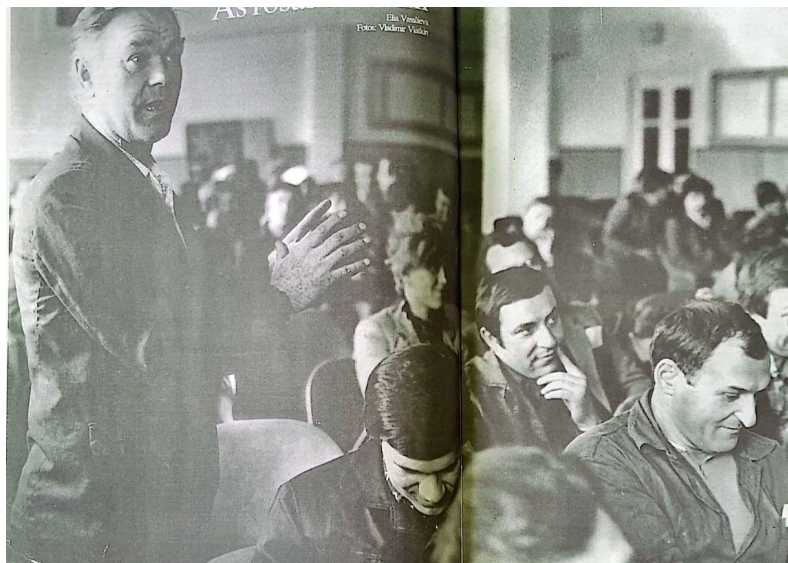
O último trecho sublinhado traz uma consequência dessas mudanças econômicas, portanto para estimular o trabalhador a se esforçar para manter o seu emprego, ele passaria a receber conforme a sua contribuição e sua qualificação, há um cuidado em unir um presente de estabilidade (com a tranquilidade salarial e de vagas) e as transformações econômicas voltadas a uma dinâmica trabalhista mais volátil. Uma edição depois⁶⁰, há a reportagem “As rosas de Sumi” escrita por Elia Vassilieva, ocupando cinco páginas. A autora discorre sobre a cidade ucraniana Sumi, os aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos, para tal há sete imagens espalhadas no decorrer do texto, a primeira traz uma Assembleia Geral na fábrica automobilística Frunze, momento em que o diretor-geral adjunto conversa sobre a *Perestroika* com os técnicos.

⁵⁸ Grupo de países e territórios que tiveram um crescimento econômico rápido localizados no leste e sudeste da Ásia (Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan), caso queira saber mais, buscar o trabalho de Fernanda Peixoto Coelho e Aline Rezende de Oliveira chamado "O Efeito do Comércio Exterior no Desenvolvimento Econômico dos Tigres Asiáticos". Disponível em: <https://periodicos.unimes.unimesvirtual.com.br/index.php/gestaoenegocios/article/view/1340>. Acesso em 15 de maio de 2025.

⁵⁹ Generalizo aqui, pois a revista utilizava do exemplo específico para a generalização soviética, logo pegavam uma figura feminina para falar das mulheres, uma fábrica para falar da indústria, um encontro para falar das sistemáticas, etc.

⁶⁰ *União Soviética em Foco*, nº 62, ano V, fevereiro de 1988, p. 08-13.

Figura 8: Trabalhadores da cidade soviética de Sumi.



Legenda: Assembleia geral na fábrica de maquinaria Frunze, onde se testam modernos métodos de gestão econômica.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 62, ano V, fevereiro de 1988, p. 08-09. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

As fotos foram registradas por Vladimir Viatkin e todas interpretam o cotidiano desta comunidade, causando uma sensação de movimento, de familiaridade e assim gerando uma aproximação. Ocupando duas páginas a fotografia divide o foco entre o diretor-geral em pé, vestindo uma roupa mais formal falando, gesticulando em direção à frente da sala e os técnicos sentados de maneira confortável e descontraída.

Dentro da temática “*Perestroika*” a reportagem começa com essa imagem que demonstra uma horizontalidade nas fábricas soviéticas, entre os diferentes níveis, ao mesmo tempo que o texto traz diversas informações desconexas com a imagem, somente nas próximas páginas que é dito que historicamente a cidade de Sumi passava por dificuldades financeiras, por isso a população se habituou a economizar e guardar (produtos e dinheiro), mas com a URSS isso mudou e as 37 fábricas e empresas dali combatiam com a produção estadunidense. Na última página, separado do restante, há as informações sobre a Frunze e sua relação com a política de abertura:

Antes, as relações entre a empresa e o Estado obedeciam à seguinte norma: o Estado se responsabilizava por 100% do financiamento, ficando depois com todos os lucros da empresa, e os distribuía a seu critério. Tudo isso gerava uma situação de não responsabilidade pela aplicação e uso das verbas orçamentárias e, muitas vezes, **fazia com**

que empresas atrasadas vivessem às custas das que trabalhavam bem. Hoje, com o **sistema de autogestão** e autofinanciamento **essa injustiça é eliminada.** As fábricas de máquinas de Sumi ampliam a produção, constroem novas oficinas, casas e centros de repouso para os trabalhadores, adquirem equipamentos modernos, pagam salários altos aos melhores operários e engenheiros. Tudo isso com as próprias receitas, sem qualquer apoio do Estado. Hoje, 30% dos lucros são destinados ao orçamento do Estado e 70% ficam com a fábrica. (*União Soviética em Foco*, fev./1988, p. 13) (grifo da autora).

No primeiro trecho sublinhado a revista informa como funcionava o sistema soviético, em que toda a propriedade e administração era responsabilidade do PUCS, para seguir os planos de longo e médio prazo, concomitantemente a busca de garantir a constância na vida soviética. O segundo trecho sublinhado traz a nova funcionalidade da fábrica, que continuava pretendendo ao Estado, mas somente 30% do lucro voltando para a máquina estatal, enquanto 70% mantinha-se com o próprio local, para gerir da forma que definia propício.

A mudança que ocorreu na gerência é grande e possibilitava uma nova escolha de prioridades, centrada na individualidade ao invés do coletivo, algo que mexia em um dos pilares da sociedade soviética. Lênin (1977) escreveu que as fábricas deveriam ter o seu direito de escolha coletiva, logo todos os trabalhadores escolheriam como deveriam seguir as normas do Partido, pois assim haveria uma diversidade na execução da legislação. O grupo que trabalha saberia como a produção e a distribuição deveria ocorrer, para Lênin as indústrias e fábricas eram educadores constantes para o comunismo.

Na mesma obra ele coloca que a imprensa deveria servir como instrumento para a construção socialista, pois é por meio dela que todos conheceriam os métodos e os pormenores dos êxitos das gestões, logo o Estado soviético sempre cuidou da imprensa. No nº 64, ano VI, abril de 1988, a entrevista “Um debate na TV: Stálin” discute sobre os preços e as novas leis, através das falas do acadêmico, secretário da seção de economia da Academia de Ciências da URSS Abel Aganbeguian; à socióloga, acadêmica e presidente da Associação de Sociólogos Soviéticos Tatiana Zazlavskaja; ao historiador, acadêmico, membro do Instituto de História da Academia de Ciências da URSS, Aleksandr Samsonov; ao filósofo e diretor do Instituto de Marxismo-Leninismo Gueorgui Smirnov e ao jurista doutor em jurisprudência e diretor do Instituto de Legislação Soviética Veniamin Iakovlev.

No debate, transmitido pela televisão, a população poderia ligar, escolher um especialista e fazer o seu questionamento, para a entrevista eles selecionaram as falas mais importantes e as organizaram.

O principal objetivo da reforma é fazer as empresas trabalharem em regime de autogestão. A maior parte da produção deverá ser diretamente encomendada pelos consumidores. Mas fica excluída a possibilidade de alguma empresa monopolizar a produção de determinado artigo. Isso deve ser garantido por medidas especiais. Que fatores deverão orientar o consumidor na escolha da empresa a que fazer a encomenda, e vice-versa? **A rentabilidade e a vantagem mútua. Os lucros determinam a massa salarial e os fundos de estímulo social dos trabalhadores. O preço, o mercado e as relações monetário-mercantis, que desempenharão um papel importante no novo sistema de gestão, no qual predominarão os métodos de estímulo econômico.** *O atual sistema de formação de preços é tradicional. Os preços de alguns artigos têm sido revistos muito raramente. O sistema é demasiado burocratizado e não leva em conta a procura e a oferta. Por isso deverá ser feita a reforma do sistema de formação dos preços. É a primeira reforma global a ser realizada.* (Aganbeguian, abr./1988, p.10) (grifo da autora).

Um dos primeiros parágrafos começa com a intenção econômica da *Perestroika*, no trecho sublinhado, mais uma vez a *Novosti* leva ao público que o foco é a autogestão. Já na parte em negrito, estruturam um discurso capitalista, no qual os lucros definiriam o salário, os preços, o mercado, as relações monetário-mercantis e também os fundos de estímulo social dos trabalhadores. Machado (2024) escreveu que a URSS certificava o cuidado social dos trabalhadores, tanto no âmbito interno como externo, fazendo os EUA preocuparem-se com estes aspectos). Com essa modificação, mesmo que as fábricas continuassem como uma propriedade estatal uma parte do lucro mantinha-se indo para o Estado, a garantia dos serviços proporcionados pelo PCUS havia acabado.

Na parte em itálico do parágrafo retoma como era o sistema soviético e como essa sistemática não conversava com o novo direcionamento através do lucro, logo a reforma necessária deveria ser geral. Em seguida, um outro trecho importante é a conclusão da entrevista, na qual o filósofo estava pontuando sobre a importância da implementação da *Perestroika*, pois seria uma correção dos erros cometidos por Stalin: “Lênin salientava que é impossível construir um Estado de novo tipo, ‘como o que pretendemos edificar’, sem cometer erros. Reconhecia os numerosos erros cometidos nos primeiros meses e anos pós-revolucionários.” (Smirnov, abr./1988, p.11).

Quando Vladimir Lênin escreve “As Tarefas Imediatas do Poder Soviético”, em 1918, ele pontua a importância de reconhecer um erro, pois ele pode ser a diferença entre uma melhoria ou uma piora, ainda escreve: “Devemos estudar as peculiaridades do caminho, novo e difícil ao mais alto grau, para o socialismo, sem encobrir os nossos erros e fraquezas, mas tentando fazer a tempo o que não foi feito.” (Lênin, 1977, p. 18). Para o revolucionário, a ausência deste tipo de reconhecimento é uma sistemática burguesa, na qual impõe as suas premissas sem a possibilidade de mudança, mas no decorrer do texto ele exemplifica e disserta sobre como este olhar e essa autocrítica deve ser voltado a melhora da revolução, do Partido, mas principalmente o foco é a qualidade da vida da população, garantindo a qualidade de vida a partir dos princípios revolucionários.

Duas edições depois há um dos registros sobre as comemorações dos 70 anos da URSS⁶¹, intitulado “1º de maio com paz e perestroika” o texto discorre sobre a comemoração do ano de 1988 na praça Vermelha de Moscou, que foi assistida por Mikhail Gorbachiov, o Presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, Andrei Gromiko, o Primeiro Ministro Nikolai Rijkov, os embaixadores ocidentais estavam presentes, incluindo o Prefeito do Rio de Janeiro Saturnino Braga e a cantora Alcione e outros dirigentes do PCUS e milhares de soviéticos.

Figura 9: Comemoração da *Perestroika*.



Legenda: Diante da tribuna sobre o Mausoléu de Lênin, jovens estudantes fazem exibição de ginástica rítmica.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 66, ano VI, junho de 1988, p. 02. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

⁶¹ O texto sinaliza a passagem de sete décadas, mas em 1988 a URSS já existia a 71 anos, em respeito a documentação no meu texto irei considerar o que está escrito na revista.

Com um grande marco arquitetônico ao fundo⁶², a imagem interpreta o país soviético, como um grande bloco e uma grande potência, tão forte que não é possível ou necessário identificar a quantidade de pessoas envolvidas, consegue-se observar a presença de algumas bandeiras (remetendo ao patriotismo) no centro e ao fundo nas construções. Cerri (2004) declara que é necessário para uma nação a percepção de coletivo, mas muito difícil de conseguir vislumbrar todos os seus membros e/ou seu território, assim se usará de símbolos para traduzir o grupo e lugar. O hino, a bandeira, os brasões, mapas são fundamentais neste processo, o domínio exercido pelo Estado-nação é mais uma simbologia, sendo um elemento para o entendimento de cada indivíduo como si mesmo, pois relativiza e diminui as diferenças, por dedução a comunicação entre os cidadãos e grupos sociais, deste modo os símbolos presentes nas figuras remetem a esta nação soviética, que ocupa territórios, utiliza-se de linguagens visuais estatais, que agrupa-se em prol a sua história e luta pelo futuro.

A integração se opera por estes símbolos, ultrapassando fronteiras individuais, pelas fronteiras territoriais (Cerri, 2004), junto a isso, o texto traz quem é o responsável pela administração soviética, o responsável por realizar a reconstrução desse país, mas isso é com o auxílio da população, que segundo a *União Soviética* estavam refletindo a vontade de realizar mudanças estruturais revolucionárias visando um novo nível de desenvolvimento político e econômico e que a democracia se amplie por meio da cúpula Gorbachiov-Reagan sendo o próximo passo o desarmamento tornando mais sólido os alicerces de uma paz duradoura que havia começado a ser construída em conjunto.

Para analisar a esfera econômica é bom entender que um planejamento econômico na realidade é um modelo teórico, para ele virar uma ação, é necessária a organização de um sistema, que deve seguir hipóteses sobre uma realidade concreta. Essa crença de que é possível controlar e guiar o sistema a partir destas crenças teóricas e assim atuar na economia desenvolvendo uma realidade só é

⁶² O Mausoléu de Lênin fica localizado na Praça Vermelha em Moscou, na Rússia. No mesmo ano da morte de Vladimir Lênin o arquiteto Alexey Shchusev começou o projeto de uma estrutura para a exibição de corpos, para que a população pudesse visitar o líder, em 1930 o corpo de Lênin foi realocado para outro local e o Mausoléu se tornou um espaço político contando com uma tribuna que foi utilizada para observar desfiles e para discursos. Caso queira saber mais sobre consultar o trabalho de Alfons González Quesada. La Representación del Mausoleo de Lenin en las insignias, medallas y órdenes soviéticas". Disponível em <http://revista-hecate.org/files/6317/3263/1710/Gonzalez-Quesada2024.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2025.

possível conhecendo as regras que orientam e explicam o seu funcionamento (Lafer, 1970).

Dessa forma, a reorganização econômica soviética foi pensada para a construção de uma nova realidade, com novos parâmetros e prioridades, logo no discurso da *União Soviética em Foco* havia um cuidado para esse período de transição unindo princípios propagados por 70 anos e as novas preferências. Um exemplo disso é a reportagem “Tecelã e ativista da ‘perestroika’”⁶³ na qual a tecelã Liubov Vólkova é apresentada aos leitores. Ela ganhou um concurso de melhor tecelã no ano de 1982, era conselheira do Soviete Urbano (Câmara Municipal) da cidade de Viázni e foi eleita delegada na XIX Conferência Nacional do PCUS.

A fábrica continha uma produção exemplar, eles cumpriam o plano anual seis meses antes do prazo (duplicando a carga de trabalho esperado), justificaram a alta produtividade em decorrência de um coletivo coeso, que seguia o lema: “um por todos, todos por um”. A reportagem ainda traz que, caso alguém estivesse de férias ou doente, os colegas trabalhavam na máquina do lado e na sua própria. A trabalhadora Liubov conseguia manejar com muita energia e rapidez, 32 máquinas, ao invés de 16 como previa a norma.

A *União Soviética* destacou que a tecelã, em dezembro de 1988, já havia produzido o que esperavam da sua produção até 1990, há uma grande ênfase na alta produtividade dela e da fábrica como um todo, Thompson (1998) analisou que após a Revolução Industrial a relação entre os indivíduos e o tempo era guiada pelo trabalho nas fábricas, dessa forma o centro da sociedade começa a alocar-se para a capacidade que cada trabalhador tem em produzir num mesmo intervalo temporal. A observação do historiador marxista refere-se ao contexto da Inglaterra no século XVIII, contudo esse vínculo entre o operariado, o tempo e a produção tornaram-se inerentes no mundo inteiro e no caso soviético é reforçado quando os modelos econômicos soviéticos são estruturados.

Segrillo (1999) escreveu que o modelo microeconômico soviético seguiu traços fordistas, para alcançar grandes níveis de produtividade⁶⁴, seguindo a lógica

⁶³ De Nina Masákova, com as fotos de Vladimir Akimov, presente na *União Soviética em Foco*, nº 72, ano VI, dezembro de 1988, p.30-32.

⁶⁴ Lênin e os demais nomes soviéticos entendiam que a URSS estava em desvantagem das outras nações, logo Lênin (1977) escreve que para aumentar a produtividade o governo soviético deveria aderir aos melhores sistemas, contudo ao fazer isso deveriam cuidar para não deixar os princípios do capital adentrarem ao sistema soviético. Segrillo (1999) escreve que na primeira metade do século XX há essa cautela, contudo, na década de 1960 não ocorre.

de uma linha de produção semi-automatizada, na qual cada operário é responsável por uma parte específica do produto. Na década de 1960 a URSS altera a sistemática, agregando os moldes do toyotismo (produzia-se conforme os consumidores necessitavam) essa mudança é feita de forma acelerada, sem a análise e o cuidado em alterar certas sistemáticas e princípios, logo o cerne da economia soviética seguia visões capitalistas.

Dessa forma, o discurso da reportagem segue percepções presentes no âmbito econômico, que com a *Perestroika* são ampliados, a trabalhadora Liubov ocupava um cargo no administrativo, Lênin (2017) teceu os Comitês de Fábricas para os trabalhadores atuarem na vida administrativa e política soviética, pois através dessa participação todos seriam ouvidos e estariam ativamente no processo político, sendo um instrumento para a concretização da democracia do proletariado. No trecho sublinhado remetem aos *Sovietes*, grupo que foi criticado por Lênin (2017) ao repetir sistematizações burguesas dentro do Estado soviético, então ao associar a palavra do povo aos *Sovietes* a revista ecoa de forma dissonante o discurso Leninista:

Ela destaca que está se organizando um sistema de direção que garanta que a última instância seja a palavra do povo, representado pelos Sovietes, que participarão da tomada de todas as decisões relacionadas com os assuntos de Estado, econômicos e sociais. – Assim, vamos renunciando às práticas perniciosas que deturpam o socialismo – destaca Liubov. – **Pretendemos atribuir ao socialismo uma nova forma através da perestroika revolucionária. Deve ser um socialismo democrático e humano**, que assegure a justiça social e proporcione as garantias sociais de satisfação das necessidades básicas do homem, que dizem respeito a trabalho, saúde, educação, moradia e previdência social. (*União Soviética em Foco*, dez./1988, p.32) (grifo da autora).

Há o cuidado em abordar a importância social dessas mudanças e transformações, aproximando-se de um dos fundamentos da sociedade soviética. Contudo, isso é misturado com princípios burgueses, como é destacado em negrito ao escreverem que “Deve ser um socialismo democrático e humano” é reverberado um entendimento da democracia burguesa, não a proletária (vigente até aquele momento). Liubov era defensora dos direitos operários, segundo a revista o seu temperamento não permitia que ela ficasse quieta quando via algo errado, logo tornou-se conselheira em 1985, ao entrar na fábrica começou um movimento

exigindo uma melhora nas instalações operárias (apoiada pelos colegas e acatada pelos administradores).

Figura 10: Um exemplo de cidadã.



Legenda: A primeira coisa que Liubov fez quando voltou da Conferência foi reunir-se com suas companheiras para debater as decisões adotadas.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 72, ano VI, dezembro de 1988, p. 30. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A imagem apresenta 12 pessoas conversando com a tecelã, enquanto ela atualiza a todos sobre a última Conferência que participou, ela (como todas as outras mulheres retratadas pela revista) e suas colegas estão vestidas com roupas soltas, vestindo blusões e saia ou vestidos. Moraes (2022) escreveu que a *União Soviética* selecionava identidades femininas soviéticas para destacar as virtudes das soviéticas (cuidar da estrutura familiar sendo um referencial para a criação infantil, manutenção da casa e do dia a dia, organizações gerais dos membros familiares, extinguindo os homens da equação, ao mesmo tempo em que trabalhavam e lutavam pelo que o PCUS defendia).

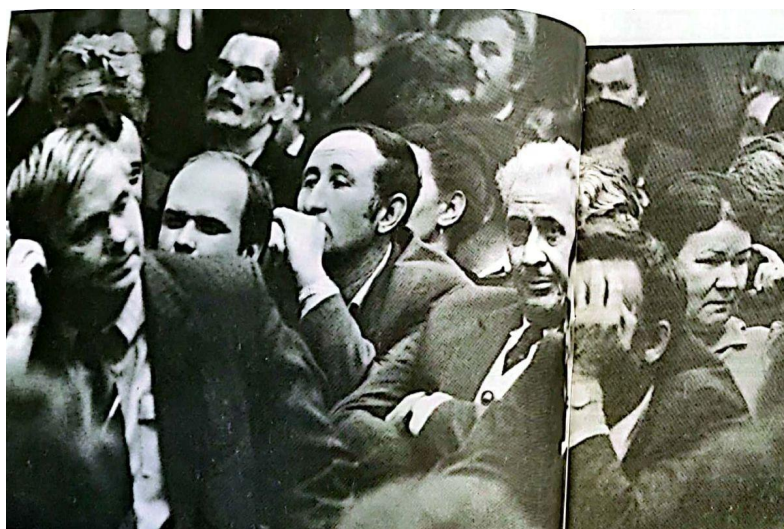
Com as novas sistemáticas estabelecidas, a URSS enfrentava debates em diversas esferas durante a execução das mudanças, Saviani (2007) reverbera a perspectiva marxista sobre a espécie humana, pontuando que a diferença entre os *homo sapiens sapiens* e as demais seria o trabalho. É possível identificar essa diferenciação por diversos caminhos a consciência, religião, ou qualquer outra coisa, mas quando se começa a produzir os meios de vida o homem torna-se homem: “Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material” (Marx & Engels *apud* Saviani, 2007, p.154).

Assim, o trabalho é algo que não está ligado ao sistema político-econômico e sim ao ser humano, logo sempre estaria no centro das dinâmicas sociais, contudo, o capitalismo é o responsável por tornar em mercadoria tanto a produção como o trabalho em si. Com isso em mente, é mais fácil compreender o porquê há um cuidado tão grande com as dinâmicas trabalhistas, pois além de ser a peça chave na economia é também fundamental na dinâmica humana.

A edição nº 77, de maio de 1989, traz a reportagem "Na fábrica, a vitória da democracia", de Iakov Samokhin, em que se aborda um debate que aconteceu em uma das empresas soviéticas, sobre como deveria ocorrer a escolha do cargo de diretor da fábrica. Os funcionários defendiam que deveria contar o voto dos operários, mas o secretário do Comitê do Partido e o representante do Ministério defenderam que somente quem trabalhava diretamente com o cargo (os especialistas e os chefes de oficina) deveriam votar.

A primeira informação da reportagem é a imagem de um grande grupo de trabalhadores soviéticos com aspectos cansados e abatidos em decorrência das assembleias, todos os homens registrados pela fotografia estão de blazer, com os cabelos arrumados, houve um cuidado com a forma na qual eles se apresentariam. Não há um indivíduo destacado, todos estão sentados de forma próxima, essa massa traz uma sensação de coletivo, de que eles são um grupo de trabalhadores coeso em oposição aos dois representantes do Partido.

Figura 11: Debate envolvendo todos.



Legenda: Nas assembleias os acirrados debates eram acompanhados atentamente pelos trabalhadores da empresa.

O secretário do Comitê era Vladimir Chalimov, ele é retratado em uma fotografia ao lado dessa junto a um texto que o reapresenta aos leitores, pois o mesmo esteve na edição de nº 73, como um dono de fábrica exemplar para a *Perestroika*, pois seguia as estipulações do Partido, defendia as aberturas, contudo nesse texto ele se tornou um representante dos problemas encontrados pelos operários. Ocorre uma conversão a partir dessa figura, que em edições anteriores foi utilizada como uma personificação da abertura, mas nessa batalha é colocado como um dos grandes problemas:

A administração da **empresa assumiu uma atitude antileninista em relação à participação dos operários na gestão**. A lista dos candidatos foi composta à revelia, **sem nosso conhecimento**. Os operários, não temam tomar o poder em suas mãos para garantir a solução dos problemas em benefício dos trabalhadores... Se não tomarmos o poder em nossas mãos, nossa energia será utilizada para tapar os buracos da produção... Seremos, como antes, escravos da empresa... Apenas o Conselho Operário será capaz de defender os interesses dos operários! (*União Soviética em Foco*, ano VII, mai./1989, p.8) (grifo da autora).

A *União Soviética* indica no trecho em negrito que a postura da administração foi **antileninista** ao lidar com a participação dos trabalhadores, a escolha dos candidatos não envolveu a todos e o PCUS utiliza a *Novósti* para se isentar dessas ações. Arrematando as ideias compartilhadas na reportagem a passagem sublinhada retoma o movimento revolucionário do começo do século e as ideias de Lênin (1977) sobre a organização e administração soviética, a concepção de tomar o poder com as próprias mãos, motivados pelos interesses do operariado, utilizando-se da estrutura existente, fugindo da concepção de rompimento e seguindo a perspectiva de conservação.

Uma das grandes alegorias utilizadas para a construção do discurso da revista é o líder Vladimir Lênin e seu legado, é impossível falar da sua vida sem considerar o seu movimento político, era filho de uma professora e de um inspetor governamental de escolas, se formou em direito com dificuldades, pois tinha embates com a polícia *czarista*, já em 1895 participou da fundação da Liga da Luta pela Emancipação da Classe Operária em São Petersburgo (Segrillo, 2012).

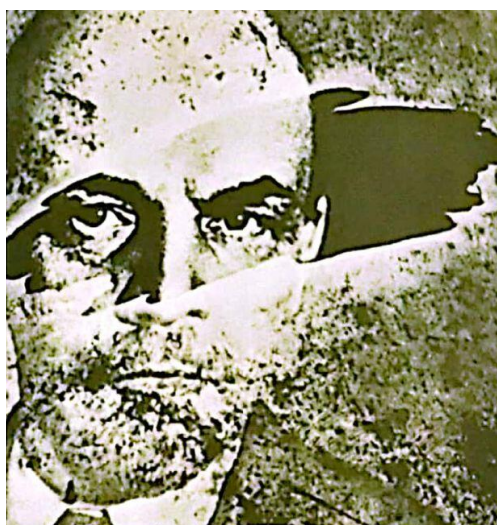
Krausz (2017) analisou a vida do revolucionário e desenvolveu a biografia referência sobre esse personagem histórico, para o autor ao se produzir um estudo

sobre o litch Lênin com um viés conservador e/ou liberal se decompõe, desconecta e desconstrói o seu legado, ainda pontua que esses historiadores negligenciam e alguns chegam a falsificar informações. Ao ser abordado dessa forma as perspectivas, ações e história do líder perdem o seu significado, apresentando as suas ideias, seus objetivos e ações como uma mera racionalização, algo desconexo, desenhando-o como um líder onipotente, utopista autoritário, dogmático, centralizador essa visão é um triunfo da ideologia dominante.

Para além de ser um grande intelectual e teórico marxista, ele colocava em prática os seus estudos e ideologias, ao observar o seu contexto entendeu que o capitalismo russo seguia o padrão anglo-saxão, logo a revolução marxista deveria ser feita a partir de adaptações (Krausz, 2017). Com muitas produções referentes a necessidade de ocorrer uma revolução na Rússia, como fazê-la, quais os caminhos que esse novo Estado deveria seguir, como o operariado deveria se organizar, o que deveriam se atentar, o que evitar as suas obras guiaram a URSS durante a sua história e foram interpretadas conforme o período (Segrillo, 2012).

Em abril de 1990, na edição de nº 88, ano VIII, Aleksandr Krukhmalev escreveu a reportagem "Lênin e o socialismo" pontuando como Lênin reconheceu os erros e se propunha a melhorar e como a *Perestroika* e a *Glasnost* seriam peças chave para esse processo. Logo, no topo da página, há uma imagem desgastada do revolucionário, ela está enquadrada de uma forma que vemos o rosto dele, mas principalmente os olhos, que estão em direção ao leitor.

Figura 12: Lênin e a perestroika.



Legenda: A velha aldeia cresce sem destruir seus santuários e suas casas de madeira.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 88, ano VIII, abril de 1990, p. 06. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A imagem, com falhas na maior parte, tirando o olhar do primeiro líder soviético, ela atua como um porta-retrato esquecido no canto da casa, que empoeirou, sujou conforme a história soviética aconteceu, com lideranças distintas que não cuidaram do que deveriam. Agora, através da *Glasnost* e da *Perestroika* Lênin começa a voltar a realidade soviética, o seu olhar, sua intencionalidade voltam, é como se estivessem compreendendo com mais nitidez a mensagem e a figura dele, isso é corroborado pela escrita, focada no âmbito econômico das mudanças, revive a defesa de Lênin sobre as cooperativas, pontuando que a economia socialista seria por meio do desenvolvimento de relações de mercado, estímulos materiais e elementos de autogestão. Ainda pontua que a experiência histórica provou que as ideias sobre o cooperativismo ocupavam um lugar central nos planos leninistas referentes ao futuro da sociedade socialista:

A concepção de sistema político socialista proposta por Lênin previa a **direção do Estado e da sua atividade política, o desenvolvimento contínuo dos princípios de auto-administração socialista e ampla promoção de representantes do povo aos postos dirigentes**. Um socialismo criativo e vivo é obra do próprio povo. Essa idéia está presente em muitos trabalhos de Lênin. (Krukhmalev, abr./1988, p.07) (grifo da autora).

O trecho em negrito traz a intenção de Lênin, um Estado dirigido por representantes do povo, dos quais fariam a sua atividade política visando o desenvolvimento contínuo dos princípios da autoadministração, sendo a obra do próprio povo. Há um caráter representativo, fluido nessa visão leninista, Krukhmalev (abr./1988) segue a lógica da *Novósti*, interpretando os posicionamentos do líder de forma a justificar uma desestatização das empresas soviéticas, justificando que agora a participação do operariado seria maior.

Entretanto, em comparativo com os escritos de Lênin, é possível encontrar certas coerências, como o ato de mudar as dinâmicas quando não funcionam e certas incongruências, como a busca em afastar os princípios estatais da lógica capitalista. No primeiro semestre de 1917 ele publica uma carta “À População” em que diz:

Camaradas trabalhadores! Lembrai-vos que vós próprios dirigis agora o Estado. Ninguém vos ajudará se vós próprios não vos unirdes e não tomardes nas vossas mãos todos os assuntos do Estado. Os vossos Sovietes são a partir de agora órgãos do poder de Estado, órgãos plenipotenciários e decisivos. (Lênin, 1917).

O cerne da mensagem é a participação e escuta efetiva do operariado, o sistema soviético deveria priorizar e buscar a emancipação e transformação social de forma constante, para assim chegar ao comunismo, para tal poderia utilizar-se de estruturas de outros sistemas, contanto que fossem adaptadas aos princípios pensados por Engels e Marx, o povo deveria ser o centro, as beiras e o todo (Lênin, 2019).

Todavia, por mais que a revista utilizasse das falas e ideias leninistas, na prática estava documentando a reconstrução e renovação ao capitalismo. Na edição de nº 64, ano VI, abril de 1988, p.16, há a reportagem "Soviéticos e americanos debatem direitos humanos" em que é relatado um debate entre estadunidenses e soviéticos transmitido pela televisão, iniciado com uma discussão entre os dois polos e pontuando sobre a liberdade permitida pelos Estados Unidos da América e a ausência de liberdade na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Gramsci (1975) entendia que o conceito de liberdade variava conforme a relação entre os indivíduos e seu contexto, logo em uma circunstância capitalista a liberdade está ligada à posse de mercadorias⁶⁵, então ela é algo político e para uma sociedade ser livre deve se tornar socialista:

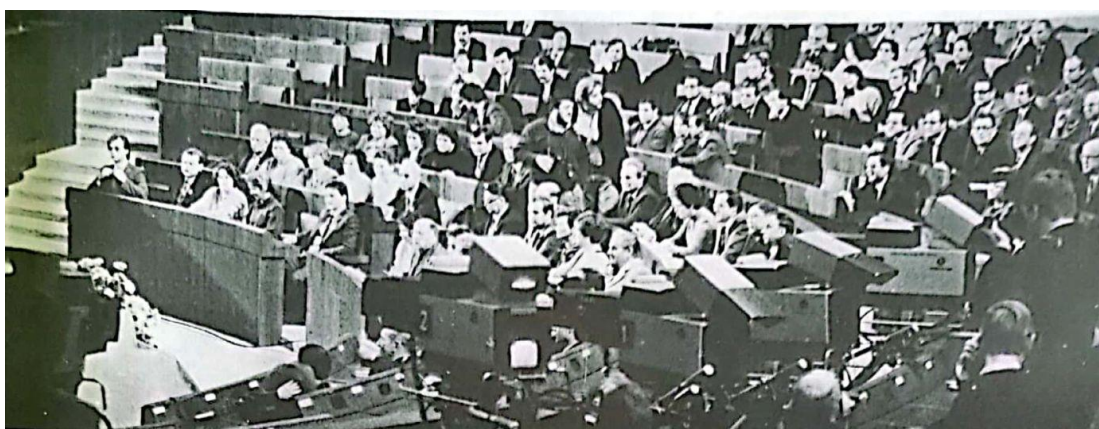
Portanto, não se pode dizer que o regime burguês não é um regime de liberdade; toda a história é uma sucessão de regimes de liberdade, mas de liberdade individual e política, ou seja, liberdade formal para todos e liberdade efetiva para os proprietários dos meios de produção e de troca. Quando o estado era posse individual, apenas o tirano e seus bajuladores eram livres; quando o estado passou a ser propriedade dos capitalistas e proprietários de terras, os capitalistas e proprietários de terras tornaram-se livres. Quando o estado é "propriedade" dos trabalhadores, os trabalhadores se tornam livres. (Gramsci, 1919, s/p).

Sempre há a liberdade, contudo ela é definida através da propriedade e no caso de regime estadunidense essa liberdade mercadológica está de mais fácil acesso, a liberdade midiática nesse contexto também, pois o discurso propagado é das empresas, Adorno (2024) escreveu que a Indústria Cultural transforma as artes em um sistema de reproduções, seguindo as sistemáticas do liberalismo, mantendo a hierarquia social.

⁶⁵ Ele segue a perspectiva de Marx (2024) que para o funcionamento do sistema capitalista tudo torna-se uma mercadoria, desta forma, quando Gramsci (1975) pontua que a liberdade no capitalismo é o ato de posse ele refere-se inclusive a possibilidade de exercer ou não o trabalho, o consumo de bens essenciais, o acesso a serviços básicos e oportunidade de uma maior qualidade de vida.

O debate se tornou um marco para as relações entre a URSS e os EUA, logo para a sua realização envolveu uma grande quantidade de pessoas e equipamentos, a imagem abaixo enquadra uma parte do espaço, da equipe e das câmaras envolvidas nesse processo. A sua transmissão na televisão soviética foi uma forma de simbolizar a *Glasnost* e a *Perestroika* em prática, tanto o fator da aproximação das potências, como a escolha da temática e a transmissão ao vivo facilitando o acesso da população às narrativas abordadas.

Figura 13: Transmissão de uma aproximação entre EUA e URSS.



Legenda: deputados do Soviete Supremo, representantes da Embaixada dos EUA e jornalistas soviéticos e estrangeiros.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 64, ano VI, abril de 1988, p. 17. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Pensado para apresentar uma grandeza e maleabilidade do lado soviético, a discussão acabou apresentando as diferenças reforçadas durante décadas de Guerra Fria. Um dos jornalistas estadunidenses pontuou que havia mais liberdade durante o período *czarista* (seguindo a premissa de Gramsci a fala está defendendo a possibilidade de posse midiática). Esse posicionamento ofendeu os soviéticos, que rapidamente defendem a URSS, dizendo que por mais que tivesse problemas, ainda sim ela sempre esteve centrada na humanidade e priorizaram acabar com a pobreza, a fome, o desamparo e garantir a todos o direito a trabalho, algo que nenhum o outro país conseguiu.

A colocação soviética finaliza ao se encaminhar para o âmbito político ao marcarem que por mais que houvesse a possibilidade de todos poderem votar nos EUA o processo para alguém concorrer a um cargo político o indivíduo deveria conseguir se financiar, enquanto na URSS a sociedade custeava esse processo. Aqui, o conceito de liberdade de Gramsci volta, pois mesmo que no regime soviético

houvesse um alto controle estatal era permitido à população o uso de bens que em um cenário capitalista não seriam tangíveis às grandes massas, permitindo à população certos movimentos.

2.2. Uma nova política, uma nova nação

O período do final da década de 1980 e começo da década de 1990 foi de muitas mudanças econômicas, independente da vertente política ou país a se analisar. Neste subcapítulo irei discutir sobre a política soviética e as relações políticas entre a URSS e outras nações, incluindo os EUA, isso é importante, pois o contexto histórico da Guerra Fria estava acontecendo e como eles eram os referenciais deste momento ao analisar o discurso soviético sobre estas interações proporciona compreender melhor o seu fim.

Com isso, a *Perestroika* é instalada na URSS para alterar alicerces estabelecidos há décadas. Na edição de nº 55, de julho de 1987, da *União Soviética em Foco*, há a reportagem intitulada "A URSS já tem uma nova política econômica", produzida pela *Novosti* em que é apresentado sobre o Plenário do Comitê Central do PCUS, em que discutiram os projetos de lei e as mudanças causadas pela abertura política e econômica:

Os pontos básicos dessa transformação revolucionária, segundo assinalou Gorbachiov no relatório, são: 1º- Radical ampliação da autonomia das unidades de produção e das empresas, sua absoluta autonomia financeira, aumento de responsabilidade tendo em vista melhores resultados, cumprimento de compromissos assumidos perante os consumidores, estabelecimento de uma direta correlação entre o nível das receitas do coletivo e a eficácia do seu trabalho, amplo desenvolvimento de empreitada coletiva nas relações de trabalho. 2º- Total remodelação da direção centralizada da economia, elevação de seu nível qualitativo, concentração nos processos principais que definem a estratégia, a qualidade e níveis de desenvolvimento da economia nacional em geral, seu equilíbrio e, ao mesmo tempo, descentralização de interações na atividade operacional dos organismos econômicos de escalão inferior. 3º- Reforma essencial do planejamento, da fixação de preços, do mecanismo financeiro-creditício, passagem para o comércio em geral dos meios de produção e remodelação da direção do desenvolvimento técnico-científico, das relações econômicas externas, do trabalho e dos processos sociais. 4º- Criação de novas estruturas que garantam o aprofundamento da especialização e a elevação da confiabilidade dos contatos na esfera de cooperação, bem como a incorporação

direta da ciência na produção e, com base nisso, arranque para o nível mundial de qualidade. 5º- **A passagem do sistema demasiadamente centralizado e baseado no comando ao sistema democrático, o desenvolvimento da autogestão, a criação do mecanismo de ativação do potencial da personalidade humana, a nítida demarcação das funções e mudança radical do estilo dos métodos de atividade dos órgãos do Partido, estatais e econômicos.** (*União Soviética em Foco*, jul./1987, p. 11) (grifo da autora).

Lênin (2017) pontua que o Estado é o centro do sistema burguês capitalista, é através desse agente que o sistema se mantém e é propagado, é ele que possibilita e promove o capitalismo, logo para que a URSS retornasse a esta máquina Estatal era necessário mudar não só a cultura e economia, mas também o Estado como um todo.

A ligação entre o Estado soviético e a economia era algo intrínseco, pois a influência era mútua gerando uma interdependência, que ficava evidente nas questões do comércio internacional, em que as decisões políticas afetavam os mercados globais e as relações diplomáticas, conforme apontado por Roio (2014). A série de reformas políticas e econômicas causadas pela *Perestroika* buscaram transformar o sistema soviético, no trecho da reportagem são levantados os cinco pontos de mudança, os quatro primeiros eram focados no âmbito econômico.

Segrillo (1999) escreveu que a abertura seguia uma descentralização econômica a partir da diminuição do controle estatal sobre a economia e incentivo a atividades privadas e cooperativas; a abertura ao comércio exterior a partir da permissão para importação de produtos estrangeiros e liberalização de algumas práticas comerciais; a diminuição nos gastos militares, centrando-se no desenvolvimento científico de outras esferas (pontos abordados nos trechos sublinhados que estão alicerçados em termos como "radical", "total", "essencial" e "elevação" intuindo ao discurso uma grandeza e uma determinação sobre a *Perestroika*). O último tópico, destacado em negrito, aborda sobre as reformas políticas que também seguiam a descentralização, uma maior transparência e participação popular, segundo a *União Soviética* seria “a criação do mecanismo de ativação do potencial da personalidade humana”.

A reestruturação trouxe mudanças profundas na URSS, pois introduziu elementos de mercado na economia planificada, como privatizações e liberalização de preços, unido a isso a abertura no comércio internacional, permitiu um aumento na interação com outras economias. Contudo, essas transformações ocasionaram uma instabilidade econômica, desabastecimento de produtos e o aumento das desigualdades sociais. Além disso, a descentralização do poder e maior pluralismo político enfraqueceram a dominância central do Partido Comunista, ocasionando um aumento de diferentes discursos, o surgimento de novos movimentos sociais, uma abertura cultural e um crescimento nas manifestações artísticas e culturais (Segrillo, 1999).

Pomeranz (1990) agrupou análises sobre diferentes posicionamentos referentes a *Perestroika*, como a fala da socióloga e grande defensora da política Tatiana Zaslavskaya, que produziu a obra “*Perestroika e Socialismo*”, e discutiu sobre as premissas sociais que ocasionaram o estabelecimento da abertura, os seus objetivos sociais, as suas etapas, os possíveis problemas, soluções e a necessidade da implantação de pesquisas empíricas e de opinião pública, algo retomado na reportagem também:

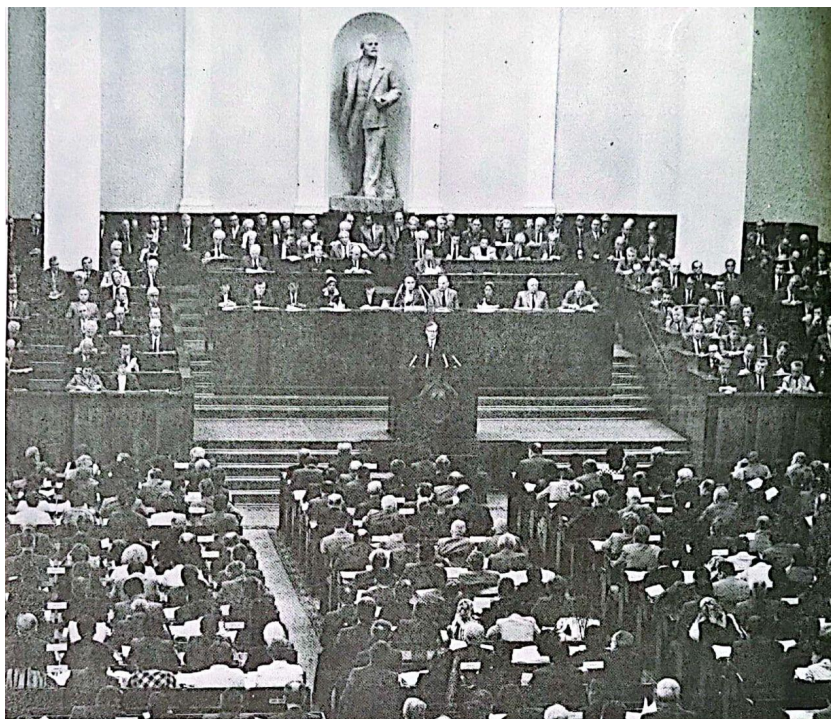
Cresce a compreensão do fato de que a necessidade da perestroika surgiu devido ao aumento das divergências no desenvolvimento da sociedade. Divergências que, se acumulando gradualmente e não encontrando soluções cabíveis, levaram de fato a uma situação de pré-crise. (*União Soviética em Foco*, jul./ 1987, p.09).

Outro texto estudado é o de Len Karpinski, um observador político do jornal “*Novidades de Moscou*”, que escreveu que o stalinismo emergiu em um sistema de crenças e ideológico montado sobre dogmas, mitos e estereótipos que marcam o modo de pensar de uma grande quantidade de pessoas. Assim a *Perestroika* representava um sistema de manifestações positivas, que se privilegiavam os fatos e as análises.

A reportagem discute ainda sobre o fator que havia uma unificação entre as aberturas cultural, política e econômica, pois seria através da democracia que aumentaria o interesse da população e da produtividade. O povo soviético ao guiar-se pela “Doutrina Leninista” seguiria um modo criador e se manteria na causa da revolução por meio da abertura, todo esse discurso é construído junto com a imagem da tribuna, a qual na parede central há uma grande estátua do antigo líder.

Posicionada acima dos políticos, a figura de Lênin retoma uma identidade firmada a partir da figura política, logo a estátua representa um grupo, um segmento social, um discurso ideológico. Desta forma, quando o Estado acolhe e posiciona um patrimônio ele positiva sua função ao mesmo tempo que a controla o discurso (Gonçalves, 2015).

Figura 14: Plenário do Comitê Central do PCUS.



Legenda: Diante do Soviete Supremo, o Primeiro Ministro Nikolai Rijkov, na tribuna, encaminha a discussão dos projetos sobre as mudanças na economia.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 55, ano V, julho de 1987, p. 08. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Com grandes dimensões (o pé-direito alto, a quantidade de mobiliário e grandes escadarias), a fotografia acaba impossibilitando a identificação de todos, pois apresenta a grande quantidade de pessoas envolvidas nas discussões divididas em 24 fileiras (das quais 11 estão distribuídas nas costas e laterais do palanque e 13 na parte inferior da tribuna), voltadas ao Primeiro Ministro Nikolai Rijkov.

A reportagem foi construída a partir das falas de Gorbachiov no Plenário, utilizando da sua posição enquanto líder para representar o discurso, utilizando de dados quantitativos, pontuou-se que uma das conquistas da *Perestroika* foi o crescimento do interesse dos soviéticos na ciência, literatura, artes, atividade da imprensa, rádio e televisão, trazendo como consequência um aumento na produção em diversos setores da economia e, segundo o Gorbachiov, é a prova da

necessidade da política. Essa aproximação dos processos causados pela *Perestroika* e pela *Glasnost* causam uma ideia de nação em construção, na qual Moraes (1991) afirmou que a imagem de um país em construção estimula o controle social e a legitimação de políticas que atendem aos interesses da classe dominante, pois o país começa a ser representado por esta imagem e não os demais coletivos, proporcionando um apagamento quando considera-se necessário.

Na edição de nº 56, ano V, de agosto de 1987, p. 17, há o texto intitulado "Renovação é sinônimo de mais socialismo", de Dmitri Vassiliev, localizado no meio da revista a argumentação ocupa uma página, construindo um discurso explicativo/associativo sobre a relação entre a *Perestroika* e o socialismo. Logo nos primeiros parágrafos Dmitri escreve que as transformações na sociedade soviética têm uma proporção e importância **verdadeiramente revolucionárias**, em seguida assinala que a palavra **revolução** é o melhor termo para designar qualquer **mudança drástica** nos acontecimentos, **quebrando as normas e hábitos** de vida regular, além disso ela também **orienta as ações e aspirações sociais numa nova direção**.

O autor escolhe abrir o seu discurso retomando um termo chave para a política, para analisar esse texto (e muitos outros) é importante conceitualizar. Marx e Engels inicialmente entendiam o conceito de revolução como a mudança de um sistema para o outro, todavia observaram que haviam diferentes tipos de revolução: 1) a revolução burguesa, liderada por setores ambiciosos da burguesia e instigados pela expansão das forças capitalistas; 2) a revolução comunista, que deveria acontecer após o capitalismo quando a nova classe operária (originada pelo sistema do capital) estaria focada em acabar com todas as divisões de classe, para eles a revolução deveria continuar a propagar-se (Engels; Marx, 2007).

Bottomore (1988, p. 513) apontou que, no caso da Rússia, Lênin se empenhou para construir um partido capaz de organizar antecipadamente uma revolução, a partir disso surgiu a estratégia da revolução permanente, assim o plano era de continuar -sem pausas- a revolução que inicialmente poderia ser burguesa, torna-se democrática e por fim socialista. Para acontecer a revolução, as massas devem estar preparadas para se levantar quando as classes dominantes não conseguem sustentar a velha ordem, ultrapassando a vontade dos partidos e das classes essas condições objetivas fazem Lênin defender que a revolução socialista

não poderia acontecer em um único e rápido golpe e sim forçosamente de lutas progressistas e cada vez mais intensas em todas as frentes.

No entanto, a revolução não é uma simples mudança radical, uma virada no desenvolvimento da sociedade; ela tem sempre um conteúdo social, político e espiritual. Em outras palavras, além da determinação, devemos também levar em conta a orientação das ações realizadas. Como se trata da União Soviética, primeiro país a construir uma sociedade socialista, é possível formular a questão de saber se o futuro pretende ser alcançado com as atuais transformações no nosso modo de vida socialista. (Vassiliev, ago./1987, p. 17).

O conceito de socialismo é anterior ao século XIX, Marx evitou de definir essa vertente, mas o delimitou enquanto negação ao capitalismo que por meio de um extenso processo revolucionário o proletariado transformaria a sociedade e, com isso, transformaria a si mesmo (Marx, 2012). É Lênin (2017) que vai retomar a perspectiva de Marx e definir o socialismo como o que seria chamado de "a primeira fase" ou "fase inferior da sociedade comunista", a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas recebeu esse nome pelo entendimento de que as mudanças estruturais que foram adotadas eram profundas, a caminho de uma sociedade comunista.

Gramsci definia o socialismo como um sistema futuro no qual possibilitaria a todos o máximo de liberdade com o mínimo de coerção, com uma liberdade organizada e controlada pelo proletariado sem a expansão dos poderes e intervencionismo estatal. Para ele o então Estado burguês deve se transformar no Estado proletário que necessita da participação ativa e constante da população, utilizando os termos "sociedade comunista" e "socialismo" para se referir a esta organização de transição até o comunismo. Durante esses séculos ocorreria uma divisão do trabalho pacífica e solidária resultando em uma sociedade regulada. (Gramsci, 2007)

Pomeranz (1990) escreveu que de acordo com o discurso do PCUS a sociedade soviética encontrava-se insatisfeita e sem confiança com a política pré-aberturas, dado que observavam uma dualidade interna: de um lado o poder legislativo eleito pelo povo e do outro um poder real que se mantinha sob o cuidado do aparelho partidário estatal e através da abertura o sentimento nacional ressurgiu.

À vista disso, havia um esforço enorme para reforçar a importância da *Perestroika* e da *Glasnost*, em como elas transformariam e melhorariam as dinâmicas e vidas da população, ao mesmo tempo que colocaria a URSS em um novo patamar internacional.

Um exemplo disso é a reportagem “URSS e EUA: oportunidades reais”⁶⁶, de março de 1988, na qual o observador político da *Novósti*, Spartak Beslov, discorre sobre um acordo entre as duas nações, o Tratado sobre Armamentos Estratégicos Ofensivos, expondo a fala do ministro Eduard Shevardnadze que pontuou a real possibilidade de os dois estados entrarem em acordo sobre a redução dos arsenais de armamentos estratégicos. Somando-se a isso, Gorbachiov falou que a URSS estava determinada a seguir o que foi acordado desde que o outro lado fizesse o mesmo, discutiram sobre os conflitos bélicos externos e a possibilidade de retirada de tropas, assim como combinaram de discutir sobre os direitos humanos.⁶⁷

Laclau; Mouffe (2015) traçaram que um discurso é uma prática articulatória e significativa que constrói pontos de convergência que unem os sentidos, dessa forma constituem e organizam as relações sociais, ligando as palavras e ações. Assim, quando Gorbachiov constroi que a *Perestroika* buscava intensificar o papel dos *Soviets*, pois constituíam a base política do poder do povo e retoma as revoluções dizendo que foram uma passagem de uma formação social e econômica para outra possibilitando para a reestruturação não colocar o poder em xeque, pois foi “uma questão já resolvida pela Revolução de Outubro” (*União Soviética em Foco*, mar./1988, p.16) ele está evocando um passado, para isentar-se dos princípios revolucionários.

Para elaborar um discurso coeso ele pontua que as mudanças econômicas seriam a democratização na produção, sendo a “linha mestra da reestruturação como processo revolucionário”, pois essa nova sistemática geraria a criação de “organismos de democracia popular”, igual aos operários em 1917 quando formaram os comitês de fábricas:

Em síntese, a reestruturação significa a passagem de um tipo de desenvolvimento a outro. No campo das forças produtivas, implica a

⁶⁶ *União Soviética em Foco*, nº 63, ano VI, março de 1988.

⁶⁷ O que resultou na reportagem “Soviéticos e americanos debatem direitos humanos”, presente na edição de nº 64, ano VI, abril de 1988, p.16.

passagem da fase industrial para a técnico-científica e do crescimento extensivo para o incentivo: na esfera das relações de produção, a substituição dos métodos de gestão autoritários pela autogestão: no terreno político, a evolução do centralismo rigoroso para uma nova etapa de autogestão socialista: no campo espiritual, a pessoa abstrata dá lugar ao indivíduo. **A reestruturação permite superar a contradição entre o homem como objetivo supremo do socialismo e toda a prática que o reduz a mero instrumento, revela as potencialidades humanistas da Revolução de Outubro e do ensinamento de Marx**, e constitui uma nova etapa no desenvolvimento multilateral do indivíduo. **De modo geral, a reestruturação é uma transição para uma fase mais desenvolvida do socialismo**. Ao entrar no caminho da reestruturação, o socialismo demonstrou, de fato, capacidade de auto-aperfeiçoamento que, segundo Mironov, constitui um processo revolucionário único, pois não é antagônico, uma vez que a luta entre o velho e o novo não tem natureza de classe. A reestruturação não possui nada em comum com a revolução política que conduz à mudança de classes no poder. Confirma-se a tese de Marx de que "as revoluções sociais sem antagonismo de classe não são revoluções políticas". **A reestruturação não é um processo espontâneo, mas uma revolução realizada conscientemente pelo povo, que dirige a sociedade em permanente autodesenvolvimento**. (União Soviética em Foco, ano VI, mar./1988, p.17) (grifo da autora).

Sintetizando a construção discursiva utilizada na *União Soviética*, esse trecho traz o modo como eram abordadas as mudanças, nas partes sublinhadas destaquei os momentos em que foi pontuado as modificações de forma mais direta em diálogo com uma perspectiva de melhora/resolução como por exemplo os termos “substituição”, “evolução”, “auto-aperfeiçoamento” “luta” em conjunto com uma dicotomia: “autoritário e autogestão”, “centralismo e autogestão socialista” e “velho e novo” essa união e constância desenha a dualidade entre o que estava acontecendo na URSS e a perspectiva socialista soviética.

Esse trecho ainda ecoa essa concepção, nos fragmentos em negrito encontra-se a aproximação das aberturas com os princípios soviéticos: “revela as potencialidades humanistas da Revolução de Outubro e do ensinamento de Marx” e “revolução realizada conscientemente pelo povo, que dirige a sociedade em permanente autodesenvolvimento”. Ao focar no caráter humanitário das novas políticas, Gorbachiov construiu uma narrativa, na qual coloca o povo em destaque, quase dando o protagonismo a ele e a história revolucionária soviética. Santos (2004) escreveu que a *Perestroika* e a *Glasnost* foram extremamente influenciadas pelo neoliberalismo, um sistema que defende o capitalismo, o monopólio e a

crecente intervenção estatal, dado que o capital concreto precisa da intervenção estatal para coordenar as forças produtivas.

Engels; Marx (2007) pontuam como a trajetória do capitalismo é o acúmulo da produção, com a proteção crescente da ciência, o monopólio e a centralização de capital, principalmente nas sociedades anônimas, no sistema financeiro e o capitalismo de Estado (que seria o capitalista coletivo). Para Santos (2004), o neoliberalismo está em contradição constante (igualmente ao discurso da *União Soviética*), pois para defender o capitalismo – que ele considera o começo e o fim da ação econômica – ele tem de defender a concentração, a centralização, o monopólio e a intervenção estatal.

Na edição de nº 67 há uma reportagem produzida especialmente para a *União Soviética em Foco*: “Encontro de Moscou abre uma nova era nas relações URSS-EUA”⁶⁸ de Stanislav Kondrachov. Esse texto aborda sobre a assinatura do Tratado de Eliminação dos Mísseis de Médio e Curto Alcance e discute sobre a redução de 50% de desarmamento nuclear efetivo. A imagem age como um divisor entre o governo estadunidense de Ronald Reagan (à esquerda) e o governo soviético de Mikhail Gorbatchiov (à direita).

Figura 15: Reunião entre Mikhail Gorbatchiov e Ronald Reagan.



Legenda: Ronald Reagan e Gorbachiov participam de uma das reuniões de trabalho.
Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 67, ano VI, julho de 1988, p. 07. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

⁶⁸ *União Soviética em Foco*, nº 67, ano VI, julho de 1988, p. 03.

A fotografia interpreta a importância desse momento, quando ao fundo é possível observar mais de dez pessoas acompanhando e registrando este momento, junto a isso, no centro de tudo há uma grande mesa de madeira, com arranjos de flores e em frente de cada um há documentos e aparelhos eletrônicos com fones (provavelmente são tradutores para melhor comunicação e que indicam que ambas as lideranças comunicavam-se com suas línguas de origem). No texto há a frase: "A confrontação foi substituída pelo diálogo", reforçando o interesse mútuo de aproximação, as relações estavam cada vez mais prudentes e civilizadas fazendo com que a incompreensão e desconfiança estivessem desaparecendo:

A reestruturação da política externa, da mesma forma que a da interna, desenvolve-se e se aprofunda. Um dos mais vivos exemplos é o início da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. É impossível separar uma *perestroika* da outra: a primeira é fonte de forças para a segunda e vice-versa. **A melhoria da imagem da URSS no mundo é, sobretudo, consequência da *perestroika* da vida interna, da abertura democrática e da autocrítica.** (*União Soviética em Foco*, jul./1988, p. 05) (grifo da autora).

Os trechos sublinhados pontuam como a mudança do cenário internacional só era possível pela mudança econômica e da política interna, exemplificando através da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. Castells (1999, p.51) escreveu que, no plano das relações internacionais a *Perestroika*, foi um produto de uma nova Guerra Fria, na qual a URSS continha uma carência na área tecnológica e bélica em relação aos EUA levando a uma desaceleração da corrida armamentista nuclear e apelos pela paz. Essa concepção é reforçada em outros momentos da reportagem, que sinaliza o grande potencial para acordos do Ártico a Antártida (reforçando o controle mundial dos dois polos), uma associação aérea entre a *aeroflot* e a *pan american*, assim como na construção de um reator termonuclear experimental.

Já a passagem em negrito retoma as modificações internas e como elas seguiriam um caráter democrático e autocrítico, também ecoado posteriormente no texto, quando Kondrachov escreveu que uma das diferenças entre os EUA e a URSS é que a *Perestroika* soviética teria formulado a questão dos direitos humanos, das condições que permitiam à personalidade revelar seu potencial, das liberdades civis e da criatividade do indivíduo. Santos (2004) escreveu que o governo Reagan

cortou gastos no setor social enquanto expandiu no setor militar, gerando um déficit público. Por mais que o discurso massivo da revista buscasse unir, naturalizar e aproximar os antigos pilares socialistas soviéticos e os novos pilares liberais, ela ainda reforça as suas diferenças, retomando o quão diferente a URSS era dos países capitalistas. Esse contraste ficava mais forte nas produções sobre as aproximações entre governos, mas o texto termina pontuando que durante a década de 1970 enquanto acontecia a distensão internacional houveram 40 acordos entre os EUA e a URSS, que foram quebrados depois, mas em 1988 estavam vigentes 47 pactos com a intenção de aumentarem esse número, algo proporcionado pela *Perestroika* e *Glasnost*.

Nove meses após essa publicação, a edição de abril de 1989 contém uma reportagem exclusiva para a *União Soviética em Foco* intitulada "Os rumos da *Perestroika*", de Vitali Korotitch, ele começa pontuando que os soviéticos estavam cansados dos "desatinos econômicos e ideológicos", mas destaca que uma das barreiras das aberturas eram que as pessoas achavam que todos os seus problemas seriam resolvidos, contudo a democracia também teria problemas, logo restava escolher um regime totalitário ou uma democracia, assim o discurso coloca que a decisão é entre o totalitarismo ou não. Essa lógica está presente no capitalismo, a Indústria Cultural propaga esse discurso hegemônico visando a manutenção do *status quo*, pois quando o indivíduo consome constantemente que todos os aspectos do seu dia a dia são sua responsabilidade, quando houver uma frustração ela se voltará aos outros e não ao Estado, possibilitando um domínio e controle contínuo.

Segundo Korotitch a *Perestroika* introduziu na URSS os valores democráticos universais, que eram conhecidos no mundo civilizado há muito tempo, além disso ele diz que o destino da economia e o desenvolvimento da sociedade soviética dependiam da afirmação desses valores. Segrillo (1999) apontou que a URSS utilizou o termo "democracia" seguindo a lógica usada pelos EUA para a manutenção do seu domínio econômico e da *pax americana*, assim, tal qual o discurso estadunidense, o governo soviético buscava a "democracia" para a salvação nacional e assim aproximar-se do correto, como nos trechos sublinhados:

É por esse motivo que é difícil falar em democratização. Não teremos democracia enquanto não formarmos uma estrutura de interesses econômicos mais ou menos desenvolvida. Penso que uma das

maiores contradições que enfrentamos hoje é que o partido, principal elemento do sistema totalitário, começou a reestruturar-se, iniciou uma reestruturação radical. (*União Soviética em Foco*, abr./1989, p. 29) (grifo da autora).

Abrindo a reportagem, há uma imagem com quatro homens sentados, mas somente dois são identificados: Vitali Korotitch (ao centro) e Edward Hewett (à esquerda), ambos estão vestindo terno e gravata e olham seriamente para a frente. Com um registro mais fechado e intimista, a imagem demonstra a seriedade envolvida em todas as decisões das aberturas, pois o governo soviético estaria concebendo algo muito bem pensado e discutido.

Figura 16: O futuro soviético decidido pelos dois pólos.



Legenda: Vitali Korotitch (ao centro) e Edward Hewett, à esquerda.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 76, ano VII, abril de 1989, p. 27. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Essa nova imagem do socialismo, construída desde 1985, predominava a democracia e a abertura, ambas seriam a melhor alternativa entre três: 1) voltar ao stalinismo, 2) criar uma monarquia absolutista progressista ou 3) a *Perestroika*. O trecho específico propicia uma escolha fictícia entre a volta do autoritarismo ditatorial de Stalin, o retorno à uma monarquia absolutista (porém progressista, partindo do pressuposto que seria impossível a volta de um sistema igual ao regime pré-URSS) e a abertura que estava vigente.

Os princípios da *perestroika* na questão nacional foram formulados por Lênin. Trata-se, em primeiro lugar, do princípio da união das repúblicas iguais em direitos e soberanas e não, como fez Stálin, da formação de um Estado centralizado com limitada

autonomia das repúblicas federadas. É quase o problema mais grave da *perestroika*. E só com a colaboração dos intelectuais da Federação Russa e das repúblicas federadas e autônomas será possível resolvê-lo. Nas condições da *glasnost* e da democracia revelam-se e aprofundam-se os problemas que vinham se acumulando. (*União Soviética em Foco*, abr./1989, p. 31). (grifo da autora).

No trecho em negrito é novamente retomado a figura Lênin e como as aberturas teriam sido estruturadas por ele de alguma forma, um dos motivos disso seria a sua oposição ao Estado totalitário de Stalin como está na passagem sublinhada. Para Lênin (2017) as diferentes sociedades soviéticas haviam diversas formações históricas, sociais, culturais, religiosas e econômicas, logo o seus governos deveriam seguir estruturas específicas a partir e visando os objetivos do PCUS e do socialismo.

Em setembro de 1989, na edição de nº 81, há o texto de Guennadi Khodakov e Pitor Mikhailov “Aprofundar as mudanças: o desafio da *“perestroika”*. Em seis páginas, os dois soviéticos discorrem sobre para onde estava indo a União Soviética rumo ao socialismo ou no sentido contrário? Desenvolvem a reportagem a partir da premissa de que havia diferentes socialismos na URSS, pois persistiram muitos fenômenos negativos do passado, disparidades econômicas, subdesenvolvimento do setor de serviços, inércia do aparelho de gestão, burocracia e corrupção, que não seriam característicos do socialismo, mas isso não seria problema, pois a teoria socialista não pararia de evoluir em decorrência da autocrítica.

Lênin (2021) escreveu que a autocrítica é um movimento fundamental para a estrutura socialista, mas esse estudo é feito visando identificar o erro, como ele aconteceu, quais as consequências e as mudanças na estrutura, corrigindo-os, pois ela é a soma da análise mais a ação. Dessa forma, a autocrítica utilizada na União Soviética não ocorre, pois as mudanças não estão visando uma melhora do sistema socialista soviético e sim a sua mudança para o capitalismo.

A segunda página da reportagem apresenta uma fotografia do economista Leonid Abalkin durante a XIX Conferência do Partido Comunista Soviético, ele está no púlpito central gesticulando durante o seu discurso defendendo a *Perestroika* para os presentes (mas a fala foi reproduzida na imprensa interna e externa). É possível observar atrás do economista mais cinco homens integrantes do PCUS atentos a esperada fala referente a reestruturação.

Figura 17: O acadêmico Leonid Abalkin.



Legenda: Abalkin fala na XIX Conferência do PCUS. Seu contundente discurso tornou-o popular em toda União Soviética.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 81, ano VII, setembro de 1989, p. 03. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPEl.

Abalkin pontuou que a maior parte dos opositores da *Perestroika* eram burocratas da parte administrativa que visavam a manutenção do aparelho administrativo depois diz:

Mas os funcionários não são a única fonte de resistência à perestroika, que enfrenta também uma oposição bastante forte por parte das "massas". Por quê? Primeiro, as pessoas estão **habitadas** a um ritmo de trabalho pouco intenso e, segundo, a um nível também baixo, embora suficiente, de **satisfação** das suas necessidades mais elementares de roupa, calçado e alimentos. **Muita gente compreende que pode ganhar o dobro do salário atual, mais não o deseja, porque seria necessário trabalhar muito mais intensamente.** (*União Soviética em Foco*, set./1989, p.04) (grifo da autora).

O economista de Gorbachiov, nos trechos sublinhados, responsabiliza os trabalhadores, as massas, sobre a insatisfação com as mudanças políticas e econômicas, por trabalharem pouco e o desinteresse causado, em decorrência das suas necessidades mais elementares estarem supridas.

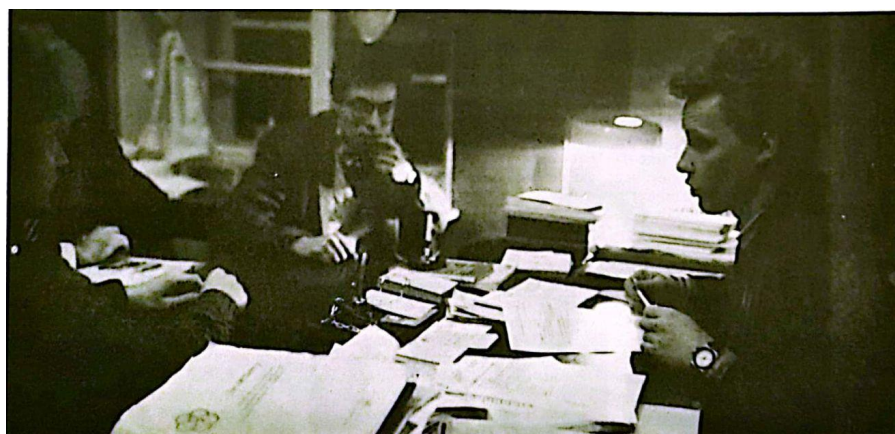
As passagens em negrito vão cumprir um papel mais emotivo e diário, pois remonta o hábito, a satisfação, a compreensão, o desejo. Laclau e Mouffe (2015) entendem que essa evocação sentimental causa para o discurso uma aproximação ao contexto construído, conectando contextos que poderiam ser mais distantes em outros momentos. A *União Soviética* sempre pontuava como não havia unanimidade

sobre as aberturas e como as reformas objetivavam um aumento na participação popular, um dos caminhos para tal era apresentar diferentes figuras defensoras das aberturas, na edição de junho de 1990 há a reportagem "Um deputado da nova geração", de Elena Zonina.

O comunista Aleksandr Kisselev com 32 anos definia-se contra o conformismo e a favor do cidadão, Zonina o descreveu como jovem e ousado, com certa sabedoria, tolerância, tato e comedimento, ele teve um programa durante as eleições intitulado "O retorno ao bom senso" e com o lema "É melhor perder as eleições do que ceder sem lutar". Lima (2001) traçou sobre a construção de um novo político, jovem, que tem as ideias corretas, coerente, mais forte, que quer mudar o que foi feito de errado até então, mas respeita aquilo que foi bom anteriormente (tal qual Kisselev).

Composta por sete fotografias do deputado, a reportagem apresenta Aleksandr sentado em frente a uma mesa, cheia de documentos e papeis, acompanhado de duas pessoas. Ao fundo há uma luminária de mesa, que parece ser a única luz os acompanhando. Novamente a *Novosti* utiliza-se de um ângulo mais próximo, intimista, como se estivéssemos junto a eles neste momento de trabalho, assim, o discurso vai frisando a ideia de ação.

Figura 18: Uma nova política, um novo deputado.



Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 90, ano VIII, junho de 1990, p. 07. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Junto a isso, ele dizia que a porta da sua casa sempre estava aberta para o povo soviético, mas morava em um hotel, então recebia a população duas vezes por semana no comitê regional do Komsomol, local onde trabalhava. Desenhado como

uma pessoa que não se aquieta, que quer mudanças, moderna, inovadora, defendendo tudo de novo da URSS, para ele um político deve ser corajoso, pois a covardia elimina a personalidade, uma pessoa deve ser honesta, independente nas suas convicções, além disso disse que nenhum país funciona sem um aparelho inteligente, ativo e flexível, a união soviética precisa desse aparelho, pois o atual não tinha opinião própria, era um executor obediente.

As aberturas agiram em conjunto em prol de uma nova URSS. Zaslavskaja (1990, p. 134) escreveu que a *Glasnost* avançou além do esperado, assim as forças repressivas não puderam e não estavam mais dispostas a reprimi-la, da mesma forma que a essência social da *Perestroika* consistia no retorno da sociedade soviética para a degeneração estatal-monopolista. Logo, a identidade marxista que por anos foi construída não surgiria mais efeito e nem mesmo a tentativa de aproximar-se de um discurso leninista de construção do socialismo democrático, subordinado às necessidades do homem, à renovação salvariam o Estado soviético do seu desfecho.

CAPÍTULO 3: DUAS NAÇÕES, UM MESMO FOCO

Não há transformação isolada.

*Todo es para todo, todos para nosotros es
Soñamos en grande que se caiga el imperio
Lo gritamos alto, no queda mas remedio
Esto no es utopía, es alegre rebeldía del baile
De los que sobran, de la danza tuya y mía
Levantarnos para decir: ya basta
Somos Sur⁶⁹, Ana Tijoux part. Shadia Mansour*

Durante essa dissertação fiz algumas retomadas históricas importantes, contudo é fundamental fazer uma análise histórica mais profunda das duas nações envolvidas nessa produção, para daí sim discutir as relações abordadas na *União Soviética*. A revista acabou materializando os dois polos gigantescos: do lado de lá a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas que abrangia 22,4 milhões de km², com uma população de 286.171.000 habitantes, enquanto do lado de cá com o Brasil ocupando 8,5 milhões de km² e tendo 148 milhões de habitantes no final da década de 1980; essas nações gigantesas juntas ocupavam um pouco mais que um sexto da superfície terrestre (Segrillo, 2012, p.20).

Inserido entre os anos de 1987 a 1990 a revista está dentro do conflito denominado como Guerra Fria (1947-1991) ficou marcado por uma série de características, incluindo uma forte militarização dos EUA e da URSS para a proteção interna e ataque externo, auxiliando disputas em outros territórios. Dias (2002, p. 17) traz que: "Esse contexto de disputa pela hegemonia onde os países capitalistas mantiveram a sua dominação baseados numa política extremamente agressiva e militarista, propiciaram na maioria das vezes táticas defensivas por parte do mundo socialista."

No levantamento da documentação haviam 68 textos que tratam sobre o Brasil e a URSS, divididos em seis áreas: esporte, indústria, religião, política, mídia e cultura, mas para a dissertação optei por não abordar as relações culturais entre as duas nações, pois as analisei na minha monografia (Morais, 2022). Nos dois

⁶⁹ Tradução nossa feita por Moraes (2025): "Tudo é por tudo, todos nós por nós. Sonhamos grande que o império caia. Nós gritamos bem alto, não temos outra escolha. Isto não é utopia, é a alegre rebeldia da dança. Dos que sobraram, da sua e da minha dança. Levante-se para dizer: basta". Essa música foi escolhida por expressar a sensação de rebeldia e incitar a organização coletiva contra a opressão causada pela hegemonia capitalista.

primeiros subcapítulos irei fazer uma retomada historiográfica dos contextos nacionais em paralelo com a revista para, no terceiro subcapítulo, estudar as relações políticas entre as duas nações a partir da documentação.

3.1. Do lado de lá: uma união abalada

O historiador britânico Eric Hobsbawm (2008) delimitou o breve século XX dando como o seu princípio o começo da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e seu fim com o término da URSS, em 1991. A existência e história da União das Repúblicas Socialista Soviéticas se tornou um marco para a concepção política do mundo durante o século XX, principalmente em decorrência de apresentar um novo modelo de sociedade fundado em cima do marxismo-leninismo.

A presença de uma nação como essa tencionou a estrutura mundial, pois se antes havia um império *czarista*, agora era uma coligação de diferentes grupos étnicos, sociais, políticos, econômicos e religiosos sob os mesmos princípios, sistemáticas e uma idêntica administração. Os fundamentos soviéticos embasaram 15 repúblicas diferentes⁷⁰ que durante os seus 74 anos (1917-1991) de existência atuaram em variados momentos históricos conforme as relações internacionais com as demais nações iam se formando.

Duroselle (2000) entende que as relações internacionais devem ser baseadas na matéria fornecida pela história e ela segue quatro tópicos: 1) os componentes ou fundamentos que abraçam as características psicológicas, jurídicas, sócio-políticas, econômicas do outro, a natureza e desenvolvimento das fronteiras, a possibilidade de convivência social entre os indivíduos; 2) o sistema de finalidade que é voltado para compreender a relação entre os indivíduos/grupos do poder político e como a liderança ganha um papel de protagonismo⁷¹; 3) o sistema de causalidade ou forças

⁷⁰ Após o fim da União Soviética surgiram 15 países distintos em três regiões diferentes: 1) Europa com a Belarus (durante o período soviético foi denominada como Bielorrússia, para evitar confusões com o exército Branco na Guerra Civil, pois o seu significado se aproximaria de Rus Branca), Estônia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Rússia, Ucrânia; 2) Transcaucásia com Armênia, Azerbaijão, Geórgia e 3) Ásia Central com Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Essa segmentação seguiu a partir da divisão anterior das Repúblicas Socialistas já existentes, logo o governo soviético manteve as dinâmicas governamentais prévias, assim os locais em que haviam uma estruturação mais centralizada tornaram-se países (Mielniczuk, 2017).

⁷¹ Para essa análise, Duroselle (2000) escreve que é necessário estudar esses indivíduos nas relações internacionais, que ocupam a função de agentes de decisão (que seriam autoridades de alto nível) e os "executores" (que seriam os diplomatas, militares, propagandistas, empresários, etc.); além disso é fundamental saber a qualidade e quantidade de dados sobre os aspectos gerais ou específicos do sistema internacional vigente e os processos e análises estratégicos para as tomadas

profundas e organizadas que é sobre o conjunto estruturado e dinâmico das conexões econômicas, sociais, demográficas, geopolíticas, culturais e ideológicas internas que influenciam (sem determinar) as ações dos agentes políticos e da política externa em si e 4) o movimento que compreende as relações internacionais como empíricas, pois o entendimento das dinâmicas como pacíficas, conflituosas ou de guerra seguem a sua temporalidade, logo a sua estrutura, conjuntura e circunstância específicas.

Para Duroselle, o líder de uma nação coloca os seus próprios objetivos sob o nome do “interesse nacional”, com as suas ideologias e perspectivas guiando as decisões, que por vezes priorizará a riqueza, o prestígio, e alguns o foco é uma ideia ou uma causa, para esses ele diz que: “são os propagadores da fé, os homens da expansão religiosa ou revolucionária” (Duroselle, 2000, p.133). No caso soviético, as lideranças representaram fases marcantes do regime, Geller (2022, p.120) aponta que essas eras tiveram certas estagnações e manutenções de ações administrativas, podendo remeter a uma nova “cristalização” de seus fluxos.

Desse modo, as decisões e escolhas dos agentes políticos seguiam uma logística que visava a sua reafirmação de poder político, de certos grupos e indivíduos, ao mesmo tempo que criticavam os seus antecessores e quebras de segmentos. O contexto da Guerra Fria trouxe para as relações internacionais raízes estruturais amplas, esgotando o mundo com o embate global entre as duas estruturas heterogêneas guiadas pelas duas grandes potências, assim a ordem internacional anterior, ao ser derrubada, desestrutura as relações preestabelecidas. Macmahon (2012) escreve:

A tensão, a suspeita e a rivalidade que passaram a atormentar as relações dos Estados Unidos e da União Soviética nos primeiros anos do pós-guerra não eram, nesse sentido elementar, uma surpresa. Mas o grau e o alcance do conflito resultante, e particularmente a sua duração, não podem ser explicados apelando-se tão somente a forças estruturais. A história, afinal, oferece vários exemplos de grandes potências trilhando o caminho do compromisso e da cooperação, optando por agir de comum acordo de modo a estabelecer uma ordem internacional mutuamente aceitável, capaz de satisfazer os interesses mais fundamentais de cada uma. Os estudiosos têm empregado o termo “condomínio de grandes potências” para descrever esses sistemas. (Macmahon, 2012, p.13-14).

de decisões, as articulações dos objetivos, os meios e riscos que são considerados pelas pessoas responsáveis pela política exterior de um Estado.

Com duas ideologias⁷² divergentes, as necessidades, as narrativas, as aspirações e as instituições governamentais da URSS e dos EUA proporcionaram uma estabilização momentânea após a Segunda Guerra Mundial, logo as preocupações, as problemáticas e os autoritarismos vigentes em primeiro momento auxiliam para evidenciar as contradições dos regimes. Vizentini (2004, p.68) pontuou que no âmbito político-ideológico o declínio do nazifascismo proporcionou um revés da extrema-direita, do militarismo, do racismo e do obscurantismo, que se opunham à defesa da democracia, das liberdades individuais, sociais e nacionais, ao mesmo tempo que a admiração pelo socialismo, aumentava proporcionando um crescimento de resistências contra os Estados totalitários nas regiões da Ásia, África e América Latina.

Entre o fim da Segunda Guerra (1945) e o término da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1991) o uso de discursos maniqueístas, com heróis e vilões, reforçou os dois polos enquanto inimigos, assim ao longo de mais de quatro décadas a narratividade na imprensa era sobre a dicotomia desses regimes, lateralizado as questões geopolíticas em si, logo as relações tinham como cerne as suas diferenças, avaliou Steinberger (2005). Com isso em mente, para a análise das relações entre a URSS e o Brasil é necessário entender as organizações das relações mundiais, para isso Arrighi (1996) escreveu que durante a estruturação do capitalismo ocorreu um aumento na produção, na desigualdade, no imperialismo e neocolonialismo⁷³, criando dinâmicas díspares.

Como resultado, Arrighi (1996) definiu que havia três categorias de nações: os países centrais que eram mais industrializados com economias voltadas para a produção de bens, serviços de alta tecnologia e conhecimento; os países semiperiféricos que estariam em transição, desenvolvendo mais alguns setores que outros e fluindo entre centrais e periféricos e, por fim, países periféricos que

⁷² Para a minha dissertação a complexa conceitualização de ideologia não é um dos pilares, mas é fundamental que eu pontue que para Marx (2024) o nosso ser social, nosso contexto determina a nossa consciência e a ideologia ocupa esse espaço, sendo uma compreensão da realidade social, política e econômica, podendo ter o objetivo de perpetuar a dominação da classe burguesa sobre a classe operária visando a manutenção do *status quo* ou a sua transformação. Caso queira compreender melhor sobre o conceito busque as obras: “A Ideologia Alemã de Engels” e Marx (2007), “Para a crítica da economia política” de Marx (2024) e as “Cartas do Cárcere” de Gramsci (diferentes edições).

⁷³ É uma estrutura econômica, política e ideológica de domínio das nações africanas, asiáticas e latinas pela Europa e Estados Unidos da América, em que os Estados dominantes controlavam os recursos naturais, mercados dos países dominados e utilizavam dessa mão de obra, por ser mais barata (Arrighi, 1996).

concentravam a sua produção em matérias primas, produtos de baixo valor e dependentes do capital estrangeiro. Compreendeu que há uma hegemonia mundial, que é a capacidade de um Estado exercer funções de liderança em um sistema de nações, assim uma nação domina as demais, algo que poderia ser uma gestão corriqueira, mas historicamente o que acontece é outra coisa, pois estruturaram-se sistemas de dominância, em que uma nação desfruta dos produtos, espaços e mão de obra dos demais Estados.

Mas para esse funcionamento acontecer é preciso pontuar que as relações internacionais são além de disputas geopolíticas, conflitos armados e questões jurídicas entre as nações, pois elas são guiadas por ciclos periódicos do capitalismo, o ciclo vigente é o Norte-Americano (1870-...) com uma economia de produção industrial, tecnologia e tem o dólar como moeda centralizadora e referencial⁷⁴ (Arrighi, 1996). Durante a Guerra Fria as duas nações centrais instalaram e determinaram uma série de políticas para se estabelecerem enquanto nações hegemônicas.

Biagi (2007) traz que a instalação do Plano Marshall pelo lado estadunidense, com a justificativa de auxiliarem economicamente as nações europeias e protegê-las do avanço comunista, teve como uma das consequências a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em decorrência das relações comerciais e da cooperação entre esses países. Em resposta a essa ação o lado soviético criou o Comitê de Informação dos Partidos Comunistas e Operários (*Kominform*) que agia como um fomentador da unidade e cooperação dos Partidos Comunistas, para que todos seguissem uma mesma linha, foi um instrumento chave da política externa da URSS, propagandeando o discurso comunista soviético para os demais países.

Entre os anos de 1987 a 1990 ambas as políticas não estavam mais vigentes e como eu já analisei no restante desta dissertação a narrativa propagada pela *União Soviética* tinha como um dos seus pilares a aproximação com nações capitalistas e as transformações internas. Nas últimas páginas da edição de nº 64 a revista traz o texto: "Brasileiros e soviéticos debatem a perestroika" de Serguei

⁷⁴ Eichengreen (2010) escreveu que a economia internacional baseava-se no ouro, mas em 1944 com os acordos de Bretton Woods a moeda foi atrelada ao ouro e a maior parte das restantes foram associadas ao próprio dólar, a criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) foi importante para colocar os EUA em frente da URSS, mas é em 1971 com o "choque de Nixon", ao dissociar o dólar, o presidente estadunidense coloca-o no centro da economia internacional. As nações podem seguir uma postura mais bélica ou pacífica em suas relações internas e externas, com o objetivo traçado o líder opta pelo método utilizado, no caso do período da Guerra Fria as duas nações utilizaram de diferentes táticas para propagar e manter a sua influência (Biagi, 2007).

Karavaiev, discutem sobre o contato Ronald Reagan e Mikhail Gorbachiov pontuando que houve um forte impulso à atividade de forças sociais de todos os continentes em prol da paz, do desarmamento, da eliminação das armas nucleares e a criação de zonas de paz e cooperação:

O diálogo é a forma mais difundida de comunicação entre os homens. É conversando e trocando pontos de vista que as pessoas se entendem. Conhecer e compreender. Foi precisamente com este objetivo que se reuniram, recentemente, pela segunda vez, em Moscou e no Rio de Janeiro, os participantes da segunda ponte radiofônica organizada pelos soviéticos da *Novósti* e do Comitê Estatal para a TV e o Rádio e pela Rádio Roquette Pinto, do Governo do Estado do Rio, Jornalistas, cientistas, intelectuais soviéticos mantiveram, durante quase duas horas, um diálogo com os seus colegas e ouvintes brasileiros (Karavaiev, abr./1988, p. 36) (grifo da autora).

Abrindo a reportagem, o trecho em negrito posiciona a política soviética, que estava buscando uma abordagem pacífica, Castro (2012) analisa que quando uma nação usa esse método ela evita confrontos militares/violentos e utiliza-se da diplomacia, do diálogo, negociações e acordos para alcançar a resolução de conflitos. Logo, quando a *Novósti*, veicula essa ideia de diálogo, ela está aproximando-se dessa imagem diplomática, ao mesmo tempo que individualiza algo estatal, pois a “comunicação entre os homens” é feita por esses indivíduos, ultrapassando as lideranças.

As passagens sublinhadas contextualizam o que foi esse encontro, que aconteceu tanto em Moscou, como no Rio de Janeiro, envolvendo um grupo de jornalistas, cientistas e intelectuais soviéticos. A revista desenha esse encontro com brevidade, eles conversaram sobre cultura, arte e a *Perestroika*, nos textos focados nas relações entre Brasil e URSS as aberturas são empregadas constantemente. A aplicação dessas políticas reforça que esse contato ocorreria por causa delas, a documentação era coproduzida por uma editora comunista, assim a probabilidade do seu público ser de comunistas brasileiros/latinos era alta, então o discurso construído é que esses novos contatos – muito positivos ao Brasil – existiriam por causa disso.

Durante a reportagem a uma breve retomada histórica, sobre a relação do governo de Leonid Brejnev e a produção midiática, cultural soviética, posicionando as aberturas nesse contexto, como é mostrado no trecho sublinhado:

Ele assinalou que os jornais e revistas soviéticos, cuja tiragem vem aumentando significativamente nos últimos dois anos, começaram a publicar artigos e cartas de leitores sobre os mais diversos problemas e com críticas a dirigentes do Partido e do Estado. Os filósofos e historiadores soviéticos, com o objetivo de repor a justiça e a verdade, debruçaram-se cada vez mais nas questões da História da URSS a que antes estavam vedados. Abdulaze (Penitência), Klimov (Vá e veja) e Lapuchanski (Cartas de um homem morto) tentaram analisar o passado sob a ótica da luta eterna entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira. (Karavaiev, abr./1988, p. 36) (grifo da autora).

A passagem em negrito, por sua vez, traz um pouco sobre a estrutura soviética entre 1986 a 1988, período da *Glasnost* e da *Perestroika*, momento que aumentaram as publicações críticas e/ou contrárias ao Estado da URSS, Wolikow (2013) traçou que as produções financiadas pelo PCUS estavam estreitamente ligadas às ações do Partido e pretendiam levar os objetivos estatais intervindo nos campos ideológicos e culturais, logo o controle político sobre a produção editorial se manteve independentemente do intervalo temporal, assim, o que alterou-se foram os objetivos estatais.

Por estarem em um programa de rádio, os envolvidos discorreram sobre como a música e a literatura eram importantes para a renovação e a reestruturação da URSS, o interesse soviético pela cultura brasileira é destacado, eles retomaram uma série de brasileiros importantes para as duas sociedades (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Herberto Sales, Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Villa-Lobos). Ouvintes brasileiros puderam fazer as mais variadas perguntas e Karavaiev escreveu que os participantes brasileiros ficaram muito satisfeitos com as respostas soviéticas (ao aproximar dois grupos distintos de brasileiros o autor os une como um coletivo) e termina com: “**Amizade** foi a característica principal de mais esse contato radiofônico entre brasileiros e soviéticos” (Karavaiev, abr./1988, p. 37) (grifo da autora).

A evocação da amizade segue a mesma sistemática da análise que fiz no primeiro capítulo, mas nesse caso a ligação é feita para além dos Estados, é realizada por indivíduos, por trabalhadores que juntos seguiam o que os governos almejavam, então, quando os soviéticos responderam perguntas de diferentes assuntos, desde dúvidas sobre cultura, condições de trabalho dos teatros deles, estariam ecoando a perspectiva estatal. Segrillo (2012, p.376) define que em 1988 a URSS estava passando pela fase de transição e de discussões sobre que caminho

deveriam seguir nas mudanças políticas e econômicas. A vitória da ala mais liberal ultrapassou os limites de todas as reformas que haviam acontecido até então, permitindo uma flexibilidade nunca vista. Entre os meses de 1989 e o começo de 1990 há a fase da "economia de mercado", pois como pontuei no segundo capítulo houve a utilização de elementos capitalistas no sistema produtivo socialista soviético, outro ponto importante foi que pela primeira vez permitiram a candidatura de pessoas não coligadas ao PCUS ao Congresso de Deputados do Povo⁷⁵.

O intervalo temporal abordado pela documentação abarca a ruptura de um sistema marcante, não só para o século XX, mas para a história global, Deaecto e Mollier escrevem:

Por exemplo, o colapso de 1989 não arrefeceu a crença de que a cultura comunista representou o principal legado da humanidade na centúria passada. Hoje é possível apontar com clareza os erros cometidos para além da cortina de ferro e noutras partes do globo tocadas pelos PCs. Difícil, todavia, apagar ou recriar todo o legado cultural deixado pelos comunistas. Derrubam-se os edifícios, destroem-se os monumentos, queimam-se os quadros, legam-se os livros ao esquecimento, mas está tudo lá, nos desvãos das cidades, às margens do tempo. (Deaecto; Mollier, 2013, p.184).

A disputa discursiva entre o capitalismo estadunidense e o comunismo soviético se manteve, mesmo com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e a estabilização da hegemonia capitalista o movimento em prol da transformação social se manteve.

Arrighi (2001) pontuou que para o sistema capitalista a tensão entre o caos e a ordem é fundamental, pois o primeiro é dinâmico, proporciona possibilidades, seria a representação da ruptura com o que estava preestabelecido, oportunizando novas ideias e realidades. Enquanto isso, o segundo traz a estabilidade, as normas, a estrutura em si, são as leis, as instituições, as hierarquias que sistematizam a sociedade e o sistema político-econômico.

O funcionamento desses dois polos pode seguir dois caminhos: aquele em que a ordem contém o caos e também o caos desafiando a ordem, assim os

⁷⁵ Gorbachiov criou esse órgão legislativo em 1989 para substituir a função do Soviet Supremo, então os deputados eram eleitos nas 15 repúblicas socialistas e juntos elaboravam e aprovavam leis referentes ao Estado soviético. Essa mudança instalou a oposição na máquina política soviética, assim concordou com essas alterações com o passar dos meses esse grupo organizou-se dentro da administração e denominaram-se como Grupo Interdistrital de Deputados que tornariam-se os democratas coletivo que defendeu o fim do monopartidarismo, a instalação da democracia multipartidária e a economia de mercado capitalista (sem utilizarem esse termo e sim economia de mercado não socialista), caso queira saber mais buscar Segrillo (2012, p.376-382).

sistemas vigentes tensionam-se gerando mudanças ou reforçando sistematizações. Arrighi (2001) reforça como essa dinâmica está inserida no contexto social dentro do conflito de classes, quando a classe dominante exerce o seu poder político e as classes dominadas manifestam-se contra o status quo e buscam a transformação social.

A manutenção de um país demanda a existência de relações internacionais, independente da vertente econômica e política que segue, nesse âmbito Lênin pontuou: “É o dever imperioso das repúblicas soviéticas contribuir para que se estabeleça um regime de igualdade política entre as raças, respeito ao direito dos povos de autodeterminação, independência política e econômica absoluta”. (Lênin, 2004, p. 396). A história diplomática do século XX perpassa por diversos momentos intensos e singulares, no caso da URSS após a Segunda Guerra Mundial ela se tornou a problemática mundial, então as suas relações a competição intersistema constituiu um grau de isolamento no sistema internacional, assim ocorreu um movimento de aproximação desses países centrais com os semiperiféricos e periféricos, principalmente as nações que estavam em movimentos de libertação nacional (Berites, 2012).

Na edição de nº 66, publicada em junho de 1988, há a reportagem “Reestruturação ajuda relações da URSS com a América Latina”, de Viktor Larin, que era observador econômico da *Novosti*. Ele escreve sobre como 300 jornalistas e diplomatas estrangeiros reuniram-se numa entrevista do Presidente do Uruguai Julio María Sanguinetti no final da sua visita oficial a Moscou e puderam ouvi-lo qualificar a *Perestroika* como um dos fenômenos mais notáveis do fim do século XX. Durante seu encontro com o Secretário Geral do CC do PCUS, Mikhail Gorbachiov, o Chefe de Estado uruguaio declarou-se convencido de que a dinamização da sociedade soviética contribuiria para criar condições mais propícias ao desenvolvimento das relações soviético-norte-americanas e também das relações internacionais, e, em consequência, à ampliação das perspectivas de desarmamento, reconversão civil das indústrias militares e reativação da economia mundial.

O texto abre com uma fotografia de sete homens, dos quais cinco estão sentados em uma mesa de conferência e dois em pé, no fundo é possível observar as bandeiras do Brasil e da URSS, a revista identifica o ministro soviético Eduard

Shevardnadze⁷⁶ e o ministro das Relações Exteriores do Brasil Abreu Sodré. Não existem muitas informações sobre esse encontro em si, pois o foco do texto são as relações entre o polo soviético e a América Latina como um todo, mas o cuidado em retratar símbolos brasileiros próximos ao poder soviético estrutura e naturaliza um discurso de aproximação, todos os envolvidos estão sérios, dedicando-se ao crescimento dessas nações.

Figura 19: Encontro brasileiro-soviético.



Legenda: No Brasil, Shevardnadze e Abreu Sodré assinam o acordo brasileiro-soviético.
Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 66, ano VI, junho de 1988, p.11. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPEl.

Os dados sobre esse encontro são expostos de forma sucinta e como exemplificação das relações desenvolvidas, pois a reunião tinha como objetivo tratar sobre os planos de regularização da cooperação entre o Brasil e a URSS na área da informática e na biotecnologia, examinados durante a visita do Ministro da Ciência e Tecnologia do Brasil, Renato Archer, a Moscou. Durante sua permanência na URSS, o Ministro Archer pôde aquilatar o amplo panorama da renovação do parque industrial e agroindustrial da URSS e as possibilidades concretas da utilização de tecnologias brasileiras.

⁷⁶ Nascido em 1928, foi um soviético importante para o processo de fim da União Soviética, ocupou o cargo de ministro de Assuntos Exteriores entre 1985-1990 e foi responsável por estabelecer relações diplomáticas (principalmente no âmbito econômico) com diversas nações e após a dissolução da URSS ele desempenhou o papel de presidente da Geórgia entre 1992 e 2003. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2003/11/031123_georgia4cl.

As aproximações foram analisadas por Abreu Sodré e Eduard Shevardnadze, que consideraram positiva a colaboração entre Brasil e URSS para a confecção de empreendimentos realizados em países periféricos como no caso da Hidrelétrica de Capanda, localizada na Angola. Empresas dos dois países estavam construindo em conjunto uma central hidrelétrica (do lado soviético estava envolvido o Gabinete de Aproveitamento do Médio Kwanza – GAMEK –, a empresa *Tekhnopromexport* e do lado brasileiro a construtora brasileira Odebrecht), os setores do empresariado brasileiro também destacaram sobre a possibilidade da participação de empresas dos dois países em obras do gênero na Argentina, na Argélia, no Peru e no Zimbábue, cujos governos examinavam propostas nesse sentido.

Larin fez uma mini apresentação do que seria a URSS, escreveu que a redireção soviética nunca considerou a *Perestroika* um processo fechado, de âmbito estritamente interno, e sim o contrário, pois sempre destacaram o seu significado internacional já que o **mundo é uma comunidade de Estados mais ou menos ligados entre si**. Essa noção segue com o Presidente uruguaio que disse que não é uma metáfora, mas a expressão de uma realidade que ninguém pode desprezar e por isso, as nações latino-americanas acompanhavam com grande interesse o processo de reestruturação que estava em curso na União Soviética, pois ele merecia atenção: “porque nenhum fenômeno extraordinário pode limitar-se ao âmbito de um só país quando se trata de uma grande potência.” (Sanguinetti, jun.1988, p.11) (grifo da autora).

No trecho em negrito é possível observar uma parte do entendimento soviético sobre as relações entre países e o que seria o mundo, há a noção de conexão, mas também de independência essa imagem é construída em contra partida do entendimento de que seguiam uma logística intervencionista (perspectiva muito forte após as décadas de 1950, 1960 e 1970). Nesse período a URSS compreendia a América Latina como território de influência estadunidense, depois da Revolução de Cuba há o desenvolvimento de relações entre as duas nações no campo das relações comerciais, mas são em nível suplementar, bem sutil, é depois de 1970 que houve um crescimento nessa troca, pois os países começaram a seguir políticas mais independentes dos EUA nesse movimento espalha-se para o restante do continente (Brites, 2012), acompanhando o entendimento de que a globalização era importante para a propagação da influência estatal, como é levantado na passagem sublinhada.

Na reportagem, Larin aponta que os contatos com diplomatas, parlamentares, empresários e jornalistas latino-americanos demonstraram a nova política interna e externa soviética que coincidia com os processos que estavam se operando na América Latina e traz como exemplo disso a declaração de Carlos Perez del Castillo (secretário permanente do Sistema Econômico Latino-americano – Sela), que salientou sobre a política soviética voltada para a consecução da paz estável e a criação do sistema internacional de segurança econômica e política, pois contribuiria para o fortalecimento do sistema econômico latino-americano. O autor pontuou que a *Perestroika* não seria aprovada 100%, pois haviam pessoas que **seguiram o espírito da "guerra fria", tornando-os incapazes de analisar objetivamente as realidades do mundo moderno** (grifo da autora), Zabotkina (2024) escreveu que quando o discurso utiliza-se de palavras emocionais há a intencionalidade de manipulação coletiva, pois a tendência é uma aproximação involuntária, desse modo, no trecho em negrito agrupa pessoas que não conseguiriam separar a visão desenvolvida durante os períodos mais intensos da Guerra Fria e o que seriam as “realidades do mundo moderno”, logo o discurso que se desenha é que caso você concorde com essas perspectivas você estaria dentro desse grupo.

A revista continua usufruindo desse método, quando cita que anteriormente os jornais brasileiros acusavam Moscou de exportar a revolução, mas no fim dos anos 80 isso já não era verdade na América Latina, a impressão sobre Gorbachiov era cada vez mais positiva, **pois ele queria fazer boas relações e não propagandear**. Nessa passagem em negrito e no conceito sublinhado no trecho anterior há uma suavização da nação, da liderança e do que seriam as políticas soviéticas, a *Novosti* defende constantemente o caráter de boa intencionalidade, de cuidado, nesse caso o principal político almejava somente boas relações, uma ideia de falsa neutralidade é construída para a manutenção do *status quo*, em razão de naturalizar o discurso do Estado soviético, que ou são incapazes de fazer as análises necessárias, ou são bem intencionados nas suas atitudes e escolhas.

Para facilitar a aproximação criaram um mecanismo permanente de consultas políticas de oito Estados: Argentina, Brasil, Colômbia, México, Panamá, Peru, Uruguai e Venezuela, no qual o objetivo era articular a interação econômica e política dos países latino americanos em escala regional e intermundial, as atividades do Grupo de Contadora no sentido de regularizar no âmbito latino-americano o conflito na América Central, criar uma zona de paz no Atlântico

Sul (Brasil foi patrocinador dessa prática). Larin continua e disse que a URSS entrou numa nova etapa do desenvolvimento econômico, pois a partir de planos inéditos de modernização radical da economia, a possibilidade da participação de empresas e firmas estrangeiras aumentaria por causa desse gigantesco esforço de modernização, os ritmos previstos da reestruturação da economia abririam a perspectiva para a cooperação com os países latino-americanos em vários setores da indústria, da agricultura, da ciência e da técnica, incluindo os remos mais modernos.

Nas passagens sublinhadas o discurso da *União Soviética* aproxima o texto de um entendimento já naturalizado no cenário brasileiro, Silva (2011) apontou que a cultura da modernização foi muito utilizada durante o período militar, principalmente no governo Médici (1968-1973), assim era um conceito familiar para os brasileiros, pois o discurso desenvolvido era de que a prosperidade nacional estava diretamente ligada a modernização, assim quando a reportagem foca nesse âmbito ela acaba remetendo a essa percepção brasileira. Hora (1997) agrega para essa leitura, pois pontua que no caso dos países semiperiféricos e periféricos a economia é baseada na agropecuária e no extrativismo, com industriais leves e mais frágeis, apoiando-se na modernização como uma alavanca econômica e uma ferramenta de ascensão diplomática na hegemonia mundial.

Larin escreveu que a *Perestroika* oferecia para a URSS uma alternativa à concepção conjuntural uma política racional a longo prazo baseada na normalização das relações internacionais, sem confrontações, inspiradas numa nova mentalidade política. Segrillo (2010) descreveu a abertura como um furacão, pois em 7 anos acabou com a URSS e o que começou como um ataque renovado ao stalinismo (utilizando perspectivas leninistas) no final de 1987 tornou-se uma transição, com debates intensos, um aprofundamento no processo de liberalização política e econômica, chegando na "economia de mercado" escancarando as portas para o capitalismo.

Na reportagem ainda é pontuado que graças a assinatura do Tratado de Eliminação dos Mísseis de Médio e Curto Alcance, novos acordos foram assinados com outras nações, o clima internacional foi atenuando, proporcionando grandes aproximações com lideranças latino-americanas em 2 anos: presidentes argentinos Raúl Alfonsín, presidente uruguaio Julio María Sanguinetti e pelo ministro do Exterior do Brasil, Argentina, Uruguai, Eduard Shevardnadze foi o primeiro chanceler

soviético a visitar esses três países latino-americanos, na mesma ocasião ele foi em Cuba e México. A chave para a melhoria dos acordos internacionais é o desarmamento nuclear, o Presidente José Sarney mostrou o interesse brasileiro em acompanhar o processo de reestruturação na URSS e a política externa, as consultas políticas bilaterais tornarem-se mais frequentes, assim a URSS e diferentes lideranças latino-americanas assinaram diferentes protocolos.

Um dos aspectos das relações internacionais é o caráter bélico das nações, na reportagem é apresentado que uma das bases das relações entre a URSS e América Latina era a crescente coincidência das posições soviética e latino-americana no âmbito dos problemas causados pela detenção da corrida armamentista, da suspensão dos testes nucleares, do desarmamento nuclear, da prevenção da militarização do espaço cósmico e outros aspectos relacionados com a consolidação da segurança internacional. O diálogo soviético-latino-americano abrangeria ainda o amplo leque de questões: o fortalecimento do regime de não-proliferação de armas nucleares da América Latina, um mais amplo acesso à utilização da energia atômica para fins pacíficos, a utilização do espaço cósmico no interesse de todos os Estados, a criação de zonas desnuclearizadas, a redução das despesas militares, a criação de mecanismos de distribuição dos recursos liberados em função do desarmamento, a regularização dos conflitos regionais, a coordenação das ações contra o *apartheid*, a instauração de uma nova ordem econômica internacional, a elaboração da estratégia global da segurança ecológica, a garantia da observância dos direitos humanos, entre outros.

Outro ponto abordado no texto é que o Peru buscava um clima de confiança entre os países americanos, por causa do desarmamento regional, assim criaram o Grupo de Cartagena para coordenar as atividades dos países devedores. Além disso, a URSS começou um recrutamento dos esforços de países como o Brasil, a Argentina e o Uruguai no sentido da integração econômica do Continente; e ampliou o diálogo com Cuba. Classificaram isso tudo como a *Perestroika* latino-americana e defendiam que isso foi o responsável pelo aumento da participação latina nos debates internacionais, que visavam a resolução dos problemas globais da guerra e da paz, de prevenção da catástrofe nuclear e da sobrevivência da humanidade.

Nas suas quatro décadas de duração a Guerra Fria foi regada por estratégias políticas, econômicas, ideológicas, diplomáticas e de segurança que reformularam as dinâmicas mundiais e o modo que esses campos funcionavam e eram

compreendidos. Na década de 1980 as suspeitas de ataques armamentistas e trocas de acusações na imprensa aumentaram entre as potências, a URSS associava seus adversários ao nazismo, enquanto os EUA reforçavam constantemente um despreparo dos seus opositores, o conflito contou com a participação da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte, bloco militar intergovernamental pró Estados Unidos) e se espalhou por todo o globo como é relatado por Silveira e Alves (2018, p.63).

A obsessão pela segurança nacional, que se tornou um dos temas centrais das políticas externas e de segurança durante toda a Guerra Fria, isso aconteceu, pois em 7 de dezembro de 1941 o ataque de Pearl Harbor⁷⁷ proporcionou aos EUA uma alteração na sua política, assim, os estrategistas militares aprenderam várias lições que influenciaram as décadas seguintes. Após o ataque eles focaram nas tecnologias, principalmente no poder aéreo (que com o seu aperfeiçoamento havia encolhido o globo de um modo que as barreiras de dois oceanos da América não garantiam proteção suficiente contra ataques externos) (MacMahon, 2012).

Dessa forma, para uma verdadeira segurança tornou-se necessário uma defesa que ultrapassasse as suas fronteiras, pela nomenclatura militar uma defesa em profundidade, essa percepção fez com que as autoridades da defesa dos governos de Roosevelt e Truman focaram no estabelecimento de uma rede global que integrava as bases aéreas e navais comandadas pelos Estados Unidos da América. Outra ação feita foi a negociação de direitos de amplo trânsito aéreo militar com essas duas medidas os EUA conseguiram estender seu poder e influência com maior facilidade em lugares que considerassem potencialmente problemáticos, assim como poderiam sufocar e/ou impedir futuros inimigos antes deles se tornarem uma ameaça ao território americano.

No meu processo de estudo para esse trabalho li diversas vezes sobre o quão bélico foi o conflito da Guerra Fria, mesmo que as nações centrais não tenham entrado em conflito direto os diversos territórios de influência sofreram as mais diversas sequelas e mazelas em prol de discursos políticos e a busca da hegemonia mundial, assim era imprescindível para a minha dissertação abordar sobre o campo militar. Na edição de nº 79, de julho de 1989, há uma nota intitulada como “Visita de

⁷⁷ Caso queira saber mais sobre como esse episódio influenciou as relações de segurança estadunidense consultar o texto "A organização do comando espacial estadunidense pós-guerra fria sob a possibilidade do 'Pearl Harbor espacial'" de Pedro Martinez. Disponível [aqui](#). Acesso em 08 de abril de 2025.

militar dá novo tom às relações”, do brasileiro Antonio Carlos Rocha, em que discorre sobre o Marechal do Ar, Aleksandr Efimov comandante da força aérea da URSS havia visitado oficialmente o Brasil a convite da aeronáutica e retribuindo a visita do tenente brigadeiro do ar Cherubim Rosa Filho, essa viagem marcou uma nova fase nas relações e na colaboração entre as nações:

O próprio Marechal Elinov declarou que a URSS está disposta a cooperar com o Brasil, particularmente no campo da exploração do espaço cósmico para fins pacíficos e do desenvolvimento de veículos lançadores de satélites. [...] Ao comentar a visita, o Chef do Estado-Maior da Aeronáutica, Cherubim Rosa Filho, afirmou que o **Brasil tem interesse em absorver a tecnologia soviética para o desenvolvimento de sistemas de teleguiagem de foguetes e na área de combustíveis líquidos**. (Rocha, jul./1989, p. 26) (grifo da autora).

Historicamente, quando a postura diplomática não traz êxito para as nações elas tendem a seguir o caminho do conflito, Brites (2012) escreveu que a política externa soviética desde 1917 foi feita na base de acordos que almejavam evitar o conflito armado, com a instauração da Guerra Fria essa estrutura muda, desenvolvendo políticas externa de defesa e proliferação de armamentos. Nos trechos sublinhados é possível identificar o cuidado narrativo propagandeado pela *Novósti* para se afastar dessa visão bélica, reafirmando o poder bélico, mas, nesse caso, seria com uma intenção pacífica.

Em conjunto a isso, a passagem em negrito traz ao texto o caráter de desenvolvimento tecnológico, retoma vagamente a noção de modernização, de inovação, ao mesmo tempo em que dá protagonismo ao Brasil, como se ele estivesse no papel de decisão: “o Brasil tem interesse”. Charaudeau (2008) escreveu que há o sujeito comunicante, que produz o discurso e que nesse caso é o discurso estatal soviético, mas que se passa pelo Estado brasileiro e assim, o sujeito interpretante, responsável por compreender o que é construído e que nesse caso é o leitor, vai tender a associar a informação como se fosse uma produção, visão brasileira.

Santos (2004, p. 126) apontou que na Europa Oriental⁷⁸ e na URSS⁷⁹, os setores neoliberais foram enraizados nos governos a partir de uma campanha

⁷⁸ O autor pontua ainda que nesses países aconteceu o contrário da URSS, pois houve um aumento de correntes socialistas e social-democratas, das quais visavam herdar as conquistas sociais (Santos, 2004).

⁷⁹ Santos (2004) observou que no caso soviético a chegada do neoliberalismo a cada dia deixava um lastro de desemprego, reforçava a corrupção e o caos econômico.

internacional, esse avanço ideológico chegou com um terrorismo ideológico nos meios de comunicação, associando a modernização com os princípios neoliberais. A Indústria Cultural unia o movimento da modernização com a democratização política e econômica, assim o discurso teórico e as práticas políticas se diferenciavam nas primeiras fases da *Perestroika*, mas após 1989 há uma congruência, que era o caminho do capitalismo.

Durante a visita, os militares soviéticos conheceram as instalações brasileiras e houve a condecoração da Ordem do Mérito Militar da Aeronáutica no grau de grande-oficial para o soviético Aleksandr Efimov, a homenagem funcionou como um símbolo de reconhecimento, de aproximação, conexão e como levantado por Silveira e Alves (2018), a força aérea passou a representar uma grande possibilidade de domínio. A revolucionária Rosa Luxemburgo (2021) vai entender que o capitalismo precisa de fronteiras para a sua expansão, então, para que o sistema capitalista exista é necessário que haja a sensação de oposição em algum espaço.

O período da Guerra Fria é sobre a dicotomia entre sistemas divergentes, Luxemburgo (2021) escreveu que como o capitalismo é expansivo a quantidade de trabalhadores, de produtos, de consumidores nunca será o suficiente, então ele demanda uma fronteira externa, um espaço que deve ser tomado, controlado, absorvido, colonizado, dominado e destruído para a máquina funcionar. Arrighi (1996) pontua que para uma nação deter a hegemonia mundial deve manter o controle de uma economia fortalecida e capaz de produzir, exportar em um nível tão grande que determina o preço mundial do produto específico, dominando a pauta de exportações. Com isso, o país é capaz de alterar o sistema econômico, político e cultural, influenciando os demais e para isso acontecer a soberania desse poder associa-se a dominação que é ampliada pela "liderança intelectual e moral" do líder e desse modo um grupo social/uma nação irá controlar os seus antagônicos de forma a liquidá-los, subjugar-los utilizando-se do controle militar.

Desse modo, a força militar é um dos pilares para as relações externas e internas, no começo da história da URSS a época do "comunismo de guerra" promoveu uma grande instabilidade interna, ao mesmo tempo que se iniciou a percepção de que era necessário o desenvolvimento bélico. Entre o fim de 1918 e o começo de 1919, Lênin declarou em diversos momentos que somente uma revolução no Ocidente poderia garantir o poder soviético interno, assim, desde o

princípio a força militar ganhou um destaque nas relações soviéticas (Ferreira, 1998, p.02).

Segrillo (2017, p. 487) escreveu que, ainda no século XIX as relações diplomáticas da Rússia chamaram a atenção de Marx, pois havia uma aproximação com Londres através de acordos e tratados, até a abolição da servidão a Rússia era considerada como “cidadela da reação”, mas após essa mudança estrutural Marx levantou a possibilidade de que uma revolução acontecesse ali. Segundo Segrillo, o autor alemão traçou um contraste entre o grande movimento revolucionário que aconteceu entre 1848 a década de 1850 e a “calma” presente na Europa Ocidental, que foi sumindo com as efervescências das discussões pré-abolição da servidão na Rússia.

A organização contra o *status quo*, já sentida por Marx, aconteceu em 1917 e após esse movimento a URSS se estruturou com o reconhecimento de 15 repúblicas distintas e a união dessas, esse movimento trouxe muitas vantagens para o governo soviético (como o controle de diversas regiões, matérias primas e uma grande gama de possibilidades), contudo durante a sua história ocorreram atritos entre os grupos. Com grupos nacionalistas nas suas repúblicas, conforme a *Glasnost* e a *Perestroika* se estruturavam e enraizavam-se os movimentos separatistas aumentavam e ganhavam mais força, solicitando autonomia para os habitantes daquela região e sua independência (que foram impedidos pelo poder militar) (Segrillo, 2012).

Albuquerque (2023) pontuou que no começo de junho de 1990, na cerimônia de concessão do prêmio Nobel da paz, Gorbachiov fez um discurso de agradecimento, no qual pontuou que quando assumiu o cargo de Secretário-Geral cinco anos antes ele havia percebido que mudanças eram necessárias e que não se manteria no cargo sem apoio para as grandes reformas. Ele ainda manifestou que o principal problema era a alienação da população sobre as decisões e o funcionamento da máquina administrativa e por isso as pessoas não estavam preparadas para viver de forma autônoma e livre.

Segundo o último líder soviético a população se viria perdida caso se entendesse dessa forma, para ele esse era o cerne dos levantes nacionalistas, das disputas por poder e outros fenômenos negativos que estavam desestabilizando o cenário político e econômico da URSS durante o seu governo (Albuquerque, 2023). A administração de Mikhail Gorbachiov reestruturou, instalou e praticou modificações em diversas camadas da sociedade soviética e por mais que a *Novosti*

e o próprio Gorbachiov tentaram propagandear-las como se encontrassem um grande apoio popular, ainda assim, nos seus discursos é possível identificar como mascararam esse processo.

Os primeiros anos de 1990 ficaram marcados na URSS por grande enfraquecimento geopolítico em decorrência das políticas internas e externas tomadas pelo governo⁸⁰ que refletiu externamente a perda de poder do Estado russo (Alves, 2012). As concessões diplomáticas, a crise econômica do fim da década de 1980, o enfraquecimento militar e objetivos que visavam assumir uma cadeira na “casa comum europeia” dificultaram os últimos anos soviético Franciscan (2016).

Na União Soviética os anos de 1987 até 1990 foram palco de muitas alterações seja nos campos culturais, econômicos, políticos e sociais, como apresentei nas páginas acima o líder soviético não tinha essa intenção desde o princípio, mas na prática ele proporcionou o desemprego, a instabilidade, o enfraquecimento e a separação. Desse modo, Gorbachiov buscava uma união com outras nações, entre as repúblicas e dentro do próprio Partido, para conseguir trilhar o caminho traçado por si nos seus anos de governo.

3.2. Do lado de cá: em busca de uma união

Eu não tenho a pretensão de fazer um retrospecto das relações internacionais brasileiras, mas é importante pontuar que o Brasil definiu as suas relações com a Rússia de forma diplomática e comercial, mesmo que não fossem trocas intensas e volumosas, ao tornar-se uma união de repúblicas a URSS seguiu dois caminhos para se consolidar e estabelecer a sua influência: 1º) a conexão e criação de agências, organizações e confederações pensadas e mantidas predominantemente pelos países capitalistas ocidentais, mas apoiadas pelos soviéticos e 2º) organizaram associações de classe internacionais através de auxílios regionais com razoável capilaridade global, assim a preocupação estadunidense se tornou com a internacionalização da agenda soviética (Caterina, 2019, p. 131).

Em fevereiro de 1917 o governo brasileiro reconheceu de forma positiva a queda do *czar* Nicolau II, contudo quando houve a instalação do regime político

⁸⁰ Com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas a Rússia se tornou um país fraco no âmbito político, militar, econômico e diplomático, pois com a sua separação das outras repúblicas perdeu acessos a outras nações, a matérias primas e indústrias (Alves, 2012).

soviético o Brasil seguiu os países europeus e cortou as relações. A narrativa da imprensa brasileira sobre os eventos soviéticos seguia a lógica ocidental capitalista, colocando-os como violentos chamando-os de “bárbaras hordas asiáticas” e “o perigo turco”, na década de 1920 o assunto apareceu esporadicamente nas mídias, mas sempre no caráter de denúncia ao bolchevismo e o associando com episódios nacionais (como manifestações lideradas pela esquerda e greves) (Motta, 2007).

A revolução de 30 mudou o cenário político nacional e no começo da década de 1930 houve uma abertura maior para discussões e novas perspectivas políticas, assim a importância soviética no debate público aumentou e Getúlio Vargas cogitou a possibilidade de reconhecer diplomaticamente a URSS. Usou o argumento de que a parte positiva da troca comercial seria que novos mercados para as exportações brasileiras (que haviam se fragilizado com a crise de 1929) surgiriam e assim poderiam aumentar a exportação de café e de outros produtos. Contudo, uma pressão interna do Exército e do Itamaraty o fazem desistir, sob a justificativa de que a presença de diplomatas soviéticos no país seria um grande estímulo à infiltração comunista, segundo os opositores as vantagens econômicas proporcionadas pelo governo soviético eram desculpas para atrair indivíduos e que o seu verdadeiro objetivo seria facilitar a fomentação da revolução comunista, Motta (2007).

Vizentini (2004, p.99) escreveu que em 1947 os países latino-americanos assinaram o Tratado de Assistência Mútua (TIAR) que funcionou como um instrumento militar de ajuda coletiva, assim caso algum país passasse por uma agressão externa os demais auxiliariam. Um ano depois foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), que proporcionava a Casa Branca meios formais nos campos militares e diplomáticos das nações latino-americanas com o argumento de que todos deveriam se manter alinhados a estratégia estadunidense (nomeada por eles como uma tática continental), essa exigência estava pautada no acordo do ano anterior.

Segrillo (2012, p. 411) apontou que o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) colocou o comunismo na ilegalidade, essa ação posiciona o movimento comunista brasileiro em uma situação difícil de clandestinidade e perseguição, então mesmo que o país estivesse em um momento de redemocratização após o Estado Novo de Vargas, ainda havia a cassação de certos grupos. O anticomunismo já estava naturalizado no Brasil, com perseguições à esquerda brasileira desde 1946, cassação dos mandatos dos eleitos pela legenda em janeiro de 1948 (Motta, 2007).

O autor continua falando que a URSS foi colocada no centro das representações anticomunistas, pois era vista como a fonte de inspiração e de apoio para os comunistas. A existência de uma coligação de repúblicas socialistas era uma imagem forte aos revolucionários de todo o mundo, mostrava que o socialismo era um projeto realizável e que já estava acontecendo em terras estrangeiras, desse modo, a imprensa brasileira combatia essa visão a partir de representações contrárias para derrubar as tentativas de propaganda comunista, os mostrando como grandes desgraças e bárbaros, um verdadeiro inferno (Motta, 2007, p. 234).

A URSS estava banida como parceira diplomática do Brasil, contudo ela não desapareceu do debate público, por causa da Guerra Fria a imprensa continuou posicionando-a de forma negativa enquanto a propaganda comunista continuou exaltando-a. O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) iniciou algumas negociações que tinham como objetivo aumentar as trocas comerciais com o leste, levou esse debate à imprensa e aos círculos políticos, mas criou uma grande polêmica e para evitar conflito com os setores de oposição ao reatamento diplomático, Kubitschek optou por retomar somente as relações comerciais com a URSS, para a assinatura dos acordos foi enviada uma equipe a Moscou no final de 1959, ele evitou atritos com os setores da direita ao adiar o restabelecimento dos laços diplomáticos propriamente ditos (Motta, 2007).

É na administração de João Goulart, em 1961, que essas conexões são realmente restabelecidas, Segrillo (2012, p. 411). Odália (1988) escreveu que a política diplomática brasileira no começo da década de 1960 seguia e refletia a conjuntura internacional, nos anos finais seguia ao desenvolvimento econômico e à industrialização. Domingos (2011) pontuou que a Política Externa Independente (PEI) visava um afastamento da dicotomia da Guerra Fria, reavendo a tradição da política externa brasileira e seguindo os princípios do pacifismo, legalismo, não-intervenção, autodeterminação, anticolonialismo e direito à política própria.

Motta (2007) escreveu que os soviéticos aproveitaram esse cenário para melhorar a sua imagem fazendo um trabalho de relações públicas para diminuir os efeitos da propaganda anticomunista, com isso entre 1961 e 1962 o cosmonauta Yuri Gagarin⁸¹ fez uma turnê publicitária, junto disso organizaram mostras culturais,

⁸¹ Foi o primeiro ser humano a viajar pelo espaço e participou da "Missão da Paz" uma iniciativa da União Soviética que previa uma viagem de três meses para a aproximação da URSS com nações americanas, se quiser saber mais informações leia a reportagem Yuri Gagarin no Brasil da

projeções de filmes soviéticos e prepararam uma Exposição Soviética no Rio de Janeiro que mostrava as realizações técnicas e econômicas da URSS. Com as aproximações diplomáticas estabelecidas entre o Brasil e a União Soviética novos programas para o aprendizado da língua russa foram abertos nos Institutos Culturais Brasil-URSS (ICBUS) e convênios de envio de estudantes brasileiros para a URSS pela Universidade Para a Amizade dos Povos Patrice Lumumba (UAPPL).

Com isso, os soviéticos melhoraram suas condições para disputar com os EUA a influência com os brasileiros, pois até esse momento as relações com os Estados Unidos eram majoritárias que seguia a orientação diplomática de convicção anticomunista frente aos países socialistas tendo um arranjo intrincado e tenso. Essas premissas embasaram as relações com Cuba e a China, contudo no caso da Europa oriental e da URSS as questões ideológicas dos militares e seus aliados foram reduzidas por prioridades comerciais e políticas.

Era nesse ponto que os planos da Índia e do Brasil se cruzavam, uma vez que o entendimento de que a URSS poderia agregar e auxiliar no esforço da industrialização doméstica guiada pelo Estado, o tópico de assistência econômica guiou as trocas entre os governos brasileiros e soviéticos, o líder socialista Nikita Khrushchev aproveitou um encontro para reforçar que a simples existência da URSS proporcionava a países semiperiféricos e periféricos mais possibilidades em buscar auxílio econômico com as potências capitalistas, pois sem a “ameaça comunista” os países capitalistas iriam saqueá-los sem nenhuma chance de colaboração, nesse encontro o lado brasileiro pontuou que esperava auxílio do lado soviético (Caterina, 2019).

Assim, houve uma certa ambiguidade nas trocas entre as duas nações, Motta (2007) escreveu que o governo de Castelo Branco queria conter a influência dos países e das ideias socialistas no Brasil, mas não desejava romper relações diplomáticas com a Europa do leste com isso os setores mais inflexíveis da direita começaram a vigiar as atividades culturais dos soviéticos (mostras de cinema, literatura e etc) que funcionavam por causa de algumas entidades bilaterais que visavam divulgar as línguas daqueles países. Os estudantes e movimentos de esquerda do Brasil se mantiveram seguindo países do bloco socialista que continuaram vigiados pelo Itamaraty e por órgãos de informação.

Segrillo (2012) escreveu que durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1981) o Brasil não rompeu as relações diplomáticas com a URSS, chegou a aumentar o intercâmbio comercial nos campos de turbinas para a hidrelétrica de Sobradinho (que vieram da URSS) e a ida do café brasileiro para o solo soviético que o colocou como um produto de destaque nos supermercados. Iniciada em 1961 essa aproximação manteve resultados até o presente, se intensificando de forma lenta e gradual.

No segundo governo ditatorial, o líder Costa e Silva tentou diversificar a diplomacia brasileira e a pauta de relações internacionais, para diminuir a dependência aos Estados Unidos da América. Para isso, encabeçou um processo de focalizar na abertura de novas oportunidades nos continentes asiático e africano para proporcionar parceria e trocas comerciais mais amplas, dessa forma, precisariam deixar em segundo plano o comprometimento com os valores e princípios anticomunistas, pois uma série de nações dessas regiões cobiçadas estavam na área de influência do bloco socialista (Motta, 2007).

Vizentini (2004, p.99) escreveu que os discursos anti-soviético e aticomunista tinham como objetivos excluía qualquer possibilidade ou intenção de uma aproximação soviética aos países de influência estadunidense no comunismo latino-americano, junto disso legitimava o embate contra qualquer atitude nacionalista que se opunha a intervenção de capital ou comércio com os EUA. No caso da Europa Industrial e do Japão as intervenções econômicas estadunidenses proporcionaram a Washington um controle maciço e suficiente, mas no caso latino-americano os EUA se colocaram como “defensores” dos princípios de liberdade e instalaram a sua hegemonia através da instauração e apoio de regimes ditatoriais.

Dessa forma, o trabalho da revista *União Soviética em Foco* era combater um discurso estruturado e enraizado de um modo incubado e intenso, na edição de nº 61, ano VI, de janeiro de 1988, há a reportagem “Expo-Brasil: novas perspectivas” de Victor Belochapko”, o texto da *Novosti* encarna uma aproximação afetuosa. A imagem que eu trouxe para esse trabalho fixa o momento em que o embaixador brasileiro Ronaldo Mota Sardenberg⁸² (esquerda) e o Ministro do Comércio Exterior

⁸² Nascido em 1940, foi um diplomata brasileiro, trabalhou em Moscou de 1985 até 1989, ele seguiu para Madri e ocupou o cargo como Representante Permanente do Brasil na ONU entre os anos de 1990 a 1994 e novamente de 2003 a 2007, durante um ano (1993-1994) também foi o Representante Permanente do Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas, na política doméstica, foi

soviético Anatoli Manenok⁸³ (direita) inauguraram a terceira exposição de empresas brasileiras, que aconteceu em Moscou.

Figura 20: Embaixador brasileiro na URSS.



Legenda: Ronaldo Mota Sardenberg, embaixador do Brasil na URSS e Anatoli Manenok, vice-chefe do Departamento de Comércio para a América Latina do Ministério do Comércio Exterior soviético, inauguram a mostra.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 61, ano VI, janeiro de 1988, p.14. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A fotografia traz os dois representantes políticos olhando de forma concentrada para a faixa e em segundo plano há a presença de cinco pessoas observando o ato de corte, todos os homens vestem terno, gravata e camiseta social, enquanto a única mulher está de vestido estampado, cinto e colar, todos observavam a ação concentrados. No centro da imagem está Sardenberg, simbolizando o Brasil, nessa reportagem o país é colocado de forma central a todo momento, isso é reforçado no texto e no próprio evento, pois nessa exposição haviam 15 empresas brasileiras de diversos campos desde a produção de café, passando pela Petrobrás-Interbrás e a elaboração de software para computadores.

A revista tinha um discurso narrativo predominante, de que a URSS encaminhava-se para um presente e um futuro pautados na prosperidade, igualdade e fraternidade (a tríplice base da revolução burguesa francesa), contudo, um dos

ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República de 1995 a 1998 e ministro da Ciência e Tecnologia entre 1999 e 2002, informações retiradas do Arquivo Digital, disponível em <https://atom.senado.leg.br/index.php/ronaldo-sardenberg>.

⁸³ Foi um dos responsáveis pelas relações econômicas e comerciais entre a América Latina e a URSS, caso queira se aprofundar sobre o assunto leia o trabalho "Una visión del continente: América Latina a través de la perspectiva soviética" de Anabel Alejandra Soledad Jiménez Tovar, disponível em: <https://ru.dgb.unam.mx/jspui/bitstream/20.500.14330/TES01000604015/3/0604015.pdf>.

caminhos utilizados pela equipe da *Novosti* e da *Revan* era colocar brasileiros, produtos nacionais e o Brasil como um todo no centro dessas narrativas:

"A reestruturação da economia soviética, conhecida no mundo inteiro como Perestroika, cria um clima favorável ao desenvolvimento das relações bilaterais", disse Ronaldo Mota Sardenberg, embaixador do Brasil na URSS, na inauguração da exposição, acrescentando que o **governo de Brasília compreende perfeitamente que o movimento de reestruturação deverá ampliar o papel já relevante da União Soviética na economia mundial, e que pretende contribuir para isso.** (Belochapko, jan./1988, p. 14) (grifo da autora).

O processo de centralização do Brasil nessa reportagem estava presente em todo o texto, desde o posicionamento da fotografia, até os destaques textuais em si, na passagem sublinhada há uma interpretação brasileira sobre o que era a *Perestroika* e como a abertura seria positiva para o lado de cá.

O trecho em negrito pontua a perspectiva do governo brasileiro, que reconhecia a relevância da URSS e previa um crescimento da influência soviética, a construção desse discurso era para naturalizar esses contatos, mas também para intensificá-los. O Brasil já havia passado pela ditadura civil-militar, contudo, ainda se mantinha seguindo as premissas capitalistas, das quais aproximam as relações internacionais, diplomáticas e as trocas comerciais.

Balibar e Wallerstein (2021) pontuaram que o capitalismo é um sistema mundo, o qual organiza as relações econômicas de uma forma desigual, assim as diferentes nações passaram por processos distintos e discrepantes, proporcionando o domínio de poucos sob muitos. Combinados pela tensão entre caos e ordem às estruturas hegemônicas hierarquizam as relações entre os países centrais, semiperiféricos e periféricos, para a sua manutenção o sistema opera através da divisão do trabalho e os sistemas de controle estatal financeiro.

Há um domínio, um controle entre nações, quando se constrói um acordo político/comercial uma das pontas terá uma vantagem maior sobre a outra, essa dinâmica está presente em todas as relações constituídas no sistema hegemônico capitalista. Pachukanis (2017) escreveu que a dominância proporcionada no sistema capitalista é possível por causa dos vínculos jurídicos, contratuais, assim o direito é um dos elementos centrais do capitalismo, pois para a manutenção do *status quo* o trabalhador e o capitalista são posicionados enquanto iguais no momento que o

contrato trabalhista é assinado, mas na prática o que se determina é a transformação do operário enquanto mercadoria.

O período da Guerra Fria foi um momento único historicamente, pois a coexistência de dois sistemas tão distintos no globo gerou disputas em esferas distintas, então, por 44 anos o conflito estava nas músicas, programas, livros, filmes, jornais, decisões políticas, trocas comerciais, produções acadêmicas e quase como uma prova de resistência, manter-se-ia no controle quem conseguisse enraizar os seus princípios. Uma das tentativas da URSS é apresentada na reportagem "Leningrado ajuda desabrigado do Rio" que está na edição de nº 63, ela não tem autoria e discorre sobre como a prefeitura do Rio de Janeiro havia recebido auxílio humanitário da União Soviética.

Lima (2016) escreveu que um dos embates que os EUA e a URSS estavam trilhando era referente ao Direito Internacional dos Direitos Humanos (DUDH), com muitos tratados internacionais sobre a proteção dos direitos fundamentais, em 1966 se estabeleceu o Pacto Internacional de Direitos Civil e Políticos e o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais em que seguiam uma mesma perspectiva ética, abordando temas como a proibição da tortura, combate à discriminação racial e, principalmente, a proteção aos direitos da criança e a eliminação da discriminação contra a mulher, dentre outros. Contudo, a nação soviética propagandeava o seguimento de tais premissas de forma mais intensa e nessa reportagem a *Novósti* escreve que auxiliaram a cidade carioca com barracas para 20 pessoas, roupa de cama, e cobertores do Crescente Vermelho (equivalente à Cruz Vermelha).

Mas foi reforçado que houve uma demora para a entrega, pois os aviões soviéticos não eram autorizados a pousarem no Brasil, algo revisitado em diferentes textos (havia um grande esforço para a permissão diplomática e comercial de voos soviéticos). Ivan Krissiouk (representante consular da URSS) disse que a *Aeroflot* propôs ao governo brasileiro o estabelecimento para rotas comerciais entre os dois países, mas sem retorno, outro ponto que ele levantou foi que em 1943 o Brasil mandou ajuda para Leningrado: "quando uma irmã sofre, a outra tem de ajudar".

A aproximação retratada nesse texto tem caráter afetivo, Zabotkina (2024) escreveu que o uso de conceitos e entendimentos emotivos em um discurso servem para a manipulação do público e para a construção de uma narrativa onde há um inimigo, assim, ao colocar as noções de uma irmã sofrer enquanto outra ajuda

constroi um discurso afetivo. No encontro relatado estavam presentes: Zuleide Faria (presidente do Cendepaz - Comitê brasileiro para o desenvolvimento da paz), Custódio Sobrinho (presidente da União das Sociedades Brasil-URSS), Durval Carvalho de Barros (Assessor da prefeitura para assuntos internacionais), Leda Alencar (Instituto Cultural Brasil-URSS do Rio de Janeiro).

Um outro momento em que a *União Soviética* utilizou-se desse recurso foi na entrevista “Saena, uma porta aberta para os produtos da URSS”, de Gilda de Barros Pereira em que discorria sobre o empresário Márcio Miranda dono do Grupo Saena responde às perguntas de Gilda de Barros Pereira. A empresa desde 1962 tinha contrato de exclusividade de comercialização das máquinas motrizes soviéticas no Brasil, Miranda dizia que buscava equilibrar a balança comercial dos dois países, mesmo que em 1988 estivesse favorável ao Brasil.

Ocupando duas páginas o texto também é composto por uma imagem do empresário brasileiro sentado com membros soviéticos de forma despojada, ao contrário das outras imagens, nesse caso o brasileiro está ao fundo (é o único que consegue se identificar) e os outros quatro integrantes estão de costas, todos sentados à volta da uma mesa circular.

Figura 21: Indústrias cada vez mais próximas.



Legenda: Márcio Miranda reunido com membros do Escritório Comercial da URSS em São Paulo.
Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 67, ano VI, julho de 1988, p.33. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

As vestimentas escolhidas pelos homens remetem ao dia-a-dia, ao contrário das outras imagens analisadas essas pessoas não estavam vestidas formalmente, mostrando um caráter rotineiro nesse encontro, outro ponto que reforça essa perspectiva é o espaço físico, que parece a sala de jantar de uma família e não um local de encontros formais.

Para Miranda existia um potencial muito grande na União Soviética que não era explorado aqui, segundo ele haviam umas três mil empresas que se colocaram à disposição de estabelecer relações e representar os interesses estadunidenses, mas ao tratar dos interesses ou produtos soviéticos era possível contar nos dedos de uma única mão. Na entrevista é pontuado que a empresa se aproximou de uma companhia argentina (um dos sócios era de lá) visando o comércio com a URSS, pois já existia essa troca entre países e o argentino estava mais familiarizado já que Márcio formou-se nos EUA e aprendeu a logística americana, o pai dele (fundador da empresa) era representante tcheco e assim se aproximaram da URSS, viu que valia a pena mercadologicamente e manteve-se:

E não é difícil trazer coisas da União Soviética, a importação? Olha, da mesma maneira que é difícil conseguir guias de importação para máquinas operatrizes. Nós já vendemos mais de três mil. Então é difícil sim; não tem nada fácil. Agora estamos agindo e estamos tendo sucesso. **E não tem problema?** Sempre tem problema, mas independe da origem. O problema é uma questão de divisa. Como o Brasil não tem divisas para pagar, então essa restrição e aí, talvez, entre uma possibilidade de countertrade, como houve no café, que a Cacique exportou e trouxe máquinas operatrizes. E nós revendemos a máquina. É esse tipo de operação casada, é essa possibilidade maior de negócio que ajuda. Agora, em termos concretos, primeiro eu tenho que achar um comprador interessado, teríamos condições de chegar a um exportador brasileiro e fazer a coisa de maneira que uma porcentagem dessa exportação retornasse em forma desse produto no qual o comprador estivesse interessado. (*União Soviética em Foco*, jul./1988, p. 33) (grifo da autora).

Para o empresário as dificuldades em fazer negócios com a URSS eram semelhantes e mais vantajosas que outras empresas, pois havia a possibilidade de countertrade, que é a oportunidade em fazer um comércio a partir da troca por outros bens ou serviços, ao invés de um valor específico e a viabilidade em fazer essa operação casada era melhor. Além disso, ele pontua que os produtos soviéticos são mais econômicos e duravam mais, mas que a venda na América Latina estava difícil, pois o continente estava quebrado e seguia a tendência da

exportação, sendo os maiores compradores da URSS a Petrobras (que para ele não contava, pois é um acerto de contas entre os governos) e a Saena.

No ano seguinte a revista publicou o texto “Medidores soviéticos para o Brasil” de Nikolai Nesvitenko, em duas páginas o soviético escreve sobre a empresa científico-industrial Totchpribor, de Kharkov, na Ucrânia, que era uma das fábricas soviéticas que exportavam seus produtos para o Brasil. Ela possuía modernos centros de pesquisa e de projetos e produzia cerca de cem tipos de aparelhos de medição, parte dos quais era exportada para os EUA, Canadá, França e mais, no caso do Brasil era feito por encomenda (uma lógica mercadológica da economia soviética), faziam comércio com o Brasil e a América Latina a mais de dez anos, mas é destacado que gostariam de aumentar a troca.

Ocupando o maior espaço da reportagem a fotografia principal mostra uma parte da produção soviética, com dois trabalhadores concentrados nos testes é possível observar uma série de equipamentos, sem muitos detalhes específicos.

Figura 22: Tecnologia soviética chega ao Brasil.



Legenda: Todos os aparelhos são submetidos a um rigoroso exame antes de serem despachados.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 76, ano VII, abril de 1989, p.43. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Logo após a fotografia há a explicação técnica sobre as tecnologias a partir da explicação de engenheiros brasileiros que afirmaram que os aparelhos soviéticos primavam pela segurança absoluta.

Com um espaço curtíssimo de texto eles deixam uma boa quantia para abordar sobre a autogestão e como ela havia mudado a vida da fábrica e dos funcionários, que com a *Perestroika* recebiam um salário mínimo mais o que produziam, escolhiam para quem venderiam, aumento financeiro individual de 15%. Pachukanis (2017) escreveu que a classe trabalhadora ao se revoltar contra a sociedade capitalista ela utiliza-se de meios jurídicos, ao invés da organização da revolução, o sistema hegemônico separou o entendimento de Estado e sistema capitalista, assim a população revolta-se com o Estado, mas não com o sistema.

Mas no caso soviético essa revolta ficou mais complexa ainda, pois o discurso de que os trabalhadores eram priorizados e reconhecidos estava bem enraizado, a dicotomia propiciada pela Guerra Fria se esforçou e colocou as duas nações referências como total opostas, mas algo sinalizado na *União Soviética* de forma constante é que a sociedade socialista seguia sistemáticas do sistema hegemônico. O capitalismo rompe com as tradições anteriores, pois ao se estabelecer a burguesia movimenta a história em prol da busca de igualdade jurídica de classe, entre eles e a nobreza, desse modo um dos cernes do sistema capitalista é a premissa de que todos são iguais, com o trabalhador podendo exercer a função que quiser e o burguês podendo contratar quem se interessar.

O entendimento de liberdade guia o discurso capitalista, esse falso protagonismo, essa falsa sensação de escolha é baseada no entendimento jurídico da liberdade ou autonomia da vontade, assim o trabalhador por livre e espontânea vontade escolheria vender a sua força de trabalho ao capitalista (que o pagaria), essa liberdade é dada a partir da vontade. O direito se estabelece entre sujeitos iguais e livres. Sujeito de Direito = aquele que está sujeito por outra pessoa a partir de vínculos contratuais. Quem tu é definido pelo contrato que tu assina tu se vende a alguém a partir do jurídico, da vida concreta e não da norma (Pachukanis, 2017).

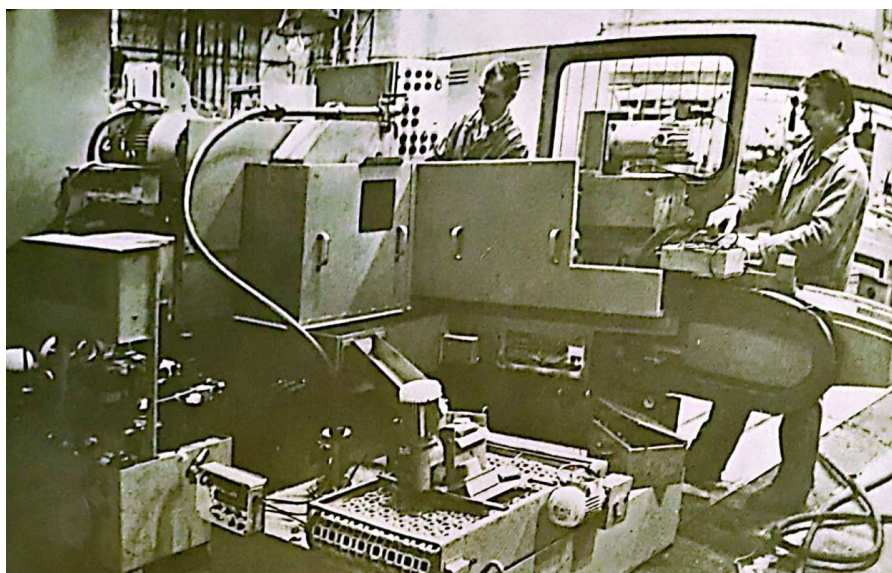
Assim, as dinâmicas de dominâncias se estabelecem e todas as esferas, Arrighi (2001) escreveu que para uma nação central se manter no controle das restantes deve estabelecer a sua hegemonia em diferentes frentes, com a acumulação de capital, por meio da organização e controle do sistema financeiro internacional, da influência cultural e ideológica⁸⁴ e o poder militar, que para além da força bélica envolve o desenvolvimento tecnológico. Quando a revista aborda sobre

⁸⁴ Uma das grandes marcas do período da Guerra Fria era a construção e propagação do discurso estatal

as produções soviéticas ela está propagandeando a capacidade tecnológica da URSS e como seria vantajoso ao Brasil essa troca comercial e científica.

No texto “Máquinas para o Brasil, Brasil-URSS” de Nikolai Nesvitenko, é retratado uma empresa soviética que queria se associar à indústria brasileira para produzir novas máquinas de comando programado, essa outra fábrica ucraniana, estava há cinco anos trabalhando com indústrias brasileiras e já haviam produzido um espaço para reproduzir o clima brasileiro e ver como os produtos reagiam ao clima e as condições existentes no Brasil. Seguindo o padrão da reportagem anterior, a imagem em questão apresenta uma das máquinas vendidas ao Brasil enquanto estava no final da sua produção (com dois operários manuseando-a).

Figura 23: Trocas.



Legenda: Operários terminam a montagem de uma das máquinas a serem enviadas para o Brasil.

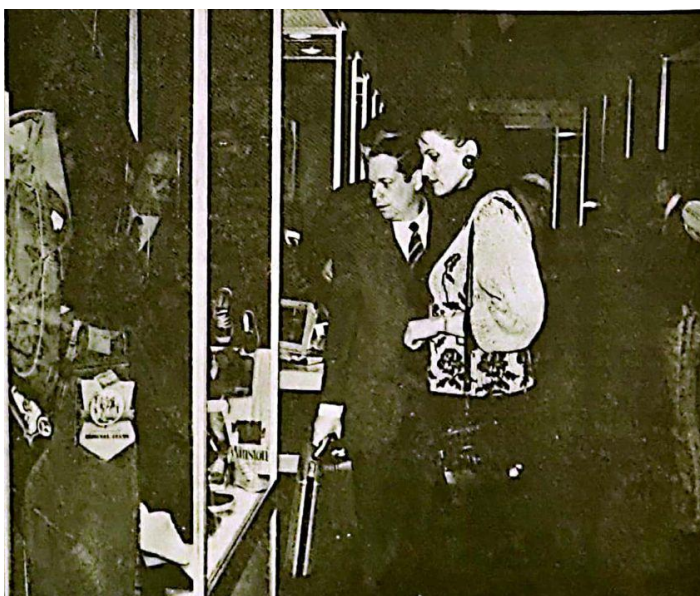
Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 84, ano VII, dezembro de 1989, p.22. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPEl.

É escrito que uma delegação da fábrica, dirigida pelo seu projetista principal Serguei Pravlenko, visitou o Brasil em 1988 quando conheceram as empresas de Vitória, Recife e Fortaleza, onde as máquinas soviéticas trabalhavam sob boas referências. Estavam satisfeitos com a forma pela qual a cooperação entre os soviéticos com os parceiros brasileiros, mas ainda almejavam a ampliação dos contatos, principalmente por estarem cientes dos avanços do Brasil na área da informática e a fábrica produzia máquinas de comando programado e nesse sentido, a cooperação neste campo seria mutuamente vantajosa.

Mantega (2024) escreveu que o Brasil estava em um período de transição, passando por uma liberalização comercial e buscando uma inserção maior no mercado global, as exportações (principalmente de produtos primários, matéria prima) estavam crescendo, mas ainda dependiam dos preços internacionais (que em 1989 eram muito voláteis). Arrighi (1999) pontuou que as nações centrais ao determinarem as dinâmicas de mercado deixam aos países semiperiféricos (o caso do Brasil) dependentes das suas determinações e ações referentes às questões produtivas e de consumo.

Desse modo, era de interesse do Brasil diversificar as relações comerciais, assim a URSS proporcionava um novo caminho, uma tentativa de fuga da hegemonia estadunidense, na reportagem “Brasil mostra, com êxito, seus produtos em Moscou e Leningrado” de Viktor Belochapko. Pela primeira vez em Leningrado, 25 firmas brasileiras foram expostas, segundo o secretário da Comissão para o Comércio com a Europa do Leste, do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Sistemática diplomática de 1990) Antônio da Rocha Paranhos.

Figura 24: Brasil cada vez mais presente no mercado soviético.



Legenda: As confecções brasileiras foram um ponto de atração da exposição.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 85, ano VIII, janeiro de 1990, p.03. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

A figura apresenta um dos expositores com produtos brasileiros sendo observado por um casal de soviéticos bem arrumados, o homem mais ao fundo está de terno e gravata enquanto a mulher veste um casaco bem trabalhado e grandes

brincos redondos. O cuidado com a vestimenta para esse momento indica a sua importância para esses indivíduos, pois arrumaram-se para essa ocasião e isso para o discurso da reportagem delinea que os produtos brasileiros eram apreciados e valorizados pelos soviéticos:

Há muito tempo estudo as relações soviético-brasileiras e penso que é necessário fazer **crescer o nosso comércio**. Até recentemente muitas pessoas na URSS -inclusive funcionários do aparelho burocrático- achavam que o Brasil é um país que só produz café, cacau e soja. Além disso, **nosso meio de informação costumam afirmar que devemos desenvolver relações comerciais sobretudo com a Europa Ocidental, Estados Unidos e o Japão, não dando nenhuma atenção ao Brasil, oitava economia do mundo**. (*União Soviética em Foco*, jan./1990, p. 03) (grifo da autora).

O trecho sublinhado sinaliza a perspectiva soviética sobre a economia brasileira do século XX, em encontro com o que Mantega (2024) levantou, no âmbito comercial o Brasil estava centralizado nos produtos primários. As passagens em negrito trazem um dos pontos fundamentais para o discurso das relações entre Brasil e URSS a noção de coletividade o “nosso comércio”, algo ao existir e fortalecer essa ligação seria superior a trocas com a Europa Ocidental, os EUA e o Japão.

Escrevem que a cooperação econômica e comercial entre os dois países era uma via de mão dupla e por isso, os soviéticos também deveriam levar ao Brasil seus artigos, serviços e tecnologia. Na esfera da informática, produção de energia e artigos de consumo generalizado haviam boas perspectivas, almejavam criar mais empresas mistas, além das três que já existiam, e oferecer serviços conjuntos a países periféricos como aconteceu, por exemplo, em Angola durante a construção da usina hidrelétrica de Capanda.

A seção de informática da URSS e o grupo comercial brasileiro Machline concordaram em realizar, anualmente, seminários dedicados aos problemas de informática e microeletrônica, informou Aleksandr Stempkovski, diretor interino do Instituto de Projetos de Aparelhos Radio Eletrônicos essa troca pretendia chegar em novas descobertas. Também tinham como objetivo desenvolver em conjunto projetos de sistemas de comunicação via satélite, pois a URSS e o Brasil eram países de grande extensão territorial.

A parte soviética seria representada por vários institutos de pesquisas básicas e centros de pesquisas de vários ramos industriais e a brasileira contaria com a

participação das firmas Sid-Telecom e Telebrás, planejava-se ainda, incentivar a cooperação na criação de televisores de alta resolução. Ricardo Maciel, diretor da Sid-Telecom Informática, no seu relatório, analisou os problemas e as perspectivas da cooperação soviético-brasileira no campo da ciência e tecnologia e sublinhou que a URSS, embora possuísse um enorme potencial científico, sempre enfrentou dificuldades relacionadas com a introdução dos resultados das pesquisas na produção, mas nesse sentido, as firmas brasileiras tinham grande experiência e podem ajudar os soviéticos a apresentar os resultados das pesquisas aos parceiros estrangeiros.

Pereira (1989) escreveu que a economia brasileira entre o final da década de 1989 e começo da década de 1990 mudou a pauta exportadora e começou a diversificar, aumentando a sua participação com produtos industrializados, assim como um crescimento na variação de relações comerciais (principalmente com países asiáticos), tentando mudar o seu lugar no mercado e política internacional. Arbilla (2000) agrega a isso pontuando o Brasil estava passando por uma grande transição, que mudava as estruturas de uma forma intensa, pois estavam repensando o que era o Estado, a economia, o social e a cultura brasileira, após os 21 anos de ditadura civil-militar, um processo de redemocratização guiado pelo Estado, a implementação de uma nova constituição o lado de cá ainda estava construindo a noção de um Brasil.

Dias (2002) pontuou que o final da Guerra Fria deixou a esquerda brasileira centrada na luta por melhorias salariais e ela colocou de lado (chegando quase a anulando totalmente) as outras pautas políticas, sociais e econômicas almejadas anteriormente, Quadro (1990) ainda sinaliza que o desemprego no país agravou-se (ainda mais com o Plano Real) afetado os operários e demais trabalhadores. A motivação da instabilidade era bem diferente do caso do lado de lá, pois aqui tentava-se unir diversos âmbitos, lá a união habitual de mais de 70 anos estava totalmente frágil, contudo, os dois lados encontravam-se frágeis de uma forma nova.

3.3. A união faz a força?

A manutenção de um país não pode ser 100% auto suficiente, não é possível um único país produzir e consumir tudo para o seu sustento, assim se torna

necessário a interação com outros e quando se analisa um mundo globalizado é fundamental entender como essas relações e interações são desenvolvidas. Durante os anos de 1987 e 1990 o Brasil e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas estavam buscando uma maior estabilidade e influência no cenário internacional, ao mesmo tempo que precisavam lidar com cenários em termos mais voláteis.

Um exemplo disso é que em 1989 com a queda do muro de Berlim ocorreu um colapso nas esquerdas espalhadas pelo mundo, não enfraqueceu o movimento, mas a crença na cultura comunista começou a ocupar um papel no passado. Após os acontecimentos do final da Guerra Fria ficou mais fácil de apontar os erros cometidos nos territórios de influência dos países centrais do conflito e por mais que os Partidos Comunistas tenham agido de forma errônea, o capitalismo tenha conseguido assentar a sua hegemonia se tornou impossível apagar ou ressignificar seu legado cultural, social e político, mesmo se destruindo os prédios, queimar as obras e colocar os livros em esquecimento ainda sim o movimento e os princípios continuarão (Deaecto; Mollier, 2013, p.184).

Para Dias (2002, p.11) os partidos de esquerda no Brasil construíram uma ideia utópica de que a URSS seria como uma representação de um outro tipo de sociedade, que no futuro seria alcançada, pois ela era diferente e superior da que já existia. Contudo, a utopia socialista tem sua base na materialidade social, assim, até nos períodos de crise o socialismo internacional era pautado nessa materialidade e a dinâmica de classe estava presente, pois o futuro da sociedade era o futuro das classes proletárias.

Para Marx (2024) a base da sociedade e das relações está na sistematização da produção, uma vez que tudo foi transformado em produto pelo capitalismo a estruturação social materializa-se dentro dessas dinâmicas. Historicamente o ser humano necessita da produção de subsistência tais como alimentos, ferramentas e produtos, a problemática surgiu quando a demanda por tais artigos possibilitou o controle de uma classe sobre a outra, desenvolvendo as relações de produção.

Marx (2024) vai pontuar ainda que o sistema é dividido entre infraestrutura e superestrutura, em que a primeira é a base econômica e a segunda é o conjunto das ideologias, cultura, leis e etc, tudo determinado pelas relações de produção. Adorno e Horkheimer (1985) seguiram essa perspectiva de Marx e assinalaram como no sistema hegemônico a produção cultural – assim como o trabalho em si – tornou-se

um produto, logo, os padrões seguidos e os discursos propagados defenderão o *status quo*.

No caso da *União Soviética em Foco* não seria diferente, ela era um produto de uma nação que já havia sido pautada nos pilares comunistas, mas que em 1987 estava cada vez mais distante e outra nação que, em sua maioria, sempre concordou com o sistema capitalista. Dias (2002) retratou que os processos de democratização passados tanto pelo Brasil como pela URSS proporcionaram para as duas as nações o sistema eleitoral, assim a nova forma de se tomar o poder político seria através das eleições, o proletariado e a burguesia guerreavam nas urnas em ambos os polos.

A democracia que chegava em ambos os países dentro da mala do capitalismo hegemônico estadunidense, vestindo uma suposta liberdade, que na realidade era um tecido frágil e que se sustenta conforme se consegue pagá-lo. As eleições supostamente proporcionavam uma igualdade entre as diversas perspectivas políticas, mas na prática a democracia burguesa, instalada nas duas pontas, foi pensada para enfraquecer as revoltas populares e movimentos que visavam a transformação do *status quo*.

No caso do Brasil, por exemplo, o embate ideológico nas eleições presidenciais “pós-*Perestroika*” (principalmente no campo que tangia à questão das privatizações) ficou marcado por referências à situação do Leste europeu, desse modo, a discussão teórica sobre os motivos e desdobramentos destes acontecimentos deveria ser aprofundada (Segrillo, 1999, p. 11). Para Santos (2004) a década de 1980 até a metade da década de 1990 foi um momento em que o neoliberalismo teve uma grande influência no mundo (incluindo na URSS), para o presidente estadunidense Nixon a implementação da democracia neoliberal na Europa Oriental e na URSS não seriam bem sucedidas, pois o autoritarismo e a sua base militar renasceriam.

Já no caso do Brasil a democracia veio com um esforço para o crescimento econômico por meio da importação de tecnologias, capitais, cultura estadunidense e processos administrativos dos centros econômicos mais desenvolvidos resultando na concentração econômica, impondo para a população uma “modernização” drástica, empurrando os habitantes do campo para as cidades sem oferta de trabalho, habitação, educação, saúde e alimentação (Santos, 2004). Como pontuado nesta dissertação, a cultura é um produto que segue os princípios e perspectivas

dos grupos dominantes, que produzem um discurso para o consumo em massa, que segundo Vizentini (2004) seguiam alguns objetivos e implicações importantes: enaltecia a sistemática capitalista (utilizando a imagem narrativa do *American way of life*); provocava o recuo da participação política (reduzindo-a a rituais eleitorais, pintados como o meio de legitimação sistêmica); alicerçava a derrocada numérica da esquerda (que começou a ter posturas cada vez mais moderadas); aprofundou as relações comerciais e financeiras (que no cenário global focaram nos dos países periféricos e semiperiféricos para passá-los aos países centrais com sociedades de consumo superdesenvolvidas, como resultado gerou um desperdício enorme de recursos renováveis e não-renováveis, destruindo simultaneamente o meio ambiente).

Ambos os países buscaram um modelo que contornasse às crises periódicas de superprodução do capitalismo, ao mesmo tempo que introduziram bens programados para um rápido sucateamento. Junto disso os Estados seguiram uma política de segurança social (aposentadoria, saúde e ensino garantidos pelo Estado, salário-desemprego, etc.) atendendo as reivindicações dos movimentos sindicais, defendidas por mais de um século, e eram uma resposta ao sistema socialista para se vencer a “disputa ideológica” (Vizentini, 2004, p. 89-90).

Pereira (2011) apontou que desde o começo do século XX o Brasil construiu uma identidade internacional baseada na moderação e na prudência, contudo a sua baixa participação de ações militares em territórios externos estava ligada pela baixa integração entre a política externa e política de defesa. A interação entre o setor militar e político são fundamentais para o estabelecimento de uma nação no cenário interno e principalmente externo, seja o Brasil ou qualquer outro Estado, assim é preciso estabelecer condutas comuns para as ações tomadas pelas Forças Armadas e pela diplomacia, com o fim da ditadura civil-militar e o processo de redemocratização, para seguir as tendências mundiais o Brasil começou a criar o Ministério de Defesa Brasileiro para estabelecer uma maior interação entre a população e militares esse passo foi importante para a desvinculação com políticas ligadas ao regime militar e para a consolidação da democracia brasileira

Dessa forma, o Brasil estava cuidando da sua imagem militar, enquanto focava nas relações políticas, econômicas e diplomáticas, um exemplo disso é na edição de nº 58, de outubro de 1987, em que há a reportagem "Paz e relações econômicas internacionais mais justas", sem autoria definida, esse texto da *Novosti*

fala sobre o Eduard Shevardnadze que havia visitado o Brasil após ir aos EUA, veio com um avião da *Aeroflot* chegou em Manaus, foi para o Rio de Janeiro e para Brasília. Durante a visita do ministro soviético tanto em Manaus como no Rio de Janeiro ele foi acompanhado por políticos, mesmo que a visita tenha sido de cunho cultural, ao chegar em Brasília foi recebido pelo ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré e pela alta cúpula do Itamaraty, ele desejou a todo o povo brasileiro do povo soviético paz e prosperidade: "**Parece que nos aproximamos mais, não por causa das conquistas da técnica, mas porque nossas relações têm melhorado e são mais amistosas**" (Shevardnadze, out./1987, p, 14) (grifo da autora).

Na reportagem uma parte do discurso presente é a partir da afetividade, a *União Soviética* desde os primeiros números que analisei tem um cuidado em colocar os dois polos envolvidos a partir desse afeto, dessa perspectiva humana, junto das perspectivas políticas, econômicas, culturais, científicas e militares. No texto eles afirmam que a abertura sociopolítica entre o Brasil e a URSS estava ligada a forma que o Brasil tratava problemas da paz, do desarmamento, da conquista do espaço para fins pacíficos e da melhoria das relações bilaterais, como identificado no trecho sublinhado e reforçado na passagem em negrito.

Shevardnadze fez um pronunciamento no saguão da Base Aérea em que afirmou que a URSS valoriza o Brasil, que é a terra de Rui Barbosa, José de Alencar, Villa-Lobos e Lúcio Costa, Jorge Amado e Oscar Niemeyer, Di Cavalcanti, Érico Veríssimo, Pelé e Ademar Ferreira da Silva, disse também que a troca regular de mensagens pessoais entre o secretário-geral Mikhail Gorbachiov e o presidente José Sarney haviam dado um novo e forte impulso para as relações entre os dois Estados e para a **inclinação espiritual dos nossos povos**, nessa passagem em negrito ele conecta novamente os entendimentos de Estado e indivíduo, pois em seu discurso ele une as futuras relações estatais/econômicas e o âmbito espiritual dos povos.

O foco da parte escrita da reportagem é o ministro soviético, contudo a única imagem que compõe a produção e que ocupa a parte de cima da primeira página é composta por quatro homens sentados dois em poltronas e dois em cadeiras um pouco mais altas que esses móveis, o indivíduo que vemos com o rosto mais definido é o então presidente do Brasil José Sarney. Todos os presentes vestiam terno, camisa social clara e gravata, de forma social e séria, conforme o momento exigia, pois o encontro com o líder político brasileiro era singular e representava uma

nova etapa para as relações, o espaço escolhido para a ocasião trazia a impressão de uma comodidade pré-existente.

Figura 25: Presidente José Sarney e o chanceler Eduard Shevardnadze.



Legenda: O presidente José Sarney recebe o chanceler Eduard Shevardnadze no Planalto.
Fonte: *União Soviética em Foco*, nº58, ano V, outubro de 1987, p.13. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Hatje e Perin (2021) escreveram que uma das esferas nas relações políticas é a diplomacia presidencial a qual o chefe executivo de uma nação se posiciona na política externa, no caso do primeiro governo pós ditadura civil-militar essa participação era de modo mais independente a política estadunidense. A *Novosti* delineou os interesses por parte da URSS em aprofundar e substancialmente desenvolver as relações bilaterais, além disso o ministro soviético discutiu com Sarney sobre os problemas internacionais.

Para Hatje e Perin (2021) a política externa brasileira entendia a URSS como uma alternativa ao Ocidente para suprir as necessidades tecnológicas do Brasil, mais um meio para que o país conseguisse começar a se encaminhar para se consolidar como um país central. Esse encontro é importante, pois é em 1987, com essa visita que firmaram-se dois acordos para uma maior cooperação entre as nações em que um era voltado para a área econômica, comercial, científica e tecnológica, e outro para a área cultural.

Segundo os autores, em 1988 quando José Sarney viajou pessoalmente para a URSS tornou-se o primeiro chefe de Estado a ser recebido por Gorbachiov deixando marcado o aprofundamento das relações bilaterais, que aconteceram em decorrência das aberturas *Glasnost* e *Perestroika*.

Rodrigues (2006) escreveu que as reformas começaram com denúncias na imprensa sobre questões ecológicas, escassez, qualidade dos bens e serviços, mas com o tempo passaram a crítica de questões sobre o cotidiano, a economia, as injustiças, os privilégios da burocracia, denúncia das desigualdades e os movimentos grevistas de reivindicações que nesse momento eram do âmbito político. Dessa forma, a *Perestroika* e a *Glasnost* inicialmente liberaram o sistema soviético, mas com o tempo o seu resultado foi de terminar com a URSS, pautado em um discurso antistalinista e com um falso viés leninista.

Assim, na edição de nº 70, em outubro de 1988, fala sobre quando ocorreu a visita do presidente brasileiro ao solo soviético, com a *União Soviética em Foco* é possível traçar a narrativa abordada pela *Novosti* sobre esse encontro, pois eles fizeram um volume voltado a isso, com 11 textos diferentes. Contudo, na dissertação irei analisar a reportagem “Viagem de Sarney abre uma nova etapa nas relações Brasil-URSS”. José Sarney chegou na URSS em 17 de outubro depois de passar em Marselha e Paris, para que acontecesse essa viagem ocorreram vários contatos e reuniões entre delegações de técnicos dos dois países, esses encontros foram para definir os tópicos com maior prioridade, estreitassem os entendimentos e perspectivas das duas lideranças, definirem o que se transformaria em acordos para serem assinados durante a visita.

A viagem de Sarney se tornou um marco para o processo gradual da diplomacia entre as duas nações, um trabalho mais ativo desde o ano de 1985, quando o chanceler brasileiro Olavo Setúbal esteve em Moscou, no outro ano o chanceler Abreu Sodré se encontrou com o Ministro das Relações Exteriores da URSS, Eduard Shevardnadze, que esteve em Brasília em 1987, ocasião em que uma série dos acordos tratados nesse momento começaram a serem confeccionados. O progresso das relações entre o Brasil e a União Soviética foi desenvolvido e estruturado por uma série de indivíduos, Franklin (2023) escreveu que o presidente brasileiro herdou relações internacionais e manteve a mesma sistemática de autonomia, que seguindo o universalismo pragmático, continuado as aproximações com as potências e aumentando algumas dinâmicas (como as com a URSS), dando um protagonismo presidencial nas questões diplomáticas.

Desse modo, para além de um chefe de estado, que já recebe destaque, as ações e decisões que foram tomadas e decretadas por ele eram o resultado de 21 anos de uma ditadura e um processo de redemocratização que tentou colocar a

população em segundo plano, para essa reportagem o protagonismo é colocado na figura brasileira. A imagem que compõe essa reportagem é o ministro soviético Shevardnadze (a esquerda), o chanceler Abreu Sodré (ao centro) e o presidente Sarney (sorridente, a direita) juntos, mas não estão posando para esse momento, dando uma sensação de espontaneidade e intimidade, para o discurso da revista isso passa a mensagem que as pessoas responsáveis pelos acordos entre as duas nações se dão bem, são próximas, logo as decisões tenderiam a ter um caráter positivo.

Figura 26: Sarney na URSS.



Legenda: Shevardnadze com o Presidente Sarney, em setembro do ano passado. Ao centro, o Chanceler Abreu Sodré

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 70, ano VI, outubro de 1988, p.22. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Com uma série de atividades turísticas e culturais, a programação foi pensada para apresentar a URSS ao mesmo tempo em que as conexões entre ambas as nações e a admiração soviética com a cultura brasileira, a partir de uma exposição somente de arte colonial brasileira. Segundo a *Novósti*, os pontos altos da visita, no aspecto político, foram as duas reuniões de trabalho que os dois presidentes e com o diplomata soviético Andrei Andreievich Gromiko fizeram e discutiram sobre temas internacionais.

As conversas deveriam virar acordos assinados pelos chanceleres Sodré e Shevardnadze, junto a isso, conversaram sobre a provável vinda de Gorbachiov ao

Brasil, dentro de um roteiro que incluía os outros países da América Latina, era de interesse dos dois Governos ampliar significativamente o nível de comércio bilateral, situado muito abaixo das potencialidades das suas economias. Segundo os dados disponibilizados pela *Novosti* em 1987, o comércio entre Brasil e União Soviética ficou em US\$450 milhões, nos dois sentidos, a metade da cifra atingida em 1983, a pauta de exportações de ambas as partes foi considerada muito restrita e o objetivo dos acordos que seriam assinados era de aumentar o nível geral do comércio e de diversificá-lo, desde o intercâmbio de maquinarias, equipamentos e manufaturados, até a natureza interbancária das nações voltado a troca de linhas de financiamento, para evitar a dupla tributação de produtos nos países.

Para os soviéticos era importante conversar sobre a abertura de linhas aéreas da *Aeroflot*, uma aliança na área de pesca e um acordo de cooperação científica e tecnológica, na área espacial, que seria um projeto pensado no INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial) e na COBAE (Comissão Brasileira de Atividades Espaciais), que permitiria a realização de empreendimentos conjuntos e intercâmbio de tecnologia. Ao lado brasileiro a expectativa era a concretização de um projeto cujas negociações começaram com o Ministro da Ciência e Tecnologia Renato Archer, que visava a participação das empresas brasileiras no processo de automação bancária da União Soviética.

Costa (2007) analisou que a viagem do presidente José Sarney à URSS e expôs a simetria das duas nações, que cada uma a seu modo, estavam passando por um processo de abertura, movimentando-se de forma contrária ao que os países estavam habituados e de forma favorável ao sistema capitalista. Os dois países estavam movimentando-se a mudanças mercadológicas, políticas, culturais, sociais e econômicas, mas no caso dos soviéticos ainda há o rompimento de uma estrutura socialista e para os brasileiros uma tentativa de auto compreensão.

Arrighi (1996) delineou que as relações entre as nações são definidas pelo sistema vigente, no período da Guerra Fria o sistema que se firmou foi o capitalista, assim, o país que deter o maior acúmulo de capital, que desenvolver e propagar um discurso político-cultural domina o outro. Entre as duas nações em foco nesta dissertação esse domínio em primeiro momento poderia tender à URSS, em virtude da sua grande influência e estabelecimento internacional, contudo, por ser nos últimos anos de existência a União Soviética passava por uma série de crises e disputas internas e externas, proporcionando ao Brasil um maior protagonismo.

Taffarello (2009) pontuou que o socialismo real entrou em crise no final da década de 1980 e começo de 1990, pois com as aberturas os símbolos e os principalmente os pilares comunistas foram atacados, questionados e destruídos na URSS resultando em uma grande polarização interna, enfraquecendo o Estado soviético. Jameson (1979) escreveu que as obras da cultura de massa têm um discurso não ideológico, sendo ao mesmo tempo utópicas, pois elas não ofereceriam riscos políticos ao público, construindo a manipulação por esse caminho.

Segundo o autor, as mídias constroem e seguem uma imagem, muitas vezes colocando uma perspectiva, um coletivo, uma nação enquanto monstruosa, pois assim atraem a atenção para os discursos, pois coloca a ansiedade e a esperança lado a lado. Essa escolha as posiciona como duas faces da uma mesma consciência coletiva, assim obras da Indústria Cultural, tendo como função legitimar a ordem vigente enquanto se colocam a serviço dessa função a partir das esperanças e das fantasias mais profundas e fundamentais da coletividade, de um modo subjetivo (Jameson, 1979, p. 144).

Por muitos anos a tendência discursiva era a propagação do olhar soviético, por mais que os países latino-americanos estivessem em administrações ditatoriais a URSS desenvolveu um sistema para conseguir disseminar o seu discurso. A revista *União Soviética em Foco* surge no mercado brasileiro no final do ano de 1984, mas usufrui dessas estruturas e dessa narrativa já pré-estabelecidas, assim, as reportagens difundem positivamente a URSS e o Brasil também é valorizado para aproximar as duas nações.

Pereira (2011) escreveu que o processo de redemocratização favorecia ao clima de cooperação entre nações, principalmente os países da América Latina, assim, as relações externas do Brasil tendiam a acordos diplomáticos pacíficos sob a justificativa que a política interna seguia um debate democrático e transparente. Há uma união extremamente forte entre a política e a economia, para a *União Soviética em Foco* isso é reforçado constantemente, então na edição de nº 72 há a reportagem “Os negócios do Brasil em Moscou”, de Viktor Anochkin, que aborda sobre uma série de empresas, firmas e companhias brasileiras que expuseram seus produtos: Odebrecht, Siderbras, Vale do Rio Doce, Mapa Duferco, Philips do Brasil, Tintas Renner, Abrasuco, Pirelli, Fiat do Brasil, Café Brasília, Café Iguaçu, entre outras. Empresários: Luís Almeida, Sérgio Coimbra, Flávio Musa, Antônio Presfilippe Neto, Mário Pacheco, Thomaz Sá, entre outros.

Uma das imagens presentes é o presidente brasileiro José Sarney cumprimentando Valentina Soloviova, ligada a empresa Staroup-Odema-Staremo, ambos centralizados na imagem e por mais que não seja possível ver os rostos com nitidez é possível observar que ambos aparentam estar animados com o encontro. Em segundo plano há mais de treze homens acompanhando esse encontro, essa grande quantidade de pessoas agrega ao discurso que havia movimento e, principalmente, muito interesse no encontro dessas duas nações.

Figura 27: Presidente brasileiro na ExpoBrasil-88.



Legenda: Sarney cumprimenta Valentina Soloviova no estande da Staroup-Odema-Staremo.
Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 72, ano VI, dezembro de 1988, p.02. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPEl.

Essa edição da ExpoBasil-88 contou com 40 empresas brasileiras, o chanceler Abreu Sodré manifestou a esperança de que a exposição abriria novas perspectivas e daria um novo impulso ao progresso das relações comerciais entre os dois países, pois tinha um caráter abrangente. Para Sodré o volume de trocas comerciais entre o Brasil e a URSS deveria situar-se além dos potenciais econômicos dos dois países e deveriam focar na questão do financiamento (um dos pontos mais sensíveis do comércio internacional) o Acordo de Cooperação assinado entre o Banco do Brasil e o Banco do Comércio Exterior da URSS durante a visita do Presidente Sarney seria um dos elementos para dinamizar concretamente o intercâmbio comercial das duas nações.

Taffarello (2009) escreveu que Gorbachiov foi perdendo o controle da URSS, quando ele priorizou o lucro, a competição, o capital e a propriedade privada, acabou enraizando esses princípios no dia a dia e na população. O discurso do governo sempre foi otimista e colocava as aberturas como a revolução da revolução, a solução dos problemas. Uma constância enorme no discurso da *União Soviética*, no decorrer dos meses seguintes a revista manteve a mesma lógica e sistemática, contudo em 1990 há uma repaginação na forma que ela era apresentada tendo uma padronagem mais rígida sobre os locais que ficavam os títulos, as autorias e a categorização das temáticas.

Junto disso o tamanho dos textos diminuiu (anteriormente, de forma esporádica, havia textos entre 4 a 6 páginas, mas no último ano não há reportagens maiores que duas folhas). Domingos (2011) escreveu sobre a Política Externa Independente (PEI) que o Brasil seguiu durante 1961 até 1964, mas essa perspectiva diplomática reverberou durante a década de 1990 quando se estabeleceu uma nova ordem mundial, sem a divisão do mundo em Leste-Oeste, terminada com a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS, assim o projeto hegemônico capitalista se enraizou e as relações internacionais brasileiras em 1990 avançou em diferentes frentes.

Júnior (2008) delineou que o primeiro presidente democraticamente eleito do Brasil na redemocratização, Fernando Collor, discutiu as linhas básicas de uma nova estrutura internacional, que visava a paz e promovia a cooperação, assim ele manifestou o interesse em avançar mais no Tratado de Tlatelolco, propondo que proibissem as explosões nucleares. Já no âmbito econômico o Presidente Collor reforçou a necessidade que o Brasil tinha em construir o Mercosul e também nas novas oportunidades de cooperação e de intercâmbio entre os países, inicialmente ele prometera se voltar a questões do meio ambiente, direitos humanos, seguir um protecionismo comercial para com os países ricos, a necessidade de democratização da ciência e da tecnologia e a necessidade de reformulação do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Na edição de nº 85, em janeiro de 1990, há a reportagem “Collor-Gorbachiov, relações se ampliam”, de Viktor Belochapko que falava sobre o novo presidente brasileiro que gostaria de triplicar o volume do comércio com a URSS. E que o primeiro encontro entre as lideranças já havia acontecido em janeiro do mesmo ano,

segundo Belochapko o líder soviético concordava com a postura de Collor em visitar diferentes países antes de se empossar oficialmente.

A imagem que compõe o texto é dos dois chefes de Estado lado a lado, com Fernando Collor a esquerda e Mikhail Gorbachiov a direita, ambos sorriem e tem uma postura relaxada, mas contém um caráter formalizado pelas vestimentas e uma certa distância entre os dois.

Figura 28: Novo encontro presidencial.



Legenda: Cordialidade marcou o encontro, no Kremlin, em Moscou, dos Presidentes Fernando Collor e Mikhail Gorbachiov.

Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 85, ano VIII, janeiro de 1990, p.03. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

O dirigente soviético pontuou que esses esforços eram necessários para resolver os complexos problemas internos e que apesar de todas as particularidades do desenvolvimento histórico e do caráter das mudanças que as duas nações estavam passando, os contatos pessoais são extremamente importantes para as relações internacionais.

E esse contato que se estabeleceu entre Fernando Collor e Mikhail Gorbachiov por meio do encontro entre eles é descrito como uma troca livre de opiniões, caracterizada pela desconstrução, compreensão mútua e boa vontade. Rosanvallon (2010) escreveu que um discurso vai construir sentido a partir da realidade social, cultural e política que foi confeccionado e consumido, assim, quando a *Novósti* escreveu esses termos construiu um sentido de isenção através

do “livre de opiniões” atrelado à noção de coletivismo com a “compreensão mútua” ambos guiados pelos princípios corretos da “desconstrução e boa vontade”.

Desse modo, o discurso vai se desenhando, pontuam ainda que o dirigente soviético tinha o desejo em visitar o Brasil, por causa do grande interesse soviético pelo parceiro latino-americano. Já Fernando Collor disse que tanto ele como o Governo do Brasil estavam muito interessados no desenvolvimento das relações com a URSS em todos os campos, desde contatos políticos, ao comércio, às relações econômicas, técnico-científicas, culturais e outras, também foi reforçado a vontade em fazerem essas trocas o mais depressa possível.

Segrillo (2012) escreveu que a fase final da URSS foi um período em que o plano do Estado soviético era o encerramento da união das repúblicas e as dinâmicas pesadas pelas primeiras lideranças já estavam sendo desmanchadas e reestruturadas para o capitalismo, que havia chegado na nação soviética pela *Perestroika* e justificado pela *Glasnost*. Para Gorbachiov as relações com o Brasil estavam se estabilizando e os dois países dispunham de enormes potenciais, pois as suas economias completavam-se de forma mútua, então eles deveriam fazer o possível para aproveitar as grandes possibilidades.

Collor também se encontrou com o ministro das Relações Exteriores da URSS Eduard Shevardnadze eles discutiram de maneira geral sobre os problemas globais da época e destacaram como prioritárias as questões do desarmamento e do reforço da segurança, da reestruturação das relações econômicas internacionais, da ecologia e da utilização das realizações técnico-científicas para os fins de desenvolvimento. Os dois também conversaram sobre as principais tendências que determinavam o desenvolvimento do processo de mudanças no mundo, revelando uma grande concordância de perspectivas.

Juntos chegaram no entendimento de que as decisões que seriam capazes de contribuir para o reforço dos aspectos positivos do desenvolvimento mundial, a URSS e o Brasil poderiam intensificar a cooperação construtiva e frutífera. Durante a análise das relações bilaterais expressaram uma convicção de que a dialética de sua evolução colocaria na ordem do dia a passagem a uma etapa qualitativamente nova de cooperação nos setores comercial, econômico, técnico-científico e outros.

A escolha de um termo como o da “dialética” dentro de um discurso de caráter liberal e pró capitalista, retoma a sistemática utilizada pela *Novosti* durante os três anos analisados nesse trabalho: a utilização de termos e uma atenuação de

princípios comunistas e socialistas. Para Marx (2024) a dialética seria o movimento de identificar as problemáticas existentes nas dinâmicas capitalistas, utilizar as sistemáticas pré-existentes de forma positiva e evoluí-las para os princípios e dinâmicas para a instalação do comunismo. Lênin (2011) vai defender que dentro dos sistemas socialistas esse movimento deveria se manter e se transformar em um regulador do regime, pois era fundamental a identificação constante das problemáticas e melhorá-las para aproximar-se cada vez mais do comunismo.

Entretanto, não é esse entendimento que o discurso quer evocar, quando Collor emprega a “dialética” está se referindo a um movimento de aproximação ao *status quo* e não do seu rompimento, tanto que ele valorizou as reestruturações que haviam operado na URSS, pontuou ainda que sua enorme importância para todo o mundo só poderia ser avaliada de forma adequada pelas futuras gerações. A valorização das aberturas no ano de 1990, era a valorização do capitalismo e do fim da URSS, mas há ainda o cuidado em pontuar um futuro diplomático entre as duas nações, então expressou que as relações brasileiro-soviéticas seriam intensificadas e trariam mais melhorias para os povos dos dois países.

A *Novósti* e a *Revan* cuidaram em seus discursos para manter referências que defendem a transformação social, mas também se atentaram a não seguir esses referenciais construindo uma narrativa ímpar. A reportagem em questão termina com Fernando Collor pontuando que as relações entre URSS e Brasil seriam prioridade principalmente no âmbito tecnológico, das telecomunicações e da exploração espacial, a viagem dele foi curta e não firmou qualquer documento oficial.

Domingos (2011) pontuou que a Política Externa Independente brasileira desde Getúlio Vargas está muito ligada ao desenvolvimento econômico e no segundo governo de Vargas os temas da PEI começam a ter um crescimento no peso da vida nacional, aproximando-se cada vez mais ao centro do debate e foram influenciados por grupos não ligados aos aparelhos de Estado. A PEI se tornou um grande indutor das discussões internas em todas as vertentes políticas brasileiras, cada segmento defendia e corroborava com abordagens diferentes, mas envolveram-se no debate.

O autor ainda pontua que a Política Externa foi bem sucedida pelo seu potencial de barganha para com os EUA enquanto mantinha seus princípios ideológicos básicos, pois acima de tudo, era uma dinâmica voltada ao

desenvolvimento, que visava à superação, por meio das relações externas, assim, durante a ditadura civil-militar brasileira a PEI manteve-se com essa permuta diplomática com os EUA. O Brasil visava o aprofundamento do processo de descolonização, algo que foi dificultado durante a Guerra Fria, mas ainda conseguiu ampliar a sua influência política junto aos novos países, e também para uma nova esfera de atuação econômica, buscando as melhores opções de comércio (Domingos, 2011).

Na penúltima edição de nº 93, de setembro de 1990, há a reportagem “Carros soviéticos no Brasil”, escrita por Gilda Barros, um dos maiores textos dessa última fase da revista e que ocupa três folhas. Nele é escrito sobre o acordo entre o governo brasileiro e a empresa automobilista soviética chamada Lada estavam lançando no Brasil os modelos de mais sucesso no mercado internacional, com preços acessíveis. A reportagem tem um caráter bem quantitativo e conta com a participação do presidente da Lada do Brasil Ltda. Martin Rodin que falou sobre a atuação no mercado brasileiro, eles não queriam competir e sim proporcionar para as pessoas com menor poder aquisitivo a compra de um veículo zero quilômetro, pois o Brasil havia diminuído a sua produção de um milhão para 750 mil veículos por ano, deixando-os mais caro e difícil essa conquista para a maior parte dos brasileiros.

Essa preocupação do empresário soviético ecoa com o discurso propagandeado nas outras 34 edições analisadas, pois o cuidado em colocar a população no centro das discussões é uma característica narrativa muito utilizada pela *União Soviética*. Também é pontuado que os produtos da Lada são muito populares no mercado internacional desde a Europa, Canadá até a América Latina com 250 mil veículos Lada vendidos no continente, o caso do Chile é salientado, pois em 2 anos de comercialização eles ocuparam o terceiro lugar em vendas (sendo o modelo mais vendido no país).

No Brasil a companhia contaria com um suporte central de armazenamento e distribuição que manteria na Zona Livre de Colón, no Panamá, despachando os pedidos para o solo brasileiro em 72 horas, em São Bernardo do Campo-SP já haviam construído uma oficina e galpão de 30 mil metros quadrados para armazenar peças de reposição, para um atendimento mais rápido.

Os produtos soviéticos teriam uma garantia de 1 ano, a reportagem ainda apresentava como funcionava o processo da empresa antes de colocar um produto

em outro mercado, assim os modelos passaram por uma série de testes exaustivos e com ótimos resultados, os carros rodaram 5 mil quilômetros com a gasolina brasileira. O Brasil, assim como a URSS, era um país continental e o uso do carro tem como característica as estradas de longo percurso, com terrenos irregulares e diferenças regionais de temperatura e umidade do ar acentuadas.

Desse modo, a sofisticação das indústrias siderúrgica e metalúrgica da União Soviética permitiu a produção de veículos resistentes, capazes de suportar as difíceis estradas soviéticas de 40 graus negativos a 50 positivos. Ademais, a tecnologia utilizada nos veículos era resultado de acordos de cooperação com indústrias da Itália (Fiat) e Alemanha (Audi) e de aperfeiçoamentos introduzidos pelos técnicos soviéticos.

O plano comercial era que primeiro seriam 6 modelos comercializados no Brasil: o Lada 1200, 1500 e 1600; o Lada Samara com tração dianteira e o Lada Niva 4x4; o Samara 1300 e 1500 para abraçar a diversos públicos e gostos. Esse texto é composto por uma série de imagens dos carros soviéticos, contudo a última folha é voltada à experiência que havia acontecido no dia 5 de agosto de 1990.

O presidente Fernando Collor, acompanhado da sua esposa Rosane Collor, testou dois modelos soviéticos em Brasília junto a funcionários da Lada Ltda, a reportagem dá o destaque as duas fotografias tiradas do chefe de estado, a primeira é ao lado do motor do carro Samara 1300, que ele destacou como muito confortável, já a segunda ocupa metade da página e é Collor dentro do Niva 4x4, dirigindo-o. Na imagem é possível ver o carro ocupado por pessoas (tanto nos bancos da frente como no banco de trás) em um espaço com árvores e mato ao fundo e mais próximo o chão é de grama cortada, sem muitos detalhes gerais.

Figura 29: Teste presidencial.



Fonte: *União Soviética em Foco*, nº 93, ano VIII, setembro de 1990, p.47. Acervo: LIPEEM/NDH-UFPel.

Essa escolha em destacar a imagem do presidente nos carros soviéticos, ao invés do pequeno texto que são dois parágrafos ao lado esquerdo da página sinalizando que esse teste levou um pouco mais de 15 minutos, há o elogio dele sobre o desempenho e conforto dos veículos e o desejo referente ao êxito na comercialização, constrói uma propaganda sobre o produto e não o país. A revista *União Soviética em Foco* inicialmente foi pensada para propagandear o Estado soviético e o seu discurso, mas durante o ano de 1990 o que ocorre é um desmantelamento do seus objetivos, na edição de nº 94 (a última salvaguardada no NDH Prof^a Beatriz Loner) é a única que não tem textos sobre as relações entre Brasil e União Soviética, aborda sobre como a economia soviética seguirá a autogestão (e a logística capitalista), sobre a “nova Rússia” e os aspectos culturais das repúblicas soviéticas, pontuando as suas diferenças.

Os dois países estavam passando por semelhanças como a busca em aumentar a sua influência econômica e política, estavam no processo de democratização e com discordâncias internas, logo poderiam se encontrar em prol desses objetivos. Contudo, o que aconteceu na prática foi a falha no cumprimento dos mesmos, pois os governos em questão foram avaliados negativamente na sua posteridade, com uma série de atitudes prejudiciais às populações e as nações no

cenário internacional, assim a união que poderia proporcionar dinâmicas positivas acabou ecoando as más gestões de Gorbachiov, Sarney e Collor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo da transformação não pode ser maior que a insatisfação com as injustiças!

*Se um de nós tá preso, ninguém tá liberto
Um de nós com fome, ninguém tá alimentado
Se tu vê injustiça com um de nós e tá calado, pô
Tu não fecha com nós, neguin', tu fecha do outro lado
Favela vive 5⁸⁵, ADL, Major RD, MC Hariel*

A revista *União Soviética em Foco* durou por seis anos (1984-1990), durante esse período ela seguiu uma sistemática incomum no mercado da imprensa brasileira, com os seus textos e fotografias sendo produzidos e traduzidos pela Agência de Notícias *Novosti*. A edição era montada e pensada pela Editora *Revan*, que selecionava as reportagens e entrevistas e construía o volume que seria publicado e vendido em 14 estados brasileiros.

A venda em mais da metade do território nacional traz para a documentação um caráter de propagação maior que as grandes cidades (como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre). Junto a isso, a mutabilidade da sua equipe editorial indica uma dificuldade para um indivíduo em se atrelar a produção e continuar trabalhando na sua confecção. A revista era vendida em bancas, livrarias e por pessoas independentes e durante os seus seis anos de duração não alterou as cidades e locais que estava presente.

Essa dissertação é uma análise sobre os três últimos anos dessa documentação e como essa coprodução desenvolveu um discurso pró capitalismo, mesmo quando deveria propagandear o Estado socialista. Tendo em vista que esse conteúdo difundiria uma nova leitura da URSS, elaborada pela *Novosti* e propagada através da editora carioca *Revan*, o público brasileiro começa a ter acesso a um protagonismo soviético e um suposto novo discurso contra-hegemônico (contudo, a partir da análise esta perspectiva é colocada em questão).

A *União Soviética em Foco*, desde a sua origem, era um produto da Indústria Cultural montada a partir de um molde e estrutura pré definidas e estabelecidas, com uma intenção e objetivo delineados para a defesa do Estado soviético (que se afastava cada vez mais dos seus princípios revolucionários). A produção não era

⁸⁵ A escolha desse trecho foi pelo caráter de união que é necessário de termos para que o movimento anticapitalista seja feito e por mais que a gente receba constantemente discursos favoráveis à manutenção do *status quo* a esperança da transformação social deve ser maior.

confeccionada a partir de uma percepção discutida e analisada, ela seguia as premissas que o Estado soviético determinava interessante e necessário a se compartilhar.

A Agência de Notícias financiou mais de 500 revistas e 1000 jornais em 23 nações diferentes durante o período da Guerra Fria, esse auxílio não estava limitado ao financeiro. A *Novosti* era a responsável pela produção midiática interna da URSS e da confecção das fotografias, dos textos, das montagens das reportagens, entrevistas, das traduções e a padronagem que os números deveriam seguir, assim, toda a imprensa interna e externa teriam as suas capas coloridas e o interior em escala de cinzas.

O produto não era exclusivamente soviético, mas o discurso ali presente tinha uma influência soviética muito maior que brasileira, pois mesmo nas vezes que o foco estava no Brasil a visão era estrangeira. As produções estadunidenses compreendiam as dinâmicas entre nações por meio dos princípios econômicos do capitalismo e as defendiam em seus produtos, desse modo, a organização midiática tinha uma constância discursiva em prol do *status quo*, assim, quando a URSS iniciou a confecção da revista ela também se inseriu nessas premissas.

A sua existência foi possibilitada pela estrutura soviética pré-existente que foi aproveitada durante o governo de Mikhail Gorbachiov que ao instalar a *Perestroika* e a *Glasnost* estabeleceu transformações políticas, econômicas, culturais e sociais, pois estas duas aberturas mudaram as dinâmicas da economia interna, da política e da imprensa. A revista as usou como solução não foi atoa, pois como discuti nesse trabalho a imprensa é um espaço de combate e age como um aparelho privado de hegemonia, seguindo as perspectivas do Estado e naturalizando uma perspectiva pró *status quo*.

A hegemonia, segundo Gramsci, é a dominação cultural, ideológica e política de um grupo sob os demais, para isso os dominantes usam da força, mas principalmente é a partir de um discurso enraizado socialmente por meio da cultura que essa relação é naturalizada e reforçada. Para que isso ocorra há os aparelhos privados de hegemonia, com uma série de categorias a imprensa é um dos grandes aparelhos para esse processo.

As revistas e a *União Soviética em Foco* atuam como um aparelho privado de hegemonia, construindo um contrato velado sobre quem está no comando das dinâmicas sociais, econômicas, culturais e políticas deve continuar ocupando esse

espaço, enquanto os outros grupos devem aceitar essa estrutura e trabalhar para a sua manutenção. Essa estruturação, propagada e propagandeada pelas mídias, firma na percepção coletiva que os funcionamentos entre a população, o Estado, as relações econômicas e políticas devem continuar a partir do capital, pois um crescimento econômico simboliza um crescimento geral.

Com essa visão de mundo cada vez mais embrenhado e naturalizado na mentalidade da população o processo de alienação se acirra, para Marx, o trabalhador é isolado da produção do produto do seu trabalho, logo o resultado das suas ações é visto como algo segregado de si e não construído por si. Alienando-se do processo produtivo o controle e protagonismo que o indivíduo poderia e deveria ter se dissipa colocando-o enquanto uma peça do grande processo produtivo, desse modo, a pessoa perde o entendimento da sua função, da sua individualidade e da sua potencialidade, separando-o do coletivo operário.

Entender-se enquanto sujeito e componente da classe operária reconhece-se também os seus interesses em comum com o coletivo e seu lugar na luta de classes. O antagonismo entre a classe dominante e as classes dominadas geram as disputas e embates necessários para as transformações sociais, desse modo, o Estado burguês (e no caso dessa pesquisa, o Estado soviético) constroem um discurso para barrar e diluir os movimentos coletivos.

O Estado segue a perspectiva e os princípios das classes dominantes, no caso do sistema vigente é a burguesia e no caso da URSS era um grupo do Partido Comunista, que se estabeleceu durante a história soviética e nos seus últimos anos de existência defenderam a mudança sistêmica para o capitalismo. Marx e Gramsci entendiam o Estado como a soma da sociedade civil mais a sociedade política que juntas expressam a situação econômica da nação, com isso, o Estado irá assegurar e manter a dominação de uma classe sobre a outra, em prol da propriedade privada, concretizando um determinado sistema de produção.

A *União Soviética em Foco* produziu um discurso que defendia a *Perestroika* e a *Glasnost* como a chegada da democracia na URSS e isso seria vantajoso, pois possibilitaria uma flexibilização governamental e principalmente uma nova abordagem econômica com o abandono da participação estatal. O termo democracia apareceu constantemente nos textos presentes, associado aos três pilares desta dissertação (as duas aberturas e as relações entre o Brasil e a União Soviética).

Quando utilizado, o conceito não é explicado pela revista, algumas vezes é associado a Lênin, que defendia a democracia do proletariado, que preza e prioriza a classe operária e suas necessidades, contudo, as associações feitas a este novo modelo político não conversam com a perspectiva leninista. A *Novósti* defendia uma democracia burguesa, pois neste novo momento da história soviética seria priorizado as possibilidades econômicas de um modo individualizado, em prol do lucro para poucos e uma maior liberdade na imprensa.

Tudo isso promoveria e reforçaria a transparência na imprensa, ou seja, a *Glasnost*, que seria o sinônimo da liberdade burguesa a qual estava atrelada a própria democracia. Para Gramsci, a liberdade era entendida de diferentes formas, variando conforme o contexto, no caso do capitalismo a liberdade estava atrelada a mercadoria e o quanto ela poderia ser convertida na posse de produtos (sejam culturais, econômicos, sociais).

O discurso da revista coloca esse conceito como um dos grandes fundamentos para a transformação da URSS, essa nova liberdade proporcionaria a resolução de todas as problemáticas momentâneas e históricas que estavam passando. Para reforçar esse entendimento se utilizavam da grande justificativa para essas escolhas que era que ao escolher essas novas abordagens a nação soviética estaria cumprindo a visão de Lênin e o seu legado, pois ele defendia que para alcançar o comunismo a administração deveria seguir os princípios dialéticos identificando o problema, os meios positivos e elevá-los em prol do movimento revolucionário e se aproximar cada vez mais do comunismo.

Assim, para Lênin, a auto identificação dos problemas e dos pontos que não estivessem funcionando bem ou que poderiam melhorar em uma sociedade socialista era fundamental para a sua aprimoração. Contudo, o uso empregado pela *Novósti* era de que para o revolucionário a URSS deveria mudar as suas estruturas para que as aberturas fossem implementadas sem questionamentos e grandes reflexões.

Lênin vai levar a dialética para diversos âmbitos da organização soviética, para ele as indústrias e as fábricas deveriam seguir as necessidades do proletariado, pois as massas que atuam nesses espaços é que poderiam identificar as problemáticas e melhorias em prol do coletivo e do Estado proletário. Entretanto, a *Novósti* constrói o discurso que para o líder soviético objetivava a *Perestroika*

como o futuro econômico da URSS, pois a autogestão seria o melhor modo organizacional.

A mudança trabalhista que acontece ressignifica a estrutura soviética de um modo fundamental, pois mexeu no centro do Estado, até esse momento as dinâmicas priorizavam o coletivo. Com a autogestão o foco se transferiu para o lucro das fábricas e companhias, além de permitir o desenvolvimento da propriedade privada na economia soviética, entre os anos de 1987-1990 o cenário geral da URSS se alterou de forma tão forte que o capitalismo se instalou.

Desse modo as dinâmicas das relações trabalhistas seguiram a lógica do capital, para Pachukanis os vínculos estabelecidos existem por causa das sistemáticas jurídicas e contratuais, quando o trabalhador e o seu chefe são colocados em uma falsa igualdade, pois ambos “escolhem” desenvolver as suas funções no ambiente trabalhista. Na prática, o operariado soviético se tornou uma mercadoria, o entendimento de si (que para Lênin seria dado através da luta contra a alienação e aprimorado pela dialética) passa para o contrato assinado e se esvai pelo discurso presente na imprensa.

A revista construiu um discurso que associava ao Lênin esse conjunto de transformações, pois elas seriam a nova revolução soviética, que não precisaria se preocupar com a luta de classes, uma vez que ela havia sido resolvida na Revolução de Outubro de 1917. Segundo a *União Soviética em Foco* as transformações da *Perestroika* e da *Glasnost* na sociedade soviética teriam uma importância revolucionária, pois eram uma mudança drástica, que quebrariam as normas e hábitos da vida soviética, enquanto guiavam as ações e aspirações sociais numa nova direção, como defendia o primeiro líder soviético.

Contudo, Engels e Marx defendiam que a revolução é a mudança de um sistema para outro, podendo ser burguesa (que é liderada pela burguesia visando a expansão capitalista) ou comunista (que seria depois do capitalismo, para que o operariado se organizasse em prol do fim das divisões das classes). Vladimir Lênin vai entender que a revolução proletária é uma transformação das massas se levantando para o rompimento da velha ordem (que não consegue ser mantida pela classe dominante), assim, o coletivo quebra com os partidos e o *status quo*.

Em vista disso, o discurso montado pela revista une a democracia, a liberdade e a revolução com a figura de Lênin, mas sem empregar os conceitos completos do revolucionário, esvaziando as suas perspectivas políticas e

econômicas. Junto disso, a documentação apresenta um caráter emocional nos seus textos, o uso discursivo da amizade é constante na história russa e soviética, assim, a revista desenha as relações internacionais de forma fraternal, buscando redesenhar a sua imagem no cenário internacional.

Charaudeau pontuou como o discurso é um ato de linguagem entre os seus produtores e consumidores, que juntos constroem os sentidos a partir dos seus contextos sociais, históricos, econômicos e regionais. Mouffe defendeu que o antagonismo como um campo sentimental que se conecta ao caráter de decisão, assim o âmbito político não é guiado por discussões e racionalidade e sim um grupo domina o outro, utilizando da dicotomia entre amigos e inimigos.

Essa dicotomia que forma o “nós” e o “eles” constroi um o discurso político que para Zabotkina uma mensagem são entendidas como verdadeiras ou falsas dependem do seu narrador e como isso é transmitido para e pelas mídias, com o uso de termos e palavras emocionantes, se remete ao sentimentalismo. Esses conceitos e entendimentos emotivos dentro de um discurso constroem um raciocínio coletivo com um entendimento negativo ou positivo dos tópicos abordados.

Desse modo, quando a *Novósti* traz ao texto que são uma nação amigável, que cuida, investe, protege e se preocupa com as outras (principalmente o Brasil), ela está ecoando um sentimentalismo aos assuntos trabalhados e afastando-se da imagem de um Estado violento e opressor (concepção difundida de forma intensa durante o século XX). Para a *União Soviética em Foco* um dos seus grandes propósitos era a divulgação das conexões entre as duas nações envolvidas na sua elaboração, assim eles abordaram as mais diversas relações entre Brasil e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mas focando no quão lucrativo seria para os empresários brasileiros esse contato.

Arrighi defendia que no cenário internacional há a hegemonia mundial, na qual um Estado desempenha um papel de liderança dentro de um sistema de nações, logo a nação central domina as demais. Essa gestão proporciona a estruturação de sistemas de dominância, em que um país desfruta dos produtos, espaços e mão de obra dos demais Estados.

Para que a hegemonia mundial se consolide, a nação dominante deve controlar e guiar diferentes vertentes internacionais, com uma economia fortalecida e capaz de produzir, exportar em um nível tão significativo que define as relações comerciais desse produto. Somando-se a isso o país deve influenciar politicamente

e culturalmente as demais nações, ao mesmo tempo que tem uma capacidade militar forte o suficiente para a defesa e ataque, controlando os seus antagônicos de forma a liquidá-los, subjuguá-los.

A liderança moral e intelectual por meio do discurso é fundamental para a manutenção hegemônica, durante a Guerra Fria as nações centrais não participaram de conflitos diretos, mas os diversos territórios de influência sofreram as mais diversas sequelas e mazelas em prol de discursos políticos e a busca da hegemonia mundial. Esse momento histórico de dicotomia entre sistemas contrários reforçou o caráter expansivo do capitalismo é expansivo, em que uma das suas bases é que a quantidade de operários, de produtos, de consumidores nunca será o suficiente, assim se torna imprescindível uma fronteira externa, para ser um espaço a ser tomado, controlado, absorvido, colonizado, dominado e destruído para a máquina funcionar.

Desse modo, nos textos da *União Soviética em Foco* quando era trabalhado as conexões entre os dois polos existia a esfera cultural, mas nos casos políticos mostravam como as lideranças, os embaixadores e ministros brasileiros e soviéticos se entendiam e almejavam um maior contato. Nesses momentos as imagens ecoavam um discurso fraterno e cúmplice com registros mais espontâneos (quase sempre com sorrisos, contatos físicos) ou concentrados no trabalho, com o seu entorno sempre cheio (desde papéis, documentos até pessoas que acompanhavam os encontros).

Os países estavam passando por períodos de transição política, econômica e cultural, aumentando a liberdade e a democracia burguesa, por isso, o discurso editorial da *Novosti* foi estruturado de uma forma que amarrava figuras e linguagens importantes na sua história política e as aberturas. Reforçava as problemáticas causadas pelo governo do PCUS, que controlou o discurso midiático, a economia e a política, causando pouca liberdade econômica e um comodismo na população.

Assim, segundo a revista, a URSS encaminhava-se para a solução das suas dificuldades tornando-se mais que um parceiro comercial para o Brasil, naquela ocasião as duas nações estavam reforçando os seus laços de amizade e confraternidade. As relações retratadas pela *União Soviética em Foco* seguiram nos diferentes campos, desde as aproximações no âmbito do esporte, da literatura, da música, do teatro, da história, dos sentimentos afetivos, das produções midiáticas, da política, mas principalmente no campo econômico, seus produtos e o consumo.

A propaganda do Estado soviético com o passar das edições centralizou-se cada vez mais no potencial econômico, dessa forma, quando os textos falavam sobre outros aspectos, o discurso construído colocava a URSS como uma grande referência e elencava com alguma vertente produtiva. O PCUS tinha uma compreensão do poder estatal e como controlar a narrativa para reforçar a sua hegemonia, logo, a documentação estudada neste trabalho seguiu o posicionamento intencionalizado pelos seus produtores.

Entre os anos de 1987 e 1990, a revista *União Soviética em Foco* quando abordava as temáticas sobre a *Glasnost* e a *Perestroika* apresentava um discurso emocional, com a promessa de uma revolução em prol de uma democracia carregada de liberdade, omitindo o caráter burguês capitalista. Junto disso, propagandeava e propagava as trocas entre o Brasil e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas como um contato amigável, razoável e extraordinário.

Esse era o grande discurso da revista *União Soviética em Foco*, que banalizou e esvaziou as análises de Engels, Marx e, principalmente Lênin, e fez o mesmo com a história soviética sintetizando tudo a partir de uma visão capitalista e transformando a revista em um produto da Indústria Cultural. A URSS não foi a grande solução para as problemáticas capitalistas, mas ela se tornou numa das grandes tentativas para a transformação social em prol dos oprimidos com a *Perestroika* e a *Glasnost* esse movimento rompeu-se.

A documentação analisada retrata uma parte da construção discursiva do Estado soviético nos seus últimos anos de existência e como ele propagou e propagandeou as suas mudanças enquanto as mesmas eram estruturadas e implementadas. Junto disso, evidencia como as sistematizações, organizações e dinâmicas capitalistas têm a habilidade em embrenhar-se nos mais diversos contextos, incluindo nos sistemas pensados e desenhados para o seu combate.

Trinta e quatro anos depois do fim da URSS, ainda é fundamental compreendermos os seus processos e sistematizações, pois ela foi um dos poucos casos revolucionários que tentou colocar o operariado em protagonismo. Gramsci defendia que devemos lutar contra o pessimismo da razão e utilizarmos o otimismo da vontade, através das análises históricas podemos compreender um pouco mais dos diferentes contextos do nosso presente e assim lutar por um futuro.

A maioria do povo está por nós. A maioria dos trabalhadores e dos oprimidos de todo o mundo está por nós. A nossa causa é a causa da justiça. A nossa vitória está assegurada.

Vladimir Ilyich Lênin, 19 de novembro de 1917 em À População

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª edição, 2024.

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Dialética**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARBILLA, José María. Arranjos Institucionais e Mudança Conceitual nas Políticas Externas Argentina e Brasileira (1989-1994). **Contexto Internacional**; Rio de Janeiro Vol. 22, Ed. 2, Jul-Dec, 2000, p. 337-383. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f6f2e26afc98265bea88f3c0841e3b0e/1?cbl=1936339&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

ARRIGHI, Giovanni. **Caos y Orden en el Sistema Mundo Moderno**. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2001.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly. **Chaos and Governance in the Modern World System**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

ALBUQUERQUE, César Augusto Rodrigues de. **Gorbachev como Pensador**: a evolução das ideias do ex-líder soviético antes e depois do fim da URSS. Tese (doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01062023-112248/publico/2023_CesarAugustoRodriguesDeAlbuquerque_VCorr.pdf. Acesso em: 17 de julho de 2024.

ALVES, André Gustavo de Miranda Pinel (Org.). **O Renascimento de uma potência?**: a Rússia no século XX. Brasília: Ipea, 2012.

ARÊAS, João Braga. **Batalhas de O Globo (1989-2002)**: o neoliberalismo em questão. Niterói, Tese (doutorado), Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15987/Tese-joao-braga-areas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 de janeiro de 2023.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales**. Memorias y Esperanzas Colectivas. Buenos Aires: Ediciones NuevaVisión, 1991.

BALASSIANO, Marcel; PESSOA, Samuel. **Desempenho da economia brasileira nos últimos oito quadriênios (1987-2018)**. Blog do Ibre. 2021. Disponível em:

https://blogdoibre.fgv.br/posts/desempenho-da-economia-brasileira-nos-ultimos-oito-quadrienios-1987-2018#_ftn6. Acesso em 28 de outubro de 2022.

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, Nação e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2021.

BASTOS, José Augusto Cabral B. O Partido Leninista e a Consciência Operária. **Universitas**, Salvador, p. 39-51; jan/mar. 1986.

BENEDINI, Giuseppe Federico. A Rússia Czarista e as origens da Revolução: um ensaio. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 19, mar. /abr. 2015, p. 3-12. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/tempo/article/view/3894/3259>. Acesso em 14 de janeiro de 2025.

BERTINI, Regiane. **100 Mitos da Revolução Russa**. São Paulo: Linotipo Digital, 2021.

BIAGI, O. L. O Imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2119>. Acesso em: 12 outubro de 2022.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. vol 1 e 2. Brasília: L.G.E & Editora UNB, 2004.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BRITES, Alessandra Scangarelli. **A política externa soviética e seus impactos nas relações internacionais (1917-1985)**. Dissertação (mestrado), Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais. 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70023>. Acesso em 04 de setembro de 2024.

CASTELLS, M. **O Poder da Comunicação**. Joscelythe, Vera Lúcia Mello (trad.). 1 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATERINA, Gianfranco. **Um Grande Oceano: Brasil e União Soviética atravessando a guerra fria (1947-1985)**. Tese (doutorado), Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2019. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/6a6f79e4-5710-45d9-aeff-f682fb78de2a/content>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

CERRI, L. F. Espaço e Nação na Propaganda Política do “Milagre Econômico”. **Revista de História Regional**, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2106>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

COSTA, Alexandre Andrade da. As práticas da edição e a Revolução Russa: as representações da URSS nas páginas da revista Inteligência: mensário da opinião mundial 1935-1939. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.6, n. 12 jan-jun, 2017. p.25-41. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/4111>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

COSTA, Izabel Cristina Gomes da. Quem fará a nossa Perestroika? Imagens de Mikhail Gorbatchev no jornal O Globo. **Tempo**, v. 13, n. 25. 2007, p. 139-164. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/ZK377hdrJhvG3ncmyvtsN5p/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 14 de julho de 2024.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, n. 2, 2009, p. 253-270. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 1 de janeiro de 2023.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Guerra Russo-Japonesa: a preparação das Forças Armadas Imperiais do Japão. **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil**, v. 77, n. 105, 2018, p.35-50. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ighmb/article/view/3407>. Acesso em: 28 de janeiro de 2025.

DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves. **Edição e Revolução**: leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial e Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DIAS, Rodrigo. **A Esquerda Brasileira no Contexto do Fim da Guerra Fria**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História. 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3460/000338860.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 de dezembro de 2024.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. São Paulo: Ed. Difusão Europeia do Livro, 1955.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A Política Externa Independente é Notícia: O Jornal Correio do Povo e a Guerra Quente no Brasil (1961-1964). **Em Tempo de Histórias** - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB, n.12, Brasília, 2008, p.68-85.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **A Política Externa Independente é Notícia**: o reatamento das relações diplomáticas com a URSS na perspectiva do jornal Correio do Povo (novembro de 1961). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História. 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16870/000701319.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 de agosto de 2022.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. As relações internacionais do Brasil no governo João Goulart (1961-1964) : leituras sobre a política externa independente. **Aedos**: revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, RS. Vol. 3, n. 8 (jan./jun. 2011), p. 138-158. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128794>. Acesso em 30 de janeiro de 2025.

DUARTE, Pedro Henrique Evangelista; MARTINS, Felipe Miguel Savegnago. Planejamento Econômico na Guerra Fria: a economia soviética no período 1953-1989. **História Econômica & História de Empresas**. v. 27, n. 2, setembro de 2024, p. 449-83. Disponível em: [https://enep.sep.org.br/uploads/838_1583329777_Artigo_\(SEP\)_pdf_ide.pdf](https://enep.sep.org.br/uploads/838_1583329777_Artigo_(SEP)_pdf_ide.pdf). Acesso em: 18 de dezembro de 2024.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá**: Teoria das relações internacionais. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Sequeira Magalhães, Brasília: Edunb, 2000.

EICHENGREEN, Barry. **Privilégio Exorbitante**: a ascensão e a queda do dólar e o futuro do sistema monetário internacional. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FAINSOD, Merle; HOUGH, Jerry F. **How the Soviet Union is Governed**. Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London, 1989.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. **Revista Convergência Crítica**, n. 13, 2018.

FERREIRA, Jorge. URSS: Mito, utopia e história. **Tempo**, Rio de Janeiro, Vol. 3, nº 5, 1998, pp. 75-103. Disponível em: <https://beneweb.com.br/resources/URSS%20Mito%20utopia%20e%20história.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2024.

FONSECA, Brian; ROUVINSKI, Vladimir. Os Russos da América Latina: Moscou em Busca de Influência sobre as Comunidades de Língua Russa na Região. **Military Review**, Segundo Trimestre, 2019, p.22-30. Disponível em:

<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Fonseca-Os-Russos-da-America-Latina-POR-Q2-2019.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

FONSECA JR, Gelson. O Sistema Internacional durante a Guerra Fria. **Revista USP**. São Paulo, p.128-137, junho/agosto de 1995. Acesso em 10 de novembro de 2021.

FRANCISCON, Moisés Wagner. A Trajetória Política e Intelectual de Gorbachev e as Relações Internacionais da URSS. **SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA**, n. 34; João Pessoa, jan./jun. 2016, p.213-240.

FRANKLIN, Ruben Maciel. A política externa de José Sarney: diplomacia presidencial e inserção internacional do Brasil após a redemocratização (1985 – 1989). **Campos Neutrais - Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**, v. 4, n. 3, 2023, p.105-125. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/113639>. Acesso em 14 de janeiro de 2025.

GARCÍA, Cesar Coca. **Lenin y la Prensa**. Espanha: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco. 1988. Disponível em: https://www.abertzalekomunista.net/images/Liburu_PDF/Internacionales/Coca_Garcia_Cesar/Lenin_y_La_prensa-K.pdf. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

GASPAR, Sérgio Ricardo. O Silenciamento da questão racial na comunicação: a paz negativa nas organizações e o mito da democracia racial no Brasil. **XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas**. Anais. 2020. Disponível em: https://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/urJLt94Rho_ARTIGOPAZ.pdf. Acesso em: 08 de outubro de 2024.

GELLER JR., Lúcio. Anna Savitskaia: ou, como narrar uma vida na União Soviética (1964-1988). **Revista Aedos**, v.11, n. 25, p.114–139, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/96794>. Acesso em: 7 de outubro de 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 28, p. 211-228, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzbkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt>. Acesso em 11 de julho de 2023.

GORBACHEV, Mikhail. **A proposta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989.

GORBACHEV, M. **Perestroika**: novas ideias para o meu país e o mundo. São Paulo: Best Seller, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, volume 3**: Maquiavel, notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Liberdade**. A Nova Ordem, edição 20, 27 de setembro de 1919. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1919/09/27.htm>. Acesso em: 27 de dezembro de 2024.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. V. GERRATANA (Org.). Torino: Einaudi, 1975.

HATJE, Vitor Augusto Larrosa; PERIN, Bruna Vieceli. Relações Brasil-Rússia: aproximação, parceria e arrefecimento. **Fronteira**, v.20, n. 39, p. 167-183, 2021.

HELLER, Mihail; NEKRIČ Aleksandr. **Storia dell'URSS**. Milano: Bompiani, 2001.

HENDLER, Bruno. A Guerra da Crimeia, o Czar Nicolau I e a Sociedade Internacional do Século XIX: uma releitura a partir das escolas francesa e inglesa de relações internacionais. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 21, v. 1, p. 8-44, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235995772.pdf>. Acesso em: 18 de dezembro de 2024.

HOBBSBAWM, E. **A era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia da Letras, 2008.

HORA, Dinair Leal da. **A modernização falaciosa: contornos políticos da educação no Brasil (1989-1994)**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1997.

JAMESON, Fredric. **Reification and Utopia in Mass Culture: Social Text**. Nova Iorque: Routledge, 1979, p.130-148.

Jornal UFMG, [Apresentado por Fabiano Mielniczuk]. Belo Horizonte: Rádio UFMG Educativa (104,5 FM), 08 de novembro de 2017. Programa de Rádio. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/como-estao-as-antigas-republicas-que-integravam-a-uniao-sovietica#:~:text=Em%201991%2C%20com%20o%20fim,%2C%20Turcomenistão%2C%20Ucrânia%20e%20Uzbequistão>. Acesso em 22 de setembro de 2023.

JÚNIOR, Elton Edmundo Polveiro. As Relações Internacionais na Constituição de 1988 e suas Consequências na Política Externa Brasileira. **Publicado pelo Senado**. 2008. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-i-constituicao-de-1988/relacoes-internacionais-as-relacoes-internacionais-na-constituicao-de-1988-e-suas-consequencias-na-politica-externa-brasileira>. Acesso em 20 de janeiro de 2025

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, 2006, p.97-115. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 7 de outubro de 2022.

KRAUSZ, Tamás. **Reconstruindo Lênin**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015

LAFER, Betty Mindlin. **Planejamento no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. À População. **Pravda**, n. 4, 19 de novembro de 1917. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/11/19.htm>. Acesso em: 10 de março de 2025.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **As Tarefas Imediatas do Poder Soviético**. Lisboa: Edições Avante!, 1977.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Coleção Obras Escolhidas Lênin (3 volumes)**. Lisboa: Alfa-Omega, 2004.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Democracia e Luta de Classes**. Lisboa: Edições Avante!, 2019.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Escritos de Juventude**, vol. 1. São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2020.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Centralismo Democrático de Lênin**: a luta pela organização revolucionária. São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2021.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Trabalho do Partido entre as Massas**. V. 8, EX.1. São Paulo: Editora Ciências Humanas, LTDA, 1979.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Quem são os "amigos do povo" e como lutam contra os social-democratas?** São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2023.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. Sobre o Papel e as Tarefas dos Sindicatos nas Condições da Nova Política Econômica. **Pravda**, 4 de janeiro de 1922. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/01/04.htm>. Acesse em: 10 de novembro de 2024.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017.

LIMA, Celso; JALLAGEAS, Neide. **Vkhutemas**: desenho de uma revolução. 1ª edição. São Paulo: kinoruss, 2020.

LIMA Tauana de. **Diplomacia regional**: a atuação do Brasil na MINUSTAH. Trabalho de Conclusão de Curso, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Universidade do Sagrado Coração, 2016.

LIMA FILHO, Gustavo Ribas da Gama. **Sistema de confecção de fotolito utilizando fibras ópticas**: fotoplotter para circuito impresso. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica. 1992. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11517>. Acesso em: 10 de março de 2024.

LIMA, Venancio. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LOUREIRO, Heitor de Andrade Carvalho. “A voz do povo armênio”: imprensa armênia em São Paulo (1940-1970). **Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, ano 9, n.9, 2015, p.183-219. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero09/cap_07.pdf. Acesso em 08 de outubro de 2022.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi(org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, cap. 5, p.111-154, 2010.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MACHADO, Giovanny Simon. Por uma história nova das políticas sociais: uma genealogia a partir do socialismo soviético. **Serviço Social & Sociedade**, n. 147, v.02, 2024, sem paginação. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/SyZfDyy8sDWzVGTH3Qp3zRS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 de novembro de 2024.

MACMAHON, Robert J. A Segunda Guerra Mundial e a Destruição da Antiga Ordem. In: **Guerra Fria**. Tradução de Rosaura Eichenberg. L&PM POCKET. 2012, cap. I p.9-15. Disponível em: https://www.lpm-editores.com.br/livros/Imagens/guerra_fria_encyclopaedia_trecho.pdf. Acesso em 08 de junho de 2022.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O Princípio Educativo em Gramsci**: americanismo, e conformismo. 3ª edição, Campinas: Grupo Átomo e Alinea, 2019.

MANTEGA, Guido. Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro, Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 9, n. 4, jan. 2024, p.480-488. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rep/a/VFVpGYrqYjx8r5SzPMCYRHm/?lang=pt>. Acesso em 19 de novembro de 2024.

MARIOTTO, Fábio L. O conceito de competitividade da empresa: uma análise crítica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 31, n. 2, junho de 1991.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, v.24, n. 1, 1995, sem paginação. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>. Acesso em 22 de janeiro de 2025.

MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Global, 1989.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Marx-Engels-Werke**. Berlim: Dietz, vol. 2, 1962.

MARX, Karl. **Marx-Engels-Werke**. Berlim: Dietz, vol. 3, 1964.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. São Paulo: Civilização Brasileira, 2024.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo, 2024.

MAUER, Thiago. **Peleja no Firmamento**: o lançamento do sputnik I através do correio do povo. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165222/001044823.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MAURIN, Eric. **Le ghetto français: enquête sur le séparatisme social**. Paris, Seuil, 2014.

MONDZAIN, Marie-José. A imagem entre proveniência e destinação. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte, MG. Autêntica, p.39-54, 2015.

MORAES, Antonio Carlos R. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MORAIS, Larissa Ceroni. **Revista União Soviética em Foco**: visões soviéticas sobre o Brasil nos anos 1980. Pelotas, Monografia (graduação), Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. Locus: **Revista de História**, v. 13, n. 2, 2007, p.229-246. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20414>. Acesso em: 10 de março de 2024.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: WMF Fontes, 2017.

MUNHOZ, Sidnei J. Ecos da Emergência da Guerra Fria no Brasil(1947-1953). **Revista Diálogos**, Maringá, DHI/UEM, v. 6. p. 41-59, 2002. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/37763/19579>. Acesso em 27 de outubro de 2021.

MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria**: história e historiografia. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

NUMAIR, Eliane. Brasil e Rússia: do confronto ideológico à parceria estratégica. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 9, p. 123-148, 2009.

ODÁLIA, Nilo. O Brasil nas Relações Internacionais: 1945-1964. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em Perspectiva**. 17ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

PACHUKANIS, Evguiéni Bronislavovich. **Teoria Geral do Direito e Marxismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

PEREIRA, José Edgard Amorim. **Contrato Internacional do Comércio**. **Revista de Direito Mercantil Industrial Econômico e Financeiro**, ano 28, n. 74, p. 11-22. 1989. Disponível em: <https://rdm.org.br/wp-content/uploads/2024/09/012-022.-PEREIRA-Jose-Edgard-Amorim.-Contrato-internacional-do-comercio.pdf>. Acesso em 03 de maio de 2024.

PEREIRA, Priscila Rodrigues. A atuação brasileira na agenda de segurança internacional: pacifismo ou política de inserção? In: **Encontro Nacional da ABRI**, 3º, São Paulo. Anais: Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2011. Disponível em: https://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Politica_Externa/PE%2016_Priscila%20Pereira%20ENTRE%20A%20DEFESA%20E%20A%20DIPLOMACIA%20O%20CAMINHO%20PARA%20UMA%20POL+ecTICA%20DE%20DEFESA%20BRASIL.pdf. Acesso em 30 de outubro de 2024.

PODCAST NOTA DE RODAPÉ. **Episódio 9 - Imprensa, Jornais e Revistas**. Locução de Jonathan Portela participação de Tania Regina de Luca. AntenaZero. YouTube. 30 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TCO7pRbTv3U&ab_channel=NotadeRodap%C3%A9. Acesso em: 2 de janeiro de 2023.

POMERANZ, Lenina. **Perestroika**: desafios da transformação social na URSS. São Paulo, SP. Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

QUADROS, Waldir. Classes sociais e desemprego no Brasil dos anos 1990. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 109–135, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643077>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

RIBEIRO, Júlio; EUSTACHIO, José. **Entenda Propaganda: 101 Perguntas e respostas sobre como usar poder da propaganda para gerar negócios**. São Paulo: SENAC, 2003.

ROCCHI, Denise de. Sputnik news e o discurso contrahegemônico russo. Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). XVIII **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Caxias do Sul - RS. 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-1306-1.pdf>. Acesso em 11 de novembro de 2021.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: um estudo das causas**. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História Econômica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2006.

ROIO, Marcos Del. A URSS e o socialismo de Estado. In: PINHEIRO, Jair. **Marx: crise e transição**: contribuições para o debate hoje. Marília: Editora Oficina Universitária, 2014, p.13-50.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SANTOS, João Álvaro Poças. *Glasnost* na União Europeia: o direito de acesso do público aos documentos das instituições e organismos comunitários. **Seminário "Direito Administrativo Europeu"**. Lisboa, 1999.

SANTOS, Theotônio dos. **Do Terror à Esperança**: auge e declínio do neoliberalismo, Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, janeiro/abril, 2007, p.152-165.

SCHNAIDERMAN, Boris. "*Glasnost*" e memória cultural. **Revista USP**, junho/julho/agosto, 1991, p.06-34.

SEGRILLO, Angelo. Karl Marx e a Revolução Russa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 479-496, maio/agosto, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/fTfSpHPsSRLTDvLdnvXTXBv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. **Projeto História**, n. 41, p. 63-95. Dezembro, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535/4734>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SEGRILLO, Angelo. **Reconstruindo a "Reconstrução"**: uma análise das principais causas da Perestroika soviética. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 1999.

SERVICE, Robert. **Stalin**: Uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SHANIN, Téodor. A agricultura soviética e a perestroika: as prioridades numa perspectiva de longo prazo. **Lua Nova**, n. 23, março de 1991, p.107-128.

SILVA, Michel Goulart da. Cultura política e discursos de modernização em Santa Catarina (1970-75). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH)**, São Paulo, julho 2011, p.01-10.

SILVA, Pedro Manuel Batista da Silva. **O papel de Nikita Khrushchev no Complexo Militar e Industrial, no quadro da Guerra Fria**. Dissertação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/14947/1/FCSH%20Dissertacao%20Pedro%20Silva%2037429.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2024.

SILVEIRA, Mariana G. Alves da; ALVES, Vágner Camilo. A Guerra Fria e o inimigo comunista nas telas de cinema norte-americanas dos anos 1980. **Diálogos**, v. 22, n. 1, p. 60 - 75, 7 jul. 2018.

SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. **Biblos**, n.19, p.109-125. 2006, p.109-126. Disponível em:

<https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/258/71.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Acesso em 4 de janeiro de 2023.

SOTANA, Eduardo Correa. O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946-1949). **Diálogos** (Maringá. Online), v. 18, n.1, p. 325-359, jan.-abr./2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305531755014.pdf>. Acesso em: 12 de março de 2024.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

TAFFARELLO, Paulo Moraes. **A Crise Orgânica do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Declínio do "Socialismo Real"**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 2009. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f99e5b92-8800-4627-8741-e55034645c5e/content>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John Brookshire. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.

TAUBMAN, Willian. **Gorbachev**: a biografia. Desassossego, 2018.

VENISLAVSKYY, Vitaliy. **A Guerra da Crimeia (1853-1856) A Rússia e a tentativa de controlo das rotas marítimas de acesso às águas quentes**. Dissertação (mestrado) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2024, sem paginação. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/157624f0e954544818c40a3b04e5fad2/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>. Acesso em 14 de janeiro de 2025.

VIANA, Nina. A Revolução Russa de 1905 e os Conselhos Operários. **Marxismo e Autogestão**, ano 07, n. 10, 2020, p.01-17. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/1010/958>. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Guerra Fria**: o desafio socialista à ordem americana. 1.ed. Porto Alegre, RS. Leitura XXI, 2004.

WILIKOW, Serge. História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu. In: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves. **Edição e Revolução**: leituras comunistas no brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial e Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p.313-325.

ZABOTKINA, Vera. The impact of usability factors on continuance intention to use the system for acquisition and evaluation of digital competences in the domain of education. **Technology in Society**, n. 77, v. 2, 2024, sem paginação. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/379901015_The_impact_of_usability_factor_s_on_continuance_intention_to_use_the_system_for_acquisition_and_evaluation_of_digital_competences_in_the_domain_of_education. Acesso em 17 de setembro de 2024.

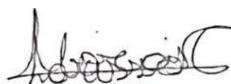
ZASLAVSKAIA, T. Perestroika e socialismo. In: POMERANZ, L. (org.). **Perestroika**: desafios da transformação social na URSS. São Paulo: EdUsp, 1990. p. 131 – 145.

ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 4, 2012, sem paginação. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em: 4 de janeiro de 2023.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Larissa Ceroni de Moraes, matrícula nº 23100729 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado A Promessa da Democracia: o Discurso da Revista União Soviética em Foco sobre a Glasnost a Perestroika e as Relações entre URSS e Brasil, 1987-1990, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal ("Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos").

Pelotas, 18 de Agosto de 2025.



ASSINATURA